UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

A TRANSIÇÃO DE CARREIRA DO EX-ATLETA DE ALTO RENDIMENTO

Lina Eiko Nakata
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tania Casado
Coorientador: Prof. Dr. Jon P. Briscoe

São Paulo

2014

Prof. Dr. Marco Antonio Zago
Reitor da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Reinaldo Guerreiro
Diretor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade

Prof. Dr. Roberto Sbragia
Chefe do Departamento de Administração

Prof. Dr. Lindolfo Galvão de Albuquerque
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Administração

LINA EIKO NAKATA

A TRANSIÇÃO DE CARREIRA DO EX-ATLETA DE ALTO RENDIMENTO

Tese apresentada ao Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciências.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tania Casado

Coorientador: Prof. Dr. Jon P. Briscoe

Versão original

São Paulo

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Seção de Processamento Técnico do SBD/FEA/USP

Nakata, Lina Eiko

A transição de carreira do ex-atleta de alto rendimento / Lina Eiko Nakata. -- São Paulo, 2014.
205 p.

Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2014.
Orientador: Tania Casado.

1. Administração de carreiras 2. Carreira profissional 3. Esportes individuais I. Universidade de São Paulo. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. II. Título.

CDD – 658.409

Aos meus queridos pais.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram importantes no processo de elaboração deste trabalho, e neste restrito espaço gostaria de ressaltar o meu sincero agradecimento a algumas delas.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Tania Casado, muito obrigada por todo o estímulo, cuidado, compreensão, conhecimento e enriquecedoras contribuições para o meu trabalho e para a minha carreira.

Ao meu coorientador, Prof. Dr. Jon Briscoe, sou grata pelo aceite, recepção e orientação na Northern Illinois University, e relevantes conselhos para a tese.

Aos professores da banca de qualificação, Prof. Dr. Marcelo Ribeiro e Prof. Dr. Lindolfo Albuquerque, pelas sugestões e críticas construtivas.

Aos professores e colegas das disciplinas cursadas na FEA, IP e EEFE, pelo meu desenvolvimento acadêmico e diversos aprendizados.

Ao meu círculo de relacionamentos da FEA – colegas de turmas, assistentes, funcionários das secretarias, coordenações e biblioteca – que foi construído desde a época da graduação, por todo o tipo de apoio.

À minha família, pelo constante incentivo e por me mostrar o valor da educação.

Aos meus amigos, pelas opiniões e discussões sobre o tema da tese, de uma forma ampla, mas também pela paciência, ausência e amizade verdadeira.

Aos meus gestores e colegas de trabalho da Esags, GPTW, FIA, UAC e UFU, organizações por onde passei durante o período do programa de doutorado, pelas ricas experiências para a minha formação profissional.

À Danielle Guglieri Lima, pela habilidade com a língua portuguesa para a revisão do trabalho. Por fim, aos *eternos* atletas pesquisados, por entenderem a minha causa, sendo prestativos e solícitos ao concederem valiosas entrevistas.

Agradeço imensamente a todos os que me ajudaram, mencionados nesta página ou não, pela colaboração!

“Tudo chega ao fim. Parei de jogar profissionalmente, mas continuo jogando tênis, que é o esporte que eu gosto. É uma decisão pensada, coerente, e acho que vou ser feliz nas próximas coisas que vou fazer.

Agora, quero ser um cara normal.”

Fernando Meligeni

RESUMO

Muitos indivíduos planejam sua carreira de acordo com os objetivos de vida. Para o atleta de alto rendimento, a carreira esportiva apresenta características particulares por ser mais dinâmica e ter ciclo mais curto que outras mais tradicionais. Teorias de carreira esportiva ainda são pouco estudadas na academia e, por esse motivo, justificam-se estudos que investiguem a carreira do atleta, uma vez que, em geral, há pouca ou nenhuma preparação para que esse profissional continue trabalhando após sua aposentadoria. O foco deste trabalho está nessa transição, já que os desafios enfrentados pelos atletas são complexos quando deixam suas práticas de alto desempenho para ter uma nova atuação. Nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho foi identificar e analisar os fatores que influenciam o processo de transição no encerramento da carreira esportiva do atleta de alto rendimento. Buscou-se compreender as características desses fatores e seus consequentes resultados, com a intenção de relacionar os resultados de carreira classificados como positivos com as características da transição para a aposentadoria. Para atender a esse objetivo, foi realizada uma pesquisa qualitativa com base em modelos teóricos de transição de carreira na aposentadoria: modelo adaptado de Feldman e Beehr (2011) e de Hesketh, Griffin e Loh (2011), modelo de transição de Nicholson (1990), e modelo de desenvolvimento de Higgins e Kram (2001). A amostra da pesquisa abrange 13 ex-atletas de modalidades individuais – dez disputaram os Jogos Olímpicos, dos quais seis são medalhistas – que encerraram sua carreira atlética nos últimos dez anos. Foram conduzidas entrevistas em profundidade, com um roteiro de 21 questões abertas e coletados dados secundários disponíveis na internet. A análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo. Em relação aos resultados, as transições de carreira foram bem realizadas, dando sua continuidade no contexto esportivo, ou não. É importante entender que a carreira de um profissional contemple não apenas a carreira Olímpica (que está contida na carreira atlética), mas também algo mais amplo (chamado de carreira esportiva), quando o atleta passa a ter uma nova atividade de trabalho na sua modalidade. Outra descoberta é em relação às carreiras objetiva e subjetiva bem sucedidas, pois não era esperado que os ex-atletas estivessem com renda financeira maior do que antes, nem que estivessem tão satisfeitos com ambos os momentos das carreiras. Também foi relevante verificar a importância da manutenção de uma rede de desenvolvimento forte, diversa ou não, para que a transição para a aposentadoria seja positiva, e que o processo de transição começa a ocorrer na própria carreira atlética. As contribuições deste trabalho foram direcionadas aos atletas, aos indivíduos que estão nas suas redes, às organizações esportivas, às universidades, aos pesquisadores da área de Administração e aos gestores de políticas públicas.

ABSTRACT

Many individuals plan their careers according to life goals. The sport career of a higher performance athlete encompasses special features because it is more dynamic and the cycle is shorter when compared to more traditional careers. Sport career theories are still underresearched in literature. Therefore, studies investigating the career of the athlete are justifiable. It is common for those professionals to have no or little preparation on keep working after the end of the athletic period. This study focused on this transition, as many challenges faced by those athletes when leaving their higher performance activities are complex. In this context, the general goal of this study was to identify and analyze factors that influence the transition process by the end of the higher performance athlete's sport career. It aimed at understanding the characteristics of such factors and their resulting outputs and at relating the resulting career rated as 'positive' with the characteristics of transition to retirement. In order to meet this goal, a qualitative research was conducted based on theoretical models of career transition to retirement: adapted models of Feldman and Beehr (2011) and of Hesketh, Griffin and Loh (2011), transition model of Nicholson (1990), and development model of Higgs and Kram (2001). The sample encompassed 13 former individual sport athletes—10 played the Olympic Games and 6 of which received medals—who have ended the athletic careers within the last ten years. In-depth interviews with 21 open questions were conducted in addition to secondary data collected from the Internet. Data analysis was performed through content analysis. Regarding results, career transitions were well performed, as former athletes proceeded to activities both inside and outside the sport context. It is important to highlight that the career of a professional did not embrace only the Olympic career—which is encompassed within the athletic career—but also something more comprehensive—known as sport career—, when the athlete took on a new work activity. Another finding regards the objective and the subjective successful careers, as it was not expected that former athletes had higher earnings after the end of their athletic career. Moreover, it was not expected that they were satisfied both before and after the end of their athletic career. A strong development network—diverse or not—showed to be important for the transition process to be positive and such transition begun during the athletic career itself. Contributions of this study are directed to athletes, individuals belonging to their network, sport organizations, universities, Business researchers, and public policies managers.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA	3
2.1	Objetivos.....	3
2.2	Justificativa	3
3	REFERENCIAL TEÓRICO	7
3.1	Carreira	7
3.1.1	Conceito de carreira.....	8
3.1.2	Transições de carreira.....	9
3.1.3	Mudança de identidade.....	14
3.1.4	Encerramento de carreira e aposentadoria.....	16
3.1.5	Resultados de carreira	17
3.1.6	Modelo de transição de carreira na aposentadoria	20
3.2	Esporte	21
3.2.1	O esporte contemporâneo.....	24
3.2.2	Os atletas e a carreira esportiva.....	26
3.2.3	Encerramento da carreira esportiva.....	30
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
4.1	Natureza da pesquisa	35
4.2	Modelo de estudo.....	36
4.3	Sujeitos da pesquisa.....	38
4.4	Estratégia de coleta de dados.....	39
4.5	Instrumento de pesquisa	41
4.6	Técnica de análise de dados.....	42
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA	47
5.1	Perfil dos respondentes.....	47
5.1.1	Entrevistado 1.....	47
5.1.2	Entrevistado 2.....	48
5.1.3	Entrevistada 3.....	49
5.1.4	Entrevistado 4.....	50
5.1.5	Entrevistado 5.....	51
5.1.6	Entrevistado 6.....	52
5.1.7	Entrevistado 7.....	53
5.1.8	Entrevistado 8.....	53

5.1.9	Entrevistada 9.....	54
5.1.10	Entrevistada 10.....	55
5.1.11	Entrevistado 11.....	56
5.1.12	Entrevistado 12.....	57
5.1.13	Entrevistado 13.....	58
5.2	As categorias de análise.....	60
5.3	Categoria de análise 1 – contexto, passado e trajetória profissional	61
5.3.1	Contexto e história dos pais	61
5.3.2	Passado e trajetória profissional.....	64
5.3.3	Lesão no esporte e primeira vez que pensa em aposentadoria.....	68
5.4	Categoria de análise 2 – o processo da aposentadoria: a transição, os sentimentos e a rede de apoio	71
5.4.1	Preocupação com aposentadoria	71
5.4.2	Momento da aposentadoria e destreinamento	73
5.4.3	Como foi a aposentadoria.....	77
5.4.4	Motivo da aposentadoria	79
5.4.5	Sentimento da aposentadoria.....	81
5.4.6	Rede de relacionamentos e papel do técnico.....	85
5.5	Categoria de análise 3 – mudanças e identidade	91
5.5.1	Autodescrição antes e após a aposentadoria	91
5.5.2	Mudança de carreira após aposentadoria.....	95
5.6	Categoria de análise 4 – objetivos, satisfação, novas metas, aspectos financeiros e outros fatores	99
5.6.1	Objetivos como atleta e satisfação com a carreira	99
5.6.2	Novas metas	103
5.6.3	Aspectos financeiros	105
5.6.4	Ensino superior.....	108
6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	111
6.1	O processo de transição	111
6.2	O ciclo de transição	113
6.3	As redes de contatos no processo de transição	116
6.4	Os aspectos financeiros na transição	118
6.5	O contexto e os resultados de carreira positivos.....	119
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121

7.1	Principais descobertas.....	123
7.2	Achados e sua relação com o campo da Administração.....	124
7.3	Desdobramentos e propostas	125
7.3.1	Propostas para os atletas.....	125
7.3.2	Propostas para os indivíduos que estão nas redes de relacionamento dos atletas 125	
7.3.3	Propostas para as organizações esportivas	126
7.3.4	Propostas para universidades e políticas públicas.....	126
7.4	Limitações do estudo	127
7.5	Sugestões para futuras pesquisas	128
REFERÊNCIAS		129
APÊNDICES		137
Apêndice A – Roteiro de entrevista		137
Apêndice B – Evidências das categorias de análise por meio dos trechos das entrevistas		140

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Término da carreira e mudança de identidade.....	34
Quadro 2 – Modelo de transição de Nicholson (1990)	37
Quadro 3 – Tipos de coleta de dados para pesquisa qualitativa	40
Quadro 4 – Estrutura da entrevista	42
Quadro 5 – Proposições do estudo	46
Quadro 6 – Resumo das características dos respondentes	59
Quadro 7 – Categorias de análise	60
Quadro 8 – Subcategoria: Contexto e história dos pais.....	63
Quadro 9 – Subcategoria: Passado e trajetória profissional	66
Quadro 10 – Subcategoria: Lesão no esporte e primeira vez que pensa em aposentadoria	70
Quadro 11 – Subcategoria: Preocupação com aposentadoria	73
Quadro 12 – Subcategoria: Momento da aposentadoria	76
Quadro 13 – Subcategoria: Como foi a aposentadoria.....	78
Quadro 14 – Subcategoria: Motivo da aposentadoria	80
Quadro 15 – Subcategoria: Sentimento da aposentadoria.....	83
Quadro 16 – Subcategoria: Rede de relacionamentos e papel do técnico.....	88
Quadro 17 – Subcategoria: Autodescrição antes e após a aposentadoria.....	93
Quadro 18 – Subcategoria: Mudança de carreira após aposentadoria.....	98
Quadro 19 – Subcategoria: Objetivos como atleta e satisfação com a carreira	102
Quadro 20 – Subcategoria: Novas metas	104
Quadro 21 – Subcategoria: Aspectos financeiros.....	107
Quadro 22 – Subcategoria: Ensino superior	110
Quadro 23 – Análise do processo de transição.....	112
Quadro 24 – Evidências das fases do ciclo de transição	114
Quadro 25 – As redes de contatos no processo de transição.....	116
Quadro 26 – As classificações no processo de transição independente das redes de contatos	117
Quadro 27 – Aspectos financeiros na transição	119

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo de três fases para decisão da aposentadoria.....	20
Figura 2 – As entidades esportivas e seus stakeholders	26
Figura 3 – Modelo de análise de resultados	38
Figura 4 – Análise de dados qualitativos	43
Figura 5 – Representação visual do processo.....	45
Figura 6 – Modelo de transição de carreira na aposentadoria.....	97

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre carreiras, tanto pela perspectiva individual, quanto organizacional, é crescente no mercado de trabalho e na academia. Antes enxergada como uma preocupação dos administradores de empresas, a carreira era percebida como um fenômeno cuja dinâmica dependia de como os gestores promoviam e desenhavam a trajetória de seus profissionais. Atualmente, entende-se que a carreira seja de responsabilidade dos indivíduos, e que diversas mudanças ocorrem ao longo da vida.

Com a transição do ponto de vista organizacional para o olhar individual sobre as carreiras, pode-se afirmar que o protagonista do (in)sucesso profissional é a própria pessoa. Ao mesmo tempo em que as empresas têm aplicado cada vez mais os critérios de meritocracia, então cada indivíduo deve buscar o seu espaço de acordo com os valores organizacionais, complexidades e resultados atingidos. Em ambientes mais competitivos, torna-se ainda mais importante o fato de saber lidar com as diferentes variáveis que podem influenciar a carreira de um profissional.

Cabe a cada pessoa, então, pensar sobre sua carreira e planejá-la de acordo com seus objetivos. No atual mercado de trabalho, mudanças de carreira ao longo do tempo estão mais frequentes, e até tornando-se necessárias por diversos motivos, sendo estes intrínsecos ou extrínsecos. Isso significa que se não é a organização que executa alguma intervenção que afeta as carreiras, mas os próprios indivíduos que estão promovendo mudanças nos seus caminhos profissionais.

Dessa forma, se a preocupação com o tema torna-se mais evidente para os colaboradores do que para as organizações que os emprega, torna-se importante entender as carreiras do ponto de vista individual. Mais do que isso, refletir sobre a carreira e elaborar estratégias para traçar uma trajetória ideal são atividades a serem feitas por todos aqueles que buscam maior satisfação e melhores resultados na sua vida profissional.

A carreira esportiva, por sua vez, teria características singulares por ser mais dinâmica e ter curta duração, mesmo que iniciada de modo precoce. O tema esportivo nas teorias de carreira ainda é relativamente pouco estudado na academia e, por este motivo, cabe destacar a importância de se investigar a carreira do atleta. A carreira de um esportista conta com ciclos

curtos, e em média os atletas se aposentam quando tem entre 28 e 30 anos de idade (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004), e adicionalmente, necessitam continuar sua vida laboral a partir dessa despedida do esporte.

O fato de os atletas carregarem uma posição de semideuses ou heróis na sociedade acrescenta complexidade nessa transição, que implica abandonar o papel de protagonista no esporte de alto rendimento. Além disso, normalmente não há preparo para que esse profissional continue trabalhando em novas funções e/ou em áreas diferentes, que demandem outro tipo de qualificação, bem como as redes de contato mais amplas, investimentos financeiros, e uma efetiva mudança de identidade. É nessa transição que está o foco deste trabalho, visto que os desafios enfrentados pelos atletas quando deixam seu esporte para ter uma nova atuação são bastante complexos.

O problema deste trabalho está baseado nessas preocupações que se observam nas carreiras dos profissionais do esporte: de que forma os atletas fazem a transição quando encerram sua carreira esportiva? Quais são os fatores que os influenciam nesse processo e quais são os resultados? Há diferenças na transição de carreira para atletas e não atletas? As transições dos atletas podem ser consideradas mais difíceis? Há como fazer uma preparação mais adequada para a aposentadoria? Até que ponto aquilo que se estuda ou se sabe sobre carreiras é aplicável no contexto esportivo?

Para tanto, com o intuito de estruturar e detalhar o estudo, este documento está organizado da seguinte forma: o próximo capítulo apresenta os objetivos e as justificativas do trabalho; a terceira seção trata do referencial teórico, subdividido em duas grandes partes, carreira e esporte; o quarto capítulo relata os procedimentos metodológicos do estudo; apresentam-se os dados e a análise da pesquisa na quinta parte; em seguida, são discutidos os resultados no sexto capítulo e, a sétima seção encerra com as considerações finais.

2 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

2.1 Objetivos

Considerando que a saída do atleta do esporte de alto rendimento seja uma fase bastante crítica, o objetivo geral deste trabalho foi identificar e analisar os fatores que influenciam o processo de transição no encerramento da carreira esportiva do atleta profissional, de forma que buscou-se compreender as características desses fatores e os resultados obtidos, ou seja, relacionar os resultados de carreira classificados como positivos com as características da transição para a aposentadoria. Esta tese tem o intuito de integrar as teorias sobre transições de carreira e gestão esportiva, buscando entender como os dilemas e desafios são enfrentados pelos atletas de alto rendimento quando encerram sua vida no esporte.

Dado o objetivo geral, o estudo conta com os seguintes objetivos específicos:

- Identificar os motivos da saída do atleta do esporte;
- Descrever os principais processos envolvidos na transição de carreira;
- Observar os sentimentos envolvidos antes, durante e após a aposentadoria no esporte;
- Compreender como ocorreu a mudança de carreira;
- Categorizar o desenvolvimento da rede de contatos, que apoia o atleta no término de sua carreira;
- Analisar os resultados de carreira, tanto objetivos quanto subjetivos, atingidos pelo esportista; e,
- Averiguar se há diferenças em tal processo ao considerar as características contextuais do indivíduo pesquisado.

2.2 Justificativa

O esporte ocupa um lugar crescentemente importante na vida social e já toma espaço de boa parte de diversos meios de comunicação. Há inúmeros programas na televisão, rádio e internet, que até contam com canais exclusivos de esporte, ao mesmo tempo em que esportistas e técnicos têm se tornado famosos e se transformado em grandes personalidades,

chegando frequentemente a acompanhar políticos e outras figuras públicas (GÓMEZ; KASE; URRUTIA, 2010).

A transformação no mundo esportivo ocorreu pela sua comercialização massiva, e hoje é legítimo falar em *negócios esportivos* ou *indústria do esporte*. Para Walsh e Giulianotti (2007), o esporte sofreu um processo de comoditização e atualmente a dinâmica dos negócios predomina nesse contexto. Dois bons exemplos do crescimento da importância global do esporte são os Jogos Olímpicos e a expansão do futebol (AMARA et al., 2005). Aliás, são incomparáveis os valores financeiros envolvidos na edição de 1988 em Seul e na de 2012 em Londres. Os últimos eventos Olímpicos tiveram os seguintes orçamentos: US\$ 43 bilhões em Pequim (2008), US\$ 7 bilhões em Vancouver (2010), US\$ 13,9 bilhões em Londres (2012), contando com 400 milhões de libras esterlinas apenas nas vendas de ingressos, e US\$ 51 bilhões em Sochi (2014).

Segundo os documentos de 2009 da candidatura das Olimpíadas do Rio (2016), é previsto um orçamento de US\$ 14,4 bilhões, assim como outros bilhões de dólares movimentam os campeonatos mundiais da FIFA (Federação Internacional de Futebol), e o orçamento para a Copa do Mundo 2014 no Brasil foi de aproximadamente US\$ 10,6 bilhões.

Concomitantemente, a academia tem apresentado alguns periódicos que lidam com as áreas da Administração e dos Esportes: *International Journal of Sport Management, Recreation and Tourism*, *International Journal of Sport Management*, *Journal of Sport Management*, *Sports Management Review*, e *European Sport Management Quarterly*, por exemplo. Isso mostra o aumento da importância econômica e social dos esportes e a interação entre os campos de estudo.

O conceito da criação de valor está fortemente presente e evidente nos negócios relacionados ao esporte, cujo grande protagonista é o atleta. Seu potencial é explorado ao máximo para otimizar o desempenho esportivo, e sua carreira é bastante curta. Para um mundo em que a expectativa de vida vem aumentando, é pouco provável que um esportista deixe de atuar no mercado de trabalho após sua retirada da carreira principal. Torna-se relevante compreender como ocorre esse processo e de que forma o estudo desse fenômeno pode contribuir com os indivíduos que fazem suas transições de carreira e se aposentam nas organizações em geral.

Para Lavallee (2000), o encerramento da carreira atlética pode ser visto como uma morte social, pois esse momento está relacionado ao processo de falecimento. Inclusive, quando Ronaldo Luiz Nazário de Lima (conhecido como Ronaldo Fenômeno) e Marcos Roberto Silveira Reis (ex-goleiro do Palmeiras) se aposentaram em 2011 e 2012, respectivamente, mencionaram que o esportista morre duas vezes, e uma das vidas se acaba quando deixa de ser atleta, como já afirmava o ex-jogador e técnico de futebol Paulo Roberto Falcão.

Na imprensa do mundo inteiro, é cada vez mais comum que se destaquem as saídas de diversos atletas de seu esporte, mostrando os últimos momentos, ressaltando os melhores feitos, apresentando os discursos de despedida, e também acompanhando os ex-atletas em seus novos caminhos. O merecimento de tanta atenção não acontece por acaso: os atletas são especiais e a população em geral quer acompanhar a vida de seus heróis.

Rosenberg (1984) e Lerch (1984) julgam que o encerramento da carreira esportiva esteja relacionado à dessocialização do esporte. Eles também encaram essa aposentadoria como uma morte social, dado que na sociologia, identidade, *status* e ocupação estão inextricavelmente juntos na psique humana. Isso mostra que as múltiplas variáveis impactam e poderiam explicar o processo da retirada do atleta, e precisam ser mais bem compreendidas.

Ao analisar o processo de encerramento da carreira esportiva, seria possível entender de que forma essas transições são realizadas, relacionando-as aos resultados atingidos. A ideia seria buscar soluções teóricas e práticas para que esse movimento crítico da carreira seja aprimorado.

Academicamente, a temática é tratada com pouca ênfase na área de *sports management*, e quase inexistente no Brasil. Ela pode ser encontrada com alguma frequência nos campos da psicologia, da sociologia e dos esportes, e este trabalho contribui para o desenvolvimento de uma lente diferenciada no que diz respeito ao estudo das carreiras.

Este estudo pretende contribuir para que os atletas, ex-atletas e todas as pessoas e organizações envolvidas possam se beneficiar com as descobertas obtidas aqui, já que minimizariam os problemas decorrentes do fim da carreira esportiva. Tais profissionais teriam a oportunidade de pensar em como poderiam fazer uma transição menos dolorosa emocionalmente, diminuindo impactos relacionados a essa mudança, ao entender seus motivos, características das redes de contatos e sentimentos emergidos. Dessa forma, os

resultados, tanto objetivos quanto subjetivos, poderiam ser melhorados. Há um conjunto de conhecimentos multidisciplinares a ser explorado na proposta deste projeto. Espera-se que este trabalho contribua com um desenvolvimento teórico para a temática do encerramento de carreira esportiva ao desenvolver os conceitos abordados e traga conclusões importantes sobre os fatores que influenciam e direcionam as tomadas de decisão dos atletas quando transitam para sua nova trajetória profissional.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho contempla uma revisão bibliográfica dividida em duas grandes partes: carreira e esportes. Cada seção está subdividida com temas relacionados ao objetivo do projeto, e destaca-se que a unidade de análise é a transição no encerramento da carreira esportiva.

3.1 Carreira

Nos últimos anos, pessoas e empresas vêm discutindo intensamente sobre as carreiras, tanto pelo ponto de vista individual, quanto organizacional. A carreira, antes pensada e estruturada somente pelos departamentos de recursos humanos, torna-se uma das principais preocupações das pessoas, principalmente por parte da população mais jovem.

Ao complementar essa constatação inicial, Tams e Arthur (2010) acreditam que as novas formas de carreira dependem, cada vez mais, dos critérios determinados pelo mercado, redes de contatos e informações externas, e menos no que Arthur e Rousseau (1996) mostraram dos arranjos de carreira organizacional tradicional.

Segundo Arrangoiz e Aguilar (2003), atualmente a mobilidade e as mudanças estão sendo compreendidos como promotores da nova concepção de carreira, concebida esta como um caminho pessoal, existencial, autodirigido e provado por meio de ensaios e erros que têm como principal característica a consideração da própria mudança pessoal e a contínua mudança tecnológica e laboral do meio ambiente. Os autores ainda reforçam que a carreira é um caminho pessoal onde os conhecimentos, as ferramentas técnicas e científicas e as estratégias e trabalho são instrumentos na formação do próprio caminho pessoal.

Para Dutra (1996), a carreira deve ser entendida como uma série de estágios e transições que irão variar conforme as forças – internas e externas – exercidas sobre o indivíduo, que seria resultado da relação estabelecida entre organização e profissional, funcionando como fator de conciliação dinâmica das expectativas entre ambas as partes.

Finalmente, a carreira, para Arrangoiz e Aguilar (2003), inclui os estudos ou a preparação acadêmica e integra as capacidades laborais, as novas aprendizagens, as mudanças pessoais sobre a própria imagem, as metas e os valores, assim como a resposta para as novas oportunidades e mudanças tanto sociais como laborais que suscitam todos os dias. Os autores afirmam que a carreira é um caminho de maturação, de crescimento em conhecimentos, habilidades e responsabilidades sobre a própria vida, aproveitando e respondendo às oportunidades que emergem por todos os lados.

3.1.1 Conceito de carreira

Segundo Dutra (1996), carreira é um termo difícil de ser definido, pois pode ser utilizado tanto para se referir às *movimentações*, como um caminho a ser trilhado por um indivíduo, ou até mesmo à *estabilidade* ocupacional, quando ela é enxergada como uma profissão (por exemplo, ser médico ou fazer carreira militar). Hall (1976), anos antes, sugeriu que carreira é uma sequência de atitudes e comportamentos, aliada às experiências e atividades relacionadas ao trabalho, no período de vida de um profissional.

Na proposta de London e Stumph (1982), a carreira envolve a ocorrência de transições ligadas a necessidades individuais e imposições da organização e da sociedade. Para os autores, a carreira consiste na sequência de posições ocupadas e de trabalhos realizados durante a vida profissional de uma pessoa, considerando que o entendimento e a avaliação das experiências profissionais fazem parte da perspectiva do indivíduo; paralelamente, na perspectiva da organização, engloba políticas, procedimentos e decisões ligadas à carreira na empresa.

Concordando com Dutra (1996), Bendassolli (2009) acredita que a carreira é um dos termos das ciências sociais que é ambígua e está relacionada a uma gama ainda mais ampla de definições: por exemplo, pode significar, ao mesmo tempo, emprego assalariado ou atividade não remunerada, profissão, vocação, ocupação, posição em uma organização, trajetória de um indivíduo que trabalha por conta própria, uma fonte de informação para as empresas alocarem recursos humanos, ou até um roteiro pessoal para a realização dos próprios desejos.

A vida profissional envolve necessidades individuais e circunstâncias impostas pela sociedade, mas que nem sempre estão alinhadas ou fáceis de se controlar. Por isso, o estudo do tema carreira deve considerar fatores de imprevisibilidade, e a definição de London e Stumph (1982), a qual versa sobre conceitos importantes, uma vez que considera a carreira

como uma série de estágios e transições que variam conforme pressões originadas no próprio indivíduo e no ambiente, e não a partir da suposição de que a carreira seja linear. A partir de tais considerações, é possível identificar a incidência de movimento na carreira. Nesse mesmo sentido, Hall (2002, p. 12) define carreira como a sequência individualmente percebida de comportamentos e atitudes relacionadas às experiências laborais e outras atividades durante a vida.

Refletindo sobre as várias definições apresentadas em seu estudo, Arthur, Hall e Lawrence (1989) ressaltam que a carreira engloba a sequência de experiências profissionais, sendo que o trabalho influencia a maneira como os indivíduos enxergam e interagem com outras pessoas, organizações e sociedade. Esta é a definição que melhor se encaixa aos objetivos do estudo e que é a utilizada para conduzir o trabalho, relativizando com o histórico e o contexto esportivo.

3.1.2 *Transições de carreira*

Visto que carreira envolve experiências sequenciadas na vida de uma pessoa, uma das necessidades de qualquer indivíduo maduro é a capacidade de planejar a carreira. Para tanto, é fundamental considerar objetivos pessoais e profissionais que acompanham o crescimento do indivíduo.

De forma geral, considerando a vida adulta, Brim e Kagan (1980) afirmam que os pontos de transição têm um papel fundamental no desenvolvimento de um indivíduo, dando forma e direção a vários aspectos da vida de cada pessoa. Os autores trabalham com a premissa de que as pessoas são capazes de mudar durante toda a sua vida. E também acreditam que as mudanças sofridas na infância e adolescência causam bastante impacto nas transições futuras, quando os indivíduos estão mais maduros.

Segundo Schlossberg (1981), a transição pode ocorrer se um evento ou não-evento resulta na mudança de premissas sobre o próprio indivíduo e o mundo, requerendo uma mudança correspondente nos seus comportamentos e relacionamentos. Complementando essa visão, pode-se destacar também que as transições podem ser classificadas como antecipadas ou não-antecipadas: as transições antecipadas correspondem a eventos agendados e/ou esperados, e que vão realmente ocorrer para o indivíduo, podendo até ser ensaiados, enquanto as transições

não-antecipadas estão relacionadas a eventos não marcados nem previstos (SCHLOSSBERG; WATERS; GOODMAN, 1995).

De acordo com Schlossberg, Waters e Goodman (op cit.), as transições esperadas, como por exemplo, a aposentadoria, apesar de ocorrerem em idades distintas para cada indivíduo, são similares quanto aos tipos de problemas enfrentados, mostrando que as transições são mais relevantes do que a idade cronológica para entender e avaliar o comportamento de um indivíduo.

O processo de transição pelo qual os indivíduos se adaptam a eventos está relacionado aos fenômenos subjetivos que impactam no seu bem estar psicológico, pois enfrentar um evento e suas consequências influencia no modelo de lidar com as ações, que podem ser instrumentais, mudando o ambiente, ou paliativas, minimizando o estresse individual (SCHLOSSBERG; WATERS; GOODMAN, op cit.).

Como a transição é um fenômeno complexo, Schlossberg (1981) propôs um modelo para compreender a adaptação humana à transição. Quando a mudança acontece, há um impacto nas: (1) percepções da própria transição, (2) características dos contextos anteriores e posteriores à transição, e (3) características dos indivíduos. Tais fatores levam à adaptação, que consiste no movimento por meio das fases seguintes à mudança, dependendo do equilíbrio dos recursos e deficiências do indivíduo, e das diferenças nas percepções e apoio entre os momentos que precedem e sucedem a transição (SCHLOSSBERG, op cit.).

As percepções da própria transição estão relacionadas à mudança do papel, com ganhos ou perdas, os efeitos negativos ou positivos, as fontes internas ou externas, o modo gradual ou repentino, o grau de estresse e a duração (permanente, temporária ou incerta). Sobre as características dos contextos anteriores e posteriores à transição, consideram-se os sistemas de apoio interno (relações íntimas, família e rede de amigos), os apoios institucionais e as condições físicas. E quanto às características dos indivíduos, cabe levar em conta as competências psicossociais, tais como: o sexo, a idade, as condições de saúde, a raça, o padrão socioeconômico, a orientação de valores e as experiências anteriores com transições (SCHLOSSBERG, op cit.).

Ao considerar as teorias de carreiras, em que a natureza das carreiras no passado estava baseada em estruturas hierárquicas, rígidas e quase previsíveis, nas quais os modelos

tradicionais de carreira tinham uma direção clara e linear para promoções na hierarquia organizacional (BARUCH, 2004), as trajetórias costumavam ser verticalizadas, com poucas mudanças interorganizacionais, e quanto mais tempo o indivíduo permanecesse na mesma organização, mais positivamente era percebida a sua carreira.

Dutra (2002) complementa essa ideia ao afirmar que os planos de carreira das pessoas eram associados a uma estrada plana, asfaltada e bem mantida que, se trilhada adequadamente, levaria os profissionais a serem bem sucedidos, à riqueza e à satisfação.

Tal paradigma declina no fim da década de 1970, quando novos modelos tornam-se necessários para a gestão de pessoas nas organizações. Com mudanças no ambiente externo, há muitas reduções de quadro de funcionários e uma taxa maior de desemprego, principalmente devido ao crescente uso de tecnologias e à busca por melhores profissionais. Ao final da década de 1990, as opções de carreira e os movimentos são mais amplos e ultrapassam as fronteiras organizacionais, e o mercado começa a demandar níveis superiores de competências, lidando com maior diversidade (BARUCH, 2004).

Nesse sentido, Dutra (2002) também ressalta que se a realidade das empresas for analisada, verifica-se que as carreiras são uma sucessão de acontecimentos imprevisíveis, e que na verdade as pessoas veem, à sua frente, um caminho tortuoso, cheio de alternativas e incertezas. A carreira, dessa forma, deve ser pensada como uma estrada que está continuamente sendo construída pelas pessoas e pelas organizações.

As empresas, então, precisam administrar tais fenômenos mais complexos, cujo resultado é a emergência de carreiras que incorporam maiores responsabilidades para o indivíduo do que para a organização. Adicionalmente, de acordo com Baruch (2004), esta era a ideia inicial, nos anos de 1930, porém a carreira nos últimos anos agora pertence às pessoas nesse contexto competitivo em que as empresas estão inseridas: as novas carreiras não seguem mais sistemas lineares, e estão se tornando multidirecionais, dinâmicos e fluidos.

Os modelos mais modernos de carreira, como as carreiras sem fronteiras de DeFillippi e Arthur (1994), as carreiras inteligentes de Arthur, Claman e DeFillippi (1995), e a carreira proteana de Hall (1996), podem ser caracterizados por processos de desenvolvimento de um profissional que teve suas experiências de trabalho em uma ou mais organizações. Sugere-se compreender a carreira como uma trajetória de vida: os novos modelos de carreira englobam

várias opções e direções possíveis para o desenvolvimento que, segundo Baruch (2004), são os movimentos laterais, as mudanças de direção, as mudanças de organizações, e as mudanças aspiracionais.

Para Ribeiro (2009), com a flexibilização e heterogeneização do mundo laboral e das organizações nos últimos anos, a ruptura do emprego como modelo predominante de inserção no trabalho ocorreu, e a carreira sofreu mudanças em sua concepção, estrutura e desenvolvimento. Como consequência, gerou-se a fragmentação da carreira organizacional e sua ampliação para além dos limites das empresas.

Assim, Baruch (2004) aponta a resiliência como um fator constitutivo desse novo modelo multidirecional. As pessoas agora trabalham para construir suas carreiras, e não por estabilidade em seus empregos, porque isto não pode mais ser garantido pelo mercado de trabalho. De qualquer forma, repensar e mudar de carreira são uma tendência cada vez mais comum na nossa sociedade.

De acordo com Briscoe, Chudzikowski e Unite (2012), as transições de carreira são importantes para entendê-las e identificar os pontos críticos de mudança em cada plano de carreira. Esses pontos podem ser conceituados como uma fase que conecta dois empregos ou carreiras profissionais quanto à mudança no papel ou responsabilidade de mesma configuração de emprego.

As transições de carreira representam um ponto no tempo em que a confluência de muitos fatores é suportada: valores, saúde, identidade, meios de vida, personalidade, motivação, interesses, habilidades. Além dessas variáveis, as pessoas se esforçam para manter sua vitalidade, motivação e desempenho no trabalho (BRISCOE; CHUDZIKOWSKI; UNITE, op cit.). Os autores também destacam que as forças do mercado, dinâmicas políticas e culturais, e outros macrofatores garantem que as mudanças de carreira nunca podem ser tidas como certas.

Há uma variável chave que Reardon (2010) afirma ser expoente nas situações corporativas de vida-e-morte, semelhante à impulsividade heroica: a coragem. Para ela, as ações corajosas são um tipo especial de tomada de risco calculado, o que já ocorre efetivamente nos contextos organizacionais, mas seria diferente nos esportes, já que os atletas não necessitariam ser necessariamente corajosos ao trocar um vínculo de trabalho, mas sim para constituir uma

nova carreira, baseada nos esportes ou não. Reardon (op cit.) também recomenda que uma transição de carreira siga seis etapas: definição dos objetivos, determinação da importância das metas, compreensão do equilíbrio de poder, mensuração de riscos e benefícios, escolha do tempo certo, e desenvolvimento de planos de contingência.

Por sua vez, Higgins e Thomas (2001), ao considerarem os aspectos contemporâneos da carreira, acreditam que esta depende de relacionamentos profissionais, e para tanto apresentam o conceito de constelação de relacionamentos para desenvolvimento, proposto por Kathy Kram em 1985. Este conceito vai além da relação formal gestor-colaborador, e considera todo o conjunto de desenvolvedores (pares, subordinados, amigos, chefes etc.) que contribuem, em um dado momento, na formação do indivíduo quanto à função de carreira e psicossocial, e que não possuem, necessariamente, grau de senioridade na organização. Segundo os autores, a abordagem de constelação de relacionamentos representa melhor a realidade das experiências pessoais do que a perspectiva de relacionamento único.

A constelação de relacionamentos para desenvolvimento deve considerar três aspectos: qualidade e status do relacionamento, bem como afiliação à organização. Por qualidade do relacionamento, Higgins e Thomas (op cit.) entendem a quantidade de suporte à carreira e a quantidade de suporte psicossocial oferecido ao indivíduo pelos desenvolvedores. Por status do relacionamento, pode-se compreender o nível hierárquico, o nível de senioridade e a influência dos desenvolvedores. A afiliação, por sua vez, trata do pertencimento (ou não) dos desenvolvedores do indivíduo à sua organização.

Para Higgins e Kram (2001), a teoria e os métodos de redes sociais são uma forma de se compreender o mentoring no atual contexto de carreiras, ao introduzirem a tipologia do desenvolvimento de redes. As redes sociais, se classificadas conforme diversidade dos contatos e força dos laços, podem gerar um fenômeno de relacionamentos múltiplos.

Então, pode-se verificar que o que ocorre nos primeiros anos profissionais de um indivíduo é um investimento na sua carreira, que provém não só de um desenvolvedor, mas de múltiplos desenvolvedores. As constelações de desenvolvedores são de grande importância para os resultados de carreira de longo prazo, tais como retenção organizacional e avanços na carreira (HIGGINS; THOMAS, 2001).

De acordo com Higgins e Thomas (op cit.), a atual era de reestruturações organizacionais e globalização dificulta a existência de fontes únicas de desenvolvimento de carreiras, uma vez que estas estão envolvidas no ambiente de carreiras sem fronteiras e carreiras menos seguras, o que não favorece o estabelecimento de relacionamentos de desenvolvimento singulares, hierárquicos e internos à organização.

3.1.3 Mudança de identidade

Com a intenção de definir identidade no nível individual, Petrigilieri (2011) combina duas perspectivas teóricas nas organizações: *teoria da identidade social* e *teoria da identidade*. As identidades de um indivíduo são baseadas em associações e papéis de grupos (identidades sociais), características e traços únicos (identidades pessoais). A autora também distingue as identidades que são principalmente atribuídas (involuntárias), como gênero ou raça, daquelas que são, sobretudo, alcançadas (voluntárias), como ser membro de um time de esportes, por exemplo.

As pessoas detêm identidades múltiplas e são todas diferenciadas por causa da combinação de diversas identidades. Tal propriedade, de acordo com Petrigilieri (op cit.), refere-se à ideia do *destaque da identidade*, descrevendo quão central está uma identidade para os objetivos e senso de si de um indivíduo, e quanto ela está incorporada em uma dada situação. Dessa forma, os indivíduos diferem-se quanto ao nível de importância que atribuem a uma identidade específica, pois é a hierarquia da importância de identidades para cada pessoa é única.

As identidades são mutáveis e dinâmicas (MARKUS; WURF, 1987), pois são maleáveis e podem tomar quatro formas (PETRIGILIERI, 2011): (1) alteração do nível de importância de uma identidade, (2) mudança dos significados associados a uma identidade, (3) fuga de uma identidade, que é o seu abandono e o desvínculo físico de um papel ou associação de grupo, e (4) entrada ou aquisição de uma nova identidade.

Em um ponto de vista mais amplo, Bendassolli (2007) revela que o trabalho tem se tornado enfraquecido no sentido ontológico e tratado como uma identidade social. Ao comparar os extremos, antes havia a noção do empregado-padrão, que costumava ter um emprego e apenas uma função (ou poucas delas, porém simples) no seu trabalho; em um momento posterior, existe a ideia do trabalhador que ocupa uma posição genérica, sendo responsável por muitas

funções que mudam constantemente. Há uma tendência de se ver o trabalho com uma identidade social mais frágil, e isso enfraquece a relação entre organizações e colaboradores.

De acordo com Petriglieri (2011), o fenômeno da identidade individual deveria ser melhor estudado. Para ela, a ameaça à identidade traz algumas consequências, cujo processo contaria com três etapas, quando: (1) as pessoas reconhecem uma experiência como ameaça à identidade, (2) avalia-se seu impacto, e (3) há uma decisão de como responder a isso.

Seguindo essa ideia, Swann et al. (2004) sugerem que é mais difícil encontrar grupos de identificação quando os indivíduos são muito diversos, principalmente quando são considerados os fenômenos em ambiente de trabalho de alta diversidade. Nas empresas, os autores afirmam que há muito o que aprender sobre a natureza e as consequências de negociar a identidade. A confirmação da identidade de um indivíduo ocorre de uma maneira mais complexa, porque o contexto do trabalho tem demandado perfis especialistas e competências especiais.

Bauman (2005) entende que a ansiedade por uma identidade vem do desejo de sentir-se seguro, à medida que as pessoas necessitam pertencer a um grupo. Porém, a falta de sentido pessoal pode acontecer, pois as atividades diárias relacionadas à confiança básica sustenta a segurança ontológica, já que os problemas de existência podem ser diluídos no trabalho do dia a dia (GIDDENS, 2002).

Ao tentar resolver essa questão, Dutton, Roberts e Bednar (2010) acreditam que há formas de desenvolver uma identidade positiva no trabalho, principalmente porque os indivíduos querem ter justamente identidades positivas no ambiente corporativo. A proposta é que eles possam formar, transformar e modificar a maneira de como se definem no contexto de situações e atividades baseadas no trabalho que executam.

De acordo com Ibarra (2004), o que é importante não é mudar o trabalho ou o contexto organizacional, mas sim retrabalhar premissas básicas desatualizadas e papéis decisivos que ainda estão orientando as vidas dos profissionais. Para ela, a reinvenção envolve grandes deslocamentos, que podem causar mudanças radicais. A autora também recomenda que as pessoas devessem refletir sobre experiências passadas (histórias de vida), sonhos futuros, valores e pontos fortes. A partir disto, o indivíduo deve ter novos planos, e para tanto se faz necessário:

- Modelar experimentos;
- Trocar conexões, e
- Realizar *sensemaking*.

Dentre os vários fenômenos que a sociedade moderna tem produzido, a emergência das atitudes heroicas talvez seja dos mais relevantes, e os esportes têm ocupado um dos espaços mais importantes, posto que nas últimas décadas, o esporte, no seu processo de desenvolvimento, tem sofrido transformações socioculturais e absorvido muitas características da modernidade (RUBIO, 2001).

3.1.4 Encerramento de carreira e aposentadoria

Ao discutir encerramento de carreira e aposentadoria, o tema da obsolescência e do envelhecimento é importante, e pode ser definido como perda de valor porque as capacidades vão se reduzindo ou deixam de ser úteis. Segundo Arrangoiz e Aguilar (2003), a obsolescência provoca perda de motivação, além de prejudicar a vitalidade. A obsolescência aponta que pessoas e/ou organizações estão fora de seu contexto, e pode-se perceber alguém ou algo obsoleto quando ele vê que não tem sucesso em um ambiente de mudança.

Ogilvie e Taylor (1993) defendem que o encerramento de uma carreira acontece por quatro causas principais: idade, não seleção, ferimento ou dano, e livre escolha. Porém, percebe-se que os três primeiros casos são fatores de força maior, e apenas o último é por motivação própria. O fim de uma carreira está relacionado à obsolescência, pois o profissional, por sua vida útil ou por perder empregabilidade, um dia deixa de fazer parte do mercado laboral.

Conforme afirmam Arrangoiz e Aguilar (2003), a obsolescência significa a perda de conhecimentos, de habilidades por falta de uso, a incapacidade de novos aprendizados, níveis mais baixos energia e motivação, e a incapacidade de adaptar-se às mudanças. Por sua vez, ao envelhecimento está relacionado às questões biológicas (energia, saúde, tempo de reação), psicológicas (emoções, capacidades, percepções, aprendizagem, sentimentos) e sociais (hábitos sociais, status, adaptação de papéis).

Segundo os autores, o envelhecimento biológico necessariamente ocorre ao longo do tempo, podendo ser acelerado ou desacelerado, porém o envelhecimento psicológico afeta o primeiro. Enquanto o envelhecimento psicológico resulta das mudanças ou deterioração da própria imagem, o envelhecimento social está relacionado com a interação do indivíduo e seu

ambiente, pois o indivíduo se torna mais rígido nos seus papéis quando não é aceito pelos outros por discriminação.

Quanto às fases da vida, as rápidas mudanças no meio ambiente provocam crises, que muitas vezes se denominam crises da meia-idade, mesmo que não se saiba realmente qual é a metade da vida, já que essa crise acontece em diversos momentos da fase adulta, mas pode-se afirmar que se dá entre os 35 e 55 anos de idade (ARRANGOIZ; AGUILAR, 2003).

As características das crises vitais de um adulto são (ARRANGOIZ; AGUILAR, op cit.):

- Aborrecimento, falta de objetivos para a vida e para o trabalho;
- Envelhecimento biológico, psicológico e/ou social;
- Obsolescência;
- Questionamento de valores e mudança de metas;
- Mudança de motivação no trabalho;
- Redução aparente do potencial de trabalho e de orientação na própria carreira;
- Sentimentos de perda de status, posição ou trabalho;
- Mudança na vida familiar, e
- Medo de crescer ou envelhecer.

Percebe-se que a idade avançada causa diversos efeitos, afetando a vida pessoal e profissional. Para evitar que o processo de envelhecimento e de aposentadoria seja negativo, é necessário que haja preparo psicológico, mental e até físico para lidar com tais situações (FELDMAN, 2007).

Inclusive, Donkin (2010) ressalta que as pessoas cada vez mais têm tentado adiar sua aposentadoria, visto que a expectativa de vida aumentou nos últimos anos. Os profissionais mais experientes vêm aposentando de forma mais tardia, seja: estendendo seu tempo de serviço na organização onde trabalham, buscando uma recolocação no mercado laboral, ou até mesmo investindo em novas carreiras.

3.1.5 Resultados de carreira

Segundo Baruch (2002), ter sucesso na carreira significa alcançar altos níveis de empregabilidade, buscando um espaço melhor que satisfaçam suas necessidades e expectativas. E satisfação é algo relativo, pois enquanto pode representar uma grande

quantidade de capital acumulada para uns, pode ser qualidade de vida ou desenvolvimento profissional para outros.

No passado, a natureza e a noção das carreiras eram baseadas em estruturas hierárquicas e rígidas, cujos modelos de carreira tradicionais possuíam uma direção clara, unidimensional e linear para o chamado avanço: a promoção dentro da hierarquia organizacional. As trajetórias organizacionais eram verticalizadas e, assim, o sucesso na carreira era avaliado pela taxa de ascensão e por indicadores externos como salário e status social (BARUCH, 2004).

Ao final da década de 1970, fica claro que novos modelos são necessários para a gestão de pessoas nas organizações. Schein (1978) traz, nesta época, o conceito de movimentos por papéis no interior da organização (desenvolvimento em espiral, em que as pessoas assumem diferentes funções ao longo da sua trajetória ascendente na organização). Ao final dos anos 1990, as opções e os movimentos de carreira se ampliam e ultrapassam os limites organizacionais.

Entre as causas para estas mudanças, pode-se citar os novos padrões de produção e consumo, o surgimento do setor de serviços, o contínuo progresso tecnológico, a exigência de elevados níveis de competência e o aumento da diversidade no mercado de trabalho. Desta forma, surge o fenômeno de ausência de fronteiras nas organizações, o que, por sua vez, resulta na emergência das carreiras sem fronteiras. Os novos modelos de carreira compreendem uma variedade de opções e direções possíveis para o desenvolvimento (movimentos laterais, mudanças de direção, mudanças de organização e mudanças de aspiração), assim como uma variedade de definições de sucesso na carreira.

Para Baruch (2004), essas definições de sucesso na carreira podem ser satisfação interior, equilíbrio da vida pessoal e profissional, autonomia e liberdade, e outras medidas autopercebidas. Essas questões estão relacionadas ao sucesso da carreira subjetiva, em que se vê uma tendência de valorizar mais o que se busca internamente do que aquilo que os valores coletivos impõem às pessoas.

O sucesso da carreira subjetiva é tratado por Greenhaus, Parasumaran e Wormley (1990) com referência ao nível de satisfação. Os autores sugerem que, tradicionalmente, o sucesso na carreira pode ser mensurado por: satisfação com aquilo que se atingiu na vida profissional,

com o progresso no sentido de seguir as metas pessoais, com o que se conquistou de ganhos financeiros, com os objetivos de crescimento, e com o desenvolvimento de novas habilidades.

Além disso, ainda acredita-se que a principal alteração se manifesta nos contratos psicológicos, pois do ponto de vista das empresas, deixa-se de oferecer segurança no emprego para oferecer oportunidades de desenvolvimento (BARUCH, 2004). E da perspectiva do indivíduo, abandona-se o comprometimento à organização em troca de múltiplos comprometimentos. Tais ligações podem estar relacionadas com algum setor da indústria, com a ocupação ou profissão escolhida, com a região de atuação, com as ideologias, com a religião, e mesmo com a organização, entre outras. Mesmo na organização, o comprometimento é subdividido em comprometimento com o líder ou mentor, com a equipe, com o departamento, com o projeto, com os colegas e até com o sindicato.

Neste sentido, as organizações devem estar cientes de que não são mais possuidoras da carreira de seus funcionários. Para que possam tirar proveito dessa nova realidade, devem ser capazes de oferecer arranjos alternativos e flexíveis de trabalho (consultoria, *outsourcing*, formação de empresas-satélite etc.), investir nas pessoas, proporcionar políticas de equilíbrio entre trabalho e família, dentre outros. Elas devem estar aptas a oferecer opções para obtenção de sucesso na carreira, considerando-se as dimensões de sucesso interno, externo, organizacional e no nível da sociedade (BARUCH, op cit.).

Os estudos relacionados ao tema demonstram relação entre felicidade e sucesso no ambiente de trabalho (BOEHM; LYUBOMIRSKY, 2008): por exemplo, comparados com colegas menos satisfeitos, os mais felizes ganham maiores salários, apresentam resultados superiores e são mais ativos nas atitudes de suporte. Pesquisadores têm atribuído que um colaborador é mais satisfeito porque ele é bem sucedido no trabalho, porém os autores em questão assumem que a felicidade pessoal é que faz um indivíduo desempenhar melhor ou pior na organização. Isso mostra que é a felicidade de cada um que precede nas medidas dos indicadores profissionais e induz aos melhores resultados organizacionais, então seria outro aspecto a ser considerado para ter sucesso na carreira.

Para Baiocchi e Magalhães (2004), ainda há outra variável importante para o sucesso na carreira, que é a resiliência, ou seja, a capacidade de os indivíduos transporem dificuldades, frustrações e estresses no trabalho. De acordo com Carson e Bedeian (1994), a resiliência é necessária para enfrentar adversidades e problemas inerentes à carreira. Muitas vezes, as

transições de carreira podem exigir da resiliência das pessoas para que elas possam vivenciar novas etapas bem sucedidas.

3.1.6 Modelo de transição de carreira na aposentadoria

Alguns autores, preocupados com esse momento crítico de transição de carreira que é a aposentadoria, como Feldman e Beehr (2011) e Hesketh, Griffin e Loh (2011), propuseram modelos que apresentam o mecanismo do processo de mudança, como definir o fenômeno em fases distintas (FELDMAN; BEEHR, op cit.) para compreender os fatores na tomada de decisão, e integrar o relacionamento da pessoa com o ambiente e os resultados atingidos (HESKETH; GRIFFIN; LOH, op cit.).

Feldman e Beehr (2011) propuseram um modelo de três estágios, representado na Figura 1, composto por teorias comumente utilizadas para entender o processo de tomada de decisão para a aposentadoria. Tais teorias apoiam as similaridades nas decisões de aproximação e revogação, no conflito entre o papel do trabalho e o papel da aposentadoria, que influencia na definição da aposentadoria.

Figura 1 – Modelo de três fases para decisão da aposentadoria
 FONTE: Feldman e Beehr (2011, p. 2).

Os autores concluem que as três fases não sejam completamente separadas e distintas, mas que devem ser estágios contemplados nessa decisão de uma forma conjunta. Além disso, apesar de o modelo envolver diversas teorias, apenas a da identidade social (da primeira etapa) foi melhor explorada neste trabalho.

O modelo de transição para a aposentadoria orientado para o futuro de Hesketh, Griffin e Loh (2011), por sua vez, compreende a importância das diferenças individuais nas habilidades fornecidas pelos trabalhadores mais velhos, assim como suas necessidades e interesses. Para esses autores, o contexto do trabalho também influencia na demanda de habilidades requeridas, à medida que reconhece e recompensa os empregados com mais idade. Adicionalmente, entende-se que o ajuste entre pessoa e contexto para os resultados de carreira – vida e trabalho – seja de relevância central nesse processo de transição.

Este trabalho tem a intenção de verificar as etapas do encerramento da carreira esportiva, assim como compreender a relação do atleta com o seu contexto, e respectivos resultados. Os modelos de Feldman e Beehr (2011) e de Hesketh, Griffin e Loh (2011) não eram específicos para o contexto esportivo, então sugere-se testá-lo com profissionais do esporte para verificar a sua dinâmica. Para tanto, torna-se importante entender a lógica do esporte contemporâneo e como suas características mais competitivas podem influenciar esse momento da retirada do atleta.

3.2 Esporte

O esporte em forma de práticas atléticas está presente na vida humana desde os povos primitivos. De uma maneira mais organizada, o esporte teve papel fundamental na sociedade da Grécia Antiga, onde pela primeira vez as práticas desportivas deixam de ter finalidade exclusivamente militar para surgirem como eventos relevantes e institucionalizados, mesmo que ligados à religião. O grande destaque foram os Jogos Olímpicos, realizados de quatro em quatro anos na cidade de Olímpia, de 776 a.C. a 394 d.C., sendo um momento em que se reconheciam os mais rápidos, os mais fortes e os mais habilidosos. Nessa época, os atletas eram personagens especiais e distinguiram-se do restante da população, cujo prêmio, nas

vitórias, era uma coroa de louros, mas que depois recebiam diversas regalias quando voltavam às suas terras.

Desse período até a Idade Média, o esporte teve um papel mais tímido na sociedade, pois por questões religiosas que predominavam sobre as pessoas e entidades, as atividades físicas eram mal vistas e pouco incentivadas. Entre 100 a.C. e 500 d.C., os espetáculos e jogos romanos com os gladiadores eram bastante presentes, e entre os anos 500 e 1300, criaram-se diversos campeonatos na Europa Medieval, mas que foram marcados por forte violência. É nesse intervalo que os jogos com bolas surgiram, sendo as raízes para o hóquei, futebol, boliche, beisebol, rúgbi, críquete, entre outros (COAKLEY, 2001). De 1300 a 1800, período em que se viu o Renascimento, os jogos foram vistos como forma de diversão.

Foi a partir do fim do século XVIII na Europa, principalmente na Inglaterra, que o esporte sofreu transformações importantes, quando emergiram os esportes competitivos e organizados. Dunning (1999) aponta que o esporte organizado surgiu como um produto da Revolução Industrial, quando as pessoas trabalhavam muito e, no seu tempo livre, muito limitado, aproveitavam para se divertir com amigos e família.

A referência que se tem de esporte a partir do século XX é bastante diferente do que já se viu na história, pois os interesses, valores e oportunidades são outros, de acordo com Coakley (2001). Além disso, o esporte sempre foi praticado por amadores (com exceção da Grécia Antiga em alguns períodos), e o processo do profissionalismo iniciou-se na década de 1970. Até então, a importância do esporte no mercado era pouco significativa.

A partir da década de 1980 notaram-se orçamentos maiores para os esportes, com um mercado tanto profissional quanto amador cuja tendência de crescimento era bastante promissora. A inserção do esporte na sociedade é cada vez maior (RUBIO, 2001; GÓMEZ; KASE; URRUTIA, 2010): nos últimos anos, sua expansão é evidente, especialmente no Brasil, que receberá os jogos da Copa do Mundo de Futebol em 2014 (promovidos pela FIFA) e uma edição inédita no continente sul-americano dos Jogos Olímpicos em 2016, na cidade do Rio de Janeiro. Tais eventos movimentam todo o país pelos anos que os precedem, gerando um importante espaço para novas oportunidades de negócio e para as inúmeras empresas e indivíduos que serão afetados direta ou indiretamente.

O universo esportivo é único porque, além de envolver diversos atores sociais – desde os órgãos governamentais, as organizações patrocinadoras, os clubes, os times, os técnicos, os torcedores, a mídia, entre muitos outros –, tem como protagonista o atleta, cujos feitos no esporte são a justificativa desse fenômeno.

Os feitos atléticos são representados pelos recordes de tempo, pelos movimentos belos e precisos, pelas ações e reações, pelos registros das marcas intangíveis, pelas emoções vividas pelas pessoas que os executam e que os veem. E são pelos feitos que se conquistam tantos apreciadores e, principalmente, os próprios atletas. Ao realizar uma façanha, ou seja, algo previamente impossível, o atleta torna-se um herói, um mito a ser guardado na memória daqueles que o viram e a ser perseguido por tantos outros esportistas. Nesse momento, o atleta deixa de ser mortal para transformar-se em um ser sobre-humano, sendo esta uma das motivações desse profissional.

Assim sendo, o termo *esporte* tem uma utilidade bastante ampla na sociedade, pois grupos de crianças jogando queimada na escola ou amigos batendo bola na praia podem afirmar que estão praticando esporte, assim como os atletas que competem nos Jogos Olímpicos podem dizer o mesmo, e justamente por isso é importante definir o que é esse conceito.

Para Coakley (2001), o esporte compreende atividades competitivas institucionalizadas que envolvam esforço físico rigoroso ou uso de habilidades físicas relativamente complexas por participantes motivados por prazer pessoal e recompensas externas. O autor (p. 20-21) ainda reforça o termo ao definir algumas condições para os esportes:

1. São *atividades físicas*: então, o xadrez não seria um esporte, por ser mais cognitivo que físico; porém, por que a dança no gelo é um esporte olímpico de inverno, e não a dança de salão nos jogos de verão?;
2. São *atividades competitivas*: têm a natureza da concorrência, diferentemente das dinâmicas cooperativas ou individuais;
3. São *atividades institucionalizadas*: referem-se a um processo pelo qual os comportamentos e a organização são padronizados, e contam com regras e estruturas formais; é o que difere de quando duas pessoas querem apostar uma corrida até certo ponto, de um evento esportivo oficial, e isso inclui:
 - a. Regras padronizadas;
 - b. Agências regulatórias oficiais que assumem a aplicação das regras;

- c. Aspectos organizacionais e técnicos das atividades, e
 - d. Formalização do aprendizado das habilidades dos jogos;
4. São *atividades praticadas por pessoas que buscam divertimento pessoal e recompensas externas*: há uma combinação de duas motivações, uma é baseada na motivação interna associada à expressão, a espontaneidade e o puro prazer da participação, e a outra é a satisfação externa ligada a apresentar suas habilidades físicas em público e receber aprovação, status e recompensas materiais.

É importante esclarecer que esporte não é sinônimo de jogo (*play*), nem de espetáculo dramático, pois essas são outras formas de entretenimento. Porém, o esporte é uma mistura de jogo com espetáculo. Em resumo, o esporte é um fenômeno social que está ligado a uma ideologia cultural na sociedade. A ideologia cultural consiste em perspectivas e ideias gerais que as pessoas usam para compreender o mundo social, descobrir seu lugar no mundo, determinar o que é ou não importante e definir o que seria certo e natural para as pessoas (HALL, 2003). Coakley (2001) afirma que diversos grupos em uma sociedade desenvolvem seu modo de pensar, mas nem sempre estarão de acordo entre si. É nesse ponto, segundo o autor, que o esporte torna-se socialmente relevante.

Os esportes consistem em atividades e situações que envolvem ou desafiam ideologias particulares, foram criados pelas pessoas, assim como tudo o que derivou-se do esporte: tais ideias apoiam e reproduzem o que é chamado de ideologia dominante (COAKLEY, op cit.).

3.2.1 O esporte contemporâneo

O esporte sofreu várias transformações nas últimas décadas devido à globalização, outro evento que ocorre em grandes escalas, à medida que os mercados nacionais estão pequenos demais para a atuação das organizações e para as competições. Os maiores eventos esportivos atuais são globais, pois envolvem comitês diversificados, organizações de inúmeros países, patrocinadores internacionais e atletas que representam as mais diversas nações. Com a tecnologia avançada, não há mais limites geográficos nem econômicos, então pode-se enxergar um campo bastante amplo e global.

O contexto esportivo é atualmente considerado uma das áreas mais crescentes na economia nacional e mundial, pois apresenta altos investimentos de incentivos governamentais e privados, e mostra fortes potenciais de evolução. Segundo Gómez, Kase e Urrutia (2010), o

esporte adquiriu um papel na sociedade que era impensável há 20 anos. Para os autores, o esporte costumava estar relacionado ao lazer e ser visto como um espetáculo ou uma atividade, porém hoje é um grande negócio que não apenas atrai fãs apaixonados, mas conta com a atenção da mídia e de investidores.

Samulski (1992) explica que o esporte pode ser classificado em quatro tipos: de rendimento, escolar, recreativo e de reabilitação. Para Rubio (1999), o esporte de rendimento é aquele busca a otimização da performance em uma estrutura formal e institucionalizada, afirmando que o nível técnico dos atletas de alto rendimento está cada vez mais equilibrado.

Considerando principalmente o esporte de rendimento, pode-se afirmar que existe a indústria do esporte, geradora de riquezas, que é composta por clubes esportivos, entidades ligadas ao ramo e órgão governamentais tentam melhorar sua eficácia e eficiência por meio de atividades relacionadas aos esportes (GÓMEZ; KASE; URRUTIA, 2010).

Nesse espaço, surgem as organizações esportivas, que são quaisquer entidades que participem na indústria do esporte, sejam orientadas por metas, comprometam uma atividade rigorosamente estruturada, e tenham limites claros (SLACK, 1997). A partir disso, realizam-se os eventos esportivos que, segundo Gómez, Kase e Urrutia (2010), têm a finalidade de promover a participação de times ou indivíduos para entreter fãs, cujo objetivo é vencer uma competição. Os ingredientes básicos de um bom campeonato são: interesse, incerteza e envolvimento apaixonado no resultado. Para isso, os autores recomendam que é necessário manter um equilíbrio entre as equipes e promover a rivalidade.

E para criar valor no ramo esportivo com tais condições, Jacopin, Kase e Urrutia (2010) afirmam que uma administração de *stakeholders* deve ser bem realizada, buscando entender quais são os benefícios a serem ganhos com a integração de uma organização com seus *stakeholders* (Figura 2).

Figura 2 – As entidades esportivas e seus stakeholders

FONTE: Jacopin, Kase e Urrutia (2010, p. 35).

Jacopin, Kase e Urrutia (op cit.) apresentam de forma bastante ilustrativa como os clubes europeus de futebol conseguem gerar alta rentabilidade por meio desse modelo de rede de *stakeholders*. Para Gómez, Kase e Urrutia (2010), o esporte cria ilusão, que por sua vez acumula capital histórico, diferentemente da economia (que produz lucros e, consequentemente, capital econômico) ou da sociedade (que por meio da educação em valores, acumula capital social).

3.2.2 Os atletas e a carreira esportiva

Apesar de os atletas poderem dedicar-se exclusivamente, ou não, ao esporte, há estudos que os caracterizam quanto à sua personalidade. Ogilvie e Tutko (1971) destacam que os esportistas são motivados para o rendimento e tendem a estabelecer metas exigentes e

realistas, sendo muito organizados e disciplinados, com alta disposição para a liderança e capacidade de comunicação social. Os autores também verificaram que os atletas são pessoas que dispõem de uma elevada capacidade de autoconfiança, resistência psíquica, autodomínio, controle emocional e até uma tendência de comportamento agressivo.

Dentre os atletas, há os *problem-athletes* (esportistas com problemas), que Ogilvie e Tutko (1971) descrevem como aqueles que apresentam comportamentos neuróticos, como ansiedade, medo do fracasso, tendências depressivas, e sensibilidade exagerada para a derrota ou crítica externa. De qualquer forma, Samulski (1992) afirma que os atletas que costumam atingir resultados mais destacados têm valores mais baixos de ansiedade e depressão que aqueles que não são esportistas.

No geral, os atletas são extrovertidos, e raras vezes são menos motivados para o rendimento, menos agressivos, tem menor autonomia e espírito de luta, quando comparados aos não-esportistas (SAMULSKI, 1992). Em seu estudo no atletismo, Kane (1970) concluiu, por exemplo, que os lançadores são mais extrovertidos que os corredores de meio fundo, parecendo que a introversão aumenta à medida que as distâncias percorridas aumentam, até que os maratonistas são bastante introvertidos. Porém, Samulski (2002) destaca que as maiores diferenças surgem quando são comparados aos atletas de modalidades individuais e coletivas.

Ogilvie e Tutko (1971) afirmam que os atletas de modalidades esportivas individuais tendem mais à introversão, são menos motivados para contatos sociais, costumam ser mais agressivos, e parecem ser mais criativos dos que os de modalidades coletivas. Adicionalmente, foram encontradas diferenças entre modalidade individuais, já que os perfis de personalidade de um saltador de esqui e de um piloto de Fórmula 1 são bem distintos (KEMMLER, 1973 apud SAMULSKI, 2002).

Por um lado, Eysenck, Nias e Cox (1982), ao estudarem quase 200 atletas Olímpicos, concluíram que tais esportistas costumam ser mais extrovertidos e têm mais estabilidade emocional do que a população média. Por outro lado, segundo Morgan e Costill (1972), geralmente os nadadores apresentam maiores níveis de neurose, ou seja, são menos estáveis emocionalmente, e desenvolvem mais a introversão.

Outra diferença significativa entre os atletas é o sexo, pois Ogilvie e Tutko (1971) constataram que as atletas normalmente são mais introvertidas, se esforçam mais na busca de autonomia, e são mais criativas e emocionais que os esportistas masculinos. Além disso, Hahn (1979 apud SAMULSKI, 2002) aponta que as atletas de alto rendimento, em relação aos homens, são mais:

- Dedicadas, persistentes e disciplinadas, conseguindo seguir melhor às instruções do treinador;
- Resistentes e fortemente orientadas para o reconhecimento direto e a afirmação social, sentindo elogios e repreensões espontaneamente;
- Dispostas para o treinamento e a competição quando elas se identificam com o treinador;
- Passivas, e preocupadas com a saúde, bem-estar, atração e forma física, até reprimindo o comportamento agressivo;
- Dependentes de seu técnico, afetivamente, precisando de mais feedback emocional e apoio social; e,
- Menos autoconfiantes nas suas capacidades, com maior nível de ansiedade nas competições, reagindo mais emocionalmente em situações esportivas difíceis.

Quanto à carreira esportiva, as pesquisas têm mostrado que o desenvolvimento de uma carreira atlética de elite geralmente consiste de dez anos construindo experiência necessária para se tornar um atleta profissional, e de cinco a dez anos para competir no seu mais alto nível (WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLEE, 2004; SOSNIAK, 2006). Porém, Ogilvie e Tutko (1971) verificaram que o esporte de alto rendimento pode gerar carreiras esportivas fracassadas e atletas com problemas, aumentando suas atitudes depressivas, ansiedade e sensibilidade emocional.

Wylleman e Reints (2010) afirmam que, apesar de aparentar uma natureza contínua, os atletas de elite descrevem sua carreira esportiva em termos de eventos (por exemplo, a primeira convocação para a equipe nacional, uma contusão em um final de temporada, a vitória em uma competição em particular), ou não-eventos, que são feitos esperados não ocorridos (por exemplo, não ter sido selecionado para os Jogos Olímpicos, não ter atingido um recorde). Os atletas geralmente confrontam o que são com aquilo que queriam ser (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007), como uma combinação de eventos que não somente trará uma forte

mistura de emoções, pensamentos e comportamentos, mas de fato leva os atletas a um desafio de desenvolvimento.

Os atletas precisam ser capazes de lidar efetivamente com esses desafios, a fim de ter progresso e conseguir uma transição bem sucedida para o próximo estágio; se ineficazes com isso, os atletas serão confrontados com uma transição de crise que possa desacelerar ou restringir sua evolução. Os esportistas enfrentarão dois tipos de transição ao longo de sua carreira, que são as previsíveis, antecipadas ou *normativas* (por exemplo, de nível júnior para sênior, de status amador para profissional, o encerramento da carreira esportiva), e as mais ou menos imprevisíveis, involuntárias ou *não normativas* (por exemplo, uma lesão ao final de uma temporada, a não seleção em um time, a perda de um técnico pessoal); uma profunda compreensão do fenômeno das transições de carreira e etapas é certamente necessária a fim de apoiar o desenvolvimento de carreira de atletas talentosos (WYLLEMAN; REINTS, 2010).

A carreira do atleta apresenta alguns pontos em comum com as carreiras tradicionais: há uma estrutura linear de carreira organizacional, contratos relativamente estáveis são estabelecidos com os clubes, e a (não-) seleção é determinada por algum gestor ou superior. Porém, seria possível afirmar que os atletas teriam a chamada carreira sem fronteiras que, segundo Arthur e Rousseau (1996), envolve várias formas cujas premissas estão em bases distintas daquelas do emprego tradicional. Os autores sugerem que a carreira sem fronteiras segue seis formas: 1. envolve mobilidade além dos limites dos empregadores, 2. desenha validação ou negociabilidade de fora para dentro de sua organização, 3. depende mais de contatos e informações externos que estruturas internas, 4. quebra reportes hierárquicos e princípios de progresso, 5. está principalmente construída por compromissos pessoais e familiares, e 6. é percebida pelas pessoas com liberdade relativa nas restrições estruturais.

Adicionalmente, a carreira atlética poderia ser vista como aquela que Templer e Cawsey (1999) denominam de *portfolio*, em que o profissional desenvolve um conjunto de habilidades, e consequentemente seu valor está atrelado ao resultado que produz. Ou, em um sentido mais amplo, esse tipo de carreira também seria caracterizado como uma sequência de experiências relacionadas às funções ao longo da vida (HALL; MOSS, 1998).

Baruch (2004) afirma que, por fim, existe uma variedade de definições para o sucesso na carreira: satisfação interna, equilíbrio entre vida pessoal e profissional, autonomia e liberdade, e outras questões percebidas, além daquilo que é considerado sucesso tradicional (capital

acumulado, status, quantidade de promoções). Para os atletas, o modelo mental de sucesso deve estar mais relacionado às características tradicionais, que seriam número de títulos, recordes, reconhecimentos públicos, renda obtida, e frequência na mídia, por exemplo.

Em relação à identidade esportiva, Harris (1994) e Rubio (2001) acreditam que atletas sejam figuras heroicas, sendo o papel do esportista relevante na sociedade, já que as pessoas estão acostumadas a vê-los como referências. Com a crescente importância do esporte em muitos países, vê-se a tendência de considerar seus profissionais como modelos a serem seguidos.

Ressalta-se que os jovens nos Estados Unidos tendem a escolher atletas – mais que personalidades do mundo do entretenimento, políticos ou líderes militares – quando eles têm a opção de selecionar alguém admirável, famoso e heroico (HARRIS, 1994). A autora destaca que lealdade e laços próximos sentidos pelo público em geral perante atletas e times seriam pontos essenciais para essa escolha.

Segundo Rubio (2001), cria-se o mito do herói quando um atleta executa um feito atlético apreciado por grande parte ou totalidade das pessoas. Dessa forma, todos querem acompanhar a vida e a carreira desse atleta, buscando seguir um tipo ideal. Porém, o atleta é um ser humano como qualquer outro, e acaba sendo duramente criticado e subvalorizado quando comete algum erro ou infringe regras de qualquer natureza.

3.2.3 Encerramento da carreira esportiva

Todo esportista está ciente de que um dia sua carreira atlética de alto desempenho terá um fim, por qualquer motivo que seja ou surja. E a sua vida como atleta se acaba, podendo ser comparável a uma morte (FEIFEL, 1977) ou, pelo menos, a uma perda simbólica (BOWLBY, 2002).

Feifel (1977) afirma que uma experiência paralela à morte seja a fatalidade de um indivíduo que tenha construído sua identidade relacionada a uma proeza física excepcional, como é o caso dos atletas. O autor alega que muitos jovens esportistas morrem sem receber um certificado de morte. Apesar de os ex-atletas manterem uma ótima forma física se comparados à população geral, eles não conseguem mais competir com outros atletas de destaque.

Segundo Kovács (1992), o medo é a resposta psicológica mais frequente diante da morte, composto por várias dimensões. Para a autora, as pessoas geralmente têm medo da própria

morte, ou seja, a consciência da própria finitude, assim como a fantasia de como será o fim e como isso ocorrerá. É comum que surja o medo do sofrimento e da indignidade pessoal, quanto à própria morte, causando sentimentos de impotência. Após esse momento, há um receio do julgamento e da rejeição, até mesmo da perda da relação (KOVÁCS, op cit.).

Bowlby (2002) destaca que, devido à morte, há o processo de luto, ligado a um conjunto de reações frente a uma perda. São quatro as fases do luto:

1. Fase de choque: com duração de algumas horas ou semanas, geralmente acompanhada de manifestações de desespero ou de raiva, envolvendo um alto nível de tensão; as expressões emocionais são mais intensas e pode haver ataques de pânico ou raiva.
2. Fase de desejo e busca da figura perdida: podendo durar meses ou anos, e a raiva pode estar presente quando se percebe que efetivamente ocorreu a perda, causando inquietação, insônia e preocupação.
3. Fase de desorganização e desespero: em caso de perda temporária, a raiva torna-se instrumental, e há a tentativa de se recuperar um vínculo antes rompido; a esperança é intermitente, ocasionando choro, raiva, acusações e ingratidão com pessoas próximas.
4. Fase de alguma organização: há uma tentativa de conciliação, ou seja, o processamento da aceitação da perda definitiva e a noção de que uma nova vida precisa ser iniciada; é uma etapa de novas buscas, podendo retornar sentimentos de saudade e tristeza, já que o processo de luto pode ser até nunca concluído.

Algumas pessoas sobrevivem às suas mortes parciais e, dependendo do indivíduo, o processo de luto pode ser estar relacionado a uma etapa drástica ou a uma transição relativamente harmoniosa (FEIFEL, 1977).

Em pesquisas sobre encerramento de carreira no esporte, Ogilvie e Taylor (1993) enfatizam que há quatro causas principais: idade, não seleção, ferimento ou dano, e livre escolha. Alfermann (2000) entende que as três primeiras causas são os motivos de impossibilitarem os atletas a continuarem competindo por quedas de desempenho e, por falta de opção, são forçados a se retirarem do esporte, sendo circunstâncias que estão fora de seu controle. Então, a autora acredita que, no caso dos esportistas, há uma dicotomia: aqueles que se aposentaram por vontade própria, e aqueles que foram forçados por fatores maiores.

Rosenberg (1984) e Lerch (1984) foram uns dos primeiros autores a tratarem o tema diretamente, e julgam que o encerramento da carreira esportiva esteja relacionado à dessocialização do esporte. Ambos os autores encaram a aposentadoria atlética como uma morte social, dado que na sociologia, identidade, status e ocupação estão inextricavelmente juntos na psique humana.

Os estudos iniciais que discutiram o encerramento da carreira esportiva estiveram apoiados sobre as teorias da gerontologia, cujas pesquisas estavam relacionadas à aposentadoria de trabalhadores seniores. Rosenberg (1984) afirma que, para muitos atletas, no momento da retirada o ajuste social e psicológico é mais problemático que o ajuste econômico.

3.2.2.1. Fatores da aposentadoria na carreira esportiva

De acordo com Samulski et al. (2009), grande parte dos trabalhos em transição de carreira nos esportes apresenta diversos fatores do término, que são positivos e negativos. De maneira similar a Ogilvie e Taylor (1993), Hackfort e Huang (2005) identificaram quatro principais causas para o encerramento da carreira esportiva: idade, não seleção ou não alcance de índices de desempenho, contusão, e escolha própria. Ainda segundo esses últimos autores, motivos menos frequentes seriam: desejo de mudança, apoio financeiro escasso ou inexistente, perda de motivação, conflitos com o treinador, e desejo de dedicar mais tempo a outros relacionamentos.

Quanto ao aspecto financeiro da carreira esportiva, é comum encontrar dados divulgados pela imprensa que são quase inimagináveis, pois os salários dos atletas de maior destaque, como jogadores de futebol, de tênis, de basquete, de boxe, de golfe, de fórmula 1, podem ser de dezenas de milhões de dólares por ano. Porém, no levantamento realizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), considerando os jogadores profissionais de todos os níveis no país, constatou-se que apenas 3% dos atletas do futebol ganham um salário de mais de R\$ 9.000,00; 13% tem uma renda mensal que varia entre R\$ 1.000,00 e R\$ 9.000,00, e a grande maioria (84%) recebe menos de R\$ 1.000,00 por mês (CBF, 2009).

Mesmo após grande divulgação dessa pesquisa na mídia, a busca por uma carreira no futebol ou no esporte em geral não diminuiu (SOARES et al., 2011). Costuma-se apresentar os atletas como profissionais que ganham muito dinheiro, mas destacam somente os prêmios em dinheiro e os salários recebidos, sem contar o esforço financeiro que fizeram para atingir tal

resultado, e os gastos no esporte podem ser bem altos. Além disso, um bom atleta normalmente não compete mais do que dez anos no nível de elite, e tais valores correspondem ao esporte de alto rendimento. Essa realidade descaracteriza o imaginário que as pessoas têm acerca do esportista profissional.

É comum entender o fim da carreira esportiva como um fato negativo; porém, existem algumas consequências positivas relacionadas ao encerramento dessa carreira, que seriam a ampliação do grupo social e realização de atividades sociais (SAMULSKI, 2009). Mais importante do que entender as causas, Alfermann e Stambulova (2007) propõem que é necessário considerar se o encerramento da carreira esportiva ocorreu de forma voluntária ou involuntária quanto à tomada de decisão. Quando a aposentadoria do esporte é feita voluntariamente, observa-se um efeito positivo para o ex-atleta, pois ele está disposto a cultivar uma nova atividade pessoal e/ou profissional.

Reforçando essa hipótese, Lavalley, Grove e Gordon (1997) fizeram uma pesquisa com atletas australianos, concluindo que a aposentadoria involuntária estava mais associada ao ajuste emocional e social significativamente maior, cujos ex-atletas perceberiam mais dificuldades nos controles pessoais sobre os motivos da saída do esporte de alto rendimento.

Então, apesar de todos os atletas saberem que a carreira atlética é curta e tem um término, nem sempre esse público a finaliza voluntariamente. Dentre os quatro fatores mencionados por Hackfort e Huang (2005), pode-se dizer que três, a saber: idade, não seleção ou não alcance de índices de desempenho, e contusão; estão relacionados à decisão involuntária, e somente a questão da escolha própria seria do tipo voluntário.

3.2.2.2. Adaptação do modelo de transição de carreira na aposentadoria

A transição de carreira na aposentadoria apresenta algumas divergências quando são comparadas às carreiras tradicionais e às atléticas. As mudanças profissionais geralmente acontecem por diversos questionamentos individuais, problemas com sentimento de esperança e vontade de ser herói, que culminam na busca de novas oportunidades e, então, nova identidade. E na transição do atleta, é bastante comum que ocorram pelo esgotamento físico ou idade avançada, crises com sentimento de morte com a busca de novas oportunidades, e aspiração por ser um mito, sentindo a falta de um rumo.

No entanto, alguns pontos em comum são inevitáveis em qualquer processo de aposentadoria, como as mudanças e a descoberta da nova identidade, a busca de desafios, o momento de reflexão sobre a carreira, a necessidade de preparo psicológico, o planejamento financeiro, e principalmente a necessidade de apoio, tanto de pessoas próximas quanto de contatos distantes.

Dessa forma, o Quadro 1 consolida a ideia dessa comparação e pode-se perceber que o ex-atleta tem praticamente mais uma vida profissional a ser enfrentada. Os desafios costumam ser ainda maiores para os profissionais do esporte pelas condições às quais estão submetidos.

Quadro 1 – Término da carreira e mudança de identidade

Tipo de profissional	atleta		ex-atleta
Término da carreira	28 aos 30 anos		após os 60 anos
Identidade	herói		mito
Atividades	esportivas		relacionadas ou não ao esporte
Dificuldades	de dores, de pressão		emocionais, financeiras, de dores
Limitações	físicas		físicas ou mentais

FONTE: a autora.

O modelo apresentado (Quadro 1) também tende a passar a ideia de que o atleta profissional provavelmente se aposenta duas vezes, sendo uma no esporte de alto rendimento, e outra na nova carreira adotada.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção está dividida em seis partes: definição da natureza da pesquisa, apresentação do modelo de estudo, delimitação dos sujeitos da pesquisa, estratégia de coleta de dados, explicação do instrumento de pesquisa, e técnica de análise de dados.

4.1 Natureza da pesquisa

Por meio da abordagem qualitativa, é possível descrever a realidade a ser estudada, possibilitando uma análise com maior profundidade, visto que nos processos de transição de carreira outros fatores poderiam emergir como variáveis importantes para o estudo, não previstas no modelo teórico. A pesquisa qualitativa considera que há uma relação indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que impossibilita a compreensão do fenômeno somente por meio de números.

De acordo com Creswell (2009, p. 175-176), há algumas características que a pesquisa qualitativa apresenta, cujos pontos são destacados a seguir, por serem também aspectos deste estudo:

- Cenário natural: a coleta de dados deve ocorrer onde os participantes vivenciam a experiência do problema de estudo – em todos os casos tentou-se preservar o ambiente do próprio respondente, seja na sua casa ou no seu trabalho.
- Pesquisador como um instrumento chave: os dados devem ser coletados pelo próprio pesquisador, desde os documentos a serem analisados, o comportamento dos participantes, até a interação na entrevista – a pesquisadora foi a responsável por toda a captação dos materiais.
- Fontes múltiplas de dados: os pesquisadores devem apoiar-se em diversas origens de dados, como entrevistas, observações e documentos, de forma conjunta, revisando, compreendendo e organizando-os em categorias – quando possível, mais de uma fonte foi consultada.
- Significados dos participantes: o processo de pesquisa qualitativa envolve um foco na aprendizagem de significado, que o participante atribui, por parte do pesquisador – busca-se considerar o significado dado pelo respondente, e não aquele que a literatura traz.

- Lente teórica: os pesquisadores qualitativos geralmente utilizam lentes para ver seus estudos, mas que devem ser organizados ao se identificar o contexto social, político ou histórico do problema.
- Interpretação: o método qualitativo pressupõe uma forma de questionamento interpretativo, em que o pesquisador interpreta o que ele vê, ouve e entende, apesar de que as interpretações não podem ser separadas de seus históricos, contextos e compreensão prévia – apesar de ser uma etapa mais abstrata, houve a tentativa de interpretar diversos fatores que estavam além dos previstos.
- Holística: os pesquisadores tentam desenvolver uma figura complexa do problema sobre o estudo, que envolve discutir perspectivas múltiplas e identificar diversos fatores ligados a uma situação e um modelo visual de vários lados de um fenômeno – os casos tiveram seus contextos relativizados e as várias perspectivas foram consideradas de cada participante.

4.2 Modelo de estudo

Entende-se que a transição de carreira para a aposentadoria seja tratada de forma genérica, e muitas vezes ela é baseada em estudos na área da gerontologia e/ou da gestão de pessoas. Para este trabalho, foi desenhado um modelo de estudo em que:

- Foi entendido que o modelo teórico de transição de carreira na aposentadoria, adaptado de Feldman e Beehr (2011) e de Hesketh, Griffin e Loh (2011), seria tratado como uma premissa para os ex-atletas;
- Foi verificado o modelo de transição de Nicholson (1990) e sua aplicabilidade para ex-atletas, comparando os ciclos de transição propostos pelo autor com as etapas vivenciadas pelos esportistas (Quadro 2);

Quadro 2 – Modelo de transição de Nicholson (1990)

Ciclo de transição	Preparação (Etapa V/I)	Conflito (Etapa II)	Ajuste (Etapa III)	Estabilização (Etapa IV)
Tarefas e objetivos	Desenvolvimento de expectativas, motivos e sentimentos úteis.	Confiança e prazer no <i>sensemaking</i> .	Mudança pessoal, papel de desenvolvimento e de construção de relacionamentos.	Confiança sustentada, comprometimento e eficiência com tarefas e pessoas.
Armadilhas e problemas	Medo, relutância e despreparo.	Choque, rejeição e arrependimento.	Má adaptação, degradação e luto.	Falha, fatalismo e fingimento.
Estratégias e soluções	Previsão realista, contatos antecipados e autoavaliação.	Apoio social, segurança do sistema, liberdade para explorar e descobrir.	Trabalho real para fazer, sucesso antecipado, falha útil por meio de <i>feedback</i> rápido e controle mútuo.	Estabelecimento de objetivos e avaliação para evolução de papel e gestão de conflitos.
O papel dos sistemas de gestão	Recrutamento, educação e treinamento, análise de carreira e aconselhamento.	Alocação e treinamento de socialização induzida (análise de trabalho-grupo), e programação e planejamento de trabalho.	Estilo de supervisão e mentoring, mecanismos de <i>feedback</i> de desempenho, atividades de desenvolvimento pessoal e coletivo, redesenho de cargo.	Liderança de sistemas de controle, alocação de recursos, revisão e avaliação de desempenho.

FONTE: adaptado de Nicholson (1990).

- Foi aplicado o modelo de desenvolvimento de Higgins e Kram (2001) para identificar quais são as características dos indivíduos pesquisados, relacionando esses perfis com o tipo de tomada de decisão para o encerramento da carreira esportiva (LAVELLE; WYLLEMAN, 2000), e então como os resultados de carreira atingidos podem ser explicados de acordo com o processo de transição (JUDGE et al., 1995; GREENHAUS; PARASUMARAN; WORMLEY, 1990). Elaborou-se, então, um cubo (Figura 3) que é a fusão do modelo de relacionamento de desenvolvimento de rede de contatos, em que se identificam diversidade e força desses contatos, com as formas de término da carreira atlética.

Figura 3 – Modelo de análise de resultados
 FONTE: adaptado de Briscoe (2012).

4.3 Sujeitos da pesquisa

O universo da pesquisa corresponde aos ex-atletas que encerraram sua carreira esportiva, ou seja, que tenham renunciado às práticas atléticas, nos últimos dez anos. Tal universo também contempla todos os atletas profissionais que já passaram da sua fase de desenvolvimento e estão atualmente na fase de descontinuação (WYLLEMAN; REINTS, 2010), que normalmente acontece entre os 25 e 35 anos de idade, dependendo da modalidade ou do próprio indivíduo.

Não são considerados os ex-atletas que se aposentaram há mais de dez anos pelas grandes mudanças ocorridas no contexto esportivo, como já abordado anteriormente. Os indivíduos que foram atletas até a década de 1980 lidaram com condições diferenciadas do esporte, principalmente quanto à profissionalização.

Além disso, são apenas considerados os profissionais representantes de modalidades esportivas individuais, pois a carreira é analisada do ponto de vista de cada pessoa, e os resultados de carreira devem ser julgados de forma particular. As dinâmicas das equipes esportivas não fazem parte deste estudo, então somente modalidades individuais são consideradas, sejam elas Olímpicas ou não.

A seleção dos sujeitos da pesquisa foi por conveniência, ou seja, foram convidados para a pesquisa os atletas profissionais que estavam ao alcance por meio das redes de contato e das federações de esportes. Esperava-se atingir uma amostra de pelo menos quinze esportistas nessa fase da carreira. A variável *gênero* não foi considerada na proporcionalidade da amostra, mesmo havendo diferenças significativas entre homens e mulheres no esporte (PARKER; WHITE, 2007; YOUNG; WHITE, 2007), pois a questão da individualidade foi considerada mais importante.

4.4 Estratégia de coleta de dados

Os procedimentos de coleta de dados inicialmente envolveram: identificar indivíduos propositalmente selecionados para o estudo proposto, ou seja, participantes que mais ajudarão na compreensão do problema de pesquisa, e indicar os tipos de dados a serem coletados, preferencialmente mais de um (CRESWELL, 2009). Os tipos de dados qualitativos podem ser classificados e explicados conforme o Quadro 3.

Quadro 3 – Tipos de coleta de dados para pesquisa qualitativa

Tipo de coleta de dados	Opções	Vantagens	Limitações
Entrevistas	Face-a-face, ou entrevista pessoal. Por telefone. Grupo focal. Por correio eletrônico.	Utilidade quando os participantes não podem ser diretamente observados. Os participantes oferecem informações históricas. Possibilidade de o pesquisador controlar a direção das perguntas.	Disponibilidade de informações indiretas, filtradas pelas visões dos entrevistados. A informação é ajustada dependendo do cenário. A presença do pesquisador enviesará a resposta. Nem todas as pessoas são articuladas.
Documentos	Documentos públicos, como atas de reunião ou jornais. Documentos privados, como periódicos, diários ou cartas.	Possibilidade de o pesquisador obter a linguagem e as palavras dos participantes. Os dados podem ser acessados quando for mais conveniente ao pesquisador. Como evidências escritas, ganha-se com tempo e custo de transcrições.	Nem todas as pessoas são articuladas. As informações podem ser protegidas ou indisponíveis. O pesquisador enfrenta problemas de acesso. Necessidade de transcrição ou exposição ótima de imagem. Os materiais podem estar incompletos ou não serem autênticos.
Observações	Participante completo. Observador como participante. Participante como observador. Observador completo.	Experiência de primeira mão com o participante. O pesquisador pode tomar nota à medida que o fenômeno ocorre. Aspectos incomuns são notados. Utilidade ao explorar tópicos que parecem ser desconfortáveis aos participantes.	O pesquisador pode parecer um intruso. Informações provadas podem ser observadas, mas não reportadas. Pouca habilidade de observação por parte do pesquisador.

FONTE: adaptado de Creswell (2009, p. 179-180).

A primeira entrevista científica foi realizada em 1912 por Bowley, e nas primeiras décadas do século XX as entrevistas pessoais foram desenvolvidas nos Estados Unidos. Os instrumentos padronizados foram desenvolvidos para mensurar atitudes e opiniões (LEEUEW, 2008).

Para atender aos objetivos deste trabalho, foram realizadas entrevistas pessoais com os sujeitos da pesquisa. As entrevistas foram gravadas (voz) e transcritas, com o consentimento formal do pesquisado, cuja identidade foi preservada. Quando os sujeitos não estavam disponíveis para uma entrevista face-a-face, a pesquisa foi realizada por uma ferramenta de comunicação instantânea via internet.

Conforme pré-teste realizado com um indivíduo aposentado há treze anos, porém fora do ramo esportivo, estimou-se que cada entrevista tivesse a duração de 60 a 90 minutos. Por

questões emocionais envolvidas, as variações no tempo de entrevista foram grandes (encurtadas ou mais demoradas).

Durante as entrevistas, também foram apontadas as observações, que apesar de não terem sido uma finalidade do estudo, foi possível identificar aspectos adicionais à fala, como reações faciais e corporais, emoções de caráter positivo e negativo, pontos de estresse, entre outros. Na maioria dos casos, o tipo foi observador como participante, pois isso foi impossibilitado quando a entrevista não foi realizada face-a-face.

Adicionalmente, foram coletadas inúmeras informações acerca dos sujeitos de pesquisa, disponíveis publicamente na *web*. Esses materiais correspondem a enciclopédias eletrônicas, páginas das associações de modalidades esportivas, tanto nacionais quanto internacionais, páginas de notícias, páginas pessoais e blogs. A lista das páginas consultadas consta no Apêndice A.

Após contatos e confirmações por email e/ou telefone, as entrevistas foram realizadas de novembro de 2012 a agosto de 2013, sendo 13 delas presenciais, e duas pelo software Skype. Em média, as entrevistas, gravadas em áudio, duraram aproximadamente 45 minutos cada.

Foram realizadas 15 entrevistas e duas delas foram descartadas por não cumprirem os requisitos estabelecidos neste trabalho: um entrevistado revelou que sua competição era coletiva, apesar de a modalidade contemplar corridas individuais, e outro entrevistado revelou que sua carreira no esporte de alto rendimento finalizou há mais de dez anos.

4.5 Instrumento de pesquisa

O roteiro para as entrevistas foi estruturado em três grandes blocos, mas também permitindo que a pesquisadora extrapole as questões previamente elaboradas, de acordo com os assuntos abordados pelo respondente, assim como tenha respostas mais amplas, de maneira a aproveitar melhor a oportunidade da entrevista. O questionário pode ser visualizado no Apêndice B deste documento.

Dessa forma, o roteiro de pesquisa proposto conta com onze partes, que resultam em 21 perguntas (Quadro 4). Todas as questões são abertas, sendo sete delas respondidas também

em papel, de forma opcional: cinco correspondem a marcações em uma linha do tempo, e duas estão relacionadas à rede de relacionamento de desenvolvimento (HIGGINS; KRAM, 2001).

Quadro 4 – Estrutura da entrevista

Blocos	Dimensões	Variáveis
A. Passado	Contexto	Marcos mais importante da vida, desde o nascimento, incluindo a história dos pais
B. Linha do tempo em relação à aposentadoria	<i>Fases da transição</i>	
	Preparação	Primeira vez em que se pensou sobre aposentadoria Quando o tema torna-se uma preocupação constante (ou não)
	Acontecimento	Quando ocorreu a(s) aposentadoria(s)
	Ajuste, estabilização	Quando houve mudança de carreira após a aposentadoria
C. Processo da transição	<i>Conceitos</i>	
Motivo: o quê e por quê	Aposentadoria voluntária ou involuntária	Por que aconteceu a aposentadoria O que causou a aposentadoria Como ocorreu a aposentadoria
Sentimentos	<i>Sensemaking</i>	Como foi o sentimento nesse momento O que se sentiu antes e depois da aposentadoria
Apoio: redes de contato	Força e diversidade	Descrição da rede de relacionamento de desenvolvimento
Apoio: outros	Contatos no esporte	Como empresário, gerente(s) e técnico/a(s) ajudaram o atleta no processo de aposentadoria Identificação de outras pessoas que foram importantes nesse processo
Identidade	Auto-descrição	Auto-descrição antes e depois da aposentadoria Motivo pelo qual essa mudança aconteceu (ou não)
Resultados	Objetivos e satisfação	Principais objetivos como atleta e como lidou com isso Satisfação com a carreira Novas metas para a vida Estratégia para atingimento dos objetivos
Aspectos financeiros	Renda anual	Média dos recebimentos (salário e outras rendas) como atleta e ex-atleta

FONTE: a autora.

4.6 Técnica de análise de dados

Segundo Creswell (2009), a análise de dados qualitativos envolve um processo de contínua reflexão sobre os dados, as questões do estudo e anotações escritas acerca do trabalho. Assim, as análises dependerão do tipo de estratégia adotada, pois dependem de um procedimento geral que guia os passos da análise de dados. O autor sugere o esquema a seguir (Figura 4), cujas etapas devem garantir a validade da precisão das informações.

Figura 4 – Análise de dados qualitativos
 FONTE: adaptado de Creswell (2009, p. 185).

Tais etapas foram respeitadas e cumpridas neste estudo. Quanto à quarta fase, codificação dos dados, Creswell (2009) cita quatro *softwares* que podem auxiliar no processo, sendo o HyperRESEARCH um deles. Destaca-se como vantagens a facilidade de uso para codificação e tabulação, a possibilidade de se construir teorias, e a condução para a análise de dados. Este foi o programa adquirido e utilizado para este trabalho, aproveitando-se suas funções de *codebook* e organização de textos.

A análise dos dados foi efetuada por meio da análise de conteúdo. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção dessas mensagens.

Dessa forma, sendo a finalidade da análise de conteúdo produzir inferência, busca-se identificar vestígios e/ou índices evidenciados por determinados procedimentos (PUGLISI; FRANCO, 2005). Vale ressaltar que esses autores afirmam que o contexto seja indispensável para a necessária análise e interpretação dos textos que são decodificados e, principalmente, para que se possa estabelecer a diferenciação resultante dos conceitos de significado e sentido.

E à medida que as inferências são feitas, deve-se verificar a validade dos dados, dado que Creswell (2009) propõe alguns métodos, como a triangulação, que implica confrontar as diferentes fontes de dados ao examinar as evidências das fontes com uma justificativa coerente para os temas.

Nas falas das entrevistas, sugere-se também considerar a relatividade, que é uma condição que os indivíduos têm de se manifestarem: no horizonte do tempo, e não do intelecto, com o

incessante movimento de mostrar-se ou ocultar-se. A relatividade, que é imposta pelo próprio ser, está relacionada à provisoriedade das condições em que tudo aquilo que é vem a ser e permanecerá sendo (CRITELLI, 1996).

Segundo Critelli (1996), é característico do ser humano não poder ser totalmente consumado pelo mundo em que vive, e por isso as ideias podem mudar ao longo do tempo, assim como as sensações, as emoções, as perspectivas e as lembranças, pois também mudam os modos de relação que as pessoas mantem com as coisas, outras partes e consigo mesmos.

Considerando-se as variáveis e os modelos de estudo, supõe-se que as análises poderiam prover características dos ex-atletas pesquisados, havendo a possibilidade de compreender a transição no encerramento da carreira do ex-atleta. Existe a hipótese de que os profissionais que se aposentam voluntariamente fazem a transição de maneira positiva, diferentemente daqueles que não tomam uma decisão acerca do assunto e não tem a possibilidade de continuar com suas atividades atléticas.

Adicionalmente, entende-se que cada sujeito de pesquisa tenha passado por uma transição relevante em sua vida, o que implica ter passado por um processo. Para Corbin e Strauss (2008), o processo é uma ação/interação/emoção contínua que se tem em resposta a uma situação ou problema, geralmente com o propósito de se atingir um objetivo ou lidar com um evento. Para eles, essas ações/interações/emoções ocorrem ao longo do tempo, envolvem sequências de diferentes atividades e interações, além de reações emocionais, com um sentido de causa e continuidade.

Os processos estão bastante relacionados com o contexto porque as pessoas agem em resposta a algo, que podem ser questões, problemas, situações, objetivos e eventos que estão ocorrendo em suas vidas, sendo essa relação muito complexa, com variações de intensidade, tipo e tempo da ação/interação/emoção. E à medida que as condições contextuais e estruturais mudam, são feitos ajustes nas ações/interações/emoções. É por isso que ocorrem tantas variações nas ações/interações/emoções em situações similares, já que as pessoas tendem a definir situações de forma diferente ou dar significados distintos às suas experiências (CORBIN; STRAUSS, 2008).

Pode-se descrever o processo em termos de desenvolvimento, como fases ou estágios, implicando uma natureza linear ou progressiva. Porém, nem todos os processos são lineares

ou progressivos, podem ser caóticos. Então, uma forma de se descrever um processo é por sequências ou uma série de ações/interações/emoções que reagem a situações ou problemas. Além disso, os processos podem ser psicossociais, educacionais, legais, administrativos, políticos etc. (CORBIN; STRAUSS, 2008).

Figura 5 – Representação visual do processo

FONTE: Corbin e Strauss (2008, p. 99).

Os dados, então, são analisados por processos (Figura 5): os achados são tratados com um sentido de vida ou de movimento, encorajando a incorporação de variação nas descobertas; ao longo das variações, os processos podem levar à identificação de padrões, à medida que se buscam similaridades quando as pessoas definem situações e a forma como lidam com isso (CORBIN; STRAUSS, 2008).

Assim sendo, as entrevistas foram analisadas de acordo com categorias pré-determinadas, seguindo as dimensões – etapas da carreira esportiva – explicitadas no instrumento de pesquisa deste trabalho. Quando surgiram categorias de análise não identificadas previamente, elas foram criadas e utilizadas para complementar o estudo.

A seguir (Quadro 5) apresentam-se resumidamente as proposições para este estudo:

Quadro 5 – Proposições do estudo

Processo da transição	Aposentadoria voluntária		Aposentadoria involuntária	
	Alto apoio organizacional	Baixo apoio organizacional	Alto apoio organizacional	Baixo apoio organizacional
Formal (técnico, empresário, consultor)	Satisfação: +++ Perspectivas: ++ Resultados da nova carreira: +++ Confiança: +++	Satisfação: +++ Perspectivas: ++ Resultados da nova carreira: ++ Confiança: +	Satisfação: - Perspectivas: ++ Resultados da nova carreira: ++ Confiança: 0	Satisfação: - Perspectivas: + Resultados da nova carreira: + Confiança: -
Informal (outros atletas, família, amigos)	Satisfação: +++ Perspectivas: ++ Resultados da nova carreira: + Confiança: ++	Satisfação: ++ Perspectivas: + Resultados da nova carreira: + Confiança: +	Satisfação: -- Perspectivas: + Resultados da nova carreira: + Confiança: 0	Satisfação: -- Perspectivas: 0 Resultados da nova carreira: 0 Confiança: -

FONTE: a autora.

A ideia é buscar evidências e casos que mostrem as características quanto à satisfação, perspectivas, resultados da nova carreira, e confiança, de acordo com o apoio que cada sujeito tiver no processo da transição, e com o tipo de aposentadoria. No capítulo seguinte, os resultados serão apresentados e discutidos, seguindo a proposta de análise de dados descrita nesta seção.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA

Este capítulo trata do perfil dos treze respondentes selecionados para a pesquisa e explica as quatro categorias de análise. Após apresentação e análise dos resultados, são discutidos outros tópicos relacionados à proposta deste trabalho: (1) o processo de transição, (2) o ciclo de transição, (3) as redes de contatos no processo de transição, (4) os aspectos financeiros na transição, e (5) o contexto e os resultados de carreira positivos.

5.1 Perfil dos respondentes

Todos os respondentes válidos da pesquisa eram brasileiros natos ou naturalizados, haviam praticado esportes de modalidade individual e tinham de 32 a 47 anos de idade. Com exceção de um deles, que afirmou estar em transição, todos haviam se aposentado do esporte de alto rendimento nos últimos dez anos.

Dentre os respondentes da pesquisa, havia três paratletas, sendo dois com deficiência visual, e um com deficiência motora. Eram dez homens e três mulheres, e duas das mulheres eram as referidas paratletas. Quanto à participação em Jogos Olímpicos, dez deles competiram nesse evento pelo menos uma vez em sua carreira, sendo que um dos respondentes participou de seis edições; desses dez, seis foram medalhistas de ouro, prata e/ou bronze. Sobre os três que não conseguiram vaga nas Olimpíadas, todos participaram pelo menos de quatro edições de campeonatos mundiais de sua modalidade. As modalidades representadas pelos participantes eram todas Olímpicas: atletismo, canoagem, esgrima, natação, tênis, e tênis de mesa.

Quanto às características de suas aposentadorias, dez foram voluntárias e duas involuntárias (um deles estava em transição). Além disso, cabe destacar que dos 13 entrevistados, sete cursaram o ensino superior, e seis não o fizeram, enquanto oito deles continuam vinculados ao esporte na sua nova carreira.

5.1.1 Entrevistado 1

O Entrevistado 1 (E1) é natural de Santo André, estado de São Paulo, nasceu no ano de 1972, e aos seis meses foi abandonado pelo pai, sendo cuidado apenas pela mãe. Praticou atletismo desde criança e sua iniciação no esporte foi promovida por um projeto social que estava

inserido nas escolas públicas da sua cidade natal. Quando tinha 13 anos de idade, foi revelado como um talento nas competições, marco que cita em seu relato sobre o passado.

Ele sempre competiu em provas de curta distância, cuja especialidade eram os 200 metros rasos, além do revezamento 4 x 100 metros. Ele mudou-se para Presidente Prudente, interior paulista, para intensificar seus treinos de alto rendimento: em 1992, aos 19 anos, alcançou a marca suficiente para participar dos Jogos Olímpicos de Barcelona, onde ficou na 45ª posição dos 200 metros rasos. Classificou-se também para as Olimpíadas de Atlanta (1996), onde conquistou a medalha de bronze pelo revezamento 4 x 100 metros, para a edição de Sidney (2000), ganhando a medalha de prata, novamente pelo revezamento 4 x 100 metros, e finalmente para os jogos de Atenas (2004), porém sem medalhas ao atingir a fase final. Em 2008, ao tentar um índice para competir nos Jogos Olímpicos de Pequim, machucou o tendão de Aquiles, e não pôde contabilizar a sua quinta participação em Olimpíadas. Nesse mesmo ano (2008), ele deixou o esporte, apesar de ter declarado que tentou voltar em outras modalidades do atletismo de forma não oficial.

Antes desse marco importante, ele tinha iniciado um trabalho com um canal aberto de televisão em 2007, atuando como comentarista de competições de atletismo, atividade que exerceu pelo menos até o momento da entrevista. No momento da aposentadoria, Ele comunicou a imprensa, e alegou que o motivo principal foram as lesões. Depois de conseguir o novo trabalho como comentarista, foi convidado por uma organização para um projeto esportivo remunerado, atividade em que representa um medalhista Olímpico e ajuda a inspirar novos talentos por meio de clínicas, e também iniciou projetos sociais na área da informática e do atletismo. Aproveitou esse momento para preencher a sua rotina com outros estudos, e estava cursando sua segunda faculdade, no curso de Arquitetura e Urbanismo.

5.1.2 Entrevistado 2

Também do atletismo de provas de curta distância, com destaque para os 100 e 200 metros rasos, e revezamento 4 x 100 metros, o Entrevistado 2 (E2) nasceu em Lençóis Paulista, estado de São Paulo, no ano de 1970, onde viveu em alguns orfanatos até os 18 anos de idade. Até então, não havia conhecido o atletismo e começou a correr por uma questão de vaidade, aos 19 anos. Foi descoberto na cidade, e um ano depois já estava competindo em eventos regionais. Aos 21 anos, foi levado à Araçatuba, no interior paulista, para treinar em alto

rendimento, e mudou-se para Presidente Prudente aos 23 anos, treinando para competições cada vez mais relevantes.

Participava dos Jogos Regionais, e em 1996 foi o reserva da equipe de revezamento 4 x 100 metros que conquistou a medalha de bronze nas Olimpíadas de Atlanta. Nos Jogos Panamericanos de Winnipeg, em 1999, E2 foi o campeão dos 200 metros rasos. Em 2000, nos Jogos Olímpicos de Sidney, ganhou a medalha de prata pelo revezamento 4 x 100 metros. Nesse mesmo ano, sofreu uma lesão e sentiu muitas dores, impossibilitando-o de treinar por vários meses. Fez uma cirurgia para melhorar da lesão, mas não voltou a ter os mesmos resultados.

Segundo o próprio entrevistado, quando se desligou do esporte de alto rendimento como atleta, em 2005, ele alegou a idade avançada (34 anos) e o não atingimento de índices de desempenho. Após algumas tentativas frustradas de novas ocupações, passou a ser comentarista de eventos de atletismo em um canal fechado de televisão, e faz parte do time de um projeto esportivo patrocinado por uma organização. Além disso, mantém projetos inclusivos de atletismo em escolas públicas de Presidente Prudente, cidade onde continuou vivendo, então com sua esposa e filhos.

5.1.3 Entrevistada 3

De origem japonesa, nascida em Campinas, interior paulista, no ano de 1980, a Entrevistada 3 (E3) tornou-se deficiente visual nos primeiros dias de vida devido a um problema na incubadora, onde esteve por ser prematura. Começou a nadar aos três anos de idade, e já competia desde os seis. Nessa época, também fez aulas de dança rítmica, piano e flauta doce. No Brasil, por falta de competidores, os deficientes visuais costumam nadar em grandes categorias, onde não se separam por faixas etárias adequadamente, nem por deficiências tão específicas; então, E3 costumava participar de provas sem muitas distinções de idade ou deficiência visual parecida. Frequentava duas escolas, uma de crianças normais e outra para cegos, e sua família costumava fazer bastante esforço financeiro, a fim de mantê-la bem educada.

Por seu talento e resultados conquistados, em 1996, foi convocada para participar da edição dos Jogos Paralímpicos de Atlanta, quando tinha apenas 15 anos, sendo uma surpresa para a atleta. E3 garantiu sua vaga nas três edições de Paralimpíadas seguintes, e conquistou uma

medalha de ouro em 2000, outra de ouro em 2004, e uma de bronze em 2008. Nesse período, também foi campeã em diversas competições mundiais de natação e dos Jogos Panamericanos. Felizmente sua carreira não foi prejudicada por nenhuma lesão.

Enquanto fazia seus treinamentos, E3 nunca abandonou os estudos, formando-se em Relações Públicas aos 21 anos. A partir disso, dedicou-se somente à natação, decidindo voluntariamente encerrar sua carreira esportiva aos 27 anos de idade, após terminar a competição em Pequim (2008). Então, passou a buscar um emprego em organizações privadas, sem muito sucesso, apesar de ter conseguido um período de experiência; também recebia alguns convites para realizar palestras sobre sua carreira. Em 2010 passou a trabalhar em um banco federal, como técnica bancária, onde atuava com serviços internos.

5.1.4 Entrevistado 4

O Entrevistado 4 (E4), apesar de sempre ter defendido o Brasil nas competições internacionais, é de família argentina e nasceu em Buenos Aires no ano de 1971. Aos quatro anos, mudou-se para São Paulo com a família, onde reside até então. Tenista e disputando campeonatos desde criança, teve que voltar à sua terra natal para intensificar seus treinos, aos 15 anos. Em 1989, tornou-se o melhor jogador juvenil de tênis do mundo.

Ao longo de sua carreira atlética, sempre se manteve entre os melhores do mundo, na sua modalidade. Em 14 anos como profissional, viajou por inúmeros países, jogando em dezenas de campeonatos por ano, participou de 33 Grand Slams (os torneios mais importantes da modalidade) e no total conquistou 3 títulos da ATP (Associação dos Tenistas Profissionais). Ao participar dos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, foi o primeiro estrangeiro naturalizado brasileiro a disputar uma edição pela equipe do Brasil, onde ficou em quarto lugar. E4 também fez parte da equipe brasileira que compete a Copa Davis algumas vezes por ano, torneio que valorizava bastante; após deixar de ser jogador, foi também duas vezes o capitão desse time. Sua melhor colocação histórica foi a 25ª posição do *ranking* mundial, atingida em 1999.

Aos 32 anos de idade, decidiu aposentar-se do esporte de alto rendimento, e passou a praticar tênis somente como hobby. Como último torneio, escolheu os Jogos Panamericanos de Santo Domingo, realizado em 2003, ocasião em que foi medalhista de ouro; para ele, terminar sua carreira representando o Brasil foi um grande marco, pois durante sua carreira ouvia críticas

por ser argentino. Contudo, desde 2001, pelo menos, E4 já vinha buscando, com ajuda de uma gerente, novas possibilidades de trabalho para o futuro, quando deixasse de jogar competitivamente, e então se tornou apresentador de um programa de televisão em dois canais da rede aberta, além de manter um *blog* em uma página de notícias. No momento da entrevista, estava trabalhando como comentarista de tênis de um canal fechado de televisão, iniciando a coordenação de um novo projeto na televisão, e promovendo clínicas e eventos diversos para os praticantes de tênis.

5.1.5 Entrevistado 5

Paulista de Ituverava, o Entrevistado 5 (E5) costumava nadar desde criança, influenciado pelo pai, que foi jogador de basquete, e pela irmã mais velha, nadadora. Aos 13 anos, tornou-se federado e competiu por diversos clubes, até que assinou seu primeiro contrato profissional quando estava para completar 18 anos de idade, na cidade de São Paulo. E5 conciliava seus treinos com a escola, e cursou Economia nos Estados Unidos, onde teve bolsa de estudos por ter sido um estudante-atleta.

Em 1992, aos 19 anos, foi convocado para os Jogos Olímpicos de Barcelona, onde conquistou a medalha de prata na prova dos 100 metros livres. Ganhou outra medalha de prata na edição seguinte (Atlanta, em 1996), nos 200 metros livres, e uma de bronze nos 100 metros livres. Nas Olimpíadas de Sidney (2000), ficou em terceiro lugar na prova por equipes, revezamento 4 x 100 metros livres, e em 2004, na sua última participação Olímpica, teve o privilégio de ser o porta-bandeira na cerimônia de encerramento. Além desses feitos, participou de diversos campeonatos internacionais, com vitórias bastante expressivas.

Com um evento de despedida do esporte em 2004, aos 31 anos, E5 anunciou que deixaria de ser um atleta de elite, passando a dedicar-se aos seus negócios. Ele já vinha se preparando para abandonar as piscinas de sua rotina desde 2000, e esses quatro anos foram cruciais para que ele planejasse seu futuro como empresário. Quando entrevistado, E5 estava administrando algumas academias de natação em São Paulo, e desenvolvendo e promovendo uma metodologia em diversos locais do Brasil. Pelo seu histórico, foi homenageado e listado no *International Swimming Hall of Fame* em 2012, sendo o segundo brasileiro a figurar na instituição.

5.1.6 Entrevistado 6

O Entrevistado 6 (E6) é paulistano, nasceu em 1981 e passou boa parte da infância brincando de *skate*, praticando karatê e tentando várias outras atividades. Com a preocupação de sua avó por ficar exposto na rua, e a de sua mãe por não se fixar bem em algum curso extracurricular que fazia, entendeu-se que o tênis de mesa poderia ser uma boa solução. Começou a praticar tênis de mesa aos nove anos, esporte que seguiu treinando por mais 20 anos. E6 mantinha uma rotina normal de treinamento, até que recebeu um convite de um técnico para fazer um estágio de treinos por alguns meses no Japão, que seria pago por uma empresa patrocinadora de materiais, mas desde que mostrasse uma boa evolução em seu desempenho. Empolgado com a proposta, passou a treinar com mais afinco e teve a oportunidade de ter essa primeira experiência internacional. Assim, em 1995, aos 14 anos, foi convidado para integrar a seleção brasileira de tênis de mesa, vaga que ocupou até 2004.

Dentre seus melhores resultados, destacam-se as vitórias em dois campeonatos latino-americanos, em 1995 e 1997, e em dois sul-americanos, em 1997 e 1999. Durante sua carreira, também teve a oportunidade de realizar mais outros estágios internacionais, como na China, República Tcheca, França e Alemanha. Seus estudos sempre estiveram presentes: em 1999, fez cursinho pré-vestibular, e cursou Administração de 2000 a 2005, trancando o programa apenas em 2004 para se dedicar ao tênis de mesa. Este foi o ano mais marcante para E6, pois foi quando ele se classificou para os Jogos Olímpicos de Atenas. Participar das Olimpíadas era seu objetivo mais importante enquanto atleta, apesar de ter perdido na primeira partida.

A partir disso, E6 continuou treinando e competindo por um clube na Grande São Paulo, mas sua prioridade, de 2004 a 2010, era o trabalho na empresa em que havia começado o estágio durante a faculdade. A organização em que ele treinava antes, inclusive, era uma iniciativa esportiva dessa mesma empresa em que ele estava empregado. Aos 29 anos, em 2010, ele decidiu se aposentar do esporte de alto rendimento, e tem tido muito menos contato com o tênis de mesa, pois desde então ajuda, uma vez por semana, no treinamento das equipes atuais dessa organização.

5.1.7 Entrevistado 7

Assim como E6, o Entrevistado 7 (E7) também tem origem de família japonesa e foi mesatenista. Natural de São Bernardo do Campo, Grande São Paulo, participou de seis edições dos Jogos Olímpicos. Nasceu em 1969 e, apesar de não ter tido ninguém na família que praticasse tênis de mesa, começou a se envolver com o esporte nos intervalos da escola que frequentava, por influência de um amigo. Passou a treinar competitivamente em 1976, até que em 1985 foi ao Japão fazer um estágio de treinamento em tênis mesa, onde ficou por dez meses. Ao mesmo tempo, mantinha seus estudos seriamente, pois seu treinador pedia que seu desempenho na escola também fosse bom.

Em 1986, E7 passou a fazer parte da seleção brasileira de tênis de mesa, sendo convocado pela primeira vez, espaço que ocupava até o momento da entrevista (2013). Seu primeiro campeonato mundial foi disputado na Índia, em 1987, e em 1988 ocorreram as primeiras Olimpíadas com essa modalidade esportiva. E7 não conseguiu se classificar para essa edição de Seul, mas garantiu sua vaga nas seis competições seguintes (Barcelona, Atlanta, Sidney, Atenas, Pequim e Londres). Pelo alto nível dos jogadores de outros países, principalmente chineses, E7 não conquistou nenhuma medalha Olímpica, sendo o nono lugar em simples, no ano de 1996, o seu melhor resultado. No entanto, ganhou dez medalhas de ouro em Jogos Panamericanos (edições de 1987 a 2011), um recorde até aquele momento.

Pensou em aposentar-se em 2007, momento em que também se lesionou, mas não tomou tal decisão, e em 2009 recebeu uma proposta para atuar como técnico particular de tênis de mesa. Um ano antes, ofereceram a ele uma tentativa para que se candidatasse na política, o que não viu como uma boa oportunidade, ainda. Desde 2010, então, E7 vinha deixando de treinar como atleta, dedicando-se mais ao seu papel de técnico. Em 2013, recebeu uma proposta para ser o técnico da seleção brasileira feminina de tênis de mesa, sendo este seu desafio até então, pois há um objetivo para que consigam melhores resultados com essa equipe nas próximas competições internacionais, inclusive as Olimpíadas do Rio, em 2016. E7 é o único participante que estava em transição de carreira, aos 44 anos de idade.

5.1.8 Entrevistado 8

Paulistano nascido em 1966, o Entrevistado 8 (E8) é de origem de família sul coreana e adquiriu poliomielite aos dois anos de idade. Por causa da doença, perdeu todos os

movimentos do pescoço aos pés, tendo passado boa parte de sua vida fazendo terapias. Aos nove anos, iniciou a natação terapêutica e, por recomendação médica, foi orientado a nadar desde os 16 anos, atividade que o ajudou a melhorar seus movimentos. Por indicação dos seus pais, E8 sempre se dedicou aos estudos, e em 1987 ingressou no curso de Odontologia. Como não havia deixado de nadar até então, em 1991, no ano de sua formatura, E8 conheceu uma entidade filantrópica ligada ao desenvolvimento do esporte para deficientes, e logo passou a fazer parte da equipe de competições.

Aos 24 anos, ao mesmo tempo em que buscava se dedicar à sua profissão como dentista, também iniciou treinamentos mais intensivos para competir na natação de alto rendimento, na sua categoria que considerava limitações de movimentos nos braços e pernas. Tornou-se um especialista em provas de curtas distâncias, e foi convocado para participar dos Jogos Paralímpicos de Atlanta (1996), aos 30 anos de idade. Disputou também as três edições seguintes, ganhando uma medalha de prata em Sidney (2000) e em Atenas (2004), e uma de bronze em Pequim (2008).

E8 já se preparava para encerrar sua carreira atlética em 2008, quando finalizasse sua participação nas Paralimpíadas de Pequim, aos 42 anos. Mesmo sentindo o vazio de deixar os treinos na piscina, estava com boas expectativas para dedicar mais horas no seu consultório odontológico. Em seguida, abriu uma academia para promover a natação às pessoas deficientes e, no momento da entrevista, era também o presidente da instituição que o ajudou com a natação de alto desempenho.

5.1.9 Entrevistada 9

Nascida em Sobral, estado de Ceará, em 1977, a Entrevistada 9 (E9) foi diagnosticada com problemas de visão aos três meses de vida, passando por algumas cirurgias entre os quatro e cinco anos de idade, possibilitando a ela 5% de vista. Quando completou sete anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, cidade onde tinha familiares, acompanhada de sua mãe, para ingressar em uma escola especializada para cegos. Na escola, teve a oportunidade de praticar diversos esportes, mas preferiu o atletismo, principalmente as corridas de curta distância.

Desde os 12 anos a atleta competiu em diversos níveis, até que passou a viajar para disputar campeonatos nacionais e internacionais. Segundo E9, ela sempre ganhava uma medalha em todas as provas que fazia, e em 1994 foi chamada para fazer parte da seleção brasileira de

atletismo. Ao conseguir bons resultados, foi convocada para participar de quatro edições dos Jogos Olímpicos (Atlanta, Sidney, Atenas e Pequim), recebendo duas medalhas de bronze em 1996, nos 100 e 200 metros rasos, e repetiu ambas as conquistas em 2004. Além desses marcos, ela também ganhou diversas medalhas em campeonatos mundiais e Jogos Panamericanos, inclusive estabelecendo um recorde brasileiro ainda não batido, até o momento da entrevista.

Durante a época que fez parte da seleção brasileira, E9 passou a morar em Joinville, estado de Santa Catarina, pois era onde a equipe treinava. Lá também começou a fazer o curso de Jornalismo e, apesar de ter feito todos os créditos, menos o trabalho final, não concluiu o programa. E9 sofreu uma séria lesão em 2008 e, ao voltar de Pequim, o seu treinador lhe pediu para que cuidasse bem da sua perna, para então voltar aos treinos. Quando fez exames para saber se poderia executar a cirurgia, descobriu estar grávida do namorado. A partir desse momento, ela passou a se preocupar com a gravidez e tinha a intenção de voltar aos treinos logo que sua filha completasse seis meses de vida. Era 2010, tentou voltar, mas não teve apoio da equipe nem incentivo do técnico para isso, e não pôde se dedicar ao atletismo novamente, encerrando a sua carreira de alto rendimento.

5.1.10 Entrevistada 10

Carioca, mas tendo passado 37 de seus 38 anos na capital paulista, a Entrevistada 10 (E10) nasceu em 1975 e, depois de tentar balé e vôlei, praticou esgrima por 17 anos. Seus pais se separaram quando ela tinha dois anos, e ela era a caçula (com seis anos de diferença do irmão mais próximo) de quatro irmãos, sendo dois da parte de sua mãe, e dois da parte de seu padrasto. O padrasto foi a única pessoa da família que lhe exerceu influência esportiva, principalmente porque ele foi jogador de polo aquático, tendo disputado as Olimpíadas de Roma (1960). Então, aos 15 anos, E10 começou a praticar esgrima no clube onde frequentava, e passou a gostar do ambiente e da parte social do esporte. No entanto, ela não era competitiva, mas compensava pelo fato de ser muito disciplinada.

Com o apoio de seus técnicos, E10 estava treinando com maior frequência e intensidade. Ela não se via com bons resultados, mas estava sempre melhorando o seu desempenho, participando de campeonatos nacionais e internacionais. Aos 28 anos, em 2004, conseguiu uma vaga para lutar, na modalidade florete, nos Jogos Olímpicos de Atenas; sofreu uma derrota no primeiro combate, mas revelou que essa participação foi a grande realização de um

sonho. Seu melhor resultado na carreira atlética foi o quarto lugar conquistado nos Jogos Panamericanos do Rio (2007).

Mesmo com a rotina de treinos, não largou os estudos, e formou-se em Arquitetura, um curso de período integral, aos 23 anos, sem nenhuma interrupção. Porém, por causa da esgrima, teve que adiar o seu início na vida profissional como arquiteta. E por motivos profissionais e pessoais, especialmente pelo desejo de constituir família e ser mãe, decidiu deixar o esporte de alto rendimento em 2008, aos 32 anos, e passou a se dedicar mais ao seu trabalho, em uma empresa. Depois de adquirir experiência, abriu seu próprio escritório de arquitetura com uma sócia, e continuou seu vínculo com o esporte por ser a presidente da associação de esgrimistas.

5.1.11 Entrevistado 11

Paulistano e filho de nordestinos, o Entrevistado 11 (E11) nasceu em 1981 e teve uma infância com bastante proximidade de uma universidade em São Paulo, local de trabalho de seus pais, onde teve acesso para praticar diversas atividades físicas, junto com suas duas irmãs. Na família, apenas seu pai havia tido contato com o esporte, pois foi jogador de futebol na terceira divisão. Em 1992, aos onze anos, começou a praticar canoagem, por incentivo de um projeto social voltado aos esportes, e passou a se dedicar às remadas.

Em 1998, aos 17 anos, foi vice-campeão brasileiro, e foi melhorando seu desempenho. De 2000 a 2003, participou de campeonatos mundiais na sua modalidade, e o seu melhor resultado foi o sexto lugar em 2001. E11 treinava com seus próprios recursos, ou seja, com a ajuda da família, que nem sempre apoiava a sua carreira atlética, e sempre adquiriu materiais esportivos e viajou para competições com sacrifício. Além dos treinos, também mantinha seus estudos, e cursou Educação Física, fazendo estágios com pesquisas nessa área de melhoria de desempenho esportivo.

Em 2004, foi campeão brasileiro mais uma vez e, em um dia de treino intenso, E11 sofreu uma lesão cerebral, que o deixou em coma por quatro dias, com a necessidade de um longo tratamento, que lhe custou bastante. Apesar de ter conseguido índices para participar de mais um campeonato mundial, ele precisou desistir para cuidar de sua saúde. No seu retorno, em 2007, no entanto, ele não conseguiu voltar a atingir os mesmos resultados de antes, e então ele decidiu tornar-se técnico de outros atletas da canoagem. Em 2011, com o reconhecimento da

canoagem como uma modalidade Paralímpica, ele passou a treinar paratletas, principalmente por ter um amigo nessa condição que lhe pediu para ser seu técnico. No momento da entrevista, E11 se dedicava a treinar uma canoísta (campeã brasileira) e outros três Paralímpicos, vinculados ao Comitê Brasileiro.

5.1.12 Entrevistado 12

Nascido em 1980, em Campinas, estado de São Paulo, o Entrevistado 12 (E12) começou a jogar tênis em Araras, cidade onde vivia, aos seis anos, logo após ter ganhado uma raquete de seu avô. Aos oito anos, passou a disputar campeonatos e, seguindo as orientações de seu treinador, voltou para Campinas aos dez anos para intensificar seus treinos. Como juvenil, foi o número um do Brasil em todas as categorias, sendo o 15º do *ranking* mundial quando se tornou profissional, aos 19 anos. Quanto aos estudos, ele concluiu o ensino médio aos 18 anos de idade, e não pôde dar continuidade à sua formação acadêmica.

Como todo tenista, disputou campeonatos distribuídos ao redor dos cinco continentes, ao longo de toda a temporada (janeiro a novembro). No total, participou de 17 Grand Slams, torneios dos quais somente os melhores do mundo podem competir. Também fez parte da equipe da Copa Davis durante alguns anos, representando o Brasil nas competições por nação. Seu principal resultado como tenista foi a conquista de um torneio ATP, realizado nos Estados Unidos, em 2004. Em 2005, ele tornou-se o número um do país, sucedendo ao melhor tenista brasileiro de todos os tempos, ano em que obteve a sua melhor classificação mundial (50ª posição do *ranking*).

Após 14 temporadas e uma lesão moderada no quadril, E12 sentia que cada ano era mais difícil, além de se sentir desgastado, pois a cada ano passava pelo menos 30 semanas competindo. Aposentado do esporte como atleta de alto rendimento no início de 2013, ele já vinha pensando em parar há mais de um ano. Segundo o entrevistado, seu preparo foi sendo feito aos poucos, e decidiu que o Aberto do Brasil, em São Paulo, seria o seu último torneio. Anunciou para a imprensa e, logo após perder na primeira rodada, foi homenageado pela organização do campeonato e despediu-se do tênis profissional. Nesse primeiro ano como esportista aposentado, estava se dedicando mais à sua fundação, cujo objetivo é revelar e apoiar os talentos do tênis, e participando de diversos eventos relacionados ao tema.

5.1.13 Entrevistado 13

O Entrevistado 13 (E13) é filho de canoístas e escolheu essa modalidade por essa influência familiar. Natural da antiga Tchecoslováquia, nascido em 1975, E13 começou a praticar canoagem aos seis anos, e aos 14 anos foi campeão nacional. Em 1990, com 15 anos de idade, foi convidado a treinar em um centro de alto rendimento, tornando-se o melhor atleta júnior da canoagem em seu país, posição que ocupou de 1991 a 1993. Aos 19 anos, passou a ser estudante de Administração, enquanto conciliava o curso com a entrada no nível sênior da canoagem. No entanto, em 1995, ao completar 20 anos, decidiu deixar esse centro para se dedicar mais aos estudos, principalmente por recomendação de seus pais, apesar de não ter abandonado o esporte; muito pelo contrário, ele tentou continuar no mais alto nível da modalidade que competia, que era Olímpica.

De 1996 a 2003, ele disputou diversos campeonatos mundiais, sendo até 1998 nas modalidades Olímpicas, e depois na canoagem maratona (longas distâncias). Infelizmente, E13 não pôde disputar os Jogos Olímpicos dos quais tentou índice para conseguir uma vaga. Seu melhor resultado foi o sexto lugar no campeonato mundial de 2000. Quando se formou em Administração, em 1997, ele começou a trabalhar em uma empresa que lhe demandava habilidades desse curso, mas também treinava o máximo que conseguia. E13 manteve essa rotina por alguns anos, até que resolveu se mudar para o Brasil, em 2001, onde continuou a treinar a canoagem maratona. Desde então, já participou das grandes maratonas do mundo, como o Rio Negro, na Argentina (335 km) e o Fishriver, na África do Sul (80 km).

Em 2004, E13 iniciou um novo negócio ao abrir uma escolinha de canoagem em São Paulo, e também passou a competir com menor intensidade. Nessa época, começou a estudar Educação Física, e formou-se em 2010. Nesse mesmo ano, aos 35 anos, disputou seu último campeonato profissional, e então esteve se dedicando somente à escolinha. Segundo E13, ele utiliza seus conhecimentos de Administração para gerir a empresa, assim como trabalha com o que realmente gosta, a canoagem, promovendo a modalidade para pessoas de todas as idades, com uma grande variedade de serviços.

A seguir é apresentada uma consolidação das informações principais dos ex-atletas entrevistados válidos, a fim de facilitar a visualização dos dados mais marcantes referentes à aposentadoria do esporte de alto rendimento.

Quadro 6 – Resumo das características dos respondentes

	Nasci- mento	Modalidade esportiva	Idade e ano quando se aposentou	Olimpíadas e/ou grandes eventos	Medalhas Olímpicas	Aposen- tadoria volun- tária?	Conti- nuou no esporte?
E1	1972	atletismo, curta distância	35 / 2008	1992, 1996, 2000, 2004	2	sim	sim
E2	1970	atletismo, curta distância	34 / 2005	1996, 2000, 2006	1	sim	sim
E3	1980	natação com deficiência visual	27 / 2008	1996, 2000, 2004, 2008	3	sim	parcial-mente
E4	1971	tênis	32 / 2003	1996, 33 GS	-	sim	sim
E5	1972	natação	31 / 2004	1992, 1996, 2000, 2004	4	sim	sim
E6	1981	tênis de mesa	29 / 2010	2004	-	sim	parcial-mente
E7	1969	tênis de mesa	44 / 2013	1992, 1996, 2000, 2004, 2008, 2012	-	transição	sim
E8	1966	natação com deficiência física	42 / 2008	1996, 2000, 2004, 2008	3	sim	parcial-mente
E9	1977	atletismo com deficiência visual	33 / 2010	1996, 2000, 2004, 2008	4	não	não
E10	1975	esgrima	32 / 2008	2004	-	sim	parcial-mente
E11	1981	canoagem	23 / 2004	-	-	não	sim
E12	1980	tênis	32 / 2013	17 GS	-	sim	sim
E13	1975	canoagem	35 / 2010	-	-	sim	sim

FONTE: a autora.

Ao observar o Quadro 6, nota-se que:

- Somente o tênis não tem as Olimpíadas como a principal competição da modalidade, o que pode se mostrar diferente no padrão do momento da aposentadoria; assim sendo, considerando os sete participantes que já participaram de pelo menos uma edição dos Jogos Olímpicos, e que se aposentaram voluntariamente, cinco deles encerraram sua carreira atlética em um ano Olímpico, ou seja, provavelmente escolhem um grande evento para se despedir do esporte.
- Dos seis medalhistas Para/Olímpicos, cinco deles participaram pelo menos de três edições dos jogos, mostrando que há uma consistência e, eventualmente, uma carreira vinculada às Olimpíadas. Além disso, desses seis, três subiram ao pódio também em provas por equipe, mas os outros integrantes não eram citados.
- Mesmo tendo sido bem sucedidos, os ex-paratletas estavam menos propensos a continuarem vinculados ao esporte após a aposentadoria, pois dois deles parcialmente

ainda estão ligados aos seus feitos anteriores, e uma delas já não tem mais relação com a modalidade antes praticada.

- Dos 13 participantes, há oito que, apesar de terem mudado de carreira, deram continuidade no esporte, ao trabalharem como comentaristas em programas esportivos da televisão, técnicos de atletas e/ou equipes, gerirem academias e fundações educadoras na modalidade, atuarem como representantes de projetos esportivos, promoverem clínicas, palestras sobre o seu passado, e métodos de treinamento, entre outras atividades.
- Como esperado, as aposentadorias voluntárias ocorreram de forma menos precoce que as involuntárias, e as mulheres também encerraram sua carreira atlética antes dos homens.
- Dos quatro entrevistados que mencionaram ter tido uma lesão séria, dois deles abandonaram o esporte de alto rendimento por um motivo diretamente relacionado ao problema físico do qual sofreu, e outros dois não alegaram ter se aposentado por causa da lesão, e sim por escolha própria, já que outras variáveis influenciaram mais a sua saída da carreira atlética.

5.2 As categorias de análise

As categorias de análise estão fortemente relacionadas às variáveis do estudo proposto, ou seja, o contexto, as fases da transição para a aposentadoria, assim como os sentimentos, as redes de contatos de apoio, a percepção da identidade, os objetivos e sua satisfação, e a questão financeira pessoal. Dessa forma, foram estabelecidas quatro grandes categorias de análise, que se subdividem em outras categorias menores, conforme apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7 – Categorias de análise

Categorias	Subcategorias
1. Contexto, passado e trajetória profissional	Passado anterior Contexto História dos pais Passado profissional Lesão no esporte Primeira vez que pensa em aposentadoria
2. O processo da aposentadoria: a transição, os sentimentos e a rede de apoio	Preocupação com aposentadoria Momento da aposentadoria 1

	Momento da aposentadoria 2 Como foi a aposentadoria Destreinamento Motivo da aposentadoria Sentimento da aposentadoria Sentimento antes da aposentadoria Sentimento após a aposentadoria Rede da família Rede de amigos Rede de organizações Rede do técnico Rede do gerente Rede de outras pessoas Papel do técnico
3. Mudanças e identidade	Mudança de carreira após aposentadoria Autodescrição antes da aposentadoria Autodescrição após a aposentadoria Motivo da mudança da descrição
4. Objetivos, resultados, satisfação, aspectos financeiros e outros fatores	Objetivos como atleta Satisfação com a carreira Novas metas Como atingir metas futuras Aspectos financeiros Contexto do esporte de outras pessoas Outras pessoas Ensino superior

FONTE: a autora.

Os entrevistados não foram unânimes nas respostas quanto às categorias de análise, e então foram traçadas as características em comum e as divergentes. As categorias são apresentadas e discutidas em seguida.

5.3 Categoria de análise 1 – contexto, passado e trajetória profissional

5.3.1 Contexto e história dos pais

Pode-se observar que o contexto contribui na determinação do tipo de modalidade para o qual o indivíduo se direciona quando escolhe aquilo que vai praticar durante boa parte de sua vida, dedicando-se ao máximo. Por exemplo, esportes que exigem menos recursos ou materiais, como o atletismo, também costumam ter mais projetos sociais envolvidos, abrindo a possibilidade de ser praticado por pessoas de famílias mais humildes, que foi o caso de E1 e E2. Por sua vez, modalidades esportivas como tênis e esgrima, que dependem de diversos recursos, como local para treinamento, equipamentos para a prática, técnicos mais especializados, dentre outros, foram possíveis para E4, E10 e E12, que tinham origens com mais condições financeiras.

O ambiente escolar influenciou mais fortemente dois sujeitos de pesquisa: E7 por ter começado a praticar tênis de mesa nos intervalos de aula, e acabou gostando e se dedicando à modalidade, e E9 que, na escola especializada para deficientes visuais, pôde conhecer diversos tipos de atividades físicas, e se encantou pelo atletismo, dando continuidade à sua carreira esportiva com as competições que foram surgindo desde cedo.

Além do caso de E9 na escola, outro ponto relevante é o contexto da deficiência, pois as indicações médicas influenciaram na escolha de uma modalidade esportiva, como foi o caso da recomendação da natação para E3 e E8. E3 também havia praticado a dança, mas a natação lhe dava vários estímulos desde criança, oferecendo-lhe um ambiente social interessante. O processo foi um pouco diferente para E8, que se envolveu com a natação terapêutica enquanto criança, para que pudesse retomar os movimentos do corpo, e se dedicou à natação mais competitiva quando adulto, pois já podia ter mais condições físicas e lhe faziam bem.

No caso da canoagem, esta modalidade surgiu de formas distintas para os dois canoístas entrevistados. Pode-se dizer que a influência de um projeto social para E11 foi fundamental para que ele se conhecesse o esporte e decidisse seguir carreira nessa direção, mesmo que não fosse tão rentável nem de acordo com a vontade de seus pais; diferentemente do que ocorreu para E13, que teve pais canoístas e muito apoio para continuar nessa modalidade, mesmo tendo que dividir seu tempo com os estudos em outro campo do conhecimento.

De uma maneira mais branda, pode-se citar a influência da família para outros dois participantes: E5 começou a nadar porque sua irmã mais velha já estava nessa atividade, e tinha um pai ex-atleta, enquanto que E6 revelou a preocupação de sua mãe com as condições adversas das ruas, buscando, então, um esporte com ambiente fechado (tênis de mesa), adicionada à reclamação de que ele não se dedicava a uma atividade com mais intensidade.

A história dos pais, se relacionada ao mesmo esporte, ou não, não foi um aspecto predominante para a carreira atlética dos respondentes da pesquisa: apenas um deles (E13) era filho de pais atletas da mesma modalidade; outro (E6) teve pais amadores do mesmo esporte; dois (E5 e E11) tinham pais que jogavam outras modalidades, mas praticaram as suas com suas irmãs; uma participante (E10) declarou ter tido irmãos mais velhos praticantes de outros esportes, mas um padrasto que foi até atleta Olímpico, e um (E12) que era filho de sportistas amadores, mas cujo avô lhe presenteou com um material esportivo que o encantou.

Apesar de seis dos 13 participantes terem mencionado a influência de seus pais no esporte, doze deles alegaram ter tido um importante apoio por parte deles, senão dos dois, pelo menos da mãe, para que eles treinassem e desempenhassem bem. O único entrevistado que não fez tal menção era órfão, e inclusive conheceu o esporte apenas depois de ter saído do orfanato.

Os pais podem influenciar os filhos a praticar esportes, mas não indicou que a mesma modalidade seria a escolhida, com exceção de dois indivíduos. Os esportes foram seguidos de acordo com interesses próprios e os diferentes contextos vivenciados pelos participantes. Pode-se afirmar que, mais do que a história dos pais, a influência maior costuma ser contextual, por parte socioeconômica, escolar, ou até mediante a deficiência adquirida.

Conforme Ogilvie e Tutko (1971) afirmaram, os atletas de modalidades individuais tendem a serem mais introvertidos, e tal comportamento foi mais perceptível em alguns dos sujeitos de pesquisa, como em E1, E2, E3, E5, E6, E7, E8, E11, E12 e E13. Porém, a atitude não era tão introvertida, pois E1, E2, E8 e E9 praticavam também algumas atividades coletivas e disputavam provas por equipe, enquanto E4, E6, E7 e E12 às vezes tinham competições em duplas. Além disso, Eysenck, Bias e Cox (1982) destacaram que os atletas Olímpicos costumam ser mais estáveis emocionalmente e mais extrovertidos que as pessoas em geral, o que talvez equilibre essa característica dos entrevistados. As principais evidências dessa análise podem ser visualizadas no Quadro 8, de acordo com o contexto e a história dos pais.

Quadro 8 – Subcategoria: Contexto e história dos pais

Parte	E	Trechos da entrevista
Contexto	E1	Na verdade eu fui criado sem pai, né, eu fui criado pela minha mãe, né, é... meu pai praticamente foi embora quando eu tinha seis meses de idade, hoje ele vive no Canadá e a minha mãe que fez o papel de mãe e pai ao mesmo tempo, né... [...] com tantas dificuldades que a gente passou na época, questão de ter passado fome, ter pedido esmola na rua e de eu ter conseguido chegar até aqui, eu acho que isso foi muito bacana, porque eu tinha, assim, vários caminhos pra seguir, da marginalidade, vários convites pra fazer coisa errada e não era isso que eu queria, eu queria era realmente ser um atleta, superar todo... todo esse problema, toda essa coisa negativa e, graças a Deus, o esporte e o apoio da minha mãe foi... foi um marco muito importante.
	E2	Olha, assim, eu... eu fui sozinho, né, mas, assim, foi um pouco de vaidade, eu trabalhava num posto de... de estrada, e eu era magrelo e tal, sabe aquela coisa, você quer impressionar a mulherada e tudo, e todo dia passava um cara correndo ali, com aquelas camisetas de atleta fininha, com shortinho, assim, eu reparava que todo mundo... todas as mulheres começava olhar pra ele, né, aí um dia eu olhei pra ele e falei: Que que cê faz? Eu quero fazer isso aí também, mas eu entrei meio por vaidade, queria ter um corpo legal e acabei, assim, me apaixonando, e na primeira vez que eu fui treinar, tinha um treinador lá.
	E3	Com certeza a família é a base de tudo. Principalmente, no nosso caso, do deficiente visual, né, na época que eu estudava, por exemplo, não tinha muitos livros em braille, quem fazia os meus livros eram os meus pais. E assim, nós tivemos que lutar bastante, porque pra comprar uma máquina de braille, era muito caro, né, então tivemos que fazer pizza pra vender, várias coisas pra ganhar dinheiro pra poder comprar máquina de braille pra poder usar na escola. E assim, acho que

		a escola é uma fase que marcou bastante pelas dificuldades, né.
	E5	O meu pai jogou basquete [...] e a minha mãe não foi atleta.
	E10	O meu pai e minha mãe nasceram, eles... vieram do Rio de Janeiro, casados, tiveram três filhos eu sou a última, a terceira, bem caçulinha, seis anos depois dos meus dois irmãos e... vieram pra São Paulo, quando eu tinha mais ou menos uns dois aninhos eles se separaram, eu nem me lembro dessa época, na verdade eu era bem pequena e já constituíram famílias e tudo mais e na minha família por parte de mãe e padrasto que hoje é... que é quase meu pai, porque também tá com a minha mãe há muitos anos é... eles tiveram, não tiveram filhos, mas incorporaram os filhos do meu padrasto na família, então, assim, uma família que eram, éramos três passou a ser cinco e esses dois filhos eram mais velhos do que os meus irmãos. [...] E... e eu fiquei ainda mais caçulinha ainda, né, então é quase... eu até me considero um pouco filha única, apesar de ter um monte de irmão, porque eu tinha lá um rotina bem... bem isolada dos meus irmãos, aí eu... eu fiz balé muitos anos na minha vida e eu... [...] eu acho que quando eu comecei a fazer balé, comecei porque na época as meninas faziam mesmo, e... e eu gostava muito dessa história de você é... se esforçar e fazer, o balé exige muita disciplina, então acho que essas e... e eu tinha bastante facilidade, eu era muito pouco atlética, eu não me dava bem com nenhum esporte na escola, então foi uma atividade que eu fui investindo, minha mãe gostava de... de incentivar e eu fui.
	E12	Comecei a jogar tênis com seis, e com dez anos de idade, o professor do clube chegou pro meu pai e falou que... que se eu quisesse evoluir, eu teria que mudar.
História dos pais	E6	Na verdade meus pais... meu pai até que gostava de jogar um ping pong quando ele era jovem, mas, assim, nunca foi atleta, assim, né, mas eles também, assim, foram pais que não ficaram, assim, presentes fisicamente, nunca tiveram muito presentes fisicamente nos torneios.
	E10	Na minha família, os meus irmãos, dos quatro, eu tive é... três que faziam esporte, assim, nunca fizeram esgrima, não tinha nada a ver com esgrima e o meu padrasto que foi jogador de pólo aquático, foi pra Olimpíada de Roma e que de certa maneira me influenciou, apesar de que eu tava muito longe desse objetivo Olímpico, eu nem fazia esporte, né.
	E11	Então como filho de funcionário, eu tinha o livre acesso pra atividade física, esportiva e cultural, dentro da universidade. Então teve essa influência dos meus pais, na verdade o grande marco, né, foi essa relação, assim, de ser tomada a decisão de... é descer do ônibus e realmente entrar aqui dentro da raia e conhecer a modalidade.
	E13	Os meus pais nunca me deixariam de abandonar totalmente os estudos, pra mim tentar virar só atleta.

FONTE: a autora.

5.3.2 *Passado e trajetória profissional*

Os históricos de cada indivíduo, além de serem muito distintos, também foram relatados de diversas maneiras, sendo alguns mais detalhados que outros. Em comum, todos eles comentam do seu ambiente familiar e das condições que tinham para o início na vida esportiva, sendo na modalidade em que se destacou, ou não. Quando crianças e adolescentes mostraram como lidavam com os estudos aliados ao esporte, e como este surgiu nas suas vidas. Todos os respondentes afirmaram que tinham o sonho de ser um esportista, apesar de que E6, E10 e E13 não se viam como atletas no começo. Complementando essa ideia, E1, E3, E6 e E10 afirmaram que o fato de terem se tornado de atletas foi algo do destino, ou de Deus.

Os participantes da pesquisa convergem quanto a gostarem do esporte que praticaram pela maior parte da vida, e alguns reforçam que não teriam se visto fazendo outra coisa. A maior parte teve muito apoio da família, mesmo que não fossem participantes ativos nas

competições; aliás, E6 comentou que a presença dos pais nos eventos esportivos pode até inibir o desempenho do jogador. De qualquer forma, em todos os casos, houve um ambiente propício para que o atleta pudesse se desenvolver no seu esporte, ainda que fosse com algumas dificuldades (E10 e E11).

O passado – durante infância e adolescência – dos sujeitos entrevistados também foi permeado por sacrifícios, com ausência apenas nos relatos de E1, E2, E5 e E7. Tal sacrifício está relacionado principalmente ao *tradeoff* que eles tiveram quanto à dedicação nos intensos treinos esportivos, devendo continuar bem nos estudos, pois os resultados na escola eram cobrados pelos seus pais. Essa situação se agravou mais para aqueles que precisavam viajar frequentemente para campeonatos (E4 e E12), e para aqueles que tiveram que conciliar os estudos no ensino superior também (E6, E9, E10, E13).

Outro ponto importante para que esses indivíduos tenham continuado no esporte é o papel do técnico, já que eles os revelaram como talentos (E1, E2, E6, E9), ou pelo menos foram convidados a participar de centros de treinamento de alto rendimento (E5, E7, E10, E13). Esse reconhecimento antes do profissionalismo foi fundamental para que eles pudessem manter o sonho de serem atletas.

Ao relatar sobre o seu histórico no início da carreira, também foi comum ouvir histórias de superação, tanto na vida quanto no esporte, e os primeiros resultados de destaque. Com exceção de um respondente (E4), todos contaram sua evolução na ordem cronológica e de como iam se projetando para o futuro.

Quanto ao passado profissional, ou seja, como atleta profissional, E1, E2, E3, E6, E7, E8, E9, E10, E11 e E12 contaram a sua trajetória de forma linear, descrevendo a rotina dos treinamentos e as condições que tinham para praticar os esportes; alguns foram bem detalhados para relatar como era a sua vida enquanto esportista (E9, E10 e E11), enquanto outros não seguiram uma ordem cronológica para falar de seus principais feitos (E4 e E13), e um foi bastante sucinto no seu relato (E5).

Como afirmado por Wylleman e Reints (2010), os atletas contam seu passado baseando-se em eventos e/ou marcos, e não eventos, e foi exatamente como ocorreu nas entrevistas. As seleções, as participações em campeonatos importantes, as conquistas, as pressões sofridas, os desafios superados, as medalhas, e as derrotas, são mencionados e descritos como pontos de

referência para o relato. O Quadro 9 informa alguns trechos transcritos sobre o histórico de cada entrevistado.

Quadro 9 – Subcategoria: Passado e trajetória profissional

Parte	E	Trechos da entrevista
Passado	E1	Eu acho que o marco mais importante, foi quando eu fui descoberto, que eu realmente tinha um talento pra fazer o esporte, pra fazer o atletismo, que na verdade foi em Santo André, onde eu nasci, a minha cidade natal, onde o diretor dessa escola, ele sempre promovia competições entre os vários colégios do bairro. Eu tinha treze anos, na época, né, era um pretinho de pernas compridas, pernas longas, franzino, esguio e ele viu que eu tinha habilidade, que eu tinha um talento, bateu uma carta e mandou pro [nome de centro] e foi onde eu comecei a minha escolinha de base. Através desse momento, que a minha vida se transformou.
	E3	Comecei [natação]... Aprender, vai, vamos dizer assim, com três anos e meio.
	E7	Ah, competir, sim, eu comecei em 76, 77... É, início de participação em campeonatos, né, já. No ano seguinte, eu comecei a participar dos campeonatos. [...] Já federado, por São Bernardo, pela prefeitura de São Bernardo. Aí nesse meio tempo, né, entre 76 e 85, claro, eu tive que passar por várias fases de treinamentos, né. Por isso que eu fui brigando, fui lutando, né, de 80, praticamente 79, até 85, pra poder atingir um nível pra poder fazer esse estágio no Japão. Era tudo programado, assim, em 85 fazia o estágio, quando voltasse, já ter um nível pra ser convocado pra seleção brasileira. Lógico que tem aquele negócio de, o importante é competir, mas a gente que sempre teve uma cabeça de vencedor, né, então, realmente eu não quero entrar numa competição só pra participar.
	E8	Então, eu tive a poli aos dois anos de idade, foi no ano de 68. [...] Eu tinha 16 anos quando comecei a aprender a nadar. Então, eu cheguei esse ano, foi de 91, eu me formei em junho de 91, eu conheci a associação em julho, um mês depois. E coincidentemente com a minha formatura, foi o início da minha carreira como dentista... Como eu te disse, eu não tinha nem emprego e acabei conhecendo essa associação. E eu me empenhei muito. Em alguns meses, depois de quatro meses, três, acho que foram quatro meses, acho que foi em outubro, depois de quatro meses, eu já tava participando de um campeonato brasileiro.
	E9	E aí, nesse mesmo tempo que te falei, eu comecei, eu prestei concurso público e passei. Foi lá em Joinville, era concursada da prefeitura, como telefonista. É, passei em 2007, na época do Pan eu passei no concurso. Então, eu treinava, trabalhava, e estudava. Era uma loucura a minha vida. Eu saía de casa à oito da manhã e voltava meia-noite. Mas era feliz, não tava nem aí, era tudo lindo, maravilhoso, eu amava tudo o que eu tava fazendo, né.
	E10	Eu não era nem da equipe brasileira, eu tava como eu te falei quase parando, mas eu tinha essa... essa característica de gostar muito de treinar e de... e de ser muito obediente sabe, assim? De é... confiar muito, como sempre confiei, confiava no professor, confiava na... nas pessoas que me orientavam em geral, assim, eu não tinha essa coisa muito... muito rebelde mesmo.
	E12	Claro que nunca deixei de estudar, estudei até o terceiro colegial, a faculdade infelizmente não... não tive tempo de fazer, mas já quando morando aqui, eu já passei a dar mais, é... eu já saía um pouco antes da escola pra treinar e... e repunha as aulas em outro horário sabe? Eu já comecei a dar mais prioridade pro tênis, agora não tem, assim, um torneio ou uma coisa, acho que foi um... um processo natural de evolução, eu sempre gostei muito do tênis, desde o primeiro dia, que eu fiz a primeira aula, eu nunca mais larguei da raquete, então fui crescendo nos torneios estaduais, depois nos torneios nacionais.
Trajetória profissional	E1	Nossa, teve a conquista da medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, no revezamento 4 x 100, onde nós ganhamos aquela medalha, a primeira medalha em provas coletivas do Brasil, foi muito importante, depois veio a memorável medalha de Sidney, medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Sidney, no ano de 2000. Na mesma prova, no revezamento de 4 x 100. Ah, eu tive várias outras participações em Jogos Panamericanos, em campeonatos mundiais, medalhas também, né, que... que foram marcos importantes.
	E3	Com certeza, os resultados na natação, né, cada medalha que eu ganhava, com certeza, aquela coisa que a gente nunca esquece né. São momentos que, acho que, vão ficar guardados pra sempre.

	Na verdade, competição de deficientes leva um tempo diferente, né, não existe essa coisa de federado ou não federado. Outra coisa que também é diferente, é, não existe divisões de categorias, como tem pra natação normal. Tem, sei lá, infantil, juvenil, por idades, né. Acho que até mesmo pela quantidade de competidores, não tem como fazer isso, então a gente compete com qualquer idade. [...] Eu brinco que a minha história começou engraçada. Eu comecei nunca imaginando que ia numa Paraolimpíada na minha vida. Na verdade, foi por, as coisas foram acontecendo, né.
E6	Aí os resultados foram vindo, né, aí eu diria que de 95 que foi minha primeira participação na seleção brasileira, até 2004 na Olimpíada de Atenas que foi a última... eu acho que, assim, os resultados na verdade vieram como consequência, né, eu fui acho que bicampeão sul... eu nem, sinceramente, eu nem... eu não gosto de ficar vendo muito os títulos, porque eu acho que não é disso que... não é pra isso que eu fiquei jogando, mas eu fui acho que bicampeão sul-americano, bicampeão latinoamericano, brasileiro acho que umas quatro vezes, eu acho, não sei e... participei acho que de cinco mundiais, mas o que foi mais importante pra mim, o meu sonho sempre foi participar de uma Olimpíada.
E7	Desde... com 14, com 13, 14 anos, eu decidi que iria me tornar profissional de tênis de mesa, mas, assim, eu tinha que terminar o ensino médio, né, eu terminei em 1987. Desde então, eu me só dediquei ao tênis de mesa. Então, bem cedo eu decidi, já. Em nenhum momento eu pensei em parar ou seguir outra carreira. [...] nem mudar de esporte. Eu gosto, né, de jogar bola, principalmente, mas mais lazer, mesmo.
E8	Então, em 91 eu comecei a competir, comecei a participar da equipe, comecei a competir. Em 96, fui pra minha primeira Paraolimpíada, em Atlanta. Esse é um marco importante, porque assim, aí, até então, eu não me via... Eu me via como um atleta de ponta, né, com ótimos resultados, mas eu não me via como um atleta de elite. Antes, nenhum título tem valor, na minha opinião, e foi na minha primeira Paraolimpíada que eu vi um resultado bastante razoável, peguei duas finais individuais, e uma final de revezamento, que foi um ótimo resultado pra mim, pra minha primeira participação. Em 2000, ganhei minha primeira medalha de Paraolimpíada, participei em 2004, e em 2008 eu encerrei minha carreira.
E9	Eu ganhei duas medalhas de ouro, no Parapan, nesse Panamericano da Argentina, e aí minha carreira não parou mais. Em 2007, teve o Parapan do Rio. Em 2008, eu fui pra Pequim, e em Pequim eu não ganhei medalha, porque em Pequim eu já tava machucada, porque em Atenas 2004 eu tive uma lesão que me tirou a medalha de ouro na linha de chegada, que rompeu esse músculo meu aqui, todo. [...] Isso me causou um trauma, que eu acho que não fui mais a mesma atleta, depois disso, né. Mas continuei levando a vida atlética. E do esporte, assim, só tenho lembranças boas.
E10	Ele [ex-técnico] começou a treinar a gente aqui e eu... e eu resolvi... eu resolvi me entregar pra esse... pra esse projeto, assim, meio... meio sem saber onde isso ia dar, porque na verdade não fazia parte de mim, é a ambição de ter resultado, na época eu não tinha nem resultado paulista, então de repente a coisa... eu comecei a ter resultado, eu comecei a melhorar. [...] Treinava totalmente como ele queria, no horário que ele queria e... tive que enfrentar alguns embates familiares mesmo. Isso me deixava um pouco... um pouco em crise, porque a faculdade era integral e... era difícil... era difícil pras pessoas de montar grupo, porque eu treinava... eu treinava na época... na época e durante muitos anos, não foi só durante aquele período da faculdade, mas durante... eu fiquei com ele nove anos, direto. A gente... a gente sofria um pouco com isso, porque a gente sentia que abria a mão de outras coisas, meio sem saber de fato se aquilo era o jeito... era o jeito certo de treinar, sabe? A gente pagava pra treinar, pagava pra viajar, a gente pagava tudo nessa época, o que foi uma coisa que mudou também radicalmente na vida, né, porque a gente teve que... ainda por cima pagava, eu ficava naquele sofrimento, ficava pensando, eu falo: Gente eu pago pra passar por isso, não é possível, onde eu tô com a cabeça? Ou uma juventude com... que constrói o caráter melhor, né, quer dizer, ou uma juventude com vivências diferentes, porque viaja, conhece o mundo. Eu tinha tentado ir pra Sydney, não consegui, aí... encampeei pra Atenas e consegui e aí eu resolvi continuar mais quatro anos, né, porque a partir da classificação de Atenas, eu passei a ganhar a bolsa atleta, de Olímpica, que pra mim fez bastante diferença realmente.
E11	meu primeiro mundial, foi o mundial mais frustrante que eu remei na minha vida, foi, assim... a prova mais agonizante, porque eu larguei, eu fiquei em oitavo no mundial, só que o primeiro, ele

		ficou a 150 metros na minha frente e ele não abria e nem eu tirava distância, aí eu falei: É impossível, eu tô fazendo mais força, o cara parou de fazer força e tá a mesma coisa.
	E12	Olimpíada é um... é um único evento, que realmente fico triste de não ter tido a oportunidade de participar. Todos os anos que eu tive ranking pra participar, não eram anos de Olimpíada.
	E13	Mudei a minha modalidade, minha distância principal, é, sempre até os 22, 23, meu foco era sempre distância Olímpica, aí depois mudei pra distância... pra maratona de distância, que não é mais Olímpico. Aí comecei, na verdade, retomei meio que as duas carreiras, continuei estudando, continuei treinando o máximo que dava e ao mesmo tempo já assumi também, comecei trabalhar, na época meio que seguia os três e funcionou, por uns três, quatro anos funcionou perfeitamente, na faculdade. em 96 participei de uma seletiva, só que foi já, quando já era maior na verdade, né, mas ainda tava com aquela... aquela inércia indo no treino, né, e foi numa época que eu consegui, na verdade 95 foi o ano piorado, realmente foi, aquilo lá, deu tudo... tudo errado, deu errado na faculdade, deu errado em... deu errado na minha vida, fiquei doente, aí... me mandaram embora, aí ano seguinte meio que resolveu temporariamente, então até que em 96 eu remei bem, fiquei em segundo no campeonato nacional, só que era pra ser primeiro, só que fiquei com um tanto de diferença que, assim, né, fiquei meio frustrado, que foi uma coisa, já foi bom demais, aquele ano participei da seletiva Olímpica, mas depois nunca mais.

FONTE: a autora.

5.3.3 Lesão no esporte e primeira vez que pensa em aposentadoria

As lesões costumam ser um dos motivos de término da carreira esportiva, sendo então importantes na análise da trajetória da carreira de um atleta (OGILVIE; TAYLOR, 1993; HACKFORT; HUANG, 2005). Os problemas físicos que vitimizam os esportistas não consistem em apenas uma barreira pela contusão em si, mas pela confiança que é abalada, prejudicando o desempenho. No nível de alto rendimento, qualquer pequena mudança no estado físico do atleta pode fazer uma grande diferença no resultado final, e a parte emocional deve ser considerada.

Dos 13 entrevistados, sete deles mencionaram a lesão como um ponto marcante de sua trajetória esportiva, pois tais eventos afetaram negativamente na performance. E1 teve uma lesão no tendão de Aquiles, e apesar de ter se recuperado, não conseguiu índices suficientes para sua quinta participação em Olimpíadas. E2 sentia dores no púbis e teve a necessidade de fazer uma cirurgia, porém não conseguiu voltar a ter os resultados que obtia anteriormente. Por sua vez, E9 teve uma forte lesão no músculo da coxa, que a impossibilitou de voltar para o esporte de alto rendimento. Também de forma grave, E11 sofreu uma lesão no cérebro após um treino intenso, deixando-o três dias em coma e mais dois anos sem possibilidades de fazer atividades físicas, e ainda foi atropelado de bicicleta por um ônibus logo que voltou aos treinos, quando ia ao local da prática. E12 vinha sentindo dores no quadril durante alguns anos antes de se aposentar do esporte e, mesmo que não tenha feito uma intervenção cirúrgica por suportar a dor, foi um motivo relevante que contribuiu para o seu cansaço com o tênis.

Diferentemente, E13 sofreu um corte na mão, que o desanimou bastante, levando o entrevistado a pensar sobre sua aposentadoria, pois já tinha planos de mudar de carreira.

Finalmente, E7 fraturou o tornozelo e precisou de bastante tempo para se recuperar, mas foi o único respondente que considerou a lesão como um fator positivo, porque lhe deu mais forças para continuar treinando e competindo, segundo ele. O entrevistado explica que, apesar de já ter pensado em deixar o esporte de alto rendimento antes dessa lesão, ele tratou tanto da recuperação, que não poderia deixar de jogar ainda mais. Todos os outros que relataram lesões em suas trajetórias deram um tom muito negativo sobre tais problemas, pois afetaram diretamente nos seus feitos atléticos, ao contrário de E7.

De uma forma geral, os seis entrevistados (E1, E2, E9, E11, E12 e E13) mostraram que as lesões geram traumas e certo medo, além de serem razões importantes que apontam para a aposentadoria, mesmo quando a contusão ocorre de forma precoce na carreira do atleta. Assim, é importante analisar o fato da lesão relacionado com a primeira vez em que se pensa em aposentadoria do esporte de alto rendimento.

Os dois únicos respondentes que tiveram a aposentadoria de forma totalmente involuntária foram E9 e E11 e, por isso, foram aqueles que nunca haviam pensado em parar de competir no mais alto nível de sua modalidade (atletismo e canoagem, respectivamente). E2, E3, E6 e E13, por sua vez, não souberam dizer quando foi a primeira vez que pensaram em se retirar do esporte, mas que ao perceberem que o momento chegou, decidiram deixar os treinos como atletas de elite. E2 ainda reforçou essa resposta quando afirmou que parar é muito difícil; ele, assim como E4 e E6, disseram que as derrotas os desanimaram muito, mas voltavam a treinar em seguida.

Pensar sobre a aposentadoria não veio em um momento exato para E1, E5, E7, E10, e E12, que apontaram esse pensamento de uma maneira gradativa, ou seja, à medida que sua carreira avançava, tinham noção de que haveria um fim, mas não puderam apontar uma data para essa primeira sensação. Vendo os extremos, E1 se aposentou no mesmo ano em que sabia que precisaria deixar o esporte, enquanto que E10 levou 14 anos para deixar a esgrima de vez, desde o primeiro momento em que percebeu que poderia se aposentar.

Somente dois respondentes mencionaram que o marco da primeira vez em que pensaram sobre sua aposentadoria serviu como um momento de se planejar a aposentadoria. Respectivamente,

dois e quatro anos antes de se aposentarem, E4 e E8 refletiram sobre a sua retirada do esporte, e então definiram quando deixaram a raquete de tênis e a piscina. Porém, essa primeira reflexão não os impediu de ficarem confusos com o momento, sensação que também afetou E5, E6, E7 e E10.

Ao pensar inicialmente sobre aposentadoria, E1 e E2 relataram ter tido medo do futuro, pois não sabiam o que iriam fazer depois que deixassem suas atividades de alto rendimento. E1 ainda disse que passou por crises de depressão. Por sua vez, E3, E6 e E13 se sentiam muito frustrados quando sofriam derrotas, surgindo o pensamento da desistência, enquanto E12 se sentia muito cansado depois de mais de dez anos competindo profissionalmente, e tinha intenções de se aposentar. E9 e E11 comentaram da falta de apoio externo quando quiseram voltar aos treinos de alto rendimento, mas tiveram que interromper suas carreiras atléticas. O Quadro 10 traz os principais relatos sobre as lesões e o primeiro momento do pensamento em aposentadoria no esporte.

Quadro 10 – Subcategoria: Lesão no esporte e primeira vez que pensa em aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Lesão no esporte	E1	Foi onde eu acabei machucando o meu tendão, eu tive uma lesão no meu tendão de Aquiles [...] eu recuperei a lesão, mas eu não consegui recuperar a forma física e com isso eu não consegui embarcar pra minha quinta Olimpíada. É difícil você lutar com o corpo, quando o corpo chega e fala: Oh, não dá mais, é lesões que aparece, você começa se machucar muito...
	E2	Eu senti uma dor muito forte aqui no púbis, tá, e eu... eu sou medroso pra operar. Aí eu fiz essa cirurgia no púbis, e eu não conseguia andar direito, eu tava andando parecendo mulher grávida quando faz cesárea, com a mão na barriga, aquela coisa, aí eu pensei em parar mesmo.
	E9	Eu só não ganhei medalha de ouro por uma fatalidade mesmo de não ter, de ter rompido [...] o músculo, eu não consigo nem ver essa fita, até hoje. Eu tô... tô ainda bloqueada, eu sei que eu tenho que vencer esse medo, eu tenho que... eu sei que eu tenho que superar isso. [...] depois disso eu acho que eu não fui mais a mesma atleta, acho que eu fiquei mais com medo, mais retraída, sei lá.
	E11	Na minha opinião hoje, vendo o ponto de vista de treinador, ele [o antigo técnico] não conseguiu fazer uma gerência de médio a longo prazo [...] ele acabou forçando uma situação pra ter um ótimo rendimento, mas isso foi me desgastando e foi me afastando de uma vida longa no esporte dentro da modalidade, por conta de lesão, né, que lesão pra mim é incompetência técnica, isso pra mim não existe.
	E12	Eu sou um jogador que eu tenho estilo de jogo, eu dependo muito da parte física, então, é... já tava ficando difícil realmente pra mim... com dores no quadril, eu tenho uma lesão moderada, não é grave, mas é uma lesão que me atrapalhava um pouco, né, eu conseguia administrar bem, mas ao mesmo tempo já vinha me atrapalhando um pouco.
Primeira vez que pensa em aposentadoria	E1	Aconteceu em 2008, né, foi um... é um fantasma que começou, assim, rondar, né, eu falei: Poxa, eu tava tentando ir pra quinta Olimpíada. Já que eu não consegui, não tinha mais porque eu... eu continuar dentro do esporte, sendo atleta, já uma carreira tão bacana, tão bonita, né, uma carreira muito bem construída, chegou o momento de aposentar e... e parar, mas aí vinha a pergunta, e agora, eu paro e eu vou fazer o quê? Eu não me preparei, eu não tô preparado, o que que eu vou fazer da minha vida? E foi, assim, um momento, assim, de quase depressão mesmo, de entrar em depressão, porque já tinha anunciado pra todos os veículos de comunicação que estaria me

		aposentando.
	E2	Eu parei em 2005, acho que foi a pior coisa que aconteceu, na minha vida esportiva, porque quando você começa, é... ninguém tá te vendo, ninguém tá nem aí, você vai quando dá, você faz as coisas, você quer se mostrar pro esporte que você é capaz, pras pessoas investirem em você e algo mais, só que quando você para, você já tá acostumado, porque o atleta... é como a gente... a gente tivesse, assim, um monte de babá, então depois que eu vim pra Prudente, que tinha uma equipe já boa. Então eu senti que eu tava dentro de uma redoma, né, protegido, porque eu esqueci a vida do lado de fora.
	E3	Vida de atleta não é fácil, viu. Muitas vezes, com certeza, a gente pensa em desistir, né. É difícil falar assim, a primeira vez que pensei nisso. Porque isso passou várias vezes na cabeça, né.
	E4	Em 2001, eu parei de jogar por algumas horas, né. Eu decidi. Não durou muito, mas eu em 2001, é, eu tive meu melhor ano em 1999. [...] Fiquei seis meses fora. Comecei a namorar sério, nesse meu final do ano, não estava jogando bem, tava um pouco confuso em algumas coisas da vida. Você chegar no teu auge, que é uma coisa muito legal, mas também te confunde muito, então qualquer derrota você meio que não entende, então vem aquela dúvida, será que eu era bom como em 99, ou ruim como em 2001, né?
	E5	Foi... talvez aqui por volta da Olimpíada de 96, já estava com 26 anos e terminando a faculdade e eu tava tentando imaginar como seria uma transição ou o que eu faria depois, não tinha muita ideia do que seria isso, não.
	E6	Em 2003 eu quase parei de jogar mesmo, porque... aliás, várias vezes nesses anos, a gente passa por altos e baixos e muitas vezes quando cê tá na pior, você não aguenta.
	E9	A primeira vez que eu pensei em parar, acho que foi quando... depois que eu tive a minha filha, que eu fui buscar essa ajuda lá, com o pessoal, quando ela fez cinco, seis meses.
	E11	Na verdade eu nunca pensei em parar, né.
	E12	Ah não sei... eu não sei exatamente [...] mas eu comecei a mencionar mais sobre esse assunto, a partir do momento em que eu comecei a ficar cansado das viagens, a rotina de treinos começou a ficar mais pesada [...] com certeza mais de ano, desde o momento em que eu comecei a me questionar, até o momento em que eu realmente parei.

FONTE: a autora.

5.4 Categoria de análise 2 – o processo da aposentadoria: a transição, os sentimentos e a rede de apoio

5.4.1 Preocupação com aposentadoria

A fase de preocupação com a aposentadoria do esporte de alto rendimento foi ausente nas falas de cinco dos 13 respondentes (E1, E4, E11, E12, E13), justificando que deixar de ser atleta de elite não lhes causou exatamente um incômodo que pudesse ser marcante em suas trajetórias.

E2, por um breve período (menos de um ano), e E3, por alguns anos, se mostraram bastantes preocupados com sua aposentadoria, principalmente quando atingiam resultados inferiores à medida que o tempo ia passando. Percebiam que o auge provavelmente já havia passado: E2 afirmou que já não estava desempenhando bem nos melhores campeonatos, e então começou

a participar das corridas das quais participava no início da carreira, e E3 comentou da jovem concorrência que surgia.

Por ter planejado o momento da aposentadoria com antecipação, E5 preocupou-se durante quatro anos de uma forma diferente dos outros, pois estava em dúvidas sobre quais opções seguir depois de deixar de ser nadador, à medida que queria conhecer as alternativas de carreira com maior profundidade. Para evitar isso, E7 tentou equilibrar esse período de preocupação ao diminuir sua carga de atleta e aumentar suas responsabilidades como técnico gradativamente. Assim, podia comparar os seus papéis de mesatenista e de treinador, ponderando ambas as atividades.

E8 e E9 passaram a se preocupar com sua aposentadoria somente depois de terem parado com seus treinamentos de alto rendimento, porém por motivos diferentes: E8 já estava encaminhado para uma nova trajetória, ligada à sua formação, enquanto que E9 se viu sem chances de voltar a treinar depois que passou por exames e teve uma criança.

A preocupação com a aposentadoria foi agravada pela entrada na faculdade nos casos de E6 e E10, pois seus estudos, ao mesmo tempo em que podiam comprometer os resultados no esporte, faziam com que eles pensassem em abandonar suas modalidades em pontos de insucesso. E10 descreveu ter tido muitos anos de crise, principalmente porque seus colegas de faculdade não a viam comprometida com a arquitetura, e sim com a esgrima; ela realmente não participou de todas as atividades acadêmicas das quais gostaria de ter se envolvido. E E6, ao entender que não estava 100% dedicado ao esporte, ainda trancou um ano de seu curso de Administração para ter um treino mais forte para os Jogos Olímpicos de Atenas, o único do qual participou.

Segundo Feifel (1977), o encerramento da carreira esportiva pode ser considerado como uma fatalidade, e o medo é um sentimento comum que aparece nesse período que antecede essa quebra (KÓVACS, 1992), já que os atletas passam a se preocupar com o que será do seu futuro. Para E5 e E7, essa fase não aparentou ser tão intensa, pois a transição foi ocorrendo à medida que previam deixar o esporte. E6 e E10 viveram esse período como um dilema, divididos entre os estudos e o esporte, e não sentiam exatamente o receio do futuro, mas sim do presente. O medo dos resultados abaixo do esperado e, conseqüentemente, do futuro esportivo, foi mais marcante para E2 e E3, enquanto que E8 e E9 estavam ansiosos por saber

o que fariam depois que deixassem de serem atletas. Algumas partes das entrevistas que melhor revelaram tal preocupação destacam-se no Quadro 11.

Quadro 11 – Subcategoria: Preocupação com aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Preocupação com aposentadoria	E2	Aí fiquei naquela coisa, mas parei, chorei, fiz aquele monte de coisa que... e continuei um tempinho no esporte ainda, mas aos poucos eu fui abandonando mesmo... aquela ideia de atleta... claro que eu tinha me preparado psicologicamente, mas não funcionou muito bem, não, e eles também me prepararam pra fazer outra coisa, sempre pensei no lado financeiro. Depois disso [2003] o meu resultado, eu já não conseguia repetir os melhores resultados, então o atleta tem aquela coisa, eu tava perdendo pra gente pior, que nunca ganhou de mim [...] aí eu a comecei escolher competição... competição que tinha cara fraco, essas coisas, o regional que é... a primeira competição nossa, pra mim já tava sendo principal, então eu falei, assim: Nossa! To vergonhoso mesmo, então vou parar.
	E3	Você vai vendo que vão surgindo jovens [...] você vai vendo que os seus reflexos já não são mais os mesmos, você, por mais que você treine, treine, você vai vendo que a gente acaba tendo mais dificuldade, né. A mídia, ao mesmo tempo que ela te joga lá em cima, ela te derruba.
	E5	Aquele período entre 2000 e 2004 foram cruciais, porque é quando eu comecei a investir em alguns negócios, participar de negócios relacionados a bares e academias e é o que eu tenho hoje, tudo nasceu dali, daquela época entre 2000 e 2004.
	E6	De 2010, de 2004 a 2010 foi um processo, assim, eu fui diminuindo a minha carga do tênis de mesa e à medida que eu ia... diminuindo a minha carga do tênis de mesa, eu ia aumentando aqui na empresa.
	E9	Ah, depois que eu vi, quando passou, 2011 chegou, e ninguém me procurou, e as coisas começaram a acontecer, e eu vi que eu precisava partir pra outro lado, né.

FONTE: a autora.

5.4.2 Momento da aposentadoria e destreinamento

O momento da aposentadoria foi descrito por onze dos 13 respondentes da pesquisa, já que E7 estava ainda em processo de transição, e E11 nunca havia pensado em desistir do esporte. Essa etapa da vida foi relatada com diversos contextos pessoais e profissionais, além de opiniões divergentes. Os onze participantes tiveram experiências e fatores diferentes que os fizessem desistir de suas carreiras atléticas em determinado ponto de suas vidas.

E1 relatou que o encerramento da carreira é muito complicado e que o grande adversário, nessa hora, é o próprio atleta. Como já tinha uma lesão e seus resultados vinham piorando, tais fatores levaram à sua aposentadoria. E2, que praticava a mesma modalidade, disse que parou de repente, depois de conversar com seu técnico, e então tinha muito tempo livre, começou a consumir álcool e foi fazendo várias tentativas para um novo trabalho. Nessa época, passou a atuar com projetos de atletismo para crianças em escolas públicas, dentre outras coisas.

De uma forma mais consciente desse processo, todos da natação, E3 vinha pensando mais racionalmente sobre a aposentadoria, e finalmente deixou as piscinas, enquanto que E5 já estava vivendo bem a nova fase, com filhos em fase de crescimento e negócios próprios sendo explorados. E8 havia planejado quando parar, por causa da idade, e sentia-se bem sucedido e grato de sua carreira. Ele também relatou sentir o vazio da rotina de treinos, mas que não o deixava descontente.

Tanto E6 como E10, que já tinham empregos de outra natureza, perceberam que o processo não foi tão difícil quanto pensavam, pois E6 sentiu que era a hora de se dedicar mais à empresa em que trabalhava, e E10, além de se empenhar mais no escritório de arquitetura, também aproveitaria mais a vida, pois costumava evitar sair com seus amigos e usava suas férias exclusivamente para o treinamento mais intensivo da esgrima.

E4, por sua vez, ao pensar em aposentadoria, inicialmente se isolou e passou a fazer tudo sozinho, diferentemente de situações anteriores (viajava para campeonatos com pelo menos um técnico) e, quando declarou sua intenção de parar devido às derrotas que vinha sofrendo, seu pai e seu antigo técnico não o deixaram abandonar o esporte. A partir do ponto em que o encerramento da carreira atlética passou a estar nos seus planos, ele contratou um empresário que buscava alternativas para sua avaliação, já que queria estar com um novo trabalho quando largasse das raquetes. Também tenista, E12 pensou sobre a aposentadoria antecipadamente e, quando escolheu jogar seu último torneio, o Brasil Open de 2013, anunciou para a imprensa e fez seu discurso de encerramento.

Assim como E11 não teve esse momento por nunca ter decidido parar (encerramento involuntário), E9 relatou que não se sentiu apoiada enquanto esteve grávida e que não recebeu nenhum incentivo para voltar ao atletismo depois disso. Ela ainda queria ter continuado no esporte, queria continuar sentindo o cheiro de pista, segundo a participante da pesquisa. De outra maneira, atingindo bons resultados, E13 decidiu abandonar os remos quando ainda obtinha índices para competir em eventos mundiais, e isso frustrou seus pais, que queriam que ele continuasse na canoagem.

Resumindo, E2, E3, E9 e E12 tiveram aposentadorias com uma quebra, ou seja, deixaram o esporte de alto rendimento para então buscarem uma nova atuação profissional. E1 e E4 começaram a trabalhar na televisão como comentarista e apresentador, respectivamente, enquanto ainda estavam nas suas últimas temporadas como atletas com bom desempenho. Ao

mesmo tempo em que treinavam e competiam, E6 e E10 também tinham empregos de outra natureza, e sua transição foi de mudar o peso da dedicação para cada atividade. E três respondentes, E5, E8 e E13, vinham desenvolvendo projetos como empreendedores à medida que eram menos atletas e mais empresários.

O segundo momento da aposentadoria foi presente para cinco ex-atletas que voltaram a treinar, de alguma forma, e então a primeira aposentadoria não havia sido definitiva. E1 retornou às pistas para correr em modalidades que exigissem maior resistência e também saltar à distância, mas nada foi oficial, e ele desistiu. Por sua vez, E2 passou a correr com amadores, não viu sentido nisso, e em 2006 foi convocado para competir no bobsled, modalidade dos esportes de inverno, inclusive participando dos Jogos Olímpicos de Turim, o que não considerou como uma boa experiência.

E4, após tentativa de deixar o esporte em 2001, relatou ter escolhido o momento mais adequado, acreditando que os Jogos Panamericanos de Santo Domingo (2003) foram um marco bastante importante na sua aposentadoria. Nesse evento, ele estaria representando o Brasil, mesmo sendo natural de Buenos Aires, e estava sentindo que era a hora certa: já fazia muitos esforços para jogar, estava com 32 anos de idade e pensava no seu futuro familiar. Essa sensação foi semelhante para E10, que já não sentia mais vontade de continuar treinando e queria constituir uma família, pois estava casada naquele momento (2010) e pretendia ter filhos em seguida.

Nesse segundo momento, E6, que havia mencionado o emprego em uma empresa como um novo foco para sua trajetória profissional, passou a perceber que estava competindo torneios menores, mas demorou para deixar de ser atleta porque fazia parte de uma equipe muito boa que o impulsionava a continuar com contrato remunerado no clube.

Por último, também se falou em destreinamento, que é uma etapa muito importante para qualquer atleta de alto rendimento, cuja fase prepara o profissional a diminuir seu ritmo de treinos de forma gradual, com acompanhamento psicológico e processo de transição para outra atividade. Porém, isso foi mencionado apenas por E2 como algo relevante e não realizado, considerado um engano, e que estava sendo praticado por E7, pois estava dividindo seu tempo entre os treinos como mesatenista e como técnico, ou seja, ia se tornando menos atleta e mais treinador de uma equipe feminina da mesma modalidade.

Para Bowlby (2002), a morte implica o processo de luto, cuja primeira etapa é a fase de choque, com manifestações de desespero e tensão, inclusive ataques de raiva. No entanto, como o encerramento da carreira atlética era bastante previsível para os onze ex-atletas que se aposentaram por vontade própria, tal comportamento não foi tão visível. Pelos relatos, por um lado, E1 sofreu com depressão, E4 viveu momentos muito tensos, E8 sentiu um vazio, E9 percebeu falta de apoio, e E13 tinha a sensação de que frustrou seus pais. Por outro lado, pelo processo ser bem conduzido em longo prazo por E3, E5, E6 e E10, tais atitudes esperadas nesse momento não foram percebidas. O Quadro 12 retrata os principais destaques das respostas dadas pelos entrevistados.

Quadro 12 – Subcategoria: Momento da aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Momento da aposentadoria 1	E1	Em 2008, no mesmo ano eu encerrei a minha carreira. [...] Foi um momento, assim, muito complicado... é muito, eu diria, assim, que esse momento... na vida, o atleta quando... quando ele é um atleta de alto rendimento e de alta performance, a gente sempre costuma dizer que os nossos grandes adversários são quem tá muito bem, igual a gente, né [...] mas eu vi que eu me enganei, na verdade eu acho que o nosso grande adversário é esse momento, quando chega de saber que você tem que aposentar, que não dá mais e que você tem que fazer alguma coisa quando você se aposenta, foi um momento muito complicado pra mim, porque você perde o chão.
	E2	[Em 2005] aí parei, fiquei um bom tempo sem fazer nada, é... tinha um tempo muito ocioso... aprendi a beber, né, aprendi a beber e fazer essas coisas que eu não fazia, sei lá. [...] Não é muito a cultura nossa do atletismo, porque a gente aprende a beber depois. [...] mas aí eu fiz uma pesquisa e depois eu mesmo tirei a conclusão por mim, que você fica desprotegido, então você tem essa resistência física que a gente tem, né, da vida inteira... a gente consegue beber um pouco mais que os outros. Aí cê fica ansioso pra tentar fazer alguma coisa, eu tentei fazer um monte de coisa e... o que deu certo pra mim, eu trabalho aqui, com um projeto aqui com... em Prudente, com crianças, é... hoje eu trabalho com 465 crianças mesmo. A gente da aula nas escolas, né, e junto com o projeto aqui da cidade
	E3	Na cabeça já falava, não, Pequim vai ser a última. Trabalhando na minha cabeça, um tempo antes, né, pra não... porque realmente é difícil parar. Mas eu fui trabalhando isso comigo, e então foi difícil, mas não foi tanto, graças a Deus.
	E4	Então [em 2001] eu passei uns três, quatro meses sem muito prazer, viajando sozinho. Por escolha, mas com o tempo não curti, e ao invés de pensar em contratar um técnico, eu pensei na possibilidade de parar. [...] Sem treinador, viajando sozinho, sozinho, sem família. Eu viajei sozinho seis meses. Eu comecei a olhar antes, eu fui um dos que conseguiu olhar, 2001, 2002, eu tô pra parar, e aí, o que que eu vou fazer depois? Vou dar aula? Não quero. E aí, eu contratei uma menina [...] basicamente pra isso. “Olha, eu quero que você me jogue coisas, lógico, você vai cuidar da minha carreira, mas eu quero que você jogue coisas que eu vou fazer quando eu parar”. A gente foi indo assim, até o dia em que eu recebi uma proposta pra fazer um piloto, que ela também fuçou, e pra fazer um piloto [na televisão]. [...] Fiz 16 programas, e enquanto eu jogava, eu migrei pra televisão, enquanto eu jogava no último ano. Quando eu parei, eu já tinha uma coisa de televisão, então já tava empregado, que é o grande desespero do atleta quando para, né. [...] Pelo título do Panamericano também, abriu muita porta.
	E5	Os resultados, eles não acontecem do jeito que... que talvez você gostaria ou que já aconteceu no passado e você tá numa outra fase da sua vida, com filhos, com negócios e outras coisas que você quer se dedicar, é o momento certo pra parar. [...] vou parar hoje e depois da última prova eu tomei essa decisão, não, eu tomei a decisão quatro anos antes. É um processo, é uma transição.
	E8	Em Pequim, depois de participar da última prova, eu parei tudo, eu tava decidido, já. [...] Eu cheguei em 2008 em Pequim, no meu auge dos resultados individuais, e eu já tava com... 2008,

		eu tava com 42 anos, já. Então, quer dizer, a idade já avançada pro esporte, entre as aspas, né, mas tava com um resultado bom.
	E12	Eu anunciei antes que seria o meu último torneio [Brasil Open de 2013].
Momento da aposentadoria 2	E1	Voltei... voltei várias vezes, ixi, eu voltei, mas nada oficial. Então, aí depois... depois disso, eu fiquei meio que... eu falei: Poxa, deixa eu tentar de novo, tentei, arrisquei saltar, fazer o salto em distância, mas nada oficial. Eu acho que foi mais uma paixão ainda, uma chaminha que tava acesa ainda, não querendo apagar. [...] Foi nesse momento que eu resolvi, entender que acabou.
	E2	Voltei pro esporte em 2006, só que foi no bobsled. [...] Aquele trenó na neve, fui lá, que era uma roubada, né. Ah, a gente caiu três vezes, bateu a cabeça, voltei com o braço machucado pra casa, eu fui pra... mais pra ajudar a divulgar o esporte.
	E4	Eu decidi, vou jogar o Pan. E aí, foi isso, eu parei um mês, quase um mês e meio, porque eu não conseguia voltar a treinar, não tinha motivação, mesmo com o Pan, e aí foi na hora que entrou outro treinador pra me ajudar [...]. O cara, em quinze dias: Você tem um Panamericano pela frente. E ele me motivou, foi meu treinador no Panamericano, junto [...] Mas, foi uma decisão.
	E6	Jogos regionais, abertos, continuei jogando, na verdade eu parei de jogar em 2010. Em termos de equipe nossa equipe era muito forte, então [...] maioria das vezes a gente ganhava, né, a gente era... então esses outros dois, hoje eles são meus padrinhos, melhores amigos, então a gente tinha uma amizade muito... tem uma amizade muito forte, então por isso que eu continuei jogando também, eu... eu fiquei pensando, se fosse pra jogar sozinho, eu já teria parado antes de 2010.
Destreinamento	E2	O duro que eu não fiz nada, até hoje eu falo que em Cuba, né, quando o atleta para, existe uma... [...] então cê vai desacelerando, fazendo um destreinamento e cê pode passar no psicólogo... por um monte de coisa. E eu até falo pra todo mundo isso, mas eu mesmo não fiz. Eu achei que não precisava, mas foi um grande engano na minha vida e, eu hoje, eu falo pra quem tem oportunidade: pode fazer, faça, porque você vai ser uma pessoa até melhor, até você se achar.
	E7	Eu ainda continuo treinando todos os dias, mas, é lógico, uma coisa que, inevitavelmente vai acontecer né, pouco a pouco, vou parando.

FONTE: a autora.

5.4.3 Como foi a aposentadoria

Assim como muitas transições que podem ocorrer na vida de um indivíduo, tais mudanças implicam eventos que costumam desencadear alguns rituais. Quando uma fase ou um ciclo se completa, é comum haver cerimônias de despedida, principalmente quando for relevante para a pessoa que finalizou um processo, ou para as partes que estão envolvidas.

Rosenberg (1984) acredita que o fim da carreira esportiva esteja relacionado à dessocialização do esporte e que a aposentadoria atlética seja uma morte social. Assim, a forma com a qual esse momento é tratado torna-se de importante entendimento. Seria esperado que todos os ex-atletas estudados tivessem proporcionado ou, pelo menos, recebido, alguma cerimônia de despedida do esporte, pois a amostra é composta por indivíduos que atingiram resultados bastante relevantes para o país. No entanto, as ocorrências de eventos não foram tão encontradas nos relatos dos pesquisados.

É bastante normal ver atletas famosos, no fim de suas carreiras, anunciarem suas aposentadorias na televisão, páginas de notícias, entre outros meios de comunicação, e foi o que fizeram E1, E2 e E12. Inclusive, E2 e E5 promoveram uma entrevista coletiva com a imprensa em geral, com um evento oficial de despedida. Por sua vez, E3, E8 e E13 tomaram a decisão de simplesmente deixar o esporte e não fizeram nada de especial, apenas pararam de praticar a sua modalidade de alto rendimento. E3 complementou ao comentar que comunicou a Federação responsável, enquanto E6 avisou a sua equipe que estava se aposentando.

E9 e E10 não comunicaram a ninguém sobre sua aposentadoria, mas por motivos diferentes: E9 porque nunca quis parar de competir, e E10 por não querer nenhum evento que marcasse a sua despedida, até porque, na verdade, tem vontade de voltar a ser atleta de alto rendimento, já que viu sua irmã praticando esgrima, mesmo mais velha que ela.

Com tais eventos, E1 e E6 enxergaram essa despedida como algo positivo e marco de sucesso, enquanto E2, E5 e E12 receberam até homenagens que relembrou os bons momentos do passado esportivo. Contudo, E2 e E3 relataram que essa situação foi um momento bastante difícil de lidar, enquanto que E8 e E9 foram os mais pessimistas quanto a esse ritual, afirmando que não houve nada porque ninguém se importa com tal transição. E8 ainda comentou que esse tipo de cerimônia ocorre apenas com atletas famosos, e ele não se julgava como alguém ilustre, mesmo tendo conquistado três medalhas Paralímpicas em sua carreira. Os trechos mais significativos sobre o processo da aposentadoria no esporte estão contidos no Quadro 13.

Quadro 13 – Subcategoria: Como foi a aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Como foi a aposentadoria	E1	Eu fiz uma coletiva de imprensa, né, até pela minha história mesmo, né, vitoriosa dentro do atletismo, né, com duas medalhas Olímpicas, né, cinco medalhas em Panamericanos, três medalhas em campeonatos mundiais, assim, muito reconhecido pela... pela população, então eu acho que... eu acho que a população merecia essa resposta [...] as pessoas não acreditavam, depois de um tempo, as pessoas: Pô [nome do próprio atleta], cê já parou, tão novo?
	E2	Teve... um evento bacana, assim, eu comuniquei a imprensa. [...] Foi a imprensa falar de escrita e foi focada, eles foram tudo lá nessa competição, no campeonato brasileiro, foi no Ibirapuera, comuniquei antes, aí fizeram entrevista, o flashback da minha vida toda lá, tal e depois eu acabei de correr lá, que eu ganhei, aí acabei de ganhar, invadiram a pista, ranquei as coisas lá, ranquei sapatilha, ranquei... parei, chorei um pouquinho, lembrou um monte de coisa, me abraçaram, aí foi... foi difícil...
	E3	Eu assumi por conta própria e, na época, eu só comuniquei o pessoal do Comitê Paraolímpico que ia parar, e parei.
	E5	A gente fez um evento no [nome de clube], na época, eu convidei vários convidados, fiz uma última... o último evento, uma prova de 100 livre, mais na brincadeira, ali. [...] Ah, foi superdivertido, tava ali... o foco era a festa, então teve palestra, apresentação, homenagens e foi... foi muito legal.

	E8	Uma coisa que eu acho, acho que todos os órgãos nacionais, de modo geral, eles não se preocupam quando o atleta se aposenta, né. [...] às vezes a gente fica, vê um ou outro sendo homenageado. Nem se importa com a maioria, não tá nem aí. Eu também nem esperava nada. Eu não tive isso, né, eu não tive nada. Na verdade, terminei minha prova, e falei pra mim mesmo, “acabou”. Então, foi tranquilo.
	E9	Na verdade, eu não comuniquei nunca. Por isso que eu tô te dizendo, eu nunca disse pra eles que eu queria parar.
	E10	Não, não teve evento nenhum... até porque lá no fundo eu ainda tenho vontade de voltar, né. Então pra mim isso foi um... vamos dizer, assim, uma despedida um pouco mais... mais configurada e... não poder ver essas pessoas de novo, né, isso me deixa um pouco melancólica.

FONTE: a autora.

5.4.4 *Motivo da aposentadoria*

Para Ogilvie e Taylor (1993), há quatro causas principais de encerramento de carreira no esporte: idade, não seleção, lesão, e livre escolha. Com exceção do E1, que alegou dois itens como motivos de sua aposentadoria, ao citar lesão e idade, todos os outros respondentes alegaram apenas um dos fatores como causa do fim da carreira atlética. Por sua vez, E7 não tratou do assunto por estar em transição, e E11 afirmou nunca ter tido a vontade de parar de remar.

Conforme mencionado, E1 citou a lesão no seu tendão de Aquiles como um problema que o fez deixar as pistas, sendo o único a falar de uma contusão para tal evento. E9, uma atleta que não tinha intenções de deixar o esporte, foi a única respondente que deixou de ser selecionada para continuar na equipe da qual participava.

Além de E1, E2 e E5 mencionaram a idade como o fator principal para o fim de suas carreiras atléticas, sendo motivo indireto de outros ex-atletas. Assim, E3, E4, E6, E8, E10, E12 e E13 explicaram que sua aposentadoria se deveu a motivações pessoais, ou seja, de livre escolha. Hackfort e Huang (2005) identificaram motivos menos frequentes, como o desejo de mudança, também presente para E5, mas mais evidente para E8 e E13, e o desejo de dedicar mais tempo a outros relacionamentos, que foi o caso de E6 e E10.

Mais que essas causas, também foi possível observar outros fatores que contribuíram para a tomada de decisão no momento da aposentadoria. E1 e E12 afirmaram que as dores no corpo os desgastavam nos treinos e competições, enquanto E2 dizia que era frustrante perder para pessoas de quem costumava ganhar. E quatro respondentes (E2, E3, E4, E12) enfatizaram que ver novos adversários chegando para competir era desanimador, pois eles eram os mais novos quando começaram a praticar suas modalidades, porém uns dos mais velhos quando se viam nessa situação.

E6 e E10 deixaram claro que decidiram deixar o esporte por terem atingido seus objetivos. Aliás, ambos tinham a mesma meta, que era a de participar de pelo menos uma edição dos Jogos Olímpicos, e os dois foram a Atenas em 2004. Satisfeitos com os resultados obtidos em sua carreira, deixaram de competir alguns anos depois. E10, além de ter alegado esse motivo, também relatou que era a hora de se dedicar à família, assim como declarou E8. E motivado a começar uma nova carreira, ao abrir uma escolinha de canoagem, E13 teve essa causa para deixar de ser atleta.

Mesmo que sete dos 13 participantes da pesquisa tenham claramente abandonado o esporte de alto rendimento por livre escolha, ainda foi bastante frequente a sensação de que podiam ter feito mais como atletas. É possível observar as respostas que explicam o motivo da aposentadoria no esporte no Quadro 14.

Quadro 14 – Subcategoria: Motivo da aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Motivo da aposentadoria	E1	Poxa, eu parei, eu tinha praticamente 38 anos, né, 38 anos competindo, pra prova de 100 metros, como velocista, é complicado, é um momento que você começa se machucar, cê começa se lesionar com mais facilidade, então eu acho que foi o momento, assim, de... de reflexão comigo mesmo e de entender que acabou, que não tem jeito.
	E2	Alto rendimento, cê vai ficando velho, o corpo não reage do mesmo jeito, eu me sentia desprotegido.
	E3	Porque [...] os jovens foram surgindo, e principalmente essa questão de parar bem, entendeu? Creio que deve ser muito difícil um atleta ver ele mesmo se decaindo, acho que deve ser uma situação muito ruim, né. Então, antes que acontecesse isso comigo, eu resolvi parar.
	E4	Eu acho que acabou o brilho nos olhos. E tudo tem um começo, meio e fim. Duro é você descobrir, mas eu descobri o meu motivo do fim, e eu não queria perder. Uma coisa que me dava desespero é ficar no circuito levando porrada de caras que eu me vi ganhando, só pra dizer que eu era tenista profissional. Eu tive uma carreira maravilhosa, legal, bonita, cada um vai achar de uma maneira, e no final da tua carreira é aquela coisa meio que sonolenta e triste, e saco de pancada. Isso que eu não queria pra mim.
	E5	Porque eu queria fazer outras coisas e a idade já tava chegando.
	E6	Eu acho que eu nunca me vi como um cara que ia passar minha vida inteira no tênis de mesa. Então por que que eu parei? Porque eu atingi o meu objetivo.
	E8	Acho que foi uma reflexão sobre o momento da vida, mesmo. Porque eu ainda tenho colegas da minha época, que continuou no esporte. Só que eu me vi plenamente, vivi o esporte, até Pequim.
	E9	Acho que foi falta de apoio, mesmo. [...] Eu senti falta desse apoio, dessa ajuda, né, desse preparo. [...] De tudo, do técnico, da federação, do Comitê Paraolímpico, [...] do meu treinador.
	E10	Eu acho que de certa maneira eu já me sentia até bem realizada, na verdade [...] tem um resultado que eu não... nunca tive que é a medalha Panamericana, que é uma coisa que infelizmente eu não tive chance de concretizar. [...] Eu tinha 32 pra 33. Então, eu também queria ter filho, então eu achei que era melhor parar em 2008 do que entrar de novo numa empreitada de mais quatro anos e... postergar mais um pouco ainda a gravidez.
	E12	O desgaste ao longo dos... dos anos, né, foram... foram 14 anos, 14 temporadas, é... jogando, disputando circuitos, sempre numa média de 30 semanas, jogando, né, a grande maioria fora do país, fora semanas que você passa treinando fora ou algum outro evento, mais do que os anos no juvenil, que eu já tava viajando bastante também. Eu tenho a sensação de que eu fiz o que eu... o que eu podia, tava meio que é... satisfeito, então foi uma decisão mais fácil pra mim, de se tomar.
	E13	Percebi que não dava pra conciliar o... assim, um foco ou eu vou me focar realmente nos treinos e

		no campeonato e aquela coisa ou eu vou seguir a minha carreira, chega uma hora que se você quer ter uma carreira [...] como atleta tem um razoável sucesso, não foi tanto também.
--	--	---

FONTE: a autora.

5.4.5 *Sentimento da aposentadoria*

Feifel (1977) alega que o fim da carreira atlética de alto rendimento seja comparável à morte, e que o processo de luto pode estar ligado a um rompimento drástico, ou a uma transição mais natural. De forma análoga, Samulski et al. (2009) acreditam que os fatores do término desse tipo de carreira envolvem aspectos positivos e negativos. Tais sentimentos foram perceptíveis nos relatos dos entrevistados, pois alguns viram o processo como um rompimento total (E2, E3 e E9), enquanto outros o enxergaram como um acontecimento natural (E5 e E8).

As perguntas sobre os sentimentos da aposentadoria estavam divididas em três partes: antes, no momento e após a transição, conforme apresenta o Quadro 15. Na análise, o sentimento dessa fase será analisado de uma forma mais conjunta.

Antes da aposentadoria, foi bastante comum (E2, E4, E6, E7, E8, E9 e E12) notar que o sentimento positivo predominava antes até depois da aposentadoria, com um senso de satisfação na carreira. Mas também foi frequente (E1, E2, E5, E7, E8 e E10) perceber que os entrevistados sentiam um vazio, causado pela falta da rotina que tinham enquanto atletas.

Ao mesmo tempo, E1, E4 e E11 alegaram um sentimento estranho, principalmente E11, que interpretou diversos fatos negativos em sua vida atlética como um sinal para parar e continuar como técnico, melhorando o desempenho de outros atletas. Inclusive, E4 achou que deveria ter parado antes, se soubesse que a aposentadoria fosse tão boa para ele. Nesse mesmo sentido, E3, E5 e E10 até acharam que essa transição seria pior.

E1, E3, E4, E7 e E12 também mencionaram que sentiram que era o momento de parar, mesmo E1, E4, E8 e E13 afirmando que essa hora era muito difícil. E3 ainda revela bastante ansiedade antes da transição, algo que a acompanha durante todo o processo.

Por um lado, E1 e E5, ao terem a sensação do vazio, estavam preocupados em como iriam preencher seu tempo futuro. Por outro lado, E8 e E11 ficaram com o sentimento de que podiam ainda fazer mais pelo esporte.

No momento da aposentadoria, os sentimentos foram descritos de forma mais divergente, com aspectos mais negativos que positivos. E1, E2, E7 e E9 foram claramente negativos no seu discurso ao relatar esse momento, dizendo que: foi algo dolorido (E7), é uma luta com o próprio corpo (E1 e E2), ser atleta é ser reconhecido e tratado como ídolo, mas que depois disso se acaba (E1, E2 e também E12) tentava fugir e precisava entender o que estava acontecendo (E1), sentia angústia (E9 e também E11), o preparo psicológico não foi efetivo (E2), e a natureza lhes deu um talento e também lhes tirou (E1).

Para E1, E5 e E8, o momento da aposentadoria traz um sentimento de perda muito grande, que é a morte social (LERCH, 1984), e E1 o descreve como se fosse um adeus a uma pessoa muito querida ou um parente. E12 relatou que o momento foi bastante marcante porque se lembrou muito do passado e de toda a sua trajetória esportiva.

De uma forma positiva, E1 relatou que podia, então, fazer tudo o que queria, como comer um bolo de chocolate. E6 e E13 afirmaram que o momento foi de alívio: E6 porque passou a praticar outras atividades físicas, proibidas até então, como futebol, tênis e badminton, já que o risco de se lesionar era grande, comprometendo a sua carreira no tênis de mesa, e E13 pelo fato de as competições exigirem muito treino.

E6 destacou apenas aspectos positivos do momento do encerramento da carreira atlética, e disse que a nova fase seria um recomeço. E E4 sentiu que estava bem no processo já que a sua família estava sempre apoiando a transição.

E após a aposentadoria, os sentimentos relatados também foram positivos e negativos, porém com uma carga menos negativa. E1 falou que é bom não ser atleta por não passar por tensões e que a vida social e o lazer são mais bem aproveitados, aspecto mencionado igualmente por E10. Para E3, a transição não foi tão difícil quanto pensava, sendo que E4 continuou vivendo o esporte porque realmente gosta de tênis, e E13 sentiu que, após a aposentadoria, houve uma sensação de relaxamento.

Por sua vez, E11 e E12 se sentiram felizes após a aposentadoria, enquanto E5 e E10 tiveram o sentimento da realização. No caso de E10, a realização veio também pela vontade de constituir família e de ser mãe naquela época.

Contudo, E1 também destacou os sentimentos negativos, dizendo que sofreu muito. E1, E2, E3, E6 e E9 relataram que sentiram a saída da rotina de treinos e, inclusive, E2 e E9 tiveram a

sensação de que foram abandonados, viveram um processo difícil de transição, além de estarem perdidos e sem direção para o futuro. Este último aspecto também foi relatado por E3, que ficou um ano sem fazer nada, segundo ela, apenas pensando em como seria a continuação da sua vida profissional, pois ainda se via jovem.

Por último, E9 se mostrou bastante frustrada com a falta de apoio no fim de sua carreira atlética, enquanto que E4 e E9 não gostavam das comparações que, após aposentados, os outros faziam com outros atletas inativos ou ativos. Isso mostra que os sentimentos envolvidos nesse processo podem ser negativos e positivos, conforme apontado por Samulski (2009), pois há pontos que são tristes, frustrantes e sofridos, porém há sensações de alívio, felicidade e realização. O Quadro 15 revela os sentimentos descritos antes, durante e após a aposentadoria no esporte.

Quadro 15 – Subcategoria: Sentimento da aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Sentimento antes da aposentadoria	E1	E agora o que que eu vou fazer? Após o anúncio da aposentadoria, no dia seguinte, foi muito estranho, porque você acorda, você não pega mais a mochila, você não coloca mais o suplemento dentro da mochila, você não põe a sapatilha dentro da mochila pra poder vim pra pista, isso é muito estranho, você acordar de manhã e não... não ter o que fazer, mas foi passando o tempo. [...] eu voltei a estudar.
	E2	Na parte esportiva, assim, eu senti, assim, que eu tinha feito... tinha cumprido minha missão, é, não fui o... o melhor atleta não, mas eu sempre tive entre os três melhores do país, assim, então eu me senti muito bem, falei: Nossa, tô saindo daqui de cabeça erguida, nunca fui pego com droga, nunca tive uma advertência.
	E3	É difícil, porque você fala: Poxa, meu, uma vida inteira praticamente só fazendo isso, né. Então, é uma coisa bem difícil, mas assim, como eu... eu, tinha na minha cabeça essa minha decisão, né, então foi um pouco mais fácil. Eu acho que a ansiedade de quando você vai parar, eu acho que é maior, né, do que quando você para.
	E4	Eu brinco que se soubesse que era tão legal, e principalmente parando no auge, parando num momento bom, eu teria parado antes.
	E5	Como foi uma transição eu achei que eu ia sofrer um pouco mais, eu... eu me adaptei muito bem à... à vida fora das piscinas, eu tinha muito trabalho.
	E6	Olha, todo mundo falava assim: Ah, essa vida no profissional, não é isso que cê tá imaginando, cê vai sentir saudade do tênis de mesa e não sei o quê. Olha, eu não sinto.
	E8	Eu falei: Pra que despedir talento, né, por que que eu tô nessa situação de estar entre os melhores da seleção brasileira, e eu vou parar? Ficava pensando, né, se eu posso ainda trazer coisas boas pro... pra equipe, pro Brasil, e tudo o mais?
	E12	Na verdade eu já tinha... eu já tinha claro na minha cabeça que realmente, é... eu queria parar, eu já tava sentindo essa necessidade, então o que eu disse, feliz por ter feito o que eu fiz.
	E13	Momento muito difícil, mas é que eu termino uma coisa e começo a outra, na verdade. Na verdade, eu acho que eu já me preparei pra esse... pra esse momento.
Sentimento da aposentadoria	E1	É difícil se desgarrar. Atleta de alto rendimento e de alto nível, olha, quando chega esse momento de você se aposentar, de saber que cê não vai poder treinar... é complicado, é difícil [...] é difícil você lutar com o corpo... Foi horrível, é horrível [...] você pensar, cê começar... cê começar a desenhar, cê já começar a fazer um esboço disso, de... de entender, que você um dia vai ter que parar, eu tentava fugir, todas as vezes que eu pensava nisso [...] o que que é ser um atleta de alto nível? É ganhar a

		<p>medalha, é ser reconhecido, é... ser, assim, ovacionado, é gostoso, né, ser reconhecido, é bacana tudo isso.</p> <p>No lado do... do atleta mesmo, de ganhar medalha, de viajar, de não sei o quê, é muito ruim, então é uma coisa que a natureza te tirou, ela te deu, mas chegou o momento que ela ia te tirar.</p>
	E2	<p>Com o tempo você vai chegando ao ridículo, né, o ridículo no sentido de que você vê atleta que foi muito bom, fica passando vergonha, é... perdendo provas, chorando depois, reclamando, sabe aquela coisa que cê vê muito por aí, o atleta foi ídolo, depois que que acontece? Você... aquela coisa tudo que você conquistou, você vai perdendo, então, assim, você para e você não é mais ídolo, de tanto que o pessoal viu você sendo derrotado e tudo isso, isso que fica na cabeça do povo e na nossa também.</p> <p>Então você foi bom, foi vitorioso, mas no final da minha carreira aconteceu isso, então graças a Deus eu aprendi e cortei lá em cima mesmo, não deixei muito chegar também, porque eu acho que eu... eu não sei, de repente, depois que você para tem muito atleta que fica frustrado, né. [...] Então eu não cheguei a esse ponto, graças a Deus.</p>
	E4	<p>Muito tempo livre. Eu acho que não dá pra você mentir pras pessoas. É difícil você... A vida inteira você fez uma coisa. E a coisa que você mais ama, coisa que você mais se realiza. Acho que você tem outros prazeres, daí as pessoas querem comparar, ter filhos, casamento. Cara, são totalmente diferentes. São adrenalina, são emoções totalmente diferentes. Não dá pra comparar. Não tem mais ou menos, né. São páginas viradas na tua vida. Então, é difícil.</p> <p>Acho que quando parei, não foi tanta, não foi um bicho de sete cabeças. Sabe? Uma coisa muito estranha?</p>
	E5	<p>Me senti muito feliz, satisfeito e... e realizado com tudo aquilo que eu fiz.</p> <p>É um pedaço que... de você que encerra, uma parte... que você tá acostumado a fazer durante tanto tempo que... que de repente você não faz mais...</p>
	E6	<p>Aliviado. [...] A primeira coisa foi uma alegria, assim, um... de ver, assim, nossa, agora eu tô livre pra fazer tanta coisa que eu nunca fiz, não é que eu não podia fazer, se eu quisesse eu poderia, mas eu... eu tinha meus objetivos no tênis de mesa, eu nem jogava futebol, eu já vi muita gente se machucar.</p>
	E7	<p>Com certeza [...] dolorido, né.</p>
	E8	<p>O vazio que você sente é da vida que você tinha, porque o dia a dia é muito, você vive aquilo. A falta que eu senti foi isso, não foi de dinheiro, não foi nada disso, sabe. E o outro lado, como eu tinha muitos comprometimentos com o trabalho, com a empresa, tudo o mais, eu acredito que... Eu senti muita falta, mas eu acho que não foi tanto quanto aqueles que não têm isso. Mas, pra mim, foi um processo, não digo fácil, mas foi natural. Mas, não é fácil.</p>
	E9	<p>Ah, senti muito chateada, fiquei muito triste, né, porque eu pensava que... Porque assim, quando você tá lá, o pessoal te trata com tanto carinho, que você pensa assim, “poxa vida, vou poder contar com essa pessoa”. E aí, você vê que não pode contar com ninguém, entendeu? E isso me decepcionou um pouco.</p>
	E10	<p>Mas eu acho que eu tava mais preparada do que eu pensava, na verdade, depois que eu... quando eu parei, quando eu engravidei, minha filha nasceu, eu pude viver outras coisas na minha vida sabe, assim? Sábado sem treino, sexta-feira poder ter happy hour porque não vai treinar no dia seguinte, coisas que... férias sem treinar, enfim, coisas que, às vezes, pra mim eram.. eram raras.</p>
	E11	<p>Acho que eu estaria, é... mesmo se eu não chegasse a atingir os... os meus objetivos, eu acho que eu poderia ter ido um pouquinho mais longe, assim, né. [...] Foi, assim, é... felicidade e angústia, e mais felicidade.</p>
	E12	<p>Muitas coisas passam na sua cabeça, né, não só na hora... na hora da homenagem e após o jogo, mas durante o jogo, né, você é... revive momentos marcantes, é... torneios importantes, jogos importantes, toda a sua história [...] a felicidade de ter a sensação de... de missão cumprida, de ter feito o que eu podia realmente dentro... dentro do esporte, fiquei feliz, recebi a homenagem, tá com pessoas queridas minhas, minha família, os meus amigos.</p>
	E13	<p>Na verdade, eu acho que eu... eu fico um pouco aliviado, porque não tenho, é, não tenho que ficar nisso aqui, hoje em dia eu prefiro dedicar o meu tempo à minha carreira.</p>
Sentimento após a aposentadoria	E1	<p>O tempo... o tempo é o senhor da razão, né, quando chega não tem jeito. [...]mas hoje eu posso fazer tudo isso, com certeza, tem o lado bom, né, que é o lado... esse lado de você poder fazer... social, de você poder... justamente isso, de você poder reunir os amigos, ficar acordado até mais tarde, comer uma bela duma feijoada, comer um bolão de chocolate recheado, tudo isso eu não podia fazer, hoje eu posso. [...] Né, hoje eu posso tomar uma tacinha de vinho.</p> <p>Não tem o treinador pra: Vai dormir, que que cê tá fazendo acordado? Isso pode comer, isso não pode, pós-atleta eu posso tudo.</p>
	E2	<p>A sensação, eu me senti meio abandonado uns tempo, né, aí eu vim pra cá, pra casa e fiquei sem</p>

	fazer nada um bom tempo. A primeira semana eu levantava cedo, ia lá pra pista da [nome de centro], olhava, dava uma corridinha, meio que treinava e aos poucos eu fui abandonando, fui dormindo um pouco mais tarde e fui atrás de... de outros amigos, fazer amizades novas. [...] Então eu nunca mais entrei numa pista de atletismo.
E3	Na verdade, eu fiquei um ano sem fazer nada, pensando: Ai, meu Deus, e agora, tenho que começar do zero, o que é que eu vou fazer, né. Aí, depois, passando esse um ano, comecei a pensar no que eu podia fazer, e daí que eu comecei a me movimentar de novo pra poder, praticamente a gente recomeça, né. Eu saí totalmente da rotina.
E4	Tirando tudo isso que eu falei, eu não sofri nem um pouco. Aquela coisa, ah, mas você não precisa ir nos campeonatos, não preciso ver tênis, não preciso jogar tênis. Eu jogo porque eu gosto, eu vejo tênis porque eu gosto, ou por causa do trabalho, porque sou comentarista, então eu tenho que ver, que estar dentro do meio.
E5	Tem vários sentimentos de perda, mas tem um sentimento de realização, também, muito grande, então não é só tristeza. Tem a felicidade de você ter vivido aquilo e de você conseguir, dando sequência na sua vida, utilizar aqueles ensinamentos pra outras coisas. Eu sinto falta dos treinos, eu sinto falta da competição, eu sinto falta de algumas coisas que... que eu tinha, mas hoje eu não tenho muito tempo pra... pra tudo isso. [...] Então é um momento diferente, é uma fase diferente da vida que eu tô curtindo muito.
E6	Sinceramente eu sinto saudade dos meus amigos, das amizades, isso sim, o ambiente eu realmente lamento, porque eu perdi bastante contato, né.
E9	Eu não parei porque eu quis, eu queria ter continuado, não tô dizendo que minha aposentadoria foi obrigatória, compulsória, não foi compulsória, mas foi um pouco por causa disso, essa falta de apoio mesmo, de não ter tido ninguém pra me ajudar num momento em que eu precisava, né. E também que você vê os colegas também, se afastam, colegas que competiam com você antes, que te encontravam, que o pessoal não te comunica, não te encontra. E isso é uma coisa assim, que hoje, eu vejo que o pessoal do Paraolímpico tá ganhando muito dinheiro, né, eu espero que o pessoal esteja empregando realmente alguma coisa. Aquilo que eu te falei, que muita gente não termina a carreira como eu, sem nada. Eu não tenho uma casa, eu não estruturei, eu não ganhei dinheiro. Mas também, eu não ganhei dinheiro que o pessoal tá ganhando hoje.
E10	É uma mudança radical, né, ser mãe mudou completamente a minha perspectiva da vida e é uma coisa... a melhor experiência que eu já tive, em todos os sentidos, então isso pra mim me completou muito e eu acho que foi legal, foi no fundo eu tava bem... bem preparada pra isso. Eu gostaria de ter a chance de poder voltar, pegar a equipe e tudo mais, mas hoje em dia quando eu penso em... ficar longe da minha filha pra jogar uma competição em Curitiba ou ir pra Porto Alegre eu não vejo o menor sentido...
E11	A angústia por saber que eu poderia ter evoluído mais e aconteceu um monte de coisas na minha vida que interrompeu minha trajetória como atleta, mas eu realizei muita coisa, fiquei muito feliz, mas também fiquei muito triste por saber que eu poderia ter rendido mais.
E12	Feliz por ter feito o que eu fiz e agora vivendo uma nova etapa, né.
E13	Sei lá, hoje em dia eu acho muito estressante, então é... é um relaxamento na verdade.

FONTE: a autora.

5.4.6 Rede de relacionamentos e papel do técnico

De acordo com Higgins e Thomas (2001), as carreiras precisam de relacionamentos profissionais, apresentando o conceito de constelação de relacionamentos para desenvolvimento, que vai além de uma relação formal. Tal modelo considera todos os desenvolvedores de carreira, como chefes, pares, amigos, familiares e, no contexto esportivo, o papel do técnico tem bastante relevância, além das organizações eventualmente envolvidas no processo de transição. Os autores afirmam que essa constelação de contatos próximos pode

contribuir para a formação do indivíduo na carreira e no aspecto psicossocial, e o modelo é mais adequado do que a perspectiva de relacionamento único.

Mesmo sabendo da importância das pessoas e até organizações no momento da aposentadoria, E8 não mencionou nenhuma parte que o tenha ajudado nesse processo, a não ser, de forma indireta, seus pais, que sempre deram apoio a ele na natação, mas que não tiveram uma função na saída do esporte. E12 também comentou, inicialmente, que sua transição havia sido feita de forma solitária, mas depois relatou outras partes que foram pontos de apoio na aposentadoria.

Quanto à família, os pais, os cônjuges e os filhos, foram bastante frequentes, enquanto que E5 e E10 citaram o apoio tido por toda a família, de forma geral, principalmente cônjuge e filhos. O cônjuge foi bastante relevante no processo de transição para E2, E4, E6, E12 e E13, mas E4 ressaltou que não foi o cônjuge em si, mas sim a preocupação com o matrimônio. No caso de E11, foi citada a namorada, mas de uma forma distinta, pois na época da entrevista E11 era também técnico de sua namorada.

Para E6, E7, E8, E10, E11 e E12, o papel dos pais nesse momento foi muito importante, que contribuíram com o encaminhamento para as novas carreiras e/ou se mostraram favoráveis e apoiadores da decisão de largar o esporte de alto rendimento. E9 citou apenas a mãe, e não os pais de forma agrupada, mas como o mesmo intuito. E de maneira oposta, E3 e E13 citaram que a influência dos pais na aposentadoria foi negativa, pois eles não queriam que os ex-atletas deixassem de praticar seus esportes no mais alto nível.

No âmbito dos amigos, E4 e E12 citaram a importância da ajuda que os amigos próximos deram nessa transição, enquanto que E10 mencionou esse apoio por parte dos amigos atletas. E11, por considerar alguns dos professores da faculdade seus amigos, também se sentiu apoiado nesse momento. E o apoio geral percebido por parte dos amigos foi relatado por E3, E10, E11 e E12. E9 foi um pouco além disso, e disse que seus amigos o incentivavam para a busca de uma nova carreira. De maneira complementar, E4 também comentou que os amigos ajudaram em outros aspectos, nessa transição, ao saírem de casa e passearem com ele.

As organizações, por sua vez, já não foram tão presentes nem tão relevantes na sua contribuição para os respondentes. Seis dos 13 participantes comentaram que foi possível ter algum apoio das organizações, apesar de que E5 citou uma ajuda que não foi promovida a ele mesmo, mas que é repassada para os atuais atletas que precisam desse tipo de apoio. E5 e E7

falaram do serviço de coaching que o Comitê Olímpico Brasileiro oferece a alguns dos atletas em processo de retirada do esporte, e E7 ainda revelou a ajuda recebida do Ministério do Esporte, a bolsa atleta, que se estende por alguns anos após o encerramento da carreira atlética. Esse benefício foi também concedido a E3, E6, E8 e E9, mas eles não mencionaram esse apoio financeiro como um fator que tenha contribuído no processo de aposentadoria.

E7 e E10 listaram a sua federação, de tênis de mesa e de esgrima, respectivamente, como organizações que os apoiaram nessa transição, ao oferecerem, para E7, uma vaga como técnico e, para E10, uma oportunidade na gestão da instituição. E10 também creditou o clube onde treinava, pois lá recebeu o apoio para a mudança, principalmente por meio de seu ex-técnico.

Outras organizações citadas pelos respondentes foram aquelas que estavam relacionadas ao futuro trabalho: E4 percebeu que a empresa de televisão que o empregaria logo após a saída do esporte tenha sido um apoio importante, assim como E6 também validou a ajuda da empresa onde já trabalhava por manter o seu emprego e teria novos desafios profissionais. E de forma indireta, E4 reconheceu a importância da federação internacional, por meio de seus atletas, que lhe dão apoio moral na sua nova carreira.

Os técnicos, muitas vezes chamados também de treinadores, foram uns dos mais citados pelos respondentes como partes que tiveram alta importância no processo de transição. No entanto, E3, E5 e E8 tiveram o papel do técnico ausente no momento da aposentadoria: E3 tinha seu irmão como treinador, E5 não fez comentários sobre o técnico, e E8 alegou que sua transição foi um processo exclusivamente solitário.

E1 foi o respondente que mais atribuiu funções de apoio ao seu técnico, pois o considerou, nessa mudança, como um pai, amigo e empresário, além de ter declarado um sentimento de gratidão e recebido suporte na parte psicológica. E2, que teve o mesmo técnico que E1, enfatizou menos a sua importância nessa fase, mas também declarou que seu treinador tenha tido o papel de pai e que o ajudou na dimensão psicológica. De modo similar, E4 reconheceu que seu técnico o apoiou a enfrentar o momento como uma visão de empresário, e também dando suporte psicológico.

Com o papel de amigo, E6 reconheceu a ajuda do técnico nesse sentido, enquanto que E7 percebeu as experiências do seu técnico como grandes contribuições, pois essa seria a sua

nova rotina de trabalho após a aposentadoria. E6, E9 e E12 também viram a importância do técnico, mas com nível mais baixo de contribuição que das outras partes. Adicionalmente, E1, E4, E6, E7 e E10 foram unânimes ao afirmar que o técnico foi essencial no apoio para que seguissem os próximos passos da vida.

Os gerentes, ou também denominados empresários, estiveram menos presentes nas redes dos participantes da pesquisa, pois apenas quatro deles (E4, E5, E6 e E12) mencionaram que haviam tido pelo menos um. Seu papel na constelação, no entanto, não foi tão relevante, e foi pouco frequente nas falas dos ex-atletas. Por exemplo, E4 contratou uma empresária para que ela buscasse oportunidades para o seu futuro profissional, e que também lhe passava confiança nesse processo. Diferentemente, E5 teve vários empresários que se relacionavam com seu pai, enquanto E6 não tinha um gerente de forma direta, mas sim um representante da empresa patrocinadora que fazia esse papel, a quem o entrevistado consultava várias vezes para ajudá-lo em sua carreira. Por sua vez, E12 tinha um gerente que o ajudava fora do esporte, mas trazia contribuições para os seus trabalhos.

Finalmente, diversas outras pessoas também foram lembradas como membros das redes dos esportistas entrevistados. Contudo, dois tipos de contatos poderiam ser vistos como responsáveis pelo movimento contrário, porque tanto fãs e desconhecidos (para E1 e E3), como amigos em geral (para E3 e E9), queriam que o ex-atleta continuasse no esporte, em vez de apoiá-los na sua nova carreira.

As outras pessoas referidas foram: sócios e parceiros nas empresas, pela compreensão e ligação com a nova atividade profissional (E4, E5 e E10), amigos do esporte, para compartilhar experiências (E4), a figura de Deus, para consultas espirituais (E6), o coach, em sessões para direcionar aos novos caminhos (E7), o psicólogo esportivo, ao explicar as fases da carreira (E9), e professores da faculdade, para apoiar em novos projetos (E11). As redes de relacionamentos, por partes, e o papel do técnico, foram descritas pelos entrevistados e as principais explicações encontram-se no Quadro 16.

Quadro 16 – Subcategoria: Rede de relacionamentos e papel do técnico

Parte	E	Trechos da entrevista
Rede da família	E2	Ninguém me ajudou. [...] foi só minha... minha mulher, eu ficava o dia inteiro dentro de casa e ela também.
	E3	Pelos meus familiares, eu ainda continuaria, entendeu? [...] Foi algo meio engraçado, porque foi uma decisão minha, sozinha.
	E4	Os meus pais, porque mostraram muito o caminho.

	E5	Todas as pessoas ao redor, os filhos, né, com certeza, ajudaram, minha esposa, família.
	E8	Foi uma decisão própria e eu nunca pedi apoio. Entendeu? Eu nunca pedi apoio pra... Nem pra nada. Sempre fui muito autônomo nas minhas ações.
	E9	A minha mãe, né, sem palavras, em todos os momentos difíceis, se a minha mãe não tivesse presente comigo, em tudo, desde o início lá, de quando eu nasci. [...] claro, que ela tá fazendo o tratamento dela, né... [...] calhou dela vim bem nesse momento em que eu vou ter que decidir se eu vou ficar nesse emprego mais longe ou se eu não vou ficar, todo dia eu falo com ela sobre isso e ela fala: Minha filha, você tem que seguir...
	E10	Então, o meu marido, a minha filha, a minha mãe... Eu acho que no caso do... do meu marido me ajudou a... a me incentivar em outros projetos paralelos, né, quer dizer, na própria arquitetura, né, quer dizer, endossar a minha escolha. A minha filha é naturalmente por ter mudado completamente a minha vida e hoje em dia tem uma importância na minha vida que realmente eu não... não quero abrir mão, não quero mudar; a minha mãe, porque tá sempre comigo o tempo inteiro, sempre... acho que é a minha mãe.
	E12	Na verdade foi uma decisão minha, né, mas você acaba conversando com a sua mulher, mais a tua família, né, seus amigos, é... que tão jogando, eles sempre te incentivam a seguir: Ah, vamos seguir, cê ainda tá... ainda tá bem fisicamente, não tem nenhuma lesão grave e tal, mas é sempre incentivando a seguir, as pessoas.
	E13	Quem ficou mais frustrado, por exemplo, foram os meus pais. Na verdade eu não... não teve, assim, eu meio que passei sozinho, não, na verdade é mentira, é acho que minha esposa tem um certo... tem um papel legal, porque, é... sem o apoio, assim, ela me... ela é incentivadora de começar dar aula de caiaque.
Rede de amigos	E3	Ah, eu falo, por mais que seja difícil as pessoas aceitarem, acabam aceitando a sua decisão, né. Então, por eles aceitarem essa decisão, foi, com certeza, ajudou bastante.
	E4	Eu tinha amigos. [...] eles vão sendo importantes em outros aspectos, né. Quando eu parei, foi uma época que eu aproveitei a vida, muito. Foi a primeira vez que eu saí mesmo, esborneei um pouco. Então, pessoas que, alguns que foram por muito tempo, outros que são amigos de longa data, e que se aproximam, em certos momentos que você precisa, e outros momentos que não. Mas, não tem um... Se você vai falar, dentro da tua carreira inteira, tem muita gente.
	E10	É difícil falar um amigo, né, que amigos também apoiam muito, mas eu não saberia dizer. [...] os amigos aposentados que te incentivam a tomar esse rumo.
	E12	Seus amigos [ajudam]. [...] as pessoas mais próximas.
Rede de organizações	E4	A [nome de canal de televisão] que era essa bengala básica, de você já saber que você tem alguma coisa pra frente. Você não ficar desempregado, um nada.
	E5	O Comitê Olímpico tem um trabalho sobre... tem psicólogos, coaching, que ajuda na transição do... dos atletas.
	E6	No caso da [nome de empresa], eu acho que ela me ajudou, porque eu precisava ter alguma coisa certa, assim, eu não podia largar uma coisa sem ter outra coisa certa, então é... é o emprego que já tava certo pra mim, eu já tava trabalhando, então isso me ajudou a pensar no lado profissional e financeiro, isso me deu uma grande tranquilidade, grande mesmo e, por isso que foi mais fácil passar pela aposentadoria.
	E7	Por exemplo, a CBTM vai me ajudar, vai me dar muito apoio pra isso. Mas são três órgãos do esporte, mesmo, que vão, com certeza, impactar bastante pra que eu me preparasse pra essa aposentadoria. Aí, eu vou decidir pra qual área eu vou ajudar, né. Que hoje eu faço parte da comissão de atletas do Rio 2016. Do Ministério do Esporte, recebi um convite também pra trabalhar lá, mas aí, eu tinha que morar em Brasília, então não posso, né, hoje, ainda. E da CBTM tem esse convite pra ser técnico. [...] É bom que eu sempre tive esse bom contato, pra que eu possa, poder escolher o melhor mais pra frente.
	E10	Porque o clube me apoiou muito quando eu quis voltar, até porque trocou a diretoria, tudo, já tava tudo diferente e isso foi legal. [...] ah, eu tenho uma outra coisa, a associação.
Papel do técnico	E2	Eu tinha o meu treinador, que é o [nome], que ele fazia essa função, ele era treinador, era pai, era psicólogo e... empresário também, então era um só.
	E11	Nossa relação entre... entre treinador e atleta, porque eu ficava questionando na prática eu vi que é totalmente diferente, então foi desgastando e desgastando ao ponto de no brasileiro de 2001 eu não remar, que ele me cortou, porque eu faltei uma vez no ano no treino, por causa da faculdade, então eu treinei 300 dias e na competição importante que seria o nacional, eu acabei ficando de fora.

Rede do técnico	E1	[...] era um pai, era um amigo, era tudo. Ele [técnico] trabalhou mais com a minha parte psicológica, né, é... ele sentou comigo, ele conversou bastante, ele que me ajudou muito nesse processo de... até de eu convocar a imprensa toda. [...] ele foi implacável, ele foi ímpar. Ele foi muito inteligente, ele foi muito prestativo e a orientação dele foi muito válida e, assim, acho que como pessoa mesmo, eu devo muito a ele, sabe? Devo muito mesmo, eu sou muito grato a tudo o que ele fez.
	E4	O [nome de técnico], que é o cara que deu o primeiro empurrão. Ele tem que estar com a cabeça aberta em todos os segmentos. Eu sempre olhei pra ter caras muito bons, e eu pagava alto. Prefiro pagar bem e ganhar menos, mas ter caras importantes. Ele me seguiu nesse processo de aposentadoria, muito próximo. Ele se preocupou com esse momento meu. Ele já tinha vivido com outros jogadores. Eles são super importantes.
	E6	Ele falou: Se você tá indo pra um negócio melhor, pode ir.
	E7	Foi o técnico do masculino. Inclusive, porque ele é um francês, como eu falei, né, ele acompanhou minha carreira desde novo, então ele sabe que eu posso jogar bastante, então, ele que deu essa ideia pro presidente da CBTM, né, e eles estão aí finalizando o contrato pra eu poder assinar.
	E10	Ele fazia um pouco esse papel. Porque ele é um técnico bem experiente, um cara que já trabalhou na Rússia muitos anos [...] ele tem essa postura mais respeitosa em relação a essas decisões pessoais, sabe? Isso eu acho que ajudou.
Rede do gerente	E4	A [nome de empresária] me mostrou que não era um bicho de sete cabeças, e que minha vida poderia continuar, você precisa de um pouco de confiança nas suas decisões, precisa de um pouco de uma bengala. [...] Ela era minha empresária. Então, você precisava ter essas pessoas. Eles me ajudaram, e são fundamentais. De abrir o caminho pra próxima.
	E6	Mais ou menos. Nossa, difícil falar, né, no esporte amador eu não tinha empresário, mas eu tinha, assim, [...] eu fui patrocinado pela [nome de empresa]... não foi meu gerente, assim, mas ele me ajudou em várias coisas e eu, assim, eu consultava... eu o consultava.
	E12	E em determinado momento da minha carreira, também tinha empresário, agente, né, a pessoa que ajudava na... nessa parte, que envolvia, né, essa parte extra-quadra.
Rede de outras pessoas	E1	Os fãs, as pessoas que têm um carinho pela a gente: Pô [nome do próprio atleta], mas cê já parou, tá tão novo, tá tão inteiro, parou jovem. Eu falei: Gente, eu tô com 41 anos. Então, assim, cê vê o carinho, né.
	E4	Teve pessoas que trabalharam comigo de outras maneiras [...] que fazia todas as coisas comigo em produção de eventos, a [nome de evento esportivo] que eu fiz, foi uns caras que também me ajudaram muito. Eu sempre fui um cara com um time muito grande. Tentei trazer gente pra dentro Pessoas que entraram na minha vida durante algum tempo, que foi interessante pra ela, interessante pra mim, interessante pros dois, depois você acaba se separando, quando você perde carinho pela pessoa, sabe? É momentâneo.
	E5	Meus sócios, as pessoas com quem eu me aproximei e fiz negócios. Todas as pessoas desse grupo foi... foi fundamental nessa transição. [...] Tenho vários sócios. [...] São três nas academias e na metodologia.
	E6	Eu consulto bastante, assim, sabe, Deus, assim, pra me dar uma direcionada e eu senti bastante tranquilidade e paz.
	E7	Tem um coach, né, fazendo um trabalho de coaching, ele que tá me ajudando a tomar uma decisão, pra qual área eu vou seguir.
	E10	Eu acho que a minha sócia [...] que era... que foi... que teve importância em todos... todos os momentos ela foi... a gente foi... nós viramos sócias em 2002 e ficamos até 2010, quase... quase dez anos, então tanto no momento de aceitar as minhas ausências e viagens e tal, quer dizer, eu acho que ela foi muito compreensiva nesse sentido de admitir que eu poderia trabalhar e ao mesmo tempo viajar.
	E11	Todos os professores da universidade foram, é, cada um com a sua maneira, né, de... de apresentar o conhecimento, é... de ver que eu tava super interessado [...] e também pelo apoio que eles me deram quando... quando eu entrei em overtraining, né, eu acabei quase desistindo de tudo.

FONTE: a autora.

5.5 Categoria de análise 3 – mudanças e identidade

5.5.1 Autodescrição antes e após a aposentadoria

Os participantes da pesquisa foram perguntados sobre como eles se descreviam como atletas, ou seja, antes do momento de se aposentarem, e depois dessa transição. Caso as respostas fossem distintas, eles também seriam questionados pelo motivo da mudança de identidade.

Para Rubio (2001), o atleta cria o mito do herói quando ele deixa suas marcas por feitos atléticos. Porém, apesar de os respondentes terem atingido diversos resultados esportivos relevantes, como medalhas Olímpicas inéditas para o Brasil e até recordes mundiais, nenhum deles se descreveu como uma figura heroica.

As respostas para a autodescrição antes da aposentadoria, considerando o momento em que eram atletas de alto rendimento, foram bem diversificadas. E1 e E2 se mostraram como pessoas cheias de conquistas, e E1 ainda ressaltou que sua carreira foi marcada por oportunidades e pontos muito positivos, além de ter a sensação de que deve a sua vida ao esporte, enquanto E2 se via muito autoconfiante e em uma atividade que só dependia dele mesmo. Por sua vez, E3, E5 e E10 se viam como indivíduos em crescimento e aprendizado constante, e E4 e E11 como muito esforçados e dedicados aos treinos. E3 e E8 se viam como pessoas realizadas, ao mesmo tempo em que E7 se descreveu como disciplinado e aquele que corre atrás dos seus objetivos. De forma distinta, E5 se revelou como um jovem, E8 como um sonhador, E10 como alguém feliz, E13 como um competidor, e E6 como um atleta estressado e tenso, devido às competições das quais costumava participar. De maneira negativa, E9 se descreveu como uma pessoa incompreendida e sem espaço na imprensa por nunca ter ganhado uma medalha de campeonato mundial ou Olímpica de ouro.

Foi possível perceber que três respondentes se descreveram não apenas como esportistas, mas se mostraram com características ligadas à sua modalidade específica: do tênis, E4 se descreveu como alguém que não era tão talentoso, então treinava muito, e também irreverente, sendo assim dentro e fora das quadras, e E12 como uma pessoa muito fechada, até pelo aspecto individual desse esporte, e da esgrima, E10 se via muito técnica pela demanda do tipo de luta.

Após a aposentadoria, os ex-atletas também apresentaram respostas bastante distintas umas das outras, e também do momento anterior. Além disso, algumas respostas dadas por alguns

anteriormente, foram as mesmas para o momento posterior. E7 e E12, por estarem em período de transição, não tiveram respostas tão definidas, mas assim mesmo E7 já estava se descrevendo como técnico (função assumida em tempo parcial), e E12 como uma pessoa sem rotina, pois ainda não estava desenvolvendo nenhuma atividade profissional de maneira constante.

E1 e E6 se descreveram como profissionais que estavam colhendo frutos da vida como atleta, tanto no novo trabalho quanto na vida pessoal. E2, apesar de se enxergar como um ex-atleta seletor, também teve um momento em que pensava que as coisas não estavam dando certo e se sentindo perdido. E de forma complementar, E5 e E12 se viam como aplicadores do aprendizado enquanto atletas, e E8 exatamente como um ex-atleta.

Ao mesmo tempo em que E3 se via, no novo momento, como alguém cheio de desafios e também disciplinado, E6 já se sentia mais leve e tranquilo. E8 se descreveu como uma pessoa comprometida com o trabalho, mas também vivendo um conflito entre o papel de atleta e o de dentista, principalmente pelo olhar dos clientes, que o viam como um nadador. E E4 se mostrou como alguém que tem amor pelo esporte e que atua como o significado do trabalho junto ao tênis.

E9 se descreveu de algumas formas: que estava madura e centrada, mas também se denominou como um “nada”, até mesmo frustrada pela idade que já tinha e ainda em momento de resolver a vida. Por fim, E10 se enxergava como arquiteta, E11 como uma pessoa realizada, e E13 como um educador físico e vendedor de bem estar.

A mudança da autodescrição de uma fase da vida para outra foi claramente perceptível pelas respostas dadas e suas explicações, mas não foi evidente para E1, E6, E9 e E11. Relembrando que E9 e E11 foram os dois únicos atletas que tiveram uma aposentadoria involuntária. Adicionalmente, E3 e E13 responderam que nada mudou com eles mesmos, apesar de terem se descrito de forma diferente nos dois momentos. Para E3, talvez pela transição mais gradual e pelo tempo de intervalo que tenha se dado, e por ter se descrito mais por adjetivos do que por mais características de personalidade ou profissão, enquanto que para E13, provavelmente por continuar trabalhando na mesma modalidade, apesar de instrutor, e ainda competir eventualmente. Por sua vez, E4 se viu muito parecido em ambos os momentos, e também relatou mais características de sua personalidade, com inquietação, e de estar bem com o

significado do seu trabalho. Inclusive, ele discordou de que poderia haver mudança desta autodescrição.

No entanto, E2 entendeu essa mudança explicada pelo fato de que, a partir do momento da aposentadoria, os resultados já não dependiam só dele. E5 afirmou que os aprendizados nos distintos momentos é que faziam a diferença, enquanto que E6, E8 e E10 justificaram a mudança pelo fato de priorizarem, a partir da aposentadoria, as suas carreiras nas suas profissões de formação. E E7 afirmou que o que diferenciava era a distância em relação aos atletas, pois passaria a ser técnico de uma forma gradual.

Para Petrigilieri (2011), as identidades de um indivíduo podem ter associações sociais e individuais, além de serem involuntárias e voluntárias. Dessa forma, as pessoas têm identidades múltiplas, e o que muda é o quão central está uma identidade para cada situação. Enquanto atletas, os respondentes têm essa identidade de forma voluntária e, nas modalidades individuais, é mais frequente que tenham identidades também individuais, a não ser quando se veem em uma equipe que represente a seleção brasileira ou um time de competição. Markus e Wurf (1987) reconhecem, então, que as identidades são mutáveis e dinâmicas, tomando diversos formatos.

A maioria dos respondentes não se viu de forma distinta quando compararam os dois momentos. Para aqueles que mostraram mudanças significativas, Petrigilieri (2011) afirma que a ameaça à identidade provoca um processo: as pessoas reconhecem uma experiência ameaçadora à identidade, avaliam seu impacto, e resolvem como proceder a partir desse ponto. Essa alteração na identidade foi mais crítica para aqueles que mudaram a natureza de seu trabalho, e menos marcante para aqueles que já lidavam com outra profissão ao mesmo tempo. O Quadro 17 traz as principais autodescrições em ambos os momentos, e também o motivo da mudança de alguns dos pesquisados.

Quadro 17 – Subcategoria: Autodescrição antes e após a aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Autodescrição antes da aposentadoria	E1	Como atleta foram momentos, assim, de vitórias, de muita alegria, de felicidade, de conquista, foi um momento, assim, muito... muito proveitoso da minha vida, eu tive a oportunidade, através do esporte enquanto atleta, de conhecer vários países, de adquirir uma cultura que talvez... se eu não tivesse sido atleta, eu não sei se eu teria essa... essa oportunidade, então acho que ser atleta é saúde, é... é alegria, é... é vitalidade, foi momentos, assim, maravilhosos que eu passei, enquanto atleta, ah, eu devo... eu devo a minha vida ao esporte, com certeza absoluta.
	E2	Eu sempre fui uma pessoa, assim, muito, é... autoconfiante, então eu tinha uma autoconfiança demais e... e uma vontade enorme de vencer, assim, eu não sei, parece que tudo que eu... que eu

		fazia, eu queria que desse certo e a maioria dava certo.
	E3	Eu me descrevo, como atleta, realizada, né.
	E4	Irreverente.
	E5	Você tá em formação como pessoa.
	E6	Era muito mais tenso do que é hoje [...] minha mãe falava, assim, quando eu chegava em casa, ela sabia quando eu tava preocupado, estressado, assim, sabe?
	E7	Muito disciplinado, né [...] uma época eu fui um jogador bastante nervoso, explosivo.
	E8	Você fala assim: Poxa, eu estou entre os melhores. Mas uma coisa é você estar com nome na lista de seleção e tudo o mais, eu acho que isso envaidece. Mas quando você está pra competir, realmente, com os outros atletas do mundo, é aí que você fala: Agora, sim. Como atleta, eu acho que a gente é um sonhador. A gente é muito romântico, né. Porque quem quer aquilo lá, é um sonho, no meu caso.
	E9	Eu acho que quando eu era atleta eu era um pouco incompreendida por essa questão que eu te falei que eu... que eu sempre achava que... eu não achava muito justo, né, as pessoas que ganhavam medalha de ouro, elas sempre eram chamadas e convidadas para as coisas, e a gente que não ganhava medalhas de ouro ou que não ganhava medalha nenhuma, era sempre preterido.
	E10	Eu me considero feliz, mesmo depois, na verdade, assim, eu acho que eu... é super nostálgico pensar no esporte... depois que você se aposenta, né, porque é diferente de você saber que aquilo não vai voltar. [...] eu acho que eu vivi com bastante intensidade, o que o esporte pode me oferecer na época, então, assim, é uma sensação de... de realização.
	E11	Eu sempre acreditei numa frase engraçada, que talento é superável, força de vontade, não, então eu era uma pessoa muito esforçada, era muito mais esforçado do que talentoso.
	E12	É difícil eu me descrever, na verdade eu nem parava pra pensar, era uma loucura minha vida, cada semana num país diferente, né, muitas vezes saía dos Estados Unidos numa semana, na outra já tava na Europa, ia pra Ásia e ficava uma... era uma loucura, uma vida muito louca. [...] Eu sempre fui um cara muito... muito calmo. Principalmente no esporte individual, eu sempre fui muito fechado e os... os atletas são muito individualistas, coisas que... que eu já venho percebendo agora.
	E13	Sempre fui competitivo.
Autodescrição após a aposentadoria	E1	Eu tô colhendo tudo enquanto eu fui atleta.
	E2	Depois do atleta, foi pro contrário, as coisas, parece que não tava dando tão certo, depois que eu parei, eu tive que rebolar muito, assim, pras coisas poder acontecer. É, não que eu perdi, mas não dava tão certo, eu não entendo, que não sei por quê, eu acho que quando eu era atleta, só dependia de mim, né, e depois quando eu parei já não tinha mais isso, eu tinha que depender de outras pessoas também pra eu poder fazer as coisas que eu queria.
	E3	Aprendi muito, principalmente em questão de disciplina, em questão de fazer as coisas certas, né. Eu sempre tô buscando desafios.
	E5	Uma postura um pouco mais voltada pra aplicação dos aprendizados.
	E6	Então hoje eu sou uma pessoa bem mais tranquila.
	E8	Quando você fala, você fala assim: Poxa vida, não sou mais atleta. Parece que tiram sua identidade, entendeu? Então, um monte de, até clientes, acabavam falando. [...] E me chamavam de atleta, né, em vez de dentista, né. [...] Mas, enfim, as pessoas acabam ligando, porque é uma pessoa, só. Eu sou uma pessoa.
	E9	Hoje eu vejo que eu sou uma pessoa, eu tô mais resignada das coisas, e tô mais centrada. Hoje eu não sou nada, quem que vai querer dar uma bolsa [...] uma bolsa a troco do quê? Eu sou a [nome da própria atleta], bancária.
	E11	Então hoje como treinador continua sendo a mesma coisa, porque, é... ninguém é dono do saber, né, eu não sei de tudo, mas o que eu faço, eu faço acreditando.
	E12	Eu não criei ainda uma... uma rotina pra mim. E venho, talvez tentando mudar um pouco, nessa minha nova fase, eu não posso ser tão fechado como era antes.
	E13	Na verdade, eu acho, eu sou educador físico e empreendedor, acho que eu sou tudo junto. [...] acho que continuo sendo competitivo.
Motivo da mudança da descrição	E3	Mas acho que as coisas não mudaram, não.
	E4	Muito parecido. [...] Eu sou um cara muito determinado, é muito difícil... Não é difícil, eu demoro muito pra querer me envolver com alguma coisa. [...] Essa mudança, eu acho que não tem nada a ver.
	E5	Então são dois momentos distintos, uma transição distinta em momentos que... eles têm muito em comum nas questões dos aprendizados, mas que eles são bem diferentes.

	E7	Não sei, eu acredito que eu devo mudar um pouco, sim [...] eu até sempre fui um cara muito brincalhão, né. [...] agora como técnico eu não vou mais poder fazer isso [...] manter aquela distância lá, né, então isso vai fazer com que eu fique mais... bem mais afastado, né, desse lado aí.
	E12	Isso te força e eu já sinto que eu venho mudando um pouco mais, essa parte de... de conversar, essa parte de relacionamentos, que eu era muito fechado antes como tenista.
	E13	Acho que não mudei, é bom, relaxei um pouco [...] hoje em dia já, assim, sou mais tolerante em algumas coisas.

FONTE: a autora.

5.5.2 *Mudança de carreira após aposentadoria*

Segundo Schlossberg, Waters e Goodman (1995), as transições de carreira podem ser antecipadas ou não antecipadas; as antecipadas são aquelas esperadas, como a aposentadoria, que mesmo ocorrendo em idades diferentes para cada pessoa, enfrentam-se os mesmos tipos de problemas. O processo de mudança está relacionado à subjetividade que influencia no bem estar psicológico, e tais ações podem ser instrumentais ou paliativas.

Com exceção de E9 e E11, a transição de carreira pode ser considerada antecipada, pois todo atleta reconhece que a carreira esportiva tem um fim, pelos mais diversos motivos, mas nem sempre sabe quando. Por isso, a maior parte dos entrevistados – E1, E4, E5, E6, E7, E8, E10 e E13 – buscou novas possibilidades de trabalho enquanto ainda competia no mais alto nível, pois previa sua saída dessa trajetória atlética.

Os participantes da pesquisa seguiram por caminhos bem distintos, mas também mostraram alguns pontos em comum. Oito deles continuam vinculados ao esporte, quatro deles parcialmente, e apenas uma respondente não está mais ligada à sua modalidade. Cabe ressaltar que todos aqueles que ainda atuam no esporte permanecem lidando com a mesma especialidade (atletismo, natação, tênis, tênis de mesa, esgrima e canoagem). Porém, ainda que estejam convivendo em contexto similar ao anterior, a natureza do trabalho e a nova rotina são bem distintas. Apesar das diferenças, alguns deles convergem nas atividades atuais: tornaram-se empresários, criaram projetos sociais, ensinam novos talentos esportivos, treinam equipes, promovem diversos eventos, e até trabalham na televisão como comentaristas.

Especificamente, E1 e E2 foram convidados a trabalhar com um projeto esportivo remunerado, viajando para promover clínicas e divulgar o seu esporte, passaram a gerenciar projetos sociais que eles mesmos criaram (E1 com informática e atletismo, e E2 apenas com atletismo) e passaram a ser comentaristas na televisão (E1 em canal aberto, e E2 em canal fechado). E4 também foi trabalhar com televisão, inicialmente com programa próprio, e

depois com outro programa, em canal esportivo, além de ser comentarista de jogos de tênis. E2, no entanto, também tentou ser corretor de imóveis antes das atividades mencionadas, e no momento da entrevista estava ministrando palestras. E E4, antes da televisão, trabalhou como comentarista de rádio. Quanto às clínicas, E4 e E12 também relataram promover e participar de eventos de tênis.

Por sua vez, E5 tornou-se investidor de negócios e empresário no ramo esportivo, enquanto E13, empreendedor, ao abrir uma escolinha de canoagem. E13 também se assume como um administrador, instrutor, promotor de eventos e tradutor; depois que se aposentou do esporte, ele fez o curso de Educação Física. E7 assumiu a posição de técnico de uma equipe feminina enquanto estava em período de destreinamento, ou seja, reduzindo suas horas de treino como atleta.

Com mudanças maiores, há os casos de E6, E8 e E10, que são três dos quatro respondentes que no momento da entrevista estavam parcialmente envolvidos com o ambiente esportivo. E6, ao mesmo tempo em que estava trabalhando como gerente de comércio exterior em uma empresa privada, também ajudava em clínicas de tênis de mesa; E8, dentista de formação e atuando como tal, também abriu uma academia de natação voltada às pessoas com deficiência, e E10, além de arquiteta em um escritório, havia assumido o cargo de presidente de uma associação de esgrimistas.

E de forma diferente, E3 e E9 passaram a ser bancárias (E3 em banco público, e E9 em banco privado). E9 não teve mais contato com o esporte, mas eventualmente E3 é convidada para se apresentar em palestras e mantém um blog para informar sobre o esporte, incentivando os atuais paratletas da natação.

Percebe-se, então, que foi possível aplicar o modelo de transição de carreira na aposentadoria proposto por Feldman e Beehr (2011) e Hesketh, Griffin e Loh (2011), conforme apresentado na Figura 6. O fenômeno é separado em fases (FELDMAN; BEEHR, 2011) para compreender os fatores na tomada de decisão, considerando a relação da pessoa com o contexto e os resultados obtidos (HESKETH; GRIFFIN; LOH, 2011).

Figura 6 – Modelo de transição de carreira na aposentadoria

FONTE: a autora, baseada em Feldman e Beehr (2011) e de Hesketh, Griffin e Loh (2011).

Inicialmente, os participantes da pesquisa imaginavam o futuro, pois, de forma geral, todo atleta tem noção de que sua carreira no esporte de alto desempenho terá um fim, e vários deles relataram isso. Os atletas, no ambiente esportivo e, muitas vezes, no contexto de sua especialidade, demonstravam determinadas habilidades, necessidades e valores; assim, percebiam diferenças individuais, se viam como esportistas bem sucedidos se identificavam com o grupo de convivência, mesmo sendo de modalidades individuais, e sabiam que o momento da aposentadoria chegaria, mais cedo ou mais tarde.

Na fase seguinte, passavam a fazer uma avaliação da sua trajetória, olhando para o passado, considerando os estágios de vida, o seu ajuste como atleta na rotina dos treinos e competições, o seu nível de engajamento diminuindo aos poucos, e também a preocupação com a nova carreira, na maioria das vezes coincidindo com o começo da futura atividade profissional. Por último, os atletas efetivamente transitaram para o encerramento da carreira como esportista de alto rendimento, e então se viam mais ou menos motivados nesse momento, observando a parte financeira da mudança, pois teriam que lidar com novas fontes de renda, além de valores inferiores ou superiores à etapa anterior. Dessa forma, seria possível compreender os

resultados de carreira, tanto objetiva quanto subjetiva, principalmente quando conhecidos os objetivos e seus respectivos atendimentos. As evidências mais relevantes dos relatos de mudança de carreira podem ser visualizadas no Quadro 18.

Quadro 18 – Subcategoria: Mudança de carreira após aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Mudança da carreira após aposentadoria	E1	Num projeto, [nome de projeto], foi onde eu consegui ter uma ocupação após atividade de treinamento [...] Eu comecei a viajar o Brasil inteiro e ministrar palestras em universidades, dar clínica de atletismo em bairros carentes, então foi uma ocupação muito bacana. [...] Conciliado junto com a TV, então hoje eu faço isso. [...] Eu sou comentarista esportivo, né, após ter encerrado a carreira, ter se aposentado, tô dentro desse projeto [...], e nesse meio tempo eu criei um projeto que não tem nada a ver com esporte, que é um projeto chamado, é... [nome de projeto], que é um projeto que é meu, que eu tenho que... eu forneço na verdade, junto com um empresário, né, a gente fornece toda... toda a parte de informação nas escolas, pra crianças carentes, que não tem condições de... de pagar um curso. [...] E a gente, dentro desse meu [nome de projeto], a gente fornece certificado, de conclusão de curso, né, a gente capacita o aluno a... ter uma formação, após... após finalizar esse curso, então eu acho que é um projeto muito bacana e que tem dado certo, que a gente tá espalhando no Brasil todo. São tantas coisas, que eu até acabei esquecendo de citar, mas eu tenho o meu outro projeto do esporte, chamado [nome de projeto].
	E2	A proposta nossa é fazer uma iniciação de atletismo... dentro da escola [...] tem um projeto chamado mini atletismo, que você dá atletismo numa quadra de basquete. [...] Tudo super... super reduzido e a gente trabalha com isso, então foi aqui que eu me encontrei. Fui até corretor, né [...] e as casas lá são muito caras, os terrenos. [...] Então cê vender um terreno, cê ganha muito, até me aventurei nisso, mas não deu certo, não, eu me encontrei aqui de volta no atletismo, né, e hoje eu trabalho aqui, eu faço parte de um projeto do governo chamado [nome]. Quando você é medalhista Olímpico você recebe um salário x, viaja o Brasil inteiro, faz alguns comentários na [nome de canal de televisão]. Ah, uma experiência que deu... que deu certo, eu comecei dar palestra, mas eu não sabia o que falar, então primeiro eu fui pelo nome, né, acabei que indo, assim, eu mostrava algumas medalhas e comecei dar uma enganada, mas depois foi uma coisa que deu certo, eu acho, assim, hoje eu tenho uma firma que... de palestras e palestras motivacionais e clínica esportiva.
	E3	Sou técnico bancário I.
	E4	Eu passei pela [nome de canal de televisão], depois fui pra [nome de canal de televisão], com quatro anos de programa, fiz o [nome de programa de televisão], depois eu fiz [nome de programa de televisão], só que aí a [nome de canal de televisão] me chamou já para uma outra coisa, pra ser comentarista de tênis. Nas outras, eu fazia um programa de esportes radicais, que hoje em dia já não é mais a minha... Já fiquei velho pra isso também. A gente vai ficando velho pras coisas. Então, com a [nome de canal de televisão] é uma outra pegada, outra ideia. Tenho um projeto pra fazer um programa ano que vem, então é outra coisa. Também entrei na rádio [...], que foi um convite dele, de fazer um programa, aí sim, basicamente, o que a gente fazia era televisão, fazia um programa de entrevista com atletas [...]. E tô gostando. Tô gostando, né. Eu acho que é um futuro, que eu vejo como, querendo ou não, não sou jornalista, não estudei pra isso, mas é um futuro que eu imagino pra mim, de comunicação, de alguma maneira, ficar por aí.
	E5	As duas coisas se misturaram, entre 2000 e 2004 muita coisa aconteceu do meu lado empresarial. E a hora que eu parei eu só dediquei mais tempo a outras coisas e não ao esporte, então foi uma mudança meio que natural aí. Eu sempre fui muito empreendedor, né, e quando eu terminei a... a natação, foi meio que um caminho normal, eu já tava construindo situações e investimento nessa área de atividade física [...] começou por volta de 2002, a construção das unidades, em 2005 veio a metodologia.
	E6	Logo depois que eu voltei da Olimpíada, a Olimpíada acho que foi em agosto, eu comecei aqui [na empresa] em outubro, acho, e isso eu já tinha planejado antes de eu ir pra Olimpíada já, então eu já sabia exato que voltando da Olimpíada, eu já tinha meus planos. A demanda da empresa, pra mim, o que me norteou, foi bem, assim, meus chefes, porque a área que eu comecei a montar aqui, foi uma área de comércio exterior, que a empresa antes não tinha

		<p>muito isso, né, então eu comecei essa parte de importação e aí eu tive que viajar muito, ainda viajo muito.</p>
E7		<p>Eu treino uma menina, já, aqui em São Bernardo, mesmo, a [nome de atleta], ela foi pras Olimpíadas comigo no ano passado, né. Eu treino ela desde 2010. Então, eu já venho fazendo, assim, o passo a passo, essa transição, de jogador pra técnico.</p>
E8		<p>Não tive mudança de carreira, na verdade. O que mudou foi a dedicação.</p>
E9		<p>Apareceu a oportunidade de fazer o curso da [nome de organização], que é um curso de inclusão de pessoas com deficiência na área financeira, fui, fiz, passei, o [nome de banco] me chamou, né, me contratou, e hoje eu trabalho no call center do [nome de banco], eu atendo clientes lá faz dois anos.</p>
E10		<p>Isso me ajudou também, porque foi uma forma... a associação a gente montou em 2008, também não coincidentemente nessa época e ela foi criada por atletas, né, só por atletas e é mantida só com a ajuda dos atletas filiados e eu trabalho nela desde então.</p> <p>Como diretora, já participei como diretora administrativa, agora nessa última assembleia eu fui eleita presidente, que pela primeira vez e... e aí como tem, enfim, nossos... dentro dos nossos... das nossas ações, né, e missão e tudo mais, tá previsto o fomento do esporte, a divulgação, tem uma parte do nosso trabalho que é representar os atletas perante a confederação, quer dizer, funciona um pouco como um sindicato, que é uma coisa que quando eu era atleta não existia e... e isso me ajuda bastante, porque eu não me afasto totalmente da esgrima, né, eu tô o tempo inteiro em contato com essa geração nova.</p>
E12		<p>De fevereiro pra cá eu tenho participado de alguns eventos, clínicas de tênis, jogos de exibição.</p>
E13		<p>Em 2004 eu comecei com as aulas na escolinha e tô até hoje com a escolinha de canoagem, então hoje mudei totalmente meu ramo.</p> <p>Aqui no Brasil, porque eu já tava com a escolinha bem engatilhada, então já larguei a ideia de ir trabalhar na administração, com administração aqui no Brasil e, assim, focar na carreira de professor de esportes, instrutor de esportes.</p> <p>Hoje em dia eu, como bom educador físico é... aprendi que a gente tem que colocar um pé em casa canto, então tenho a escolinha aqui na raia, presto serviço para os outros com... tem algum evento.</p> <p>As maratonas aquáticas também, assim, sempre é pouca coisa, mas se você juntar tudo é... se torna grande é... tô ampliando, assim, o horizonte, indo pras... pro rafting, por exemplo, também tô entrando nesse meio, com os meus... com os meus alunos, com parte do meu material, porque na verdade outra coisa fora do esporte é... trabalho com traduções, cê precisa de alguém pra ajudar, pra tradução, aproveito isso aqui, já trabalhei na televisão de traduzir entrevista com Pelé, fiz a entrevista para o... para equipe da Tchecoslováquia, que fez final em 62 na copa do mundo, contra Brasil.</p>

FONTE: a autora.

5.6 Categoria de análise 4 – objetivos, satisfação, novas metas, aspectos financeiros e outros fatores

5.6.1 *Objetivos como atleta e satisfação com a carreira*

A satisfação com a carreira esportiva está muito relacionada com o atingimento dos objetivos previamente estabelecidos, ou seja, se o atleta planeja determinado resultado e alcança tal desempenho ou algo superior, ele se considera satisfeito. Em uma comparação relativa – com outros atletas, com resultados anteriores do país e/ou com sua própria performance – também pode-se perceber o sucesso da carreira.

Os objetivos dos atletas foram sendo colocados de forma gradual para E2, E3, E5, E7 e E12, pois à medida que superavam um objetivo, outro mais complexo era colocado para que seu resultado também fosse batido, seja algo relativo ou absoluto. Segundo Alfermann e Stambulova (2007), é normal que os atletas confrontem o que são com aquilo que queriam ser, levando a um desafio de desenvolvimento. Além disso, Wylleman e Reints (2010) revelaram que os atletas de elite descrevem sua carreira por eventos, e assim eram definidos os seus objetivos; os autores também mostraram que os esportistas devem lidar efetivamente com esses desafios, para que progridam e consigam uma transição bem sucedida para o próximo passo.

Todos os ex-atletas entrevistados praticavam esportes Olímpicos, e a competição mais importante das modalidades envolvidas eram justamente as Olimpíadas, que ocorrem de quatro a quatro anos, com exceção do tênis (dois respondentes), cujos principais campeonatos são os chamados *Grand Slams*. Assim, sete dos respondentes (E1, E3, E5, E6, E7, E10 e E13) deixaram bem claro de que a participação nos Jogos Olímpicos era um grande objetivo como atletas (não foi atingido apenas por E13).

De modo gradual, E7 começou afirmando que seu objetivo era participar dos Jogos Panamericanos, E5 dos campeonatos mundiais e dos Jogos Universitários nos Estados Unidos e, em seguida, E2 e E10 queriam conquistar uma medalha do Pan (E10 não a conseguiu, mas já havia sido a quarta colocada), E2 uma medalha de um mundial, enquanto E1, E2, E3 e E9 uma medalha Olímpica (E9 especificou que era a de ouro, que não foi possível, mas sim a prateada). Ainda mais que isso, E3 e E9 também queriam estabelecer recordes mundiais, o que foi possível para E3, mas não para E9. E E7 tinha objetivo de fazer parte da seleção brasileira de tênis de mesa, o seu primeiro grande objetivo superado.

E6 relatou que tinha o objetivo de fazer a sua parte, mostrando seu bom caráter, mas que estaria muito satisfeito se participasse das Olimpíadas por qualquer modalidade esportiva, e que acabou sendo no tênis de mesa. E8, até por sua deficiência e por ter começado o esporte devido à recomendação de seu médico, esclareceu que seu objetivo era o bem estar. E9 afirmou que seus objetivos eram colocados de acordo com as suas expectativas, ou melhor, eram relativos aos seus esforços de treino, e então um resultado era esperado. De forma diferente, E11 não definia os objetivos por meio de participações importantes ou posições, mas sim por tempos estabelecidos por ele mesmo, para cada distância, que nem sempre coincidiam com os tempos marcados pelos líderes de provas; ele dizia que ele queria ser

melhor do que ele mesmo. E de maneira mais ampla, E13 respondeu à pergunta ao contar que queria sempre competir em alto nível.

No tênis, cujo campeonato mais importante não é as Olimpíadas, inicialmente E4 sonhava em ser o número um do mundo, enquanto E12 queria disputar torneios de primeira linha e a Copa Davis, além de estar entre os 100 do mundo; E4 reconhecia suas limitações, e também revelou que não costumava definir objetivos, já que sempre achava que poderia ser melhor. Aliás, E5, E8 e E11 também tiveram esse mesmo discurso de querer sempre fazer o melhor ao falarem de seus objetivos.

Quanto à satisfação, que muitas vezes dependia do atingimento dos objetivos estabelecidos previamente, E1, E2, E6, E7, E8 e E10 não tiveram dúvidas ao responderem que estavam plenamente satisfeitos com a sua carreira esportiva. Além disso, E1, E2 e E12 ressaltaram que conquistaram tudo o que queriam, e E1, E2 E3 e E7 ainda mencionaram que superaram suas expectativas iniciais. E7 também disse que sua prioridade era gerar satisfação à sua família, ao mostrar bons resultados como atleta.

Por sua vez, E3, E4, E5 e E6 se descreveram como realizados e felizes, além de terem se considerado satisfeitos com suas trajetórias atléticas. E3 relatou que teve seus sonhos alcançados, enquanto que E13 se considerou até satisfeito por ter se dedicado bastante fora do esporte também.

No entanto, E9 se mostrou parcialmente satisfeita, apesar de ter conquistado quatro medalhas Paralímpicas de bronze e participado de quatro edições de Jogos Paralímpicos, já que seus objetivos eram as medalhas douradas e um recorde mundial, e não foram alcançados por ela. Quanto ao recorde brasileiro que ainda lhe pertence, E9 se descreveu orgulhosa do feito. E E11 não se mostrou satisfeito com a sua carreira atlética por ter sido interrompida por uma lesão e não ter esperado o que lhe aconteceu. De qualquer forma, ele acreditava que diversos problemas lhes ocorreram por força do destino, para que ele deixasse de ser atleta e buscasse outro caminho: como treinador, se considerou bem sucedido por já ter mostrado resultados bastante positivos. O Quadro 19 consolida os principais objetivos mencionados pelos respondentes, assim como a satisfação geral com a carreira atlética.

Quadro 19 – Subcategoria: Objetivos como atleta e satisfação com a carreira

Parte	E	Trechos da entrevista
Objetivos como atleta	E1	Eu acho que eu sempre queria ser e me tornar, ser um grande atleta, eu queria participar de jogos Olímpicos, ganhar medalha.
	E2	Eu queria ganhar uma medalha Panamericana, eu nunca estabeleci, assim, que seria ouro, prata ou bronze... [...] uma das três e depois eu queria ser... ganhar uma do campeonato mundial e eu queria ganhar uma Olímpica, porque pro atletismo é o máximo que cê tem, ganhar uma Olímpica.
	E3	Claro, depois da minha primeira Paraolimpíada, a gente começa a sonhar um pouco mais, né. Aí, você já começa a sonhar, poxa, quem sabe um dia ganhar uma medalha? Então, conforme as coisas foram acontecendo, foram surgindo sonhos.
	E4	Minha meta, minha grande meta, o que que você tem um sonho, de criança, de ser o melhor, o melhor do mundo, número um, mas eu acho que a minha meta era o melhor que eu podia ser. [...] De repente, uma mea culpa, pode ter sido isso que não me deixou ser 20, ou 15, ou 18, e fui 25, né, por apenas ser o melhor que quisesse ser. Se eu tivesse um objetivo mais pam, assim, eu quero ser top ten, eu quero ser, e eu vou quebrar tudo se não for, também, podia ter sido, não sei.
	E5	Eu sempre tive o objetivo de fazer o meu melhor, então eu tinha as etapas aí dos resultados, focados na Olimpíada, mundial, os jogos universitários.
	E6	Meu objetivo é fazer meu melhor e eu consegui jogar bem tranquilo. [...] Eu tinha um objetivo no esporte, que era ir pra uma Olimpíada.
	E7	O meu principal objetivo era ser jogador da seleção brasileira, desde pequeno e pra mim foi importante. Aí depois, assim, eu comecei a ver, né, ficar mais velho, conhecer mais os campeonatos mais importantes, aí... querer participar do mundial, Panamericano, depois Olimpíadas.
	E8	Meus principais objetivos era, como eu te disse, principalmente, o meu, era o meu bem estar. Eu fazia porque eu gostava. O segundo objetivo meu, assim, eram os resultados, que eu queria explorar o meu melhor do que eu tava fazendo. Então, eu queria os melhores resultados.
	E9	Era ganhar medalha de ouro em Paraolimpíada e bater o recorde mundial, era esse a nossa vida, você acordava de manhã e ia dormir com isso na cabeça, era sempre passar a marca do seu adversário.
	E10	Eu acho que um era a medalha Panamericana que eu não conquistei [...] e a vaga pra Olimpíada que foi uma das coisas que eu conquistei que pra mim era uma das minhas maiores metas.
	E11	Era me superar [...] às vezes, a pessoa treina pra ganhar da outra, na verdade cê tem que treinar pra ganhar de você mesmo. Eu ficava muito feliz quando eu ia pra uma competição e me superava, conseguia.
	E12	Eu tinha os meus objetivos de garoto no juvenil, que era... era um dia tá jogando nos grandes torneios, tá entre os 100 primeiros do mundo, acabei chegando até entre os... entre os 50, é... ganhar o título da ATP, representar o Brasil na Copa Davis e tudo isso eu consegui.
	E13	O meu objetivo foi tentar praticar esporte, no alto nível, mais alto nível possível. É, como atleta, sempre quis ir pros jogos Olímpicos e nunca consegui, infelizmente.
Satisfação com a carreira	E1	Com certeza, pelo amor de Deus, eu acho que o sonho de qualquer jovem, quando quer... quer ser atleta, é chegar numa Olimpíada. Batalhei e conquistei duas medalhas Olímpicas, então eu sou mais do que realizado, eu... eu consegui conquistar através do esporte todas as nomenclaturas de... de campeonatos, de medalha, eu tenho todas as medalhas do mundo, que se diz a respeito do atletismo, eu tenho.
	E2	Por incrível que pareça todos os campeonatos importantes do mundo que eu participei, eu fiquei de... de primeiro a terceiro, então eu me sinto bem satisfeito.
	E3	Eu tô realizada, graças a Deus.
	E4	Sou muito feliz por tudo o que aconteceu.
	E5	Realizado com tudo aquilo que eu fiz.
	E6	É uma etapa que eu tinha certeza que eu tinha cumprido.
	E7	Ah, muito... muito satisfeito. Principalmente que nem eu falei, de ter dado... de ter dado tantas alegrias à minha família, pra mim foi o principal, né. Eu tenho, é... dez medalhas de jogos Panamericanos, participei de seis Olimpíadas, né, são poucos atletas que conquistaram isso.
	E8	Totalmente, totalmente [satisfeito].
	E9	Ah, na medida do possível [...] só não tô mais feliz por não ter conquistado uma medalha de ouro

		e não ter conquistado um recorde mundial.
	E10	Ah, eu sinto, eu me sinto bem satisfeita.
	E11	Com a minha carreira como atleta, não, com minha profissão já, nossa, totalmente.
	E13	Eu fico até satisfeito com o que eu fiz como atleta.

FONTE: a autora.

5.6.2 *Novas metas*

De maneira geral, as novas metas dos respondentes se mostraram bastante variadas, mas também com alguns pontos em comum, como a criação de projetos sociais, a constituição ou maior dedicação à família, a participação em eventos e programas de televisão, inclusive o papel de técnico esportivo. Segundo Bowlby (2002), ao passar pelo luto ou, neste caso, pela perda da identidade atlética, inicia-se a etapa de novas buscas.

Cinco dos 13 respondentes (E1, E5, E8, E9 e E12) relataram que uma de suas metas era passar a mensagem de que todo sonho é possível, pois eles mesmos conseguiram atingir resultados esportivos de alta performance. Outra resposta frequente foi um objetivo em relação à dimensão familiar, pois a rotina atlética nem sempre permite a formação de uma família, e E4, E6, E8, E9 e E10 destacaram que queriam, então, ser pais e dar atenção aos filhos.

Mesmo se sentindo muito satisfeito com tudo o que já havia conquistado, E1 revelou que queria dar continuidade aos seus projetos sociais, voltados à inclusão digital e ao atletismo para crianças. A ideia de gerenciar um projeto social também foi mencionada por E2 e E12, ambos lidando com institutos relacionados ao esporte, atletismo e tênis, respectivamente. E2 complementou ao afirmar que gostaria muito de mudar a postura dos atletas no esporte, pois acredita que a forma de se comportar, falar e até se vestir deve ser melhorada, além de ter a intenção de melhorar a gestão no atletismo.

E1 e E4 responderam que buscavam continuar na televisão – no caso deles, eram em canais fechados – como comentaristas e talvez, ter programas próprios. E4, na dimensão pessoal, também relatou que queria aproveitar a vida e viajar quando tivesse vontade. Por sua vez, E9 tinha a meta de perder peso para ter mais saúde, fazer mais atividades físicas e participar de corridas, terminar a faculdade e ser líder em diversos contextos. E E12 tinha a intenção de promover mais eventos esportivos, e já havia começado a buscar iniciativas nesse sentido.

Alguns dos participantes da pesquisa tinham como meta permanecer no esporte como treinadores: E11 objetivava treinar a equipe Paralímpica de canoagem para a edição dos Jogos do Rio em 2016, voltar a estudar, assim como sair do país no futuro para continuar treinando, E13 buscava ser um bom instrutor de canoagem recreativa, não querendo lidar com o alto rendimento, e E7 queria enfrentar o desafio de ser técnico de uma equipe feminina de tênis de mesa, mas também cuidar de seu destreinamento, à medida que já estava dedicando menos horas como atleta.

Para aqueles que não continuariam predominantemente no esporte, verificou-se que os ex-atletas estavam bastante preocupados com a sua nova carreira: E3 queria conquistar seu espaço no trabalho, E8 buscava ser um bom profissional, e E10 tinha a vontade de fazer mestrado em Arquitetura, voltar a ter escritório próprio, e retornar ao esporte de alto nível no futuro. Dessa forma, pode-se observar a diversidade das novas metas para a vida traçadas pelos ex-atletas no Quadro 20.

Quadro 20 – Subcategoria: Novas metas

Parte	E	Trechos da entrevista
Novas metas	E1	A minha meta agora, meus objetivos, é continuar trabalhando com as minhas crianças, né, é... passando pra eles tudo o que eu aprendi, enquanto atleta, né, e de... e de dizer pra eles, que o esporte, ele transforma a vida, ele forma um cidadão melhor, que se eles tem objetivo, é se agarrar e continuar, eu acho que a minha meta é continuar trabalhando na televisão, comentando sobre os meus grandes... os meus grandes atletas, que estão no meu projeto. [...] Comentando os atletas brasileiros, eu acho que é isso.
	E2	Eu tô com um projeto aqui, com crianças que eles começaram a crescer e agora eu tô querendo montar uma equipe bem pequena, né, de atletas de alto rendimento. [...] mas no atletismo eu... queria mudar esse... essa opinião e quando a gente vai viajar, o pessoal vai parecendo que é uns favelados. [...] Então todo mundo com aquela camisa da seleção, a bermuda, uma bolsinha, tudo, assim. Então é como se tivesse uma postura, eu sei que isso parece bobeira, mas eu queria que o atletismo, a gente mostrasse uma postura diferente, então isso que eu quero fazer, que eu quero mostrar uma postura, um atletismo moderno. Preparar nossos atletas mesmo, a postura dentro e fora da... das pistas, eu acho que eu... isso que eu queria tentar fazer, dar uma modernizada mesmo, começar dos dirigentes pra... de cima pra baixo.
	E3	Conquistar o meu espaço no trabalho.
	E4	Eu gosto muito do que eu faço na televisão, né, não sei ainda, mais uma vez, não sei até onde eu vou na televisão. [...] Eu sempre digo que dinheiro nunca foi uma coisa que me enlouquecesse. Eu gosto daquela coisa de você poder fazer falar assim: Ah, eu quero sair pra jantar hoje. E você poder ter dinheiro. Agora, eu gostaria de viajar um mês pros Estados Unidos. Pô, eu tenho dinheiro pra fazer isso. [...] É você ter o dinheiro e tempo legal pra você ter uma vida boa e poder curtir as tuas férias, teus momentos com a família.
	E5	Eu tenho uma meta de contribuir com pessoas e... de plantar uma semente que o sonho é possível, das coisas que a gente tem com o objetivo da vida, né, então isso é uma meta que eu tenho, tanto de dentro da... do meu escritório, dentro de casa, isso é uma meta pessoal de contribuição.
	E6	Ser um bom pai. Eu gostaria de ser uma placa que... que sinaliza... as coisas corretas, assim, um bom caráter, isso é pra aquele caminho e, assim, eu só consigo sinalizar, se eu fizer isso, né, se eu for, então eu acho que... eu acho que esse é meu objetivo.

E7	Já tenho uma certa experiência porque eu já trabalhei com vários técnicos, né. Mas não técnicos femininos. [...] existe diferença, realmente trabalhar com mulher, assim, é muito diferente, né. Minha primeira meta é levar a equipe [feminina] a lutar pela medalha de ouro nos jogos Panamericanos de 2015. [...] É esse o meu principal objetivo hoje, né, porque acho que tem que ser passo a passo, é lógico que o principal pro brasileiro é ganhar uma medalha Olímpica, aqui no Rio de Janeiro, mas, é, assim, é muito difícil... muito difícil, primeiro no feminino. O Brasil no tênis de mesa feminino, acho que primeiro tem que dar um grande passo, que é... ganhar uma medalha de ouro nos jogos Panamericanos, né, então é esse o meu principal objetivo hoje.
E8	Ser um ótimo profissional nas coisas que eu faço. Quero ser um bom pai de família, e uma outra meta é procurar, nas coisas que eu conduzo hoje, passar um pouco da experiência que eu tive, né, de uma forma ou de outra.
E9	Eu espero que... que, né, que eu de alguma forma, de algum momento, é... de alguma forma eu possa... possa contribuir pra... pra melhorar as coisas, né, pra que as pessoas... pra que, né, outras pessoas possam... possam vim e dar continuidade pra aquilo que eu fiz, incentivo, acho que... que muitas meninas, as meninas novas agora que eu sei que tão treinando, também vieram da mesma escola que eu estudei, então isso me deixou muito feliz que tá continuando, o pessoal tá continuando a incentivar o esporte lá [...], quero fazer uma faculdade ainda. [...] Ou por causa do banco, talvez eu até me tendencione a fazer um curso de RH, gestão de pessoas pra auxiliar na minha carreira bancária, né, que agora se eu for pra uma área administrativa, como eu vou agora, eu vou trabalhar com empresas.
E10	O próximo filho, né, que tá aí pra vir [...] eu pretendo fazer mestrado, eu quero voltar a dar aula, que era uma coisa que eu fazia que eu gostava muito. E planejar voltar, né, mas isso vai demorar. [...] Aí eu sei lá, voltar com 50, 45, daqui uns anos, uns dez anos talvez, sei lá.
E11	Agosto de 2016 eu volto a estudar, vou trabalhar com outra coisa [...] porque aqui no Brasil eu não tenho tanto prestígio como... como treinador e algumas coisinhas mais. Bem, tem projeto a curto prazo, né, agora, tem os jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016, pensando na parte profissional, acho que... o desafio é muito grande, né.
E12	Pretendo logo mais iniciar projeto de desenvolvimento de atletas em São Paulo. [...] Sempre voltado no tênis. [...] Então minha metas... minhas novas metas, é... eu quero seguir, quero tentar passar tudo o que eu vivi dentro da quadra, pra outras pessoas e quero fazer na verdade, uma coisa que me motive, tanto quanto foi motivador pra mim quando eu era atleta.
E13	É ser um professor, assim, um instrutor de esporte reconhecido e, assim, a escolinha que montei também, eu quero que ela ganhe um reconhecimento, o máximo possível. [...] eu gosto de sempre atender bem os outros, então é... ser pontual, ser cordial, ser... sei lá, ser legal mesmo [...] eu quero trabalhar vendendo bem estar pras pessoas.

FONTE: a autora.

5.6.3 Aspectos financeiros

Nos últimos anos, os atletas de alto rendimento têm tido a oportunidade de terem patrocinadores, tanto que lhe forneçam materiais esportivos, quanto lhe paguem por usar suas marcas; de terem salário pelos clubes que os empregam; de receberem a bolsa atleta, subsídio do governo federal para que os esportistas tenham melhores condições para se desenvolverem, e até de receberem premiações em dinheiro. Assim, muito deles conseguem gerar uma renda consideravelmente alta enquanto atletas, mas que pode ser reduzida drasticamente ao deixarem sua trajetória atlética, pois todas as fontes podem deixar de existir na transição, já que dependiam da sua figura e desempenho. Dessa forma, foi importante entender os momentos que antecediam e que se sucediam a aposentadoria, em relação aos aspectos financeiros.

De forma geral e não esperada, nove dos 13 respondentes se mostraram com ganhos financeiros maiores na nova carreira, quando comparados com os que tinham como atletas. Dois deles (E9 e E12) afirmaram ter renda inferior após a aposentadoria, uma (E3) relatou ter ganhos equivalentes, e um (E5) não quis revelar sua resposta. Aliás, E7, por estar em transição de carreira no momento da entrevista, mostrou que sua expectativa era ter rendimentos financeiros maiores quando deixasse de ser atleta totalmente, pois já estava praticamente encaminhado para novas funções administrativas e de técnico, sabendo de seus salários no futuro.

E1, E2, E4, E7 e E12 foram atletas que eram patrocinados por empresas, tanto com materiais e equipamentos esportivos quanto com pagamentos em dinheiro, e E1 ainda destacou que continuava com um patrocinador esportivo mesmo após sua aposentadoria, o que o deixou contente. E2, E6, E7, E12 e E13 também estavam vinculados a clubes e recebiam salários, enquanto que E2 e E4 citaram que recebiam premiações em dinheiro quando competiam e atingiam bons resultados.

Desde 2003, há uma nova alternativa de renda, conhecida como bolsa atleta, que inicialmente foi oferecida apenas para os atletas que se dedicavam exclusivamente ao esporte, mas que depois teve sua política modificada, e então pôde ser designada também aos atletas que tivessem outras fontes de rendimentos. E8, E9, E10 e E13 foram respondentes que mencionaram receber a bolsa atleta enquanto competiam em alto nível, apesar de E7 estar relacionado até 2013 na lista dos selecionados para ganhar os R\$ 3.100,00 por mês da bolsa de categoria Olímpica. E7 também comentou que recebia ajuda financeira por parte da prefeitura de São Bernardo do Campo, cidade onde treinava e pela qual competia. Além disso, E10 ressaltou que apesar de não receber salários do clube onde treinava, ela podia contar com apoio para equipamentos, viagens e até plano de saúde, o que a ajudava bem, segundo a entrevistada.

No entanto, E8, E9, E10 e E11 relataram que nunca receberam nada para fazer parte do esporte de alto rendimento até o início da bolsa atleta, ou seja, sempre tiveram que contar com recursos financeiros próprios e, no caso deles, o apoio vinha da própria família. E12 também precisou contar com os desembolsos de seu pai para jogar tênis, conseguindo os primeiros patrocínios apenas quando passou a competir no circuito internacional.

Após a transição de carreira, os respondentes geravam rendimentos financeiros por meio de suas novas atividades profissionais, e alguns destacaram suas fontes: por exemplo, E4 da televisão e de eventos esportivos, e E11 do Comitê Paralímpico, por treinar parte da seleção Paralímpica de canoagem.

Foi interessante notar que boa parte da amostra remetia o assunto à sua época, ou melhor, comparava a sua situação financeira com as possibilidades atuais, concluindo que hoje é muito mais fácil obter recursos financeiros ao ser atleta de alto rendimento. Outro ponto que surgiu nas falas dos entrevistados foi o total de gastos que se tem pelo fato de serem atletas, pois as despesas geradas para pagar treinadores, comprar equipamentos, treinar e viajar para campeonatos, são grandes, mostrando que a renda total não pode ser vista de forma isolada, já que os ganhos líquidos é que importam. E3 afirmou que apesar de ter um salário menor do que a soma dos ganhos anteriores, como atleta, no final ela tem um ganho líquido equivalente ao momento passado. O Quadro 21 apresenta os principais relatos sobre os aspectos financeiros antes e depois da transição.

Quadro 21 – Subcategoria: Aspectos financeiros

Parte	E	Trechos da entrevista
Aspectos financeiros	E1	<p>Eu tinha meus patrocinadores na época, nossa, eu tinha... eu fui 14 anos da... da [nome de empresa], depois eu fui dois anos da... da [nome de empresa] [...] depois eu fui dois anos da [nome de empresa] e depois... agora depois de aposentado, eu sou o embaixador da [nome de empresa].</p> <p>É a [nome de empresa], na verdade, é um patrocínio que eu consegui que eu tenho atletas, do qual eu gerencio a carreira e que eles são patrocinados... por eles...</p> <p>Hoje eu ganho mais, com a [nome de canal de televisão], aí com... com a [nome de empresa], com... com a [nome de empresa], né.</p> <p>Nós recebemos uma ajuda de custo, juntando tudo isso é muito mais como atleta, sem dúvida... sem dúvida.</p>
	E2	<p>Sempre pensei no lado financeiro, você guardar, ter sua casa, patrimônio, porque o esporte vai passando na vida de todo mundo.</p> <p>Eu fui de vários clubes do Brasil. [...] foram vários nomes aqui, mas eu vou falar o [nome de empresa], que eu me lembro certinho.</p> <p>Então esse clube, aí nós tínhamos um salário. A gente tinha um salário de clube, eu tinha um salário da... do... de vários patrocinadores, então eu era patrocinado por uma marca esportiva.</p> <p>Eu era patrocinado também por uma... suplemento alimentar, que eu também recebia isso [...] e essas bolsas que existe hoje, bolsa atleta, bolsa pódio. [...] Infelizmente no meu tempo não tinha. [...] quando eu ia pra Europa, qualquer competição lá tem prêmio em dinheiro.</p> <p>Hoje eu ganho mais... eu ganho mais, porque no meu tempo não... não se ganhava muito no atletismo, então hoje trabalhando... é até, felizmente, né, eu até me espantei, que eu, assim, ganho mais do que quando era atleta e faço menos esforço e trabalho menos.</p>
	E3	<p>Creio que seja mais ou menos o mesmo, porque apesar de hoje o salário estar menor, mas os gastos que eu tenho, que eu tinha antigamente com os materiais, né, era um gasto muito grande, então eu fico mais ou menos. Não tem muita diferença.</p> <p>Hoje em dia, você pode ter um patrocínio, mais a bolsa atleta. Mas, na minha época, não tinha.</p>
	E4	<p>Eu posso falar que eu sou um atleta muito bem remunerado hoje. Minha vida hoje é uma vida muito bem estabelecida. Eu posso falar que eu ganho próximo, e dependendo de como eu jogava no ano, eu ganho mais agora do que eu ganhava antes. [...] Tem alguma turma que tá super bem,</p>

		que ganha super bem, mas poucos, eu acho, que ganham mais ou menos, comparativo, com o que eu ganhava. Mas tem o lado bom de não pagar 10% pra treinar, não paga pro treinador físico, né. Gasta mais com a família, mas fica em casa o dinheiro. Eu sou padrinho de um projeto social [...], e não tem nada de remunerado, nem pra mim, nem pra ninguém que vai. Isso faz parte da minha agenda anual, eu vou, faço um monte de coisa sem fins, mas também tem o outro lado, de essa ambição de clínica de tênis, num festival que eu inventei de tênis, aí são outras coisas que sustentam. [...] eu faço, em média, 40 eventos por ano.
	E6	Financeiramente eu já não tive... não tive nenhuma perda, porque já tava coberto, muito pelo contrário, hoje, assim, é... financeiramente falando eu ganho muito mais trabalhando do que se eu tivesse jogando, isso com certeza. Quando eu parei já compensava... compensava muito mais ficar na empresa mesmo, até porque eles cobriram tudo e depois, aí foi aumentando, aí eu fui subindo de cargo também, então não tenho dúvidas que hoje, é... e eu não preciso ficar me matando fisicamente, que eu me matava antigamente.
	E8	Foi um dilema porque eu não ganhava nada. Eu comecei a receber alguma coisa da bolsa a partir de 2000. Mas não era... Não era uma coisa, aquela coisa, nada disso, nunca tive patrocínio particular. A bolsa atleta com certeza foi um grande incentivo, mas não era decisivo pra mim, porque eu poderia ganhar esse dinheiro trabalhando. Então, né, me dedicar ao esporte não me compensava. Quando eu deixei de ser atleta, eu comecei a ganhar mais.
	E9	Até lá não tinha nada. [...] E o dinheiro mesmo, só entrou em 2004. Recebo mais ou menos, não, então, bem menos, a minha renda de atleta era uma renda mais alta do que a que eu tenho hoje.
	E10	A gente pagava pra treinar, pagava pra viajar, a gente pagava tudo nessa época, o que foi uma coisa que mudou também radicalmente na vida, né, porque a gente teve que... ainda por cima pagava, eu ficava naquele sofrimento, ficava pensando, eu falo: Gente, eu pago pra passar por isso, não é possível, onde eu tô com a cabeça? Eu passei mais quatro anos no Brasil, como eu te falei... muito motivada pela bolsa atleta, porque é esse momento em 2004, eu já tava casada, né [...] e tava muito motivada em tocar minha vida, tava muito realizada por ter ido pras Olimpíadas. Na verdade eu não tinha receita até... até ter a bolsa atleta. E não ganhava material também, eu ganhei meu primeiro material. Mas eu ganhava muito menos do que eu ganho hoje, né, como arquiteta, mas ganho menos do que os meus colegas ganham como atleta hoje.
	E11	A minha modalidade que é a canoagem, ela não tem muitas... não tem muita... é... a gente não recebe muito recurso financeiro, né, então eu acabava tendo que me virar, tipo, comprar barco, remo, viagem, você literalmente se vira. Então hoje eu recebo... exclusivamente pra trabalhar com os atletas Paraolímpicos, não por conta da confederação, por conta do comitê Paraolímpico.
	E12	Eu acho que seria mais difícil ganhar o que eu ganhava quando eu tava jogando, principalmente na melhor fase, eu acho que isso seria mais difícil, hoje eu tenho essa consciência. Fui crescendo, foi aí... foi aí que eu fui melhorando, com 23... 23 era... foi o ano que eu fechei com o [nome de empresa], é... e foi quando eu comecei a ter um patrocinador realmente mais forte. Com o [nome de empresa] sim, era só valor financeiro, eu tinha com a [nome de empresa], que é uma marca francesa, que era o material, raquete, acessórios, roupa e tudo mais.
	E13	Canoagem é um esporte de muito pouca visibilidade, então vamos dizer, organização das viagens até os meus 20 anos, era tudo por conta da... do clube. [...] Tinha uma ajuda de custo lá... Na verdade no Brasil teve uma época que eu recebia a bolsa atleta, pra falar a verdade, por uns dois anos recebi bolsa atleta. [...] Pela maratona. Recebi em 2005 e 2006.

FONTE: a autora.

5.6.4 Ensino superior

O tema desta categoria de análise não foi previsto no instrumento de pesquisa, mas foi frequente nas respostas dos ex-atletas. Por terem cursado a faculdade enquanto treinavam

como atletas, ou por terem optado pela educação superior após deixarem o esporte, foi um assunto que surgiu espontaneamente, sendo explorado à medida que era apresentado pelo respondente.

Somente E8 cursou a faculdade antes de iniciar a sua vida esportiva de alto rendimento, o que não aparenta ser comum; porém, deve-se lembrar que ele sofria de problemas causados pela poliomielite, um fator que provavelmente atrasou o início da sua carreira atlética, quando comparada à trajetória mediana (SOSNIAK, 2006). E8 cursou Odontologia e fez esforços para manter as duas carreiras, mesmo sabendo que uma sacrificava a outra.

E3, E5, E6, E9, E10, E11 e E13 fizeram seus cursos de graduação durante a sua carreira atlética de alto rendimento, mas apenas E9 não finalizou os estudos (no Jornalismo), não conseguindo um diploma do ensino superior até o momento da pesquisa de campo. E3 cursou Relações Públicas, E5 tornou-se economista, E6 e E13 estudaram Administração, E10 fez Arquitetura, e E11 formou-se educador físico. Isso mostrou que metade dos entrevistados pôde, mesmo com dificuldades ou até por pressão dos pais, fazer uma faculdade enquanto se dedicavam como atletas de alto rendimento. Mais do que isso, E13 também fez Educação Física após ter deixado o esporte como atleta, pois percebeu a importância do curso no seu trabalho com a escolinha de canoagem, além de ter tido o incentivo de sua esposa, que já era educadora física.

Logo que se aposentaram, E1 e E2 ingressaram em uma faculdade e, no momento da entrevista, E1 já estava cursando seu segundo curso, Arquitetura e Urbanismo. Contudo, E2 não havia conseguido concluir nenhum dos três programas iniciados. Por último, E4 e E12 – dois ex-tenistas – não relataram ter feito nenhum curso de ensino superior, nem mostrado interesse nessa meta para os próximos anos. Foi possível perceber, no entanto, que as atividades promovidas por ambos os respondentes após a aposentadoria estavam bem ligadas ao esporte de maneira prática, sendo talvez menos importante a busca pelo diploma universitário. O Quadro 22 traz as evidências da temática do ensino superior na carreira esportiva.

Quadro 22 – Subcategoria: Ensino superior

Parte	E	Trechos da entrevista
Ensino superior	E1	Fui preencher minha vida com... com a faculdade de arquitetura e urbanismo.
	E6	Eu fiz [faculdade de Administração] de 2000 a 2005. [...] Foi... foi no meio de tudo isso. E eu saía da Saúde e ia pra São Caetano, depois vinha pra cá, aí à noite ainda tinha que ir pra faculdade [...], né, aí ficou anos, hoje eu penso e falo: Caramba, cada maluquice que a gente fazia.
	E8	Aí, eu, outro marco importante, acho que é o ingresso na faculdade [de Odontologia], que foi em 87. Então, nessa época tinha muitas inseguranças, se eu ia, se eu ia conseguir fazer a faculdade, e depois conseguir me empenhar na profissão, né. E coincidentemente com a minha formatura, foi o início da minha carreira como dentista. [...] E aí, coincidiu muito com o início da minha carreira profissional, né.
	E9	Hoje eu ainda não consegui terminar minha faculdade [de Jornalismo], acredito que pelo tempo que eu tô com ela trancada, já caduquei ela, já esgotou, eu acredito que eu vou ter que fazer um novo curso, né, porque eu acredito que esse já não serve, nem, não aproveita nem as matérias, acho. Agora vou ter que retomar de novo, vou ter que ler de novo, e tal.
	E10	E aí eu entrei na arquitetura na... lá na [nome de universidade] que era uma coisa que eu queria muito e que minha família também. Lógico, queria também, porque meu pai é engenheiro, todo mundo super estudioso, ficaram super contentes e tal e, pronto, pra mim tava bom e eu adorei o começo da faculdade, curti pra caramba e tal. [...] Não parei e não cogitei em parar, mas eu comecei a trabalhar mais tarde.
	E11	Eu acabei indo pra educação física justamente porque, depois... depois que eu comecei a... a entrar a nível internacional, eu vi que tinha algumas brechas. Eu comecei a... a aproveitar todas as oportunidades que eu tinha dentro da faculdade, comecei a estudar dentro do laboratório, pensando em desenvolver conhecimento pra... pra modalidade, pra me beneficiar como atleta e pro futuro criar alguma expectativa a nível Olímpico.
	E12	Estudei até o terceiro colegial, a faculdade infelizmente não... não tive tempo de... de fazer.
	E13	Aí com 19 anos, que foi o primeiro ano, aí na verdade, o que aconteceu? É... entrei na faculdade [de Administração], aí começou aquela correria maior [...] até os 18 anos, era realmente, treinei no alto nível, com 19 no primeiro ano na faculdade, ainda foi aquele primeiro ano, treinei pra primeiro ano de sênior, treinei forte e tal, mas no final do ano, aconteceu que comecei ter alguns problemas na faculdade e comecei na verdade, largar um pouco, diminuir um pouco a... a dedicação nos treinos e voltei um pouquinho mais para... para os estudos, só que isso durou uns três anos. [...] Então a pressão é um pouco menor e aí consegui resolver os problemas na faculdade. 2005 eu entrei na outra faculdade. [...] Fui fazer educação física finalmente.

FONTE: a autora.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa foram discutidos de acordo com os modelos teóricos propostos neste trabalho, em que foram analisados os motivos acerca da saída do atleta do esporte, dos processos envolvidos na transição de carreira, e dos principais sentimentos do atleta relatados nesse momento, em conjunto com a mudança de sua identidade. Também foi categorizado o desenvolvimento da rede de contatos, que apoia o atleta no término de sua carreira no esporte, e foram estudados os resultados de carreira, tanto objetivos quanto subjetivos, atingidos pelos esportistas, com atenção especial aos aspectos financeiros.

Adicionalmente, foram consideradas as características contextuais do indivíduo pesquisado, e relacionados aos resultados de carreira classificados como positivos com as características da transição no encerramento da carreira esportiva.

6.1 O processo de transição

Conforme proposto no Quadro 5, entende-se que a satisfação, as perspectivas, os resultados da nova carreira e a confiança podem ser mais positivas ou negativas quanto ao tipo de aposentadoria no esporte e ao apoio recebido pela sua rede de relacionamentos. Ao analisar cada ex-atleta quanto à voluntariedade no encerramento da carreira esportiva e ao nível de formalidade dos contatos que ajudaram o ex-atleta na sua transição, tem-se o Quadro 23 com as características resultantes esperadas e os participantes da pesquisa na matriz conforme suas respostas.

Quadro 23 – Análise do processo de transição

Apoio	Aposentadoria voluntária		Aposentadoria involuntária	
	Alto apoio organizacional	Baixo apoio organizacional	Alto apoio organizacional	Baixo apoio organizacional
Formal	Satisfação: +++ Perspectivas: ++ Resultados da nova carreira: +++ Confiança: +++	Satisfação: +++ Perspectivas: ++ Resultados da nova carreira: ++ Confiança: +	Satisfação: - Perspectivas: ++ Resultados da nova carreira: ++ Confiança: 0	Satisfação: - Perspectivas: + Resultados da nova carreira: + Confiança: -
Casos encontrados	E1 e E7	E4	Nenhum caso	Nenhum caso
Informal	Satisfação: +++ Perspectivas: ++ Resultados da nova carreira: + Confiança: ++	Satisfação: ++ Perspectivas: + Resultados da nova carreira: + Confiança: +	Satisfação: -- Perspectivas: + Resultados da nova carreira: + Confiança: 0	Satisfação: -- Perspectivas: 0 Resultados da nova carreira: 0 Confiança: -
Casos encontrados	E5, E6, E10 e E13	E2, E3, E8 e E12	Nenhum caso	E9 e E11

FONTE: a autora.

E1 e E7 tiveram uma aposentadoria voluntária e receberam alto apoio formal: por parte do técnico para E1, que também tinha o papel de empresário e gerente; e por parte de um consultor para E7, da própria federação. Para E1, entende-se que satisfação, perspectivas, resultados da nova carreira e confiança estejam em níveis muito positivos, mas E7 ainda estava em transição e talvez ainda não tivesse experimentado todos os resultados. De qualquer forma, E7 se mostrou resiliente, sendo o único respondente a enxergar a sua lesão como um fator motivador para a sua continuidade e competitividade no esporte.

De forma similar, E4 se aposentou de forma voluntária e, segundo ele, recebeu baixo apoio formal, principalmente de seus ex-técnicos e de uma empresária contratada para pensar sobre novas possibilidades de carreira. Outro ponto que contribui para um término de carreira tranquila foi a sua vontade de constituir sua família, e E4 também pôde contar com a ajuda de seus amigos para se divertir no seu tempo livre adquirido logo após ter deixado de se dedicar ao tênis. Assim, seus resultados de satisfação, perspectivas, resultados da nova carreira e confiança foram bastante positivos, mas menos que nos casos anteriores.

Com resultados equivalentes ao caso de E4, ao se aposentarem voluntariamente e terem tido alto nível de apoio predominantemente informal, E5, E6, E10 e E13 revelaram que o apoio da família tenha sido fundamental para a transição positiva de sua carreira. Eles entendiam que essa colaboração se originava tanto dos pais quanto dos cônjuges e, para E5, também dos filhos. Mesmo que tivessem bons técnicos, esses quatro ex-atletas entendem que a rede de apoio era formada predominantemente por membros da família.

Além da aposentadoria voluntária, E2 e E3 afirmaram que recebiam baixo nível de apoio informal, por parte da esposa para E2, e dos pais para E3, cujos resultados de satisfação, perspectivas, resultados da nova carreira e confiança ainda foram positivos. Por sua vez, apesar de E8 e E12 também terem essas características de término de carreira atlética e de rede de contatos, eles não mencionaram nenhum contato de sua rede de relacionamentos que os tenha dado algum tipo de apoio no momento da transição para a aposentadoria. De qualquer forma, E8 se descreveu como muito satisfeito e se considerou bem sucedido na nova carreira.

Por fim, no último quadrante preenchido, E9 e E11 se aposentaram de forma involuntária e tiveram baixo apoio informal, sendo por parte da mãe para E9, e por alguns professores para E11. E9 não pensava em sair do esporte, mas depois de uma gravidez inesperada, não conseguiu ter espaço para voltar à equipe com a qual treinava. Percebe-se que seus resultados em relação à satisfação, perspectivas, resultados da nova carreira e confiança são baixos e até negativos, principalmente no que diz respeito ao nível de satisfação e confiança. Para E11, no entanto, tais resultados não se mostraram tão negativos, pois relatou ter perspectivas de trabalho no exterior e uma evolução dos resultados como técnico de uma equipe de canoagem.

6.2 O ciclo de transição

O modelo de transição de Nicholson (1990), conforme apresentado no Quadro 2, apesar de ter sido concebido para transições em geral, mostrou-se aplicável também para o contexto esportivo, ou melhor, para atletas de alto rendimento que saem do esporte para iniciar um novo ciclo de carreira.

As principais evidências de cada fase do ciclo de transição, conforme os aspectos tarefas e objetivos, armadilhas e problemas, estratégias e soluções, e o papel dos sistemas de gestão, foram registradas a seguir (Quadro 24):

Quadro 24 – Evidências das fases do ciclo de transição

Fases do ciclo de transição	Preparação	Conflito	Ajuste	Estabilização
Tarefas e objetivos	E12: Eu comecei a mencionar mais sobre esse assunto a partir do momento em que eu comecei a ficar cansado das viagens, a rotina de treinos começou a ficar mais pesada, acho que isso... começaram a ficar mais difícil, assim, começou ficar muito difícil, ficar longe por muito tempo, foi quando eu comecei a... a meio que me questionar, mas isso eu ainda segui por... com certeza mais de ano, desde o momento em que eu comecei a me questionar, até o momento em que eu realmente parei.	E3: É... Na verdade, eu vinha pensando em ir pra China, né, Pequim, e na cabeça já falava, não, Pequim vai ser a última. Trabalhando na minha cabeça, um tempo antes, né, pra não, porque realmente é difícil parar. Mas eu fui trabalhando isso comigo, e então foi difícil, mas não foi tanto, graças a Deus.	E10: Mas eu acho que eu tava mais preparada do que eu pensava, na verdade, depois que eu... quando eu parei, quando eu engravidei, minha filha nasceu, eu pude viver outras coisas na minha vida sabe, assim? Sábado sem treino, sexta-feira poder ter happy hour porque não vai treinar no dia seguinte, coisas que... férias sem treinar, enfim, coisas que, às vezes, pra mim eram... eram raras, assim.	E11: E antes de sair eu conheci o [nome], que é o meu atual Paraolímpico, então ele veio pra São Paulo e aí... eu comecei a treinar [...] o [nome] na categoria Paraolímpica [...], então a gente acabou, é... desbravando bastante coisa em relação a isso.
Armadilhas e problemas	E1: Aconteceu em 2008, né, foi um... é um fantasma que começou, assim, rondar, né, eu falei: Poxa, eu tava tentando ir pra quinta olimpíada, já que eu não consegui não tinha mais porque eu... eu continuar dentro do esporte, sendo atleta, já uma carreira tão bacana, tão bonita, né, uma carreira muito bem construída, chegou o momento de aposentar e... e parar, mas aí vinha a pergunta, e agora, eu paro e eu vou fazer o quê? Eu não me preparei, eu não tô preparado, o que que eu vou fazer da minha vida? E foi, assim, um momento, assim, de quase depressão mesmo, de entrar em	E2: Aí parei, fiquei um bom tempo sem fazer nada, é... tinha um tempo muito ocioso... aprendi a beber, né, aprendi a beber e fazer essas coisas que eu não fazia, sei lá, acho que eu participei... [...] que um tempo eu fiz uma pesquisa, que a maioria dos atletas quando param, eles tem um... eles puxam um pouquinho pro lado do alcoolismo, né.	E9: Aí, né, 2010 acabou, ninguém me procurou, não houve esse apoio. Em 2011, eu me vi obrigada a me mexer, porque o tempo tava passando, e eu não podia ficar nessa inércia, eu tinha que fazer alguma coisa.	E8: Quando você fala, você fala assim: Poxa vida, não sou mais atleta. Parece que tiram sua identidade, entendeu? Então, um monte de, até clientes, acabavam falando. Eu não misturo as coisas... Os clientes acabam vendo na televisão: Ah, eu te vi lá, tal. E me chamavam de atleta, né, em vez de dentista, né. Então, era engraçado porque não era porque... Eu tô aqui, o consultório e a natação, né, tô aqui pra cuidar de você, né. Mas, enfim, as pessoas acabam ligando, porque é uma pessoa, só. Eu sou uma pessoa.

	depressão, porque já tinha anunciado pra todos os veículos de comunicação que estaria me aposentando.			
Estratégias e soluções	<p>E1: Então eu fazia freelance, mas não era uma coisa muito certa ainda, então eu acho que o pessoal da [nome de canal de televisão] só tava esperando eu me aposentar pra eu ter um contrato, eu ter alguma coisa, após a... o meu anúncio da aposentadoria demorou ainda uns sete, oito meses, eu fiquei ainda nessa depressão e nessa incerteza de saber o que eu poderia fazer, né, é... após esses oito meses, eu recebi o convite pra ser comentarista e, depois da minha aposentadoria, eu entrei num projeto da [nome de organização], que é a patrocinadora oficial do atletismo.</p>	<p>E8: Mas, enfim, quando eu encerrei minha carreira, você, o vazio que você sente... Não é nada disso. O vazio que você sente é da vida que você tinha, porque o dia a dia é muito, você vive aquilo. A falta que eu senti foi isso, não foi de dinheiro, não foi nada disso, sabe. E o outro lado, como eu tinha muitos comprometimentos com o trabalho, com a empresa, tudo o mais, eu acredito que... Eu senti muita falta, mas eu acho que não foi tanto quanto aqueles que não têm isso.</p>	<p>E6: A demanda da empresa, pra mim o que me norteou, foi bem, assim, meus chefes, porque a área que eu comecei a montar aqui, foi uma área de comércio exterior, que a empresa antes não tinha muito isso, né, então eu comecei essa parte de importação e aí eu tive que viajar muito, ainda viajo muito, então uma hora eu falei: Ah, não da mais pra ficar tocando os dois [esporte e trabalho]. E eles mesmo que falaram e eu tinha deixado bem aberto pra eles: Oh, a velocidade e o time dessa transição vocês que vão ditar, vocês quiserem que eu tenha... esteja aqui 100% eu venho. Né, então é óbvio que eles sabiam que aí eles iam cobrir tudo o que eu tava precisando.</p>	<p>E7: Como eu falei, é difícil você até ser técnico, de jogador e ser técnico. Lógico que pra mim é mais... Já tenho uma certa experiência porque eu já trabalhei com vários técnicos, né. Mas não técnicos femininos. Técnicos de outros países, de outros clubes, né. Mas, coisa que eu venho fazendo hoje, pouco a pouco, é... não é trabalhos, né, maneiras de treinamentos, técnicos do feminino.</p>
O papel dos sistemas de gestão	<p>E4: Eu comecei a olhar antes, eu fui um dos que conseguiu olhar, 2001, 2002, eu tô pra parar, e aí, o que eu vou fazer depois? Vou dar aula? Não quero. E aí, eu contratei uma menina, a Ana, basicamente pra isso. “Olha, eu quero que você me jogue coisas, lógico, você vai cuidar da minha carreira, mas eu quero que você jogue coisas que eu vou fazer quando eu parar”. Então, o papel dela era... Eu viajava,</p>	<p>E5: Como eu continuei a treinar, nadar, eu só fui voltar a ter uma ideia mais abrangente, sobre o encerramento da carreira, a partir da Olimpíada de 2000 e quando eu retornei para o Brasil. Então aquele período entre 2000 e 2004 foram cruciais porque é quando eu comecei a investir em alguns negócios, participar de negócios relacionados a bares e academias e é o que eu tenho hoje, tudo</p>	<p>E13: Eu podia na verdade, na verdade eu até que podia ir, porque, assim, fiquei com pontos, sei lá, fiquei um mês sem remar, mas dava pra ir, por exemplo, no... eu consegui vaga pro campeonato mundial, só na época tinha que pagar do meu bolso e tal, mas eu já tava acostumado, mas eu falei: Não, chega, foi meio que falar, quer saber? Chega... chega, quem ficou mais frustrado, por exemplo, foram os</p>	<p>E7: Por exemplo, a CBTM vai me ajudar, vai me dar muito apoio pra isso. O [nome de comitê], o [nome de comitê], ele tem um... Tô até fazendo um curso com eles, que... Sobre essa transição, mesmo, atleta pra dirigente ou alguma coisa. Mas assim, o [nome de comitê] se preocupa bastante, né, quando eu parar, o que eu posso ajudar, a CBTM, então acho que são duas... E: [nome de comitê] e</p>

	voltava de viagem, e ela me falava: Olha, tive vendo aí...	nasceu dali, daquela época entre 2000 e 2004.	meus pais.	CBTM, Acho que esses são os principais, né. Tem o Ministério também.
--	--	---	------------	--

FONTE: a autora.

6.3 As redes de contatos no processo de transição

De acordo com o cubo apresentado na Figura 2, que integra o modelo de relacionamento de desenvolvimento de Higgins e Kram (2001), em que se analisam diversidade e força dos contatos, com o tipo de tomada de decisão para o encerramento da carreira esportiva proposto por Lavellee e Wylleman, (2000), as classificações dos ex-atletas podem ser feitas, e alguns resultados são esperados (BRISCOE, 2012).

Quadro 25 – As redes de contatos no processo de transição

Respon- dente	Relacio- namento: diversidade	Relacio- namento: força	Saída	Tipo	Características
E1	não diverso	forte	voluntária	empreendedor	mudança de carreira: + aprendizado pessoal: +
E2	não diverso	fraco	voluntária	oportunista	aprendizado pessoal: - satisfação no trabalho: -
E3	não diverso	forte	voluntária	empreendedor	mudança de carreira: + aprendizado pessoal: +
E4	diverso	fraco	voluntária	receptivo	satisfação no trabalho: -
E5	diverso	fraco	voluntária	receptivo	satisfação no trabalho: -
E6	diverso	forte	voluntária	tradicional	aprendizado pessoal: + comprometimento pessoal: +
E7	diverso	fraco	voluntária	receptivo	satisfação no trabalho: -
E8	não diverso	forte	voluntária	empreendedor	mudança de carreira: + aprendizado pessoal: +
E9	diverso	fraco	involuntária	oportunista	aprendizado pessoal: - satisfação no trabalho: -
E10	diverso	forte	voluntária	tradicional	aprendizado pessoal: + comprometimento pessoal: +
E11	diverso	fraco	involuntária	receptivo	satisfação no trabalho: -
E12	diverso	fraco	voluntária	receptivo	satisfação no trabalho: -
E13	não diverso	forte	voluntária	empreendedor	mudança de carreira: + aprendizado pessoal: +

FONTE: a autora.

Ao posicionar os respondentes seguindo a diversidade e a força dos contatos da rede de desenvolvimento, aliada à voluntariedade do encerramento da carreira atlética, conforme o Quadro 25, há oito combinações possíveis. E1, E3, E8 e E13 resultariam na característica de empreendedor, com mudança de carreira positiva e aprendizado pessoal positivo; E2 seria

classificado como oportunista, cujo aprendizado pessoal seria negativo, assim como a satisfação no trabalho; E9 também seria oportunista, mas com resultados ainda mais negativos por ter tido a aposentadoria de forma involuntária; E6 e E10 se caracterizariam como tradicionais, por terem aprendizado pessoal e comprometimento com eles mesmos de maneira positiva; E4, E5, E7 e E12 teriam a resultante do traço receptivo, com baixa satisfação no trabalho, e E11 seria receptivo com satisfação no trabalho ainda mais baixa, devido à tomada de decisão na aposentadoria.

Contudo, ao verificar o passado, as trajetórias e o processo de transição dos participantes da pesquisa, os resultados foram revisados de acordo com o conteúdo obtido nas entrevistas, apresentando diferenças. Quando comparadas às características dos tipos previstos e da nova classificação, nota-se que ocorreram sete alterações de um total de 13 casos. A classificação não mudou apenas para seis deles: E3, E6, E8, E10, E11 e E13.

Considerando os novos resultados (Quadro 26), foi possível verificar que os dois casos de aposentadoria involuntária resultaram na característica receptiva, cujos contatos da rede de desenvolvimento, então, poderiam ser considerados diversos e fracos. Dos respondentes que tiveram a aposentadoria voluntária, seis deles seriam considerados tradicionais, com rede diversa e forte, e cinco, empreendedores, apresentando rede não-diversa e forte. De qualquer forma, não seriam encontrados indivíduos com rede de desenvolvimento com baixa força (oportunistas e receptivos) para aqueles que decidiram se aposentar por motivos pessoais.

Quadro 26 – As classificações no processo de transição independente das redes de contatos

Respondente	Tipo previsto	Classificação conforme conteúdo da entrevista	Resultado
E1	empreendedor	tradicional	houve mudança
E2	oportunista	tradicional	houve mudança
E3	empreendedor	empreendedor	não houve mudança
E4	receptivo	empreendedor	houve mudança
E5	receptivo	empreendedor	houve mudança
E6	tradicional	tradicional	não houve mudança
E7	receptivo	tradicional	houve mudança
E8	empreendedor	empreendedor	não houve mudança
E9	oportunista	receptivo	houve mudança
E10	tradicional	tradicional	não houve mudança
E11	receptivo	receptivo	não houve mudança
E12	receptivo	tradicional	houve mudança
E13	empreendedor	empreendedor	não houve mudança

FONTE: a autora.

6.4 Os aspectos financeiros na transição

Os participantes da pesquisa precisavam comparar seus ganhos financeiros nos momentos que antecederam e sucederam a transição de carreira, e tais informações foram relacionadas com a modalidade esportiva do respondente. No entanto, não foi possível encontrar nenhuma relação clara entre as modalidades e a melhoria na renda após a aposentadoria. Apenas notou-se que há alguma relação entre os esportes e o apoio externo que se tinha enquanto atletas: por exemplo, todos os praticantes do atletismo recebiam um salário de um clube e/ou a bolsa atleta, enquanto que os nadadores e os mesatenistas tinham ajuda parcial, tanto de materiais quanto da bolsa também, e os tenistas e a esgrimista não ganhavam nenhum apoio externo nesse sentido. Nesta análise do apoio externo, não foram considerados os patrocínios, pois nas modalidades individuais estes costumam ser direcionados exclusivamente a um atleta.

Para oito dos 13 respondentes, ou seja, para E1, E2, E4, E6, E8, E10, E11 e E13, o resultado financeiro após a aposentadoria efetivamente melhorou, mostrando que não é válido o senso comum sobre os atletas que ganham muito dinheiro enquanto atuam no esporte de alto rendimento e que não conseguem se manter financeiramente depois disso.

De forma clara, a situação financeira piorou apenas para E9, que falou da soma dos valores que recebia anteriormente e de qual era seu salário trabalhando no banco, apresentando um resultado inferior. Por sua vez, E3 relatou que seus ganhos antes e depois eram equivalentes, pois ao calcular sua renda líquida, percebeu que os valores eram similares; enquanto atleta, ela recebia até mais, mas também tinha despesas geradas pelo próprio esporte.

Por estar em fase de transição, E7 não sabia dizer qual seria seu salário após deixar de ser atleta de alto rendimento por completo, mas imaginava que ganharia mais que antes, ou pelo menos um valor equivalente. E12 também afirmou não saber quais seriam seus ganhos futuros, já que tinha se aposentado há poucos meses e não estava buscando novos trabalhos naquele momento, apesar de não ter uma expectativa de que fosse ganhar mais do que quando era tenista. E5 foi o único participante da pesquisa que não respondeu à pergunta, mas provavelmente conseguiu gerar mais ganhos após a transição, pelo volume de negócios que detém como empresário.

Assim, como não se observou uma relação entre as modalidades e os resultados financeiros comparativos, também não se aponta uma diferença entre o apoio externo enquanto atleta e o

resultado posterior, conforme pode ser observado no Quadro 27. Isso mostra que é independente a ligação entre a ajuda financeira de clubes e/ou institutos esportivos para a manutenção do atleta de alto rendimento, e aquilo que se obtém na nova carreira, pois outros fatores é que possivelmente influencia nesta variável resultante.

Quadro 27 – Aspectos financeiros na transição

Respondente	Modalidade esportiva	Apoio externo (clubes, institutos etc.)	Resultado financeiro após aposentadoria
E1	atletismo, provas de curta distância	sim	melhorou
E2	atletismo, provas de curta distância	sim	melhorou
E3	natação, com deficiência visual	parcial	foi equivalente
E4	tênis	não	melhorou
E5	natação	parcial	provavelmente melhorou
E6	tênis de mesa	parcial	melhorou
E7	tênis de mesa	parcial	não sabe
E8	natação, com deficiência	parcial	melhorou
E9	atletismo, provas de curta distância, com deficiência visual	sim	piorou
E10	esgrima	não	melhorou
E11	canoagem	parcial	melhorou
E12	tênis	não	não sabe
E13	canoagem maratona	não	melhorou

FONTE: a autora.

6.5 O contexto e os resultados de carreira positivos

Foi possível notar que, de certa forma, os resultados de carreira objetiva e subjetiva foram positivos para E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E10, E12 e E13, independentemente dos contextos dos participantes da pesquisa. Alguns atletas tiveram infância e adolescência com recursos escassos – destacam-se E1 e E2 – e apresentaram uma carreira atlética bem sucedida, inclusive assim pode ser considerada a vida profissional após a transição.

Apesar de os fatores contextuais não terem sido determinantes para o sucesso ou insucesso da carreira atlética e/ou sua transição, pois cada respondente lidou bem com suas capacidades físicas, emocionais e financeiras, entende-se que a escolha da modalidade esportiva que destacou cada ex-atleta foi diferente, e dependente das condições de vida dos participantes da pesquisa.

Por exemplo, E4 e E12 praticaram tênis desde que eram crianças porque, respectivamente, tinham um pai e um avô que os incentivaram nesse sentido e provavelmente tiveram

condições financeiras para apoiá-los no desenvolvimento dessa modalidade. Além dos gastos com os equipamentos, que são relativamente caros, os técnicos, o acesso às quadras, as viagens aos torneios e eventuais tratamentos e complementos de treino costumam ser custosos. Esse contexto também é semelhante para E10, que praticou esgrima por muitos anos de sua vida, inclusive em um clube esportivo considerado de elite na cidade de São Paulo. Assim sendo, é possível notar que algumas modalidades são pouco acessíveis para a população como um todo que tiver interesse em praticar determinados esportes, caso não haja uma condição financeira que ofereça o suporte necessário.

Um pouco menos determinante nesse sentido são a natação e a canoagem, pois são esportes que envolvem locais específicos para a sua prática (piscinas e espaços abertos com água), e no Brasil o acesso não é tão facilitado, a não ser que seja por meio de projetos sociais, como foi o caso de E11. Assim, foi observado que E3, E5 e E8, os ex-nadadores entrevistados, tinham recursos que possibilitavam seus treinos em clubes.

O tênis de mesa e o atletismo podem ser consideradas modalidades esportivas mais acessíveis, já que podem ser praticados mesmo com menos capital. Inclusive, o tênis de mesa é o terceiro esporte Olímpico mais praticado no Brasil, pois são 12 milhões de participantes, entre amadores e profissionais. Porém, independentemente de condições financeiras, E6 e E8, ex-mesatenistas, tiveram a iniciação na modalidade por contatos com associações ligadas à colônia japonesa. No atletismo, E1 começou por um projeto social em sua escola, E2 teve um início considerado tardio em um clube da cidade onde morava, e E9 pôde correr por ter sido revelada nas atividades de educação física na escola onde estudava. Nestes casos, as situações contextuais foram mais diversas e não foram exatamente definitivas para a escolha do esporte.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta tese era identificar e analisar os fatores que influenciam o processo de transição no encerramento da carreira esportiva do atleta profissional e, ao relacionar as teorias sobre transições de carreira com gestão esportiva, foi possível atender essa proposta.

Os motivos pelos quais os atletas deixam o esporte são diversos e, inclusive, múltiplos: apesar de a maioria dos respondentes ter afirmado que deixou o esporte de alto rendimento de forma voluntária, uns dos principais motivos não denotaram a vontade própria unicamente, pois citaram os novos e jovens talentos que estavam surgindo, os resultados que não eram mais superados, e o cansaço da rotina atlética, ou mesmo o desgaste ocasionado por uma lesão.

Foi possível verificar que a transição de carreira envolve um processo de preparação, conflito, ajuste e estabilização, e todos os participantes da pesquisa passaram por essas quatro etapas (com exceção de um, que ainda estava em fase de ajuste por estar em transição). A grande diferença foi a duração de cada etapa: quanto mais consciente da aposentadoria, maior foi o tempo de preparação, sendo até de quatro anos; o conflito foi menos acentuado para aqueles conseguiam adquirir soluções para o futuro enquanto atletas; de acordo com as atividades que já executavam, as dificuldades e as redes de desenvolvimento, os ajustes eram feitos, e a estabilização foi mais demorada para os respondentes que tiveram uma aposentadoria involuntária.

Quanto aos sentimentos envolvidos na transição, assim como antes e após a aposentadoria, foram dos mais diversos, pois enquanto uns se sentiram aliviados, satisfeitos e felizes, outros sentiram o vazio dos treinos, o fim da identidade como atleta e até depressão. Foi observado que uma das entrevistadas, deficiente visual, se mostrou frustrada após deixar de ser atleta de alto rendimento, além de ter perdido o contato com o esporte. E a outra respondente que também era deficiente visual, apesar de ainda ter um pouco de vínculo com a natação, por ministrar palestras eventualmente, não se manteve tão ligada como os outros participantes que se mostraram parcialmente em contato com o contexto esportivo. Segundo Coutinho (2011), isso poderia ser explicado pela identidade do cego, pois, pelo fato de o indivíduo não se ver fisicamente, poderia perder essa relação com o esporte.

Após a transição, a mudança de carreira ocorreu de diversas formas, pois as oportunidades surgiam por meio dos contatos, da televisão, de projetos esportivos, do espaço para se

desenvolverem como técnicos, de empregos na área de formação (ou não, no caso das duas deficientes visuais), e da visão de negócio para abrir um empreendimento. Isso mostra que a nova carreira pode ser trilhada por impulsos e estímulos bem distintos, e continuada no esporte ou não.

Quanto à rede de desenvolvimento que apoia o atleta no término de sua carreira, as redes se apresentaram de forma bastante heterogênea, mas não puderam prever sucesso ou insucesso na transição. Inclusive, alguns respondentes mencionaram que a decisão da aposentadoria foi tomada de maneira solitária e sem necessidade do apoio de outras pessoas, cujo resultado foi uma transição bem sucedida. E outros respondentes enfatizaram a importância dos contatos formais e/ou informais, além de um relacionamento forte e/ou fraco. Entende-se que tudo dependeu da necessidade que o indivíduo tinha dessa rede; se a tiver formado adequadamente e houver suporte, provavelmente será bem sucedido.

Dessa forma, os resultados de carreira objetiva e subjetiva foram analisados, revelando que ambos os tipos estavam bem relacionados entre si, já que se a resultante subjetiva fosse positiva, o ex-atleta também havia relatado que os rendimentos financeiros eram superiores quando comparados os momentos anteriores e posteriores à aposentadoria. Nesse sentido, a aposentadoria involuntária mostrou-se prejudicial: por ser uma transição esperada, deve ser planejada, e o processo de transição deve ter uma preparação bem antecipada, não apenas emocionalmente e quanto à sua motivação, mas principalmente quanto à formação necessária para as atividades futuras. Adicionalmente, deve-se construir uma rede de desenvolvimento com contatos que ajudarão nos novos caminhos, indicando a importância da aplicação das carreiras inteligentes.

E em relação às características contextuais dos indivíduos pesquisados, percebeu-se que o contexto não influenciou no resultado, apenas na escolha da modalidade esportiva. Os resultados atléticos foram conseguidos por meio de muita dedicação, que foram além de recursos disponíveis ou apoios externos.

7.1 Principais descobertas

De forma geral, as transições foram bem realizadas, dando sua continuidade no contexto esportivo, ou não; aqueles que permaneceram envolvidos com o esporte pareceram estar ainda mais satisfeitos, pois todos demonstraram amor pela modalidade que praticavam.

Um achado da pesquisa foi ter notado as transições que ocorrem na própria carreira esportiva, mesmo enquanto atletas de alto rendimento. Apesar de a literatura trazer os termos *carreira atlética* e *carreira esportiva* como sinônimos, seria importante diferenciá-los, pois o ex-atleta que se mantém no esporte continua em uma trajetória de mesma natureza. Porém, as obras acadêmicas, quando apresentam o termo *carreira esportiva*, referem-se à carreira do atleta. Mais do que isso, foi possível notar diferenças quanto ao momento quando o atleta está treinando e competindo para uma modalidade Olímpica ou Paralímpica, e quando ele está fora desse meio, mesmo em um esporte de alto rendimento. No entanto, o termo *carreira Olímpica* foi encontrado somente em *sites* de notícias e em materiais não acadêmicos.

Dessa forma, é possível entender que um profissional possa construir uma carreira esportiva que contenha a carreira atlética, e que esta contemple a carreira Olímpica ou Paralímpica. Os tenistas, porém, não considerariam os Jogos Olímpicos como uma referência, mas sim os torneios de primeira linha (ATP Tour).

Outra descoberta é em relação às carreiras objetiva e subjetiva bem sucedidas, de acordo com os objetivos traçados anteriormente. Não se esperava que os ex-atletas estivessem ganhando mais do que antes, nem que estivessem tão satisfeitos com ambos os momentos das carreiras. Com isso, também confirmou-se que a aposentadoria involuntária seja bastante negativa para o processo de transição do atleta (WYLLEMAN; REINTS, 2010).

Também foi relevante compreender que seja importante manter uma rede de desenvolvimento forte, sendo diversa ou não-diversa, para que a transição para a aposentadoria seja bem sucedida. Além disso, como os aspectos financeiros tiveram resultados positivos, podem ser considerados uma tendência para os atletas que têm tido maior preocupação com a sua nova carreira.

7.2 Achados e sua relação com o campo da Administração

Inicialmente, verificou-se que as transições bem sucedidas independem se forem de mesma ou de outra natureza, mas envolvem preparação, diversos sentimentos, redes de contatos e cuidado com aspectos financeiros. Quanto à atuação profissional, pode-se entender que as mudanças de carreira devem ser bem planejadas e inúmeros fatores podem influenciar o sucesso da transição, seja dentro na mesma organização com uma alteração nas funções, entre organizações, ou de profissão.

É reconhecida também a importância das redes de desenvolvimento, pois podem dar o apoio necessário para a transição. Porém, segundo Ibarra (2004), os contatos fortes e não-diversos (geralmente de pessoas mais próximas) podem não ajudar na mudança, sendo prejudiciais por não entenderem o motivo da transição de carreira. As redes devem ser bem construídas, tanto no esporte, quanto no contexto empresarial, dependendo da necessidade do indivíduo. Se a decisão for feita sem uma rede, é preciso ter um bom direcionamento para que haja sucesso na nova carreira.

Outro ponto encontrado para contribuir com o campo da Administração é a possibilidade dos ciclos de carreira: a carreira atlética é de ciclo curto, que exige algumas habilidades específicas, com duração de tempo quase predeterminada, e diversas carreiras não-esportivas têm ganhado essa característica. Por exemplo, as carreiras da área de tecnologia são bastante mutáveis, ao demandarem inúmeros conhecimentos e habilidades que, às vezes, são passageiros, revelando esses ciclos curtos. Além disso, com o maior dinamismo do mercado, novas funções têm surgido e desaparecido, provocando esse efeito das carreiras de ciclos curtos.

Por fim, foi possível notar que é recomendável o processo de destreinamento no esporte, uma medida gradual de desligamento dos treinos e dos vínculos com a modalidade. Há práticas de aposentadoria adotadas por algumas organizações que atuam nesse sentido, ou seja, de um a três anos antes de um empregado se aposentar, as empresas têm reduzido suas jornadas de trabalho aos poucos, e indicando novas possibilidades de trabalho ou atividades gerais aos aposentados. Tal tipo de prática poderia tornar-se uma política mais difundida em todo tipo de organização que empregue pessoas com idade mais avançada, já que essa transição de carreira é bastante complicada em qualquer contexto.

7.3 Desdobramentos e propostas

7.3.1 *Propostas para os atletas*

Os atletas de alto rendimento se consideram disciplinados, determinados, esforçados, e alguns de identificam com uma figura heroica, mas essa fase é interrompida em determinado momento. É importante evitar que a decisão da aposentadoria seja involuntária, já que remete a resultados que tendem a ser negativos.

Então, deve-se atentar a sua evolução de desempenho, os adversários, a idade, as possíveis lesões, decidindo sair do esporte de alto rendimento com antecedência de alguns anos. O atleta precisa reconhecer suas limitações e buscar novas alternativas, preparando-se quanto à sua qualificação e rede de desenvolvimento, além de estar apto financeira, emocional e psicologicamente para a mudança.

Em relação aos atletas em geral – que ainda não são de alto rendimento – recomenda-se pensar na carreira atlética como uma parte da carreira profissional, pois há um início com a inserção no esporte, seguida da profissionalização, o final da carreira e a transição além da carreira atlética. A carreira no esporte é cada vez mais reconhecida social e financeiramente, abrindo oportunidades para aqueles que desejam ser atletas profissionais e gerar diversos ganhos com tal atividade.

7.3.2 *Propostas para os indivíduos que estão nas redes de relacionamento dos atletas*

O técnico tem o papel de melhorar o desempenho esportivo, e justamente por isso costuma gerar alta confiança no atleta. Por isso, o técnico deve acompanhar o histórico do rendimento do profissional, sinalizando quando ele precisa pensar na sua aposentadoria, conversando sobre perspectivas profissionais no futuro, de acordo com suas experiências com outros ex-atletas. O papel do técnico mostrou-se mais amplo que a simples busca de melhores resultados nas pistas, quadras ou piscinas, sendo a sua participação fundamental para a boa transição de alguns dos participantes da pesquisa.

Quanto à família e aos amigos, notou-se que o apoio informal foi de alta importância, mas esse grupo também deve entender as decisões do atleta, principalmente o momento de

aposentadoria. Assim, familiares e pessoas próximas podem ajudar na transição com novas soluções, além de oferecer apoio emocional. Porém, é normal que eles não queiram que o atleta deixe o esporte, principalmente pela identidade que ele criou durante boa parte de sua vida, mas deve-se dar suporte na aposentadoria quando esta for definida.

Em relação aos gerentes ou empresários do atleta, espera-se que ele ajude a encontrar novos caminhos profissionais por meio de sua rede de contatos, já que a parceria poderia continuar mesmo em outros contextos. Se o papel do gerente era, de alguma forma, melhorar a carreira do atleta, a partir da transição também deveria ser o de contribuir para o sucesso da nova carreira.

7.3.3 Propostas para as organizações esportivas

As organizações esportivas não foram um apoio mencionado de forma unânime por parte dos entrevistados. Inclusive, alguns dos respondentes relataram que não receberam nenhum apoio, e nem esperavam que teriam alguma ajuda por parte das federações, confederações, associações ou clubes.

Entende-se que os clubes e associações em geral, ao estarem cientes da problemática dessa transição, deveriam se responsabilizar pelo apoio ao esportista que se aposentará, pensando também na contribuição desse atleta no futuro para a própria organização, em cargos de técnicos, gerentes, diretores ou até presidentes, à medida que eles sejam, ao longo da carreira, preparados para assumirem uma posição administrativa.

As federações e comitês esportivos, por sua vez, poderiam criar projetos para auxiliar os atletas nesse sentido, já que todo atleta passará por tal processo de transição. Conforme as entrevistas, há um programa de *coaching* já iniciado pelo Comitê Olímpico Brasileiro, direcionado pontualmente para alguns atletas até então, e o Comitê Paralímpico Brasileiro costuma empregar ex-atletas de destaque para ocupar cargos de direção. É essencial que os projetos de preparação para a aposentadoria do atleta sejam ampliados e ganhem maiores investimentos.

7.3.4 Propostas para universidades e políticas públicas

O modelo norteamericano de esporte universitário é único no mundo e é uma categoria esportiva que movimenta bilhões de dólares por ano, por envolver contratos milionários e

uma competitividade muito alta. O esporte universitário nos Estados Unidos conta com quatro divisões de competições e boa parte das ligas profissionais compõem seus times com os melhores egressos (SHULMAN; BOWEN, 2002). Apesar de ser considerado um negócio amador, os jogadores apresentam um alto nível profissional e os técnicos de equipes têm salários anuais de até US\$ 3 milhões (ROSENBERG, 2010).

Inclusive, um dos respondentes passou por essa experiência, ao ganhar uma bolsa para estudar em uma universidade norte americana, ao mesmo tempo em que deveria treinar e competir pela instituição de ensino. Esse respondente foi bem sucedido na sua carreira, provavelmente por se qualificar enquanto podia vivenciar o esporte de alto rendimento.

Assim, espera-se que o esporte universitário no Brasil seja melhor desenvolvido: se essa categoria crescer e ganhar competitividade, seguramente serão revelados mais talentos que, além de contribuírem para o esporte profissional no país, também serão qualificados com estudos no ensino superior. Para tanto, é necessário um estímulo para as universidades investirem nesses estudantes-atletas, que poderia surgir por iniciativas privadas ou públicas. De qualquer forma, nos Estados Unidos e nos países europeus, entende-se que as vitórias no esporte sejam projeções de boa imagem organizacional.

Por último, apesar de o apoio da bolsa atleta não ter sido um indicador de sucesso na carreira esportiva, pode-se supor que, se esse subsídio governamental for ampliado quanto à quantidade, como já vem ocorrendo nos últimos anos, e também tiver seu valor aumentado, haverá maior crescimento do esporte no país, além de proporcionar mais dedicação por parte dos atletas, assim como melhores condições para aqueles que escolhem ser esportistas como profissão, no curto ciclo que lhes for permitido.

7.4 Limitações do estudo

Uma das limitações deste estudo é o tamanho da amostra, pois contou com poucos participantes, representando apenas seis modalidades esportivas individuais. Se por um lado, esse tipo de amostra se mostrou de difícil acesso; por outro lado, foi possível conseguir diversos dados secundários dos participantes da pesquisa, visto que são pessoas consideradas famosas e relativamente frequentes nos jornais e nas páginas da *web*.

Outra limitação está relacionada ao tempo transcorrido desde a transição até o momento da entrevista, que variou de poucos meses a dez anos. Quando o ex-atleta havia deixado o esporte de alto rendimento há pelo menos mais de um ano, suas ideias estavam mais amadurecidas e consolidadas. Os respondentes aposentados há mais tempo costumavam estar melhor adaptados na nova carreira.

Entende-se também por limitação o discurso que os respondentes tinham para as perguntas. Novamente, por serem indivíduos que provavelmente já tiveram que responder a questões similares sobre sua aposentadoria no esporte para outros propósitos, como para a imprensa e outras pessoas, os participantes da pesquisa poderiam ter uma narrativa mais preparada, por terem *treinado* e ajustado o seu discurso ao longo do tempo.

7.5 Sugestões para futuras pesquisas

Para futuros estudos, sugere-se pesquisar os ex-atletas de modalidades coletivas, fazendo uma comparação. Os resultados de carreira dos esportistas que competiam por equipes podem se revelar distintos quanto ao desempenho individual no time e às vitórias ou derrotas do grupo.

Após compreender diversos fatores que influenciam a transição de carreira no esporte com uma abordagem qualitativa, pode-se propor uma pesquisa quantitativa mais ampla, para que se possa compreender o fenômeno em uma população maior de ex-atletas, representando melhor a categoria estudada.

Foram também percebidas algumas diferenças entre as carreiras dos atletas Olímpicos e Paralímpicos. Uma sugestão seria aprofundar os estudos das carreiras das pessoas com deficiência, pois a transição desses indivíduos costuma ser mais delicada, principalmente para os deficientes visuais.

Finalmente, espera-se que este trabalho tenha contribuído para que atletas, organizações e profissionais de ramos de atividades mais dinâmicos – com características de ciclos curtos – promovam transições de carreira mais positivas, visto que o processo pode ser delicado e doloroso, mas tratado com precauções e cuidados.

REFERÊNCIAS

ALFERMANN, D. Causes and consequences of sport career transitions. In: LAVALLEE, D.; WYLLEMAN, P. **Career transitions on sport: International perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 2000.

ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N. Career transitions and career termination. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (Orgs.) **Handbook of sport psychology**, 3rd ed. New York, NY: Wiley, p. 712-733, 2007.

AMARA, M.; HENRY, I.; LIANG, J.; UCHIUMI K. The governance of professional soccer – five case studies: Algeria, China, England, France, and Japan. **European Journal of Sport Science**, v. 5, n. 4, p. 189-206, 2005.

ARRANGOIZ, D. C.; AGUILAR, A. S. **Planeación de vida y carrera**. México, DF: Noriega Editores, 2003.

ARTHUR, M. B.; CLAMAN, P. H.; DEFILLIPPI, R. Intelligent enterprise, intelligent careers. **Academy of Management Executive**, v. 9, n. 4, 1995.

ARTHUR, M. B.; HALL, D. T.; LAWRENCE, B. S. Generating new directions in career theory: the case for a transdisciplinary approach. In: ARTHUR, M. B.; HALL, D. T.; LAWRENCE, B. S. (Orgs.) **Handbook of career theory**. Cambridge University Press, 1989.

ARTHUR, M. B.; ROUSSEAU, D. M. **The boundaryless career**. New York, NY: Oxford University Press, 1996.

BAIOCCHI, A. C.; MAGALHÃES, M. Relações entre processos de comprometimento, entrenchamento e motivação vital em carreiras profissionais. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 5, n. 1, p. 63-69, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARUCH, Y. Developing Career Theory Based on “New Science”: A Futile Exercise? The Devil’s Advocate Commentary. **M@n@gement**, v. 5, n. 1, p. 15-21, 2002.

BARUCH, Y. Transforming Careers: from linear to multidirectional career paths – organizational and individual perspectives. **Career Development International**, v. 9, n. 1, p. 58-73, 2004.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedito Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENDASSOLLI, P. F. **Trabalho e identidade em tempos sombrios**. São Paulo: Idéias e Letras, 2007.

BENDASSOLLI, P. F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **RAE**, v. 4, n. 49, p. 387-400, 2009.

BOEHM, J. K.; LYUBOMIRSKY, S. Does Happiness Promote Career Success? **Journal of Career Assessment**, v. 16, n. 1, p. 101-116, 2008.

BOWLBY, J. **Apego e perda**: a natureza do vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRIM, O. G.; KAGAN, J. **Constancy and Change in Human Development**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1980.

BRISCOE, J. P. **Qualitative analysis**. Notas de supervisão. 2012.

BRISCOE, J. P.; CHUDZIKOWSKI, K.; UNITE, J. Career Transitions: Windows Into the Career Experience in 11 Country Contexts. In: BRISCOE, J. P.; HALL, D. T.; MAYRHOFER, W. (Orgs.) **Careers around the world**. New York, NY: Routledge, 2012.

CARSON, K. D.; BEDEIAN, A. G. Career commitment: Construction of a measure and examination of its psychometric properties. **Journal of Vocational Behavior**, v. 44, n. 3, p. 237-262, 1994.

CBF – Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/>>. Acesso em: 3.jan.2014.

COAKLEY, J. **Sports in Society: Issues & Controversies**. New York, NY: McGraw-Hill, 2001.

CORBIN, J.; STRAUSS, A. **Basics of Qualitative Research**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2008.

COUTINHO, M. M. A. **A inclusão da pessoa com deficiência visual na educação superior e a construção de suas identidades.** Dissertação apresentada na Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2011.

CRESWELL, J. W. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches.** Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2009.

CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido:** uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DEFILLIPPI, R. J.; ARTHUR, M. B. The boundaryless career: a competency-based prospective. **Journal of Organizational Behavior**, v. 15, n. 4, p. 307-324, 1994.

DONKIN, R. **The future of work.** New York, NY: Palgrave Macmillan, 2010.

DUNNING, E. **Sport matters:** Sociological studies of sport, violence, and civilization. London: Routledge, 1999.

DUTRA, J. S. **Administração de carreiras:** uma proposta para repensar a gestão de pessoas. São Paulo: Atlas, 1996.

DUTRA, J. S. **Gestão de pessoas:** modelo, processos, tendências e perspectivas. São Paulo: Atlas, 2002.

DUTTON, J. E.; ROBERTS, L. M.; BEDNAR, J. Pathways for positive identity construction at work: four types of positive identity and the building of social resources. **Academy of Management Review**, v. 35, n. 2, p. 265-293, 2010.

EYSENCK, H. J.; NIAS, D. K. B.; COX, D. N. Sport and Personality. **Advances in Behavior Research and Therapy**, v. 4, n. 1, p. 1-56, 1982.

FEIFEL, H. **New meanings of death.** New York, NY: McGraw-Hill, 1977.

FELDMAN, D. C. Late-Career and Retirement Issues. In: GUNZ, G.; PEIPERL, M. **Handbook of Career Studies**, p. 153-168, 2007.

FELDMAN, D. C.; BEEHR, T. A. A Three-Phase Model of Retirement Decision Making. **American Psychologist**, v. 66, n. 3, p. 193-203, 2011.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GÓMEZ, S.; KASE, K.; URRUTIA, I. **Value Creation and Sport Management**. New York, NY: Cambridge University Press, 2010.

GREENHAUS, J. H.; PARASURAMAN, S.; WORMLEY, W. M. Effects of Race on Organizational Experience, Job Performance Evaluations, and Career Outcomes. **Academy of Management Journal**, v. 33, p. 64-86, 1990.

HACKFORT, D.; HUANG, Z. Considerations for Research on Career Counseling and Career Transition. In: HACKFORT, D.; DUDA, J. L.; LIDOR, R. (Orgs.) **Handbook of Research in Applied Sport and Exercise Psychology**. Morgantown: International Perspectives, p. 245-255, 2005.

HALL, D. T. **Careers in organizations**. Pacific Palisades, CA: Goodyear Pub. Co., 1976.

HALL, D. T. **The career is dead: long live the career**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1996.

HALL, D. T. **Careers in and out of organizations**. London: Sage Publications, 2002.

HALL, D. T.; MOSS, J. E. The new protean career contract: Helping organizations and employees adapt. **Organizational Dynamics**, v. 26, n. 3, p. 22-37, 1998.

HALL, M. A. Knowledge and Gender: Epistemological Questions in the Social Analysis of Sport. **Sociology of Sport Journal**, v. 2, n. 1, p. 25-42, 1985.

HALL, S. A **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARRIS, J. C. Athletes and the American Dilemma. **Human Kinetics**, v. 4, p. 25-63, 1994.

HESKETH, B.; GRIFFIN, B.; LOH, V. A future-oriented Retirement Transition Adjustment Framework. **Journal of Vocational Behavior**, v. 79, n. 2, p. 303-314, 2011.

HIGGINS, M. A.; KRAM, K. E. Reconceptualizing Mentoring at Work: A Developmental Network Perspective. **Academy of Management Review**, v. 26, n. 2, p. 264-298, 2001.

HIGGINS, M. C.; THOMAS, D. A. Constellations and careers: toward understanding the effects of multiple developmental relationships. **Journal of Organizational Behavior**, v. 22, p. 223-247, 2001.

IBARRA, H. **Working Identity: Unconventional Strategies for Reinventing your Career**. Boston, MA: Harvard Business Press, 2004.

JACOPIN, T.; KASE, K.; URRUTIA, I. Value creation and performance criteria for sport entities. In: GÓMEZ, S.; KASE, K.; URRUTIA, I. **Value Creation and Sport Management**. New York, NY: Cambridge University Press, 2010.

JUDGE, T. A.; CABLE, D. M.; BOUDREAU, J. W.; BRETZ JR, R. D. An Empirical Investigation of the Predictors of Executive Career Success. **Personnel Psychology**, v. 48, n. 3, p. 485-519, 1995.

KANE, J. E. Personality and physical abilities. In: KENYON, G. S. (Org.) **Contemporary psychology of sport: Second International Congress of Sports Psychology**. Chicago, IL: Athletic Institute, 1970.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LAVALLEE, D. Theoretical perspectives on career transitions in sport. In: LAVALLEE, D.; WYLLEMAN, P. **Career transitions on sport: International perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 2000.

LAVALLEE, D.; GROVE, J. R.; GORDON, S. The causes of career termination from sport and their relationship to post-retirement adjustment among elite-amateur athletes in Australia. **Australian Psychologist**, v. 32, n. 2, 1997.

LEEuw, E. D. Self-Administered Questionnaires and Standardized Interviews. In: ALASUUTARI, P.; BICKMAN, L.; BRANNEN, J. **The SAGE Handbook of Social Research Methods**, p. 313-327, 2008.

LERCH, S. Athletic Retirement as Social Death: An Overview. In: THEBERGE, N.; DONNELLY, P. (Orgs.) **Sport and the Sociological Imagination**. Toronto: North American Society for the Sociology of Sport, 1984.

LONDON, M.; STUMPH, S. **Managing careers**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1982.

MARKUS, H.; WURF, E. The Dynamic Self-Concept: A Social Psychological Perspective. **Annual Review of Psychology**, v. 38, p. 299-337, 1987.

MORGAN, W.; COSTILL, D. Psychological Characteristics of the Marathon Runner. **Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, v. 12, p. 42-46, 1972.

NICHOLSON, N. The transition cycle: Causes, outcomes, processes and forms. **On the move: The psychology of change and transition**, 1990.

OGILVIE, B.; TAYLOR, J. Career termination issues among elite athletes. In: SINGER, R. N.; MURPHY, M.; TENNANT, L. K. (Orgs.) **Handbook of research on sport psychology**, p. 761-775. New York, NY: Macmillan, 1993.

OGILVIE, B.; TUTKO, T. Sport: If you want to build character, try something else. **Psychology Today**, v. 5, p. 60-63, 1971.

PARKER, M.; WHITE, P. S/He Plays Sport? Theorizing the Sport/Gender Process. In: YOUNG, K. M.; WHITE, P. (Orgs.). **Sport and Gender in Canada**. Ontario: Oxford University Press, 2007.

PETRIGILIERI, J. L. Under Threat: Responses to and the Consequences of Threats to Individuals' Identities. **Academy of Management Review**, v. 36, n. 4, p. 641-662, 2011.

PUGLISI, M. L.; FRANCO, B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2005.

REARDON, K. K. Courage as a Skill. **Harvard Business Review on Managing Your Career in Tough Times**. Boston, MA: Harvard Business Press, 2010.

RIBEIRO, M. A. A trajetória da carreira como construção teóricoprática e a proposta dialética da carreira psicossocial. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 203-216, 2009.

ROSENBERG, E. Athletic Retirement as Social Death: Concepts and Perspectives. In: THEBERGE, N.; DONNELLY, P. (Orgs.) **Sport and the Sociological Imagination**. Toronto: North American Society for the Sociology of Sport, 1984.

ROSENBERG, M. **Change is long overdue:** College football players should be paid. 2010. Disponível em: <http://sportsillustrated.cnn.com/2010/writers/michael_rosenberg/08/26/pay.college/index.html>. Acesso em: 20.jan.2014.

RUBIO, K. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 19, n. 3, 1999.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói:** o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte:** Teoria e Aplicação Prática. Belo Horizonte: UFMG, 1992.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte:** Manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. Barueri: Manole, 2002.

SAMULSKI, D. M. (Org.) **Psicologia do Esporte:** Conceitos e Novas Perspectivas. Barueri: Manole, 2009.

SAMULSKI, D. M.; MORAES, L. C. C. A.; FERREIRA, R. M.; MARQUES, M. P.; SILVA, L. A.; LÔBO, I. L. B.; MATOS, F. O.; SANTIAGO, M. L. M.; FERREIRA, C. H. S. Análise das transições das carreiras de ex-atletas de alto nível. **Motriz**, v. 15 n. 2, p. 310-317, 2009.

SCHEIN, E. H. **Career dynamics:** matching individual and organizational needs. Reading, MA: Addison-Wesley, 1978.

SCHLOSSBERG, N. K. A Model for Analyzing Human Adaptation to Transition. **The Counseling Psychologist**, v. 9, n. 2, p. 2-18, 1981.

SCHLOSSBERG, N. K.; WATERS, E. B.; GOODMAN, J. **Adults in Transition:** Linking Practice Eith Theory. New York, NY: Springer Publishing Company, 1995.

SHULMAN, J. L.; BOWEN, W. G. **The Game of Life:** College Sports and Educational Values. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2002.

SLACK, T. **Understanding Sport Organizations:** The Application of Organization Theory. Champaign, IL: Human Kinetics, 1997.

SOARES, A. J. G.; MELO, L. B. S.; COSTA, R. F.; BARTHOLO, T. L.; BENTO, J.; O. **Jogadores de Futebol no Brasil: Mercado, Formação de Atletas e Escola**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 33, n. 4, p. 905-921, 2011.

SOSNIAK, A. Retrospective interviews in the study of expertise and expert performance. In: ERICSSON, K.A.; CHARNESS, N.; FELTOVICH, P. J.; HOFFMAN, R. R. (Orgs.) **The Cambridge handbook of expertise and expert performance**. New York, NY: Cambridge University Press, p. 287-302, 2006.

SWANN, W. B. JR.; POLZER, J. T.; SEYLE, D. C.; KO, S. J. Finding Value in Diversity: Verification of Personal and Social Self-Views in Diverse Groups. **Academy of Management Review**, v. 29, n. 1, p. 9-27, 2004.

TAMS, T.; ARTHUR, M. B. New directions for boundaryless careers: Agency and interdependence in a changing world. **Journal of Organizational Behavior**, v. 31, p. 629-646, 2010.

TEMPLER, A. J.; CAWSEY, T. F. Rethinking career development in an era of portfolio careers. **Career Development International**, v. 4, n. 2, p.70-76, 1999.

WALSH, A.; GIULIANOTTI, R. Ethics, Money and Sport. This sporting Mammon. In: McNAMEE, M.; PARRY, J. **Ethics and Sport**. London: Routledge, 2007.

WYLLEMAN, P.; ALFERMANN, D.; LAVALLEE, D. Career transitions in sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 5, p. 3-5, 2004.

WYLLEMAN, P.; LAVALLEE, D. A Developmental Perspective on Transitions Faced by Athletes. In: WEISS, M. R. **Developmental Sport and Exercise Psychology: A Lifespan Perspective**, p. 503-523, 2004.

WYLLEMAN, P.; REINTS, A. A lifespan perspective on the career of talented and elite athletes: Perspectives on high-intensity sports. **Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports**, v. 20, n. 2, p. 88-94, 2010.

YOUNG, K. M.; WHITE, P. (Orgs.). **Sport and Gender in Canada**. Ontario: Oxford University Press, 2007.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de entrevista

Blocos	Dimensões	Questões
A. Passado	Contexto	1. Por favor, descreva os marcos mais importantes da sua vida desde que você nasceu, incluindo a história de seus pais.
B. Linha do tempo em relação à aposentadoria	<i>Fases da transição</i>	
	Preparação	2. Quando foi a primeira vez que você pensou em aposentadoria? 3. Quando isso se tornou uma preocupação constante (ou não)?
	Acontecimento	4. Quando você se aposentou? (se foi mais de uma vez, por favor mencione todas as vezes)
	Ajuste, estabilização	5. Quando você mudou de carreira após sua aposentadoria (se aconteceu)? (se foi mais de uma vez, por favor mencione todas as vezes)
C. Processo da transição	<i>Conceitos</i>	
Motivo: o quê e por quê	Aposentadoria voluntária ou involuntária	6. Por que você se aposentou? 7. O que o/a fez aposentar-se? 8. Como você se aposentou?
Sentimentos	<i>Sensemaking</i>	9. Como você se sentiu nesse momento? 10. O que você sentiu antes e depois da aposentadoria?
Apoio: redes de contato	Força e diversidade	11. Quem o/a ajudou (organizações, pessoas) e como era o seu relacionamento com eles? *
Apoio: outros	Contatos no esporte	12. Como seu empresário, gerente(s) e técnico/a(s) o/a ajudaram no processo de aposentadoria? 13. Há outras pessoas que foram importantes nesse processo?
Identidade	Auto-descrição	14. Descreva-se antes e depois da aposentadoria. 15. Por que você acha que a mudança aconteceu (ou não)?
Resultados	Objetivos e satisfação	16. Quais eram os seus principais objetivos como um atleta e como você lidou com isso? 17. Você se sente satisfeito com a sua carreira? 18. Quais são as suas novas metas para a vida? 19. Como você pensa em atingir esses objetivos?
Aspectos financeiros	Renda anual	20. Quanto era a média dos recebimentos (salário e outras rendas) como um atleta? E quanto é agora?

*** Rede de contatos**

Estes são os nomes das pessoas na minha rede de contatos que mais tiveram impacto no processo de aposentadoria:

1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---

Preencha a tabela abaixo de acordo com as questões a seguir:

- Quão emocionalmente próximo você estava de cada pessoa (ou organização)? Responda de acordo com esta escala: (a) muito próximo, (b) próximo, (c) menos que próximo, (d) distante.
- Qual é a sua área social, ou seja, de onde você a conhece?
- Descreva brevemente como cada pessoa (ou organização) o/a ajudou no processo de aposentadoria.

Contato	1	2	3	4	5	6
Proximidade emocional						
Área social (origem)						
Como ele/a o/a ajudou no processo de aposentadoria						

Pense sobre o grupo de pessoas que você citou e a relação entre eles. Eles se conhecem? Para cada espaço em branco, indique o campo com um grande X se as pessoas cujos nomes se encontram na respectiva coluna e linha se conhecem.

	1	2	3	4	5	6
1						
2						
3						
4						
5						
6						

Apêndice B – Evidências das categorias de análise por meio dos trechos das entrevistas

B.1. Subcategoria: Contexto e história dos pais

Parte	E	Trechos da entrevista
Contexto	E1	Na verdade eu fui criado sem pai, né, eu fui criado pela minha mãe, né, é... meu pai praticamente foi embora quando eu tinha seis meses de idade, hoje ele vive no Canadá e a minha mãe que fez o papel de mãe e pai ao mesmo tempo, né... [...] com tantas dificuldades que a gente passou na época, questão de ter passado fome, ter pedido esmola na rua e de eu ter conseguido chegar até aqui, eu acho que isso foi muito bacana, porque eu tinha, assim, vários caminhos pra seguir, da marginalidade, vários convites pra fazer coisa errada e não era isso que eu queria, eu queria era realmente ser um atleta, superar todo... todo esse problema, toda essa coisa negativa e, graças a Deus, o esporte e o apoio da minha mãe foi... foi um marco muito importante.
	E2	Olha, assim, eu... eu fui sozinho, né, mas, assim, foi um pouco de vaidade, eu trabalhava num posto de... de estrada, e eu era magrelo e tal, sabe aquela coisa, você quer impressionar a mulherada e tudo, e todo dia passava um cara correndo ali, com aquelas camisetas de atleta fininha, com shortinho, assim, eu reparava que todo mundo... todas as mulheres começava olhar pra ele, né, aí um dia eu olhei pra ele e falei: Que que cê faz? Eu quero fazer isso aí também, mas eu entrei meio por vaidade, queria ter um corpo legal e acabei, assim, me apaixonando, e na primeira vez que eu fui treinar, tinha um treinador lá, um chileno. Dezenove pra vinte, eu já tava, assim, quando eu entrei e ele começou falar que eu tinha talento e eu acreditei naquilo sabe, hoje eu penso, como eu trabalho com criança hoje, eu não falo que a criança tem talento, mas o professor da gente incentiva muito, né, e quando incentiva, você não sabe se a pessoa tá incentivando pra você não parar ou você tem o talento realmente, mas eu acreditei que eu tinha. [...] Aí depois tudo aconteceu aqui em Prudente. Sei que eu fui no campeonato regionais em Saltos, aqui no interior de São Paulo, perto de Itu e eu recebi uma proposta do... do [nome de técnico], né, chama [nome de técnico], o treinador de Araçatuba. [...] Até hoje. E ele era o treinador do [nome de atleta] naquele tempo, e o [nome de atleta], né, cê sabe que é um dos feras e ele fez uma proposta pra... pra que eu fosse treinar com ele em Araçatuba, eu aceitei, saí de Lençóis e fui pra Araçatuba, eu fiquei ali... Eu acho que eu cheguei em Araçatuba com 21, por aí, eu saí de lá com... com 23, quase vinte e três, cheguei aqui em Prudente em 90... 93, né, no finalzinho de 92, eu fiquei esses anos lá com eles treinando, de lá eu recebi uma proposta do [nome de técnico], pra mim ir pra Prudente. Agora o que acontece normal em qualquer outro lugar é que a prefeitura abraça o esporte, então quando entra um prefeito, que o prefeito gosta de esporte, então você vai ter quatro ou oito anos com tranquilidade recebendo, quando entra... cê pega no mandato final... no mandato final de um prefeito, entra um prefeito novo, que acontece? Ele quer... como foi, assim... não destruir, nessa palavra, mas ele quer acabar com tudo o que o outro prefeito fez, então o atleta fica não sei quantos meses sem receber, até você fazer uma boa marca e receber o patrocínio fora.
	E3	Uma coisa que eu sempre falo, né, é que com certeza a família é a base de tudo. Principalmente, no nosso caso, do deficiente visual, né, na época que eu estudava, por exemplo, não tinha muitos livros em braile, quem fazia os meus livros eram os meus pais. E assim, nós tivemos que lutar bastante, porque pra comprar uma máquina de braile, era muito caro, né, então tivemos que fazer pizza pra vender, várias coisas pra ganhar dinheiro pra poder comprar máquina de braile pra poder usar na escola. E assim, acho que a escola é uma fase que marcou bastante pelas dificuldades, né. Hoje eu falo que, graças a Deus, existe a tecnologia, mas antigamente era bem difícil.
	E4	Minha vida pra cá, desde 1970. Em 1975, vinda para o Brasil. Em 1979, começava a jogar tênis. Hm. 1986, mudança para Argentina, para treinar. 89, 1989, número um do mundo juvenil.
	E5	O meu pai jogou basquete [...] e a minha mãe não foi atleta. Mas foram... os dois são grandes incentivadores da minha atividade física e também da minha irmã.
	E6	Isso era lá em São Judas, então eu gostava de andar lá, tinha... a minha vó tinha... morava numa vila, enquanto a gente andava dentro da vila, minha vó, meus pais até deixavam, mas como a gente era criança quer sair, a gente começava sair muito pra rua e meus pais começaram a ficar preocupados, e aí eles procuraram um esporte onde eles sabiam que eu não ia ter que ir pra rua [...] então minha mãe sempre reclamou que eu nunca começava alguma coisa e terminava, então eu fiz kumon, fiz caratê, sabe essas coisas de... de não sei o que, aí começa... eu pedia pra minha mãe começar e nunca ia muito longe, minha mãe nunca gostou disso, né, e ela ficou surpresa

	<p>porque no tênis de mesa... ela não imaginava que no tênis de mesa eu ia tão longe, assim, também, né, foram 20 anos jogando.</p> <p>Assim, nesse ponto, na verdade, eu agradeço todo dia a Deus, porque eu acho que eu recebi muito mais do que merecia, viu, mais do que merecia e muito, mais do que precisava, né, mas eu acho que, até por isso que eu acho que eu tenho que... às vezes, as pessoas me chamam pra fazer demonstração, fazer clínica, assim, eu vou é... pra ajudar, assim, retribuir tudo o que eu recebi, assim, sabe, acho que isso é minha... minha função, acho.</p>
E7	<p>Porque eu comecei jogando, brincando na escola japonesa, no intervalo. Eu estudava aqui em São Bernardo, mesmo, de manhã na escola japonesa, e de tarde na escola brasileira. Daí eu comecei a brincar, daí eu comecei a gostar do esporte, então eu vim aqui nesse salão mesmo treinar, com um amigo, aí comecei a vir todos os dias.</p>
E8	<p>A minha história esportiva tem muito a ver com a minha história pessoal. Eu sou nascido em 66, hoje eu tô com 46 anos de idade, vou completar 47 esse ano. E aos dois anos, eu tive paralisia infantil. Então, isso me deixou sequelas de paralisia em todos os membros do pescoço pra baixo. Então, isso naturalmente afetou, claro, tem toda a influência na minha formação, né. Então, meus pais sempre me incentivaram a estudar, pra ter oportunidades na vida. Como sempre fui incentivado a estudar, quanto mais, sempre busquei esse caminho. E eu, paralelamente aí, sempre fiz um processo de reabilitação, até que, na minha adolescência, acabei conhecendo o esporte. Até por indicação de médicos, né, mas assim, uma coisa é você ter uma indicação médica, outra coisa é você praticar. Então, eu tive a indicação médica, com a oportunidade de conhecer o esporte, que fui me desenvolvendo a aprender fisicamente. E fui ficando cada vez mais forte, né. Então, isso me ajudou, o esporte, na verdade, foi uma aula muito importante no meu processo de reabilitação, né.</p> <p>Então, eu fazia por paixão, porque eu gostava. E a história que eu tinha tido, toda de, né, de reabilitação no esporte, poxa, aquilo lá era um salto imenso. Então, tinha uma significância muito grande pra mim. Então, se um dia eu fiz o esporte, em nenhum momento, mesmo após a bolsa atleta, eu fiz por dinheiro. Jamais, jamais visei ganho financeiro. E o ganho financeiro, eu sempre, paralelamente, eu tava desenvolvendo na minha profissão. Então, eu tive vários momentos... Hoje eu tenho um consultório, mas também tenho uma empresa, né, trabalho com, tenho uma academia, né. E trabalho com reabilitação e esporte, coisa que não me limitou, não deixou de ser uma extensão. Eu acho que muitos se satisfazem, né.</p> <p>[Por ser individual] isso conta muito. Porque se você fracassa, é com você. Se fosse uma equipe, a coisa muda. Você tem um compromisso com os seus colegas, né. O seu fracasso representa o dos outros, mas, no individual, nem tanto. Apesar de que minhas medalhas foram justamente no revezamento, mas, de qualquer forma, no individual, você pensa um pouco diferente. Você não... Perdeu, perdeu, ué. Não vai prejudicar outra pessoa, de uma maneira geral, não.</p>
E9	<p>Logo com três dias de nascido, já se notou algo diferente em mim, né, que eu não abria os olhos, então minha mãe, no interior, perguntou pro médico, ninguém soube dizer, depois de uns três meses, disseram que eu tinha uma deficiência visual, uma cegueira, e minha mãe, falaram... Três meses, três meses de idade já descobriram que eu tinha deficiência visual. Aí, eles falaram para minha mãe, naquele tempo ninguém sabia sobre isso lá no interior, né, e falaram pra ela que era pra esperar fazer um ano de idade, que depois ela fosse ou pro Rio, ou pra São Paulo. Então, ela esperou eu fazer um ano de idade, e optou de ir pro Rio de Janeiro, que era onde a gente tinha parentes, que tinham acabado de casar, tias minhas, minha mãe optou pra ir pra lá.</p> <p>Então, nessa primeira fase, quando eu cheguei no Rio com um ano, minha mãe começou a buscar recursos, né, pra ver como ia ser com a minha visão. Aí, aos quatro, cinco, seis anos, eu fiz cirurgias, raspei minha catarata, eu não tenho os cristalinos, eu tenho catarata congênita, astigmatismo, estrabismo, fotofobia, tenho uma série de micro... uma série de doenças na visão, né. E aí, essa raspagem da catarata possibilitou que eu enxergue 5% de visão que eu tenho até agora, que eu tenho hoje, que eu vejo hoje, sempre vi dessa forma. Ahm, primeiramente minha mãe tentou me matricular numa escola comum, uma escola de crianças comuns, com cinco anos, cinco, seis anos, aquela fase da alfabetização, né. A adaptação não foi muito boa, as crianças quebraram meu óculos, puxaram meu cabelo, jogavam no chão, criança sabe ser cruel, né, quanto ela não... Hoje, acho que, não sei, se hoje tá menos. Eu vejo pela minha filha, né, que estuda no jardimzinho, tem três anos, ainda não chegou nessa parte dos preconceitos, ainda não, acho que ainda são muito novos pra entender. Mas a criança é cruel, na minha escola, na minha época, era cruel o negócio. A criança te rotulava, e pronto, né. Aí, eu, minha mãe fazia acompanhamento comigo, com um neurologista, porque eles julgavam, naquela época, que criança que tinha alguma deficiência tinha algum problema mental. Não sei da onde que tiraram essa coisa, mas acho que década de 70, né, final de 70, começo de 80, tava tudo muito verde nessa área... E aí,</p>

	<p>minha mãe me tratava com esse médico, e ele um dia falou pra minha mãe que, na opinião dele, não tinha nada. O que eu precisava era me manter em contato, me contatar com crianças igual a mim. E aí, ele chamava doutor [nome de médico], não me lembro o sobrenome, e ele disse pra minha mãe, “olha, eu vou te dar o endereço aqui, você vai procurar o [nome de instituto], fica na Urca, e você vai matricular sua filha lá e você vai ver como tudo vai mudar”. E minha mãe, já era dezembro, final de 83, pra 84, aí minha mãe foi toda curiosa, né, procurar essa escola, a gente achou. E já tinha acabado as matrículas, tudo. Mas a minha mãe pediu pra falar com a assistente social, explicou a situação, que eu tava fora da escola, tudo o mais, tudo o mais... [...] E ela falou “não, eu vou ver o que eu posso fazer”, e me matriculou. E no ano seguinte, em 84, em março de 84, eu iniciei minha vida acadêmica com sete anos de idade, lá no Instituto Benjamin Constant, que é um colégio que fica no Rio de Janeiro, na Urca, referência de pessoas com deficiência visual, e lá realmente minha vida começou a mudar. No primeiro ano, foi muito difícil, porque eu era muito apegada com minha mãe, e eu sou a mais velha, tenho outros dois irmãos, né, eu sou a mais velha, então só eu e minha mãe, meu irmãozinho pequenininho... Então, foi muito difícil pra mim adaptar, e pra ela também. Era um colégio interno, eu ia na segunda, e voltava na sexta-feira à noite, então foi muito difícil no primeiro ano. Mas até passar essa fase de eu me acostumar, quando fui, com dez anos, já tava bem acostumada.</p> <p>Ah, eu esqueci uma coisa importante. Em 2003, me mudei pra Joinville, eu morava no Rio até 2003, morava no Rio, treinava no Rio, né. Em 2003, eu mudei pra Joinville pra treinar com o técnico da seleção. E lá, foi onde eu iniciei minha faculdade de Jornalismo também, que eu ainda não concluí, porque era pra eu ter concluído em... Eu sempre trancava por causa das viagens, né. Então, era pra eu ter concluído ali em 2009. Quase cinco anos depois. Só que em 2009 eu engravidei, em junho. Engravidei em junho. E aí, foi bem naquela época da gripe suína, eu tava pra entregar a monografia. E aí, tive que ficar afastada da faculdade, de agosto até outubro. Não consegui concluir, não consegui ter prazo hábil, porque era pra eu entregar em dezembro, e obviamente que, em outubro, voltando, faltando dois meses, eu não ia dar conta de entregar, porque eu não podia ir pra orientação, porque não podia frequentar a faculdade, por causa da gripe suína, foi proibido esse negócio.</p> <p>Eu tava feliz com meu treinamento, tava feliz com minha vida atlética, eu teria tranquilamente... Se eu tivesse tido apoio de uma babá, de uma pessoa pra me auxiliar com a minha filha, tranquilamente eu teria voltado logo em seguida da gravidez. Logo depois dessa fase do pai dela ter me largado com ela, bebê de cinco meses... Porque minha filha, com seis meses, ela já não mamava mais no peito. Então, ela já não tinha mais aquela necessidade de mim. Então, se eu tivesse tido, com seis meses que ela tava de vida, se eu tivesse tido um apoio de alguém, uma estrutura, se alguém tivesse falado, “olha, eu vou te ajudar, vamo lá, vou conseguir um treinador pra você, a gente vai conseguir, o Amauri vai te treinar novamente, a gente vai te encaixar aqui na seleção, vamo colocar o seu nome, pra você entrar no projeto, e a gente vai dar um jeito, vamo arrumar, vamo tentar pagar alguma...”. Eu tinha bolsa atleta, só. Nunca tive patrocínio. Nunca tive apoio de nada, nunca tive patrocínio nenhum. Só tive a bolsa atleta, a vida toda.</p>
E10	<p>O meu pai e minha mãe nasceram, eles... vieram do Rio de Janeiro, casados, tiveram três filhos eu sou a última, a terceira, bem caçulinha, seis anos depois dos meus dois irmãos e... vieram pra São Paulo, quando eu tinha mais ou menos uns dois aninhos eles se separaram, eu nem me lembro dessa época, na verdade eu era bem pequena e já constituíram famílias e tudo mais e na minha família por parte de mãe e padrasto que hoje é... que é quase meu pai, porque também tá com a minha mãe há muitos anos é... eles tiveram, não tiveram filhos, mas incorporaram os filhos do meu padrasto na família, então, assim, uma família que eram, éramos três passou a ser cinco e esses dois filhos eram mais velhos do que os meus irmãos. [...] E... e eu fiquei ainda mais caçulinha ainda, né, então é quase... eu até me considero um pouco filha única, apesar de ter um monte de irmão, porque eu tinha lá um rotina bem... bem isolada dos meus irmãos, aí eu... eu fiz balé muitos anos na minha vida e eu... eu acho que ele, eu vou chegar aonde ele me influenciou e aonde os meus pais também de alguma maneira fizeram um contraponto com o esporte, é... eu acho que quando eu comecei a fazer balé, comecei porque na época as meninas faziam mesmo, e... e eu gostava muito dessa história de você é... se esforçar e fazer, o balé exige muita disciplina, então acho que essas e... e eu tinha bastante facilidade, eu era muito pouco atlética, eu não me dava bem com nenhum esporte na escola, então foi uma atividade que eu fui investindo, minha mãe gostava de... de incentivar e eu fui.</p> <p>Em geral, [esgrima] não começa supercedo, né, não é como natação ou ginástica olímpica que começa com uns cinco seis anos, mas porque a esgrima [...] é em torno de uns dez, onze anos, em geral é legal começar com uma idade que você já tem uma certa consciência corporal, porque ela... ela exige uma coordenação, né, um pouco diferente, não é tão mecânica ou tão repetitiva.</p>

		<p>Então a esgrima ela conta com outras... outras qualidades e então ele [ex-técnico] parou também cedo e tal e ele resolveu se... assim, se lançar na carreira como professor, ele veio pro Brasil num esquema com o [nome de clube], no contrato super-regular, certinho, e tal, veio treinar o pessoal pra Atlanta e aí eu... Bom e aí ele chegou no Brasil pra treinar o pessoal pra Atlanta e na época eu tava... eu não era nem da equipe brasileira eu tava como eu te falei quase parando, mas eu tinha essa... essa característica de gostar muito de treinar e de... e de ser muito obediente sabe, assim? De é... confiar muito, como sempre confiei, confiava no professor, confiava na... nas pessoas que me orientavam em geral, assim, eu não tinha essa coisa muito... muito rebelde mesmo. E aí eu acho que ele... depois de terminado lá o contrato que ele tinha e tal e ninguém se classificou em noventa e seis do Brasil, a gente não teve nenhum atleta na Olimpíada, ele resolveu ficar no Brasil e resolveu eleger um pouco... um pouco melhor como que, enfim, como é que ele ia trabalhar e ele quis trabalhar comigo nessa época, comigo e com outras pessoas também, né, com várias pessoas, qualquer pessoa que quisesse treinar um pouco mais do que o normal ele já pegava, entendeu? Então pra ele... o que me chamou muita atenção, porque ele não era uma pessoa que tava tão preocupado só com a habilidade nata do atleta ou com... com os resultados, porque ainda por cima os nossos resultados no Brasil na esgrima nos anos 90 e 80 ainda era muito inexpressivo se comparado com o resto do mundo e pra quem já tinha vivido medalha olímpica, medalha mundial e sabe... e campeão, ele já foi campeão Panamericano de Jogos Panamericanos três vezes, tal, então tudo aquilo pra ele era totalmente irrelevante, se você era campeão brasileiro ou campeão paulista, pra ele não dizia muito e eu acho que é esse olhar estrangeiro, assim, que a gente vem de fora faz a diferença, porque ele dá um outro peso pra... pros resultados, né, começa a perceber que... e acho que isso era uma coisa que na época ainda não existia muito no nosso esporte.</p>
E11		<p>Então, na verdade tem todo... todo sentido a história da vida dos meus pais, então porque meus pais vieram do Nordeste diretamente aqui pra São Paulo e eles acabaram trabalhando aqui na universidade como funcionários. Tanto é que desde meus primeiros dias de vida, né, da universidade, na medida em que eu fui crescendo, eu tive mais oportunidades em termos de vivência de modalidades, então dentro do [nome de centro] eu fiz todas as modalidades que você imagina que possa ter, né, então eu fiz, é, de modalidades individuais até coletivas, muitas modalidades... aquáticas, esportivas, coletivas, com bolas, sem bola, com tudo... tudo que cê imagina, né, então da natação ao tênis, é basquete, handebol, capoeira, judô, caratê, natação, eu falei, canoagem, remo, fiz handebol, é... ginástica olímpica por muito tempo, né, tanto eu, quanto as minhas duas irmãs, então o que na verdade foi acontecendo aqui... especificamente com a canoagem foi engraçado, que esse aqui era um espaço muito restrito, né, a gente tá dentro da universidade, mas são poucas as pessoas que mesmo... que estudam ou que convivem aqui, que já vieram aqui na raia da [nome de universidade], né.</p> <p>Então Esporte Talento era um desbravamento do Instituto Ayrton Senna, que trabalhava o esporte como um meio de educação, eles ofereciam várias modalidades e um deles era canoagem. Então engraçado é que todos... todas as pessoas do entorno da comunidade que ficava muito próximo, a cerca de, sei lá, sete, oito quilômetros, se a gente for fazer um raio, né, conseguiam aproveitar essas modalidades.</p> <p>Então aqui tinha uns 180, 200 pessoas que praticavam canoagem, então dos 10 até os 17 anos, era bastante gente e... justamente nessa fase, então tinha no mínimo vinte pessoas que treinavam junto comigo e tinham um supersucesso, né, então como eu te disse, a modalidade, ela não é tão atrativa, a ponto de tantas pessoas irem praticar, né, então o que aconteceu? A gente começou a se dedicar, então de 95 até 98 a nossa equipe foi campeã brasileira e a gente perdeu uma prova, de todas as que a gente tinha entrado, então tem mais de 150 provas, então... a competitividade nas categorias de base era muito grande.</p>
E12		<p>Eu comecei em Araras aos seis anos de idade, morei, na verdade eu morava... eu nasci em Campinas, mas morei em Araras até os dez anos. E comecei a jogar tênis com seis, e com dez anos de idade, o professor do clube chegou pro meu pai e falou que... que se eu quisesse evoluir, eu teria que mudar.</p> <p>O apoio total dos meus pais sempre, em qualquer coisa que eu fizesse, mas como eu gostava muito do tênis, eles me apoiaram sempre.</p>
E13		<p>Na época, na Tchecoslováquia, né... acho que depois uns anos entre 91, 92, 93, que fazia... que era melhor júnior cadete, melhor cadete, depois 92, eu fui melhor cadete júnior da Tchecoslováquia na verdade, então era... foi, assim, tinha um desempenho razoável, então aí tentei, decidi que vou tentar me dedicar realmente, pelo menos enquanto... durante os meus estudos, me dedicar ao mesmo tempo, um tempo ao esporte de alto rendimento... depois, é 93 que eu participei do campeonato mundial júnior, que teve um desempenho razoável, consegui no</p>

		<p>sexto... no quinto lugar... numa distância Olímpica.</p> <p>[Comecei] com seis anos... seis anos, então normal começar com dez anos, eu comecei com... seis, na verdade. Mas até... esses doze, treze anos, meu rendimento na canoagem como atleta foi é... muito baixo... muito... muito baixo, realmente eu não tinha nada de atleta, era criança baixinha, gordinha, nada de atleta.</p> <p>Sempre tentaria, de manter estudos, nem que seja de algum... algum jeito, assim, sempre deram jeito, tanto que no último ano júnior, que meu treino foi pra campeonato júnior, é que na... na minha... na Tchecoslováquia, é na República Tcheca logo depois, é... estudos vão até os seus dezoito anos praticamente, são oito e mais quatro anos, então doze anos na escola, que coincidentemente, normalmente, começo de curso, é o décimo com ano de maioridade.</p>
História dos pais	E5	<p>Mas os dois [meus pais] não chegaram a ser atletas, assim, não, meu pai jogou até um pouco mais. [...] A minha irmã nadava, foi nadadora, junto comigo.</p>
	E6	<p>Na verdade meus pais... meu pai até que gostava de jogar um ping pong quando ele era jovem, mas, assim, nunca foi atleta, assim, né, mas eles também, assim, foram pais que não ficaram, assim, presentes fisicamente, nunca tiveram muito presentes fisicamente nos torneios, nos treinos não, mas eu sabia que eles tavam me suportando, assim, nos bastidores, né, então isso me ajudou muito, porque também eu vi muitos pais superprotetores, assim, presentes, isso é importante, mas quando está presente fisicamente a própria presença acho que inibia os filhos, né, porque eu acho que ficava cobrando do filho, né, e de repente reportava, queria que o filho... reproduzir no filho, aquilo que eles não foram, então acho que... isso eu acho que, mas meus pais não, nesse caso eu sou muito grato a eles, porque me deram todo o apoio, mas na retaguarda, assim, então acho que faz diferença.</p>
	E7	<p>Nunca ninguém da minha família jogou. [...] Então, os meus pais sempre me apoiaram desde pequeno, eles conversaram com o [nome de técnico], o [nome de técnico] falou que eu tinha que ir bem na escola, aquelas coisas principais, importantes, que eu tinha que ir bem escola, se eu não fosse bem na escola, eu não podia treinar, né, então isso já me fez ficar mais disciplinado na escola, me ajudou bastante. Então, essa coisa dos meus pais é até hoje, até hoje eles ficam muito preocupados, né, com o que eu posso participar, o que eu posso fazer pelo esporte. Então, realmente, se não fosse eles, não teria, não estaria aqui hoje.</p>
	E10	<p>Na minha família, os meus irmãos, dos quatro, eu tive é... três que faziam esporte, assim, nunca fizeram esgrima, não tinha nada a ver com esgrima e o meu padasto que foi jogador de pólo aquático, foi pra Olimpíada de Roma e que de certa maneira me influenciou, apesar de que eu tava muito longe desse objetivo Olímpico, eu nem fazia esporte, né, na verdade, eu fazia esporte, assim, natação pra não afogar sabe, assim? [...] a minha mãe e o meu pai, minha mãe e meu pai mesmo nunca fizeram esporte competitivo disso, meu pai fez engenharia e minha mãe fez... fez física que depois virou matemática, então na cabeça deles esporte não tinha... ah, não tinha muita... muito papel, né, eles não viveram essa história do benefício que os esporte traz, além da questão física, né, então eu acho que ficava difícil de perceber, eu acho, pra eles o quanto aquilo podia me ajudar e... e me ajudar inclusive como complemento da minha educação, porque eu acho que o fato de eu também ser tão... tão caçulinha e tão... eu acho que tinha uma coisa familiar de uma superaceitação e de pouquíssima... assim de... não pouca expectativa, porque eu era boa aluna, eu era... eu tava sempre atendendo, sempre eu tava certa sabe, assim?</p> <p>Eu não sei como é ser pai de atleta, hoje eu sou mãe e já fico superpreocupada de ver minha filha se frustrar com qualquer coisa que seja e você encampar a carreira do seu filho, né, mesmo que você não se projete, mesmo que você aceite com uma certa liberdade que ele decida se vai, se fica, né, que eu não vivo com aquela coisa de você ter... se projetar completamente na carreira do seu filho, mas só de você... eu admiro demais, assim, de ver pais que hoje em dia topam é... ver os próprios filhos nessa campanha, porque deve ser superdolorido você ver seu filho triste porque perdeu e se frustrar porque... aquele sentimento de pai e mãe que quer proteger mesmo, né, então é... por um lado meus pais gostavam da ideia do esporte, mas... mas eu acho que eles ficavam meio um pouco receosos, porque é... cê se frustra muito, né, cê perde mais do que ganha, faz parte da rotina mesmo do esporte.</p>
	E11	<p>Então como filho de funcionário, eu tinha o livre acesso pra atividade física, esportiva e cultural, dentro da universidade. Minha mãe trabalhava na faculdade de filosofia e tinha o circular, então ele passava todos os dias aqui eu e minhas irmãs saíamos da educação física, do prédio da educação física, passávamos todo dia aqui na frente e aí um dia a gente encheu o saco da minha mãe e ela trouxe a gente pra cá.</p> <p>Então teve essa influência dos meus pais, na verdade o grande marco, né, foi essa relação, assim, de ser tomada a decisão de... é descer do ônibus e realmente entrar aqui dentro da raia e conhecer a modalidade.</p>

	E12	Meu pai, na verdade, ele jogava de escola, né, jogava futebol de salão, essas coisas, assim, vôlei, mas nunca jogaram tênis na vida. [...] Quem jogava no clube aqui, mas aos finais de semana, era o meu avô. O pai da minha mãe, o meu avô materno, ele jogava e ele que me deu a minha primeira raquete, com seis anos de idade, ele era o único... Mas depois disso é... o apoio total dos meus pais sempre, em qualquer coisa que eu fizesse, mas como eu gostava muito do tênis, eles me apoiaram sempre.
	E13	Os meus pais nunca me deixariam de abandonar totalmente os estudos, pra mim tentar virar só atleta. [...] [Eles] eram atletas sim, eram atletas de canoagem.

B.2. Subcategoria: Passado e trajetória profissional

Parte	E	Trechos da entrevista
Passado	E1	Eu acho que o marco mais importante, foi quando eu fui descoberto, que eu realmente tinha um talento pra fazer o esporte, pra fazer o atletismo, que na verdade foi em Santo André, onde eu nasci, a minha cidade natal, onde o diretor dessa escola, ele sempre promovia competições entre os vários colégios do bairro. Eu tinha treze anos, na época, né, era um pretinho de pernas compridas, pernas longas, franzino, esguio e ele viu que eu tinha habilidade, que eu tinha um talento, bateu uma carta e mandou pro [nome de centro] e foi onde eu comecei a minha escolinha de base. Através desse momento, que a minha vida se transformou. Depois disso, na verdade eu comecei a treinar nas escolinhas de base, com os professores lá do [nome de centro] de Santo André, foi onde eu fui melhorando... melhorando e melhorando e o principal segundo marco, assim, que aconteceu na minha vida, foi a questão de... de atletas já renomados, dentro do [nome de centro] já, carimbados, estarem tentando o índice pra ir pra os Jogos Olímpicos de 1992 em Barcelona, na Espanha, onde nenhum deles conseguiu e eu um garoto mais... mais jovem, com dezenove anos de idade, eu consegui conquistar o índice e ir pros Jogos Olímpicos de Barcelona.
	E2	Então, um fato, assim, importante, né, na minha vida é... ixi, eu não sei a data não, mas é, assim, acho que quando eu tinha 18 anos... eu sonho com esse negócio... eu... quando eu comecei no orfanato, né, que eu morava... eu morava no orfanato, acho que foi um passo muito importante e depois é... um outro fato importante, acho que foi quando... quando eu entrei pro atletismo, acho que eu entrei com 19 anos.
	E3	Ensino fundamental, com certeza, acho que foi o mais difícil. Mas a gente começa a aprender a se virar melhor, né. Mas, o ensino fundamental, a infância também foi uma fase que marcou bastante, porque graças a Deus sempre fui, assim, sempre estava no meio dos meus primos, na escola eu sempre tive amigos. Poucos, mas os que eu tinha sempre estavam me ajudando com livro. Todas as atividades, principalmente educação física, então eu acho que isso foi muito importante pro meu crescimento. E até mesmo pra crescer de uma forma que, ah, não é só porque eu tenho uma deficiência, eu sou diferente das pessoas. Claro que tem suas limitações, mas a gente é uma pessoa praticamente normal, vamos dizer assim. Comecei [natação]... Aprender, vai, vamos dizer assim, com três anos e meio.
	E5	Eu me federei por volta de 13, 14 anos... 14 anos, no ano que eu completei 14. Eu entrei para o lado profissional quando eu assinei o meu primeiro contrato que foi com 17 para 18, [...] aí eu já estava no [nome de clube]. Foi quando eu profissionalizei.
	E6	Coincidentemente tinha um amigo dum primo que jogava tênis de mesa lá perto na Saúde, aí eu comecei jogar no [nome de organização] com nove anos, porque daí quando eu comecei a jogar na verdade eu nunca tive muito dom, eu não era, não sou, nem fui muito... o tipo de atleta muito habilidoso, na verdade é exatamente oposto, eu até não tinha... quem me olhava não tinha muita... sabia que eu não tinha muita chance, né, assim, como jogador, assim, desde o começo e é... não era... era uma avaliação correta na verdade, mas é... acho que um marco que aconteceu... um dos marcos que aconteceu, acho que foi em 95... 94, quando meu técnico falou... perguntou se eu não queria ir pro Japão, treinar tênis de mesa no ano seguinte, só que como eu tinha... eu era um atleta... eu não era atleta... era um projeto de atleta, que na verdade nunca fui muito esforçado, eu fiquei surpreso com esse convite, eu nunca imaginava que eu seria convidado pra treinar na [nome de empresa] lá três meses no Japão, então só que daí seria um ano, passaria só depois de um ano, né, então eu teria que treinar muito forte nesse um ano, ele falou: Oh, se você treinar firme, aí você vai, então eu acho que aquele foi um marco, porque a partir de... dali, isso foi em 94 e eu acabei indo em 95, em janeiro de 95, então foi um marco porque eu passei daquele atleta,

	cabulava aula, treinos, minha mãe achava que eu ia treinar, mas eu ia na casa do meu amigo, aí minha mãe um dia foi pra um torneio e encontrou o [nome de técnico] lá que era meu técnico, aí ele falou: Seu filho não vem treinar não? Aí minha mãe falou: Ah, ele não tá indo? Aí eu fiquei de castigo um tempão, mas eu era um atleta, assim, que gostava de ir na casa dos amigos nem... nem ia treinar e depois desse dia eu comecei a treinar, eu era o primeiro a chegar e último a sair, né, então foi um ano que eu treinei muito e aí eu acabei indo pro Japão, isso em 95, até então eu nunca tive chance, eu nunca tinha conseguido entrar na seleção brasileira, mesmo infantil, mirim, nada, mas quando eu voltei, aí eu comecei a... por causa dos resultados, né, eu acho que é normal, cê treina mais e acaba conseguindo chegar melhor nas colocações, daí eu... entrei na seleção, em 95 fui vice-campeão sul-americano.
E7	<p>A treinar, comecei no tênis de mesa. Em 1985, fui fazer estágio no Japão, pra treinar, estágio de tênis de mesa. Fiquei lá por dez meses.</p> <p>Ah, competir, sim, eu comecei em 76, 77... É, início de participação em campeonatos, né, já. No ano seguinte, eu comecei a participar dos campeonatos. [...] Já federado, por São Bernardo, pela prefeitura de São Bernardo. Aí nesse meio tempo, né, entre 76 e 85, claro, eu tive que passar por várias fases de treinamentos, né. Meu técnico era o [nome de técnico], e desde o início viu que eu tinha uma certa facilidade pra jogar, habilidade, e fez com que eu colocasse objetivos na minha cabeça, né. E pra treinar, pra poder atingir esse objetivo. Então, desde praticamente do início, meus principais objetivos, que naquela época, mais ou menos década de final de 70, 80, e comecinho de 80, o intercâmbio pro Japão começou a ficar muito forte, né. Então, pra eu colocar como objetivo esse estágio no Japão. Por isso que eu fui brigando, fui lutando, né, de 80, praticamente 79, até 85, pra poder atingir um nível pra poder fazer esse estágio no Japão. Era tudo programado, assim, em 85 fazia o estágio, quando voltasse, já ter um nível pra ser convocado pra seleção brasileira.</p> <p>Lógico que tem aquele negócio de, o importante é competir, mas a gente que sempre teve uma cabeça de vencedor, né, então, realmente eu não quero entrar numa competição só pra participar.</p>
E8	<p>Paralelamente, eu sempre tava estudando, né. Então, eu tive a poli aos dois anos de idade, foi no ano de 68, e acho que um marco importante foi o ingresso no esporte, que foi em... Eu tinha 16 anos quando comecei a aprender a nadar. 16 anos, eu tinha, então, por volta, era o ano por volta de 86, eu acho. 82.</p> <p>Isso que foi, exatamente isso que me ajudou na minha reabilitação, né. Isso era um momento muito importante, porque assim, realmente eu vi que eu tava só num processo de, através de fisioterapia. E quando eu conheci o esporte, é um marco muito importante porque é uma mudança, de fisioterapia para o esporte, que ao mesmo tempo tinha o mesmo objetivo de aplicação, né. Aí, eu, outro marco importante, acho que é o ingresso na faculdade, que foi em 87. Então, nessa época tinha muitas inseguranças, se eu ia, se eu ia conseguir fazer a faculdade, e depois conseguir me empenhar na profissão, né. [...] eu acho extremamente importante você conseguir a profissão que você se formou. E aí, eu me formei e, coincidentemente, no ano da formatura, e até, na verdade, foi assim: duas semanas depois que eu me formei, eu não tinha nem emprego ainda, eu conheci uma associação que trabalhava com esporte pra deficientes. Então, me convidaram, foi uma coincidência muito grande, porque eu fui até procurar emprego. Na verdade, eu acabei conhecendo umas pessoas que me convidaram. Por essas coincidências do destino, e eu acabei conhecendo essa associação. E essa associação tinha alguns atletas, tinha uma equipe que trabalhava com competição. Só que aí, tudo o que eu já tinha feito de natação, foi uma coisa que já tinha me preparado praquilo. Então, eu cheguei esse ano, foi de 91, eu me formei em junho de 91, eu conheci a associação em julho, um mês depois. E coincidentemente com a minha formatura, foi o início da minha carreira como dentista... Como eu te disse, eu não tinha nem emprego e acabei conhecendo essa associação. E eu me empenhei muito. Em alguns meses, depois de quatro meses, três, acho que foram quatro meses, acho que foi em outubro, depois de quatro meses, eu já tava participando de um campeonato brasileiro.</p>
E9	<p>Lá [na escola], eles usam educação física, usam a parte de dança, de tudo isso como disciplina pra, tipo, melhorar sua postura, pra te disciplinar, tudo. Então, desde que eu entrei lá com sete anos, eu fiz natação, judô, golbol, atletismo, é... Só não aprendi a jogar bola, como os meninos. Mas baralho, damas, xadrez, tudo, tudo tive que aprender. Ginástica rítmica, todas as modalidades esportivas que você imaginar, eu já pratiquei, né. Então, eu tinha minhas aulas do currículo acadêmico pela manhã, e na parte da tarde era tudo isso, né. Então, era, não tinha tempo pra pensar em nada. Então, você vai crescendo nesse ambiente, de atividade o dia inteiro, né, você acaba gostando de um monte de coisas. Eu fazia tudo o que ofertavam, eu tava dentro. Gostava de participar. [...] Então, logo assim com doze anos, eu já comecei a fazer, a me destacar um pouquinho no atletismo, e o pessoal da escola me convidou pra treinar, pra treinar pras</p>

	<p>competições.</p> <p>Apareceu a oportunidade de ir num campeonato de golbol, que é um esporte específico pra cego. E a minha equipe, lá da escola, foi a segunda colocada, né. Logo em seguida, o professor ficou tão empolgado, que ele já me inscreveu na equipe do atletismo, e eu vim, voltei pra São Paulo na outra semana pra competir no atletismo. E aí, menina, minha primeira competição foi com a [nome de atleta], que a [nome de atleta] era a top, assim, era a [nome de atleta], a melhor de todas, era a top, aí eu fiquei apavorada. [...] Aí, fui competir com a Adria nesse campeonato, e todas as medalhas que ela ganhou de ouro, eu ganhei de prata. Aí, já comecei a aparecer, logo nesse primeiro ano, nessa primeira competição, já apareceu uma convocação pra seleção, pra um campeonato latino americano. [...] E aí, a gente foi, essa competição era em São Paulo, aqui em São Paulo, e tudo, e eu super nova, vim, né, tudo, e nessa competição eu já ganhei medalha de... duas de bronze e uma de ouro no nosso revezamento, 4x100, super legal, e daí por diante eu não saí mais da seleção. Fiquei na seleção.</p> <p>É, foi em 94, foi agitado. Eu tava no último de formar, tava na 7ª série, eu me formei no Benjamin em 95, tava com dezoito anos, né. Me formei em 95 o 1º grau, e em 94 eu já tinha participado... em 94, foi um ano, assim, movimentadíssimo.</p> <p>Nesse meio tempo, em 2004, eu fui fazer a faculdade contra a vontade do treinador, e isso é uma coisa que não entendo, não entra na minha cabeça, como que eles não incentivam... Hoje em dia, acho que isso já mudou. Depois que saí, acho que isso já mudou. Não entendo como que eles não incentivam que a gente estude, que a gente se prepare, que a gente se qualifique pra alguma coisa.</p> <p>E aí, nesse mesmo tempo que te falei, eu comecei, eu prestei concurso público e passei. Foi lá em Joinville, era concursada da prefeitura, como telefonista. É, passei em 2007, na época do Pan eu passei no concurso. Então, eu treinava, trabalhava, e estudava. Era uma loucura a minha vida. Eu saía de casa à oito da manhã e voltava meia-noite. Mas era feliz, não tava nem aí, era tudo lindo, maravilhoso, eu amava tudo o que eu tava fazendo, né.</p>
E10	<p>Eu era... eu era, assim, fisicamente menor do que as... do que as meninas da minha turma, sempre fui mais magra e acho que a minha personalidade também ela era uma personalidade pouco competitiva, né, assim, eu tinha uma... uma índole talvez um pouco mais... não sei se mais cooperativa, de menos é... talvez um pouco de dificuldade de... de enfrentar o embate da competição, eu acho que era um pouco isso, assim, eu gostava muito da cooperação, né, da coisa coletiva e de dividir, de distribuir eu não sei se era um pouco baseado na vida que eu tinha com tanta gente em casa, que tudo era meio de todo mundo, não tinha essa coisa tão territorial de você ter as suas coisas, o seu momento e tudo mais, enfim, aí fiz o balé até os 14.</p> <p>Vôlei pra... aprender a jogar um pouco de queimada, era tudo, assim, nesse nível de... da brincadeira e era isso que eu gostava do esporte, quando eu resolvi levar a sério o balé e... muito a sério, porque eu... e isso eu acho que era uma coisa que eu tinha no meu perfil realmente, assim, de ser muito disciplinada e de, enfim, e aí enfim as circunstâncias acabaram levando... minha mãe achou melhor eu me dedicar mais pro estudo e tal e acabou que eu fui... fui me distanciando do balé. E aí quando eu tinha mais ou menos uns quinze anos, eu me interessei pela esgrima lá no clube, no [nome de clube], que era onde de fato tinha acesso, então nesse sentido eu acho que contribuiu o fato de eu fazer parte de um clube onde tinha esgrima.</p> <p>Então eu comecei a fazer esgrima pra poder... muito mais fazer, enfim, ter lá um convívio social e me divertir e tudo mais e aí é... e naturalmente os meus resultados eram super ruins, eram super, super ruins e, mas eu gostava muito da turma, eu gostava do papo da esgrima ter... que acho que outros esportes tem, a natação tem, o atletismo tem que é individual e ele é... e ele é misto, né, você convive entre meninos e meninas e então as turmas são... são diversificadas, você tem namoradinho, tem amigo menino, amigo menina, não é aquela coisa do bando das meninas, então eu gostava disso, eu achava isso legal e fiz muitos amigos e fui... fui levando, eu não tinha resultado, mas eu achava legal ter as pessoas que tavam lá, inclusive alguns amigos são meus amigos até hoje, assim, dessa fase do começo da esgrima e aí eu fui levando o colegial, assim, e fazendo esgrima e, mas na medida do que me convinha mesmo sem muita expectativa.</p> <p>E eu acho que uma das coisas que... me chamou muito atenção no esporte era justamente essa... essa exigência, essa dificuldade de você atender, essa história de você tentar se superar e eu tinha... acho que eu não tinha muito essa exigência na minha família, como eu era boa aluna, eu ia dando conta da escola, pra eles fazendo essa parte tava tudo legal e eu acho que o que acabou me segurando um pouco no esporte, muito mais do que a ambição na medalha, a ambição dos resultados, era uma coisa de como aprender a lidar, aprender a lidar com a derrota, aprender a lidar com a superação e com a dificuldade de você não conseguir fazer alguma coisa que você tá se dedicando e, sabe, essa falta de controle que eu na escola sentia que tinha, porque cê estuda,</p>

	<p>faz a prova é um negócio... mais isolado, enfim, e aí eu... quando eu prestei faculdade pra arquitetura, né, eu já tava com dezoito, é... tava boa pra parar já da esgrima, porque ah, tinha já vários amigos, já tava há uns quatro anos, três, quatro anos e não tinha nenhum resultado expressivo e os professores também não perdem muito tempo com alguém que não tem de cara, sabe, assim, uma predisposição? Já começou... meio velho, não sei o que e tal, então pra mim tava legal tá, eu já tava.</p> <p>E aí eu entrei na arquitetura [...] pronto, pra mim tava bom e eu adorei o começo da faculdade, curti pra caramba e tal, quando eu entrei no segundo ano, aí vem um momento importante, pelo menos foi importante pra mim é... eu conheci um técnico no [nome de clube], que era cubano que se chama [nome de técnico].</p> <p>Eu não era nem da equipe brasileira, eu tava como eu te falei quase parando, mas eu tinha essa... essa característica de gostar muito de treinar e de... e de ser muito obediente sabe, assim? De é... confiar muito, como sempre confiei, confiava no professor, confiava na... nas pessoas que me orientavam em geral, assim, eu não tinha essa coisa muito... muito rebelde mesmo.</p>
E11	<p>Aí a gente percebeu que... é, assim, a única forma da gente participar aqui seria sabendo nadar, que é a regra mínima, né, tanto da canoagem, quanto do remo.</p> <p>Então a gente fez um teste simples de natação aqui e começou a remar, então isso eu comecei... comecei de 1992, mas com intenção.</p> <p>[Comecei] bem novo, mas eu fiz na verdade com intenção de ocupar o meu tempo mesmo, porque eu já tava me direcionando muito pra natação, acabei nadando profissionalmente, né, então é... como eu tinha muita atividade física e também muito tempo ocioso, eu saía do colégio daqui, né, daqui da região e acabava ficando aqui na [nome de universidade] o dia inteiro, então essa minha inserção na modalidade foi principalmente pra fazer alguma coisa com esse tempo ocioso que eu tinha, né, e tudo mais, com bastante incentivo também dos meus pais, é... inicialmente porque o meu pai jogou futebol profissional até série A3, né, então ele sempre criando essa expectativa de futebol, mas é uma modalidade que eu não gosto muito, eu gosto de... eu sempre gostei de modalidades que dependem só da sua competência, né, porque se a gente for pensar, todos os esportes é individual, independente se você depende de outra pessoa no final...</p> <p>E também por conta do desafio, né, de você ficar se superando e tudo mais, então teve esse influência dos meus pais, na verdade o grande marco, né, foi a... essa relação, assim, de ser tomada a decisão de... é descer do ônibus e realmente entrar aqui dentro da raia e conhecer a modalidade, que ela é um pouco... é uma modalidade um pouco ingrata, mas também ela te dá algumas vantagens que em outras modalidades não... você acaba não tendo, né, é... no caso a canoagem é uma modalidade individual, que o tempo de vida hoje de um atleta é muito longo, então a média dos atletas olímpicos tá entre 25 e 40 anos, então mesmo você não pensando em competição, é engraçado cê vê isso, né, porque cê acaba entrando a nível competitivo e se você tiver um bom planejamento, né, em termos da sua carreira esportiva, cê acaba conseguindo prolongar muito, porque a expectativa do atleta aumenta, o índice de lesão é baixíssimo, né, então isso também me atraiu muito, que eu tinha mais chance de ter sucesso e uma relação engraçada que era o meio líquido, eu sempre gostei muito do meio líquido, então foi... foi me aproximando cada vez mais, né, então acabei nadando até meados de 1994 profissionalmente pelo São Paulo, mas eu tive uma... uma vivência horrível, em termos de... de treinamento.</p> <p>Na natação, porque eu... eu modéstia parte nadava superbem pra minha categoria, então até os meus 12 anos de idade, antes do segundo estirão do crescimento acabava nadando junto com os meninos da categoria de cima, então o técnico, ele acabou explorando esse meu potencial de uma forma que hoje eu vejo que não foi muito legal, que eu adoro nadar, só que eu nadava de segunda á sábado, das sete ao meio dia. [...] o primeiro ano tudo legal, porque cê tá superempolgado, mas o segundo ano eu com 12 pra 13 anos já comecei a ver de outra forma, né, porque eu acabava não me divertindo, porque todas as pessoas, todos os meus amigos, tanto do colégio, quanto de fora não... aproveitavam a infância e eu acabava nadando, não conseguia fazer nada e chegava cansado e... aí começou a desmotivar e tudo mais e aí foi uma forma de eu... é, acabar parando de nadar, interrompendo uma coisa que eu adorava, pra voltar a remar.</p> <p>Eu comecei a minha iniciação com o caiaque, né, é... que por incrível que pareça, até o segundo estirão do crescimento eu estava muito bem, então até o comecinho de 1998 eu era vice-campeão brasileiro, só que eu tinha meu 1,55, com quarenta e poucos quilos, né, e adorava o que eu tava fazendo e tudo mais, só que aí que aconteceu? Quando a gente passou pro segundo estirão de crescimento, é... eu comecei a levar um desvantagem gigantesca.</p> <p>Que era uma coisa, assim, tinha... tinha acabado de ser vice-campeão brasileiro, mas eu já vi que eu não ia conseguir ter muito sucesso na modalidade lá na frente, então eu acabei migrando do caiaque pra canoa, só que como minha condição física era muito legal, eu acabei... de qualquer</p>

Trajetória profissional		<p>forma continuei treinando, aí eu aprendi a remar canoa, aí um ano eu fui campeão paulista brasileiro sul-americano... o que eu não fiz em quinze anos remando no caiaque, eu fiz no meu primeiro ano de canoa, então foi uma das coisas que eu falei: Caraca é... me acertei sabe, achei uma coisa que eu conseguia fazer superbem, que eu gostava, porque eu fiquei muito triste quando eu saí do caiaque, porque indiretamente eu conseguia ter um contato com todos esses meus amigos, né, e isso acabar, imagina de segunda a sexta a gente ficava... pelo menos quatro, cinco horas de convivência e dez anos, assim, era... eu acabei sentido bastante, mas... por outra forma também ajudou muito... eu conseguir me prolongar mais dentro do esporte, né.</p> <p>E... eu sempre mesmo não tendo tanta aptidão, sempre gostei de estudar, eu acho o ambiente escolar fantástico, assim, sabe cê tem... oportunidades, cê consegue é... ver com seus próprios olhos e vivenciar coisas que em qualquer outro lugar cê não teria, né, porque o foco é sempre o educando, né, a pessoa que tá aprendendo, então é... eu sempre gostei de estar no meio escolar, então eu fiz muitas amizades e também aproveitei bastante coisas do meu colégio e um deles era que eu tinha um projeto de vida que... que tava vinculado à canoagem</p>
	E12	<p>Mudar de cidade, porque já não poderia mais, já não... não iria evoluir, então com isso e outras coisas, né, mais, ajudou, né, influenciou meu pai a voltar de novo pra... pra Campinas e... e aqui que eu comecei a ter um treinamento mais específico, eu já comecei a dar um pouco mais de atenção ao tênis, claro que nunca deixei de estudar, estudei até o terceiro colegial, a faculdade infelizmente não... não tive tempo de fazer, mas já quando morando aqui, eu já passei a dar mais, é... eu já saía um pouco antes da escola pra treinar e... e repunha as aulas em outro horário sabe?</p> <p>Eu já comecei a dar mais prioridade pro tênis, agora não tem, assim, um torneio ou uma coisa, acho que foi um... um processo natural de evolução, eu sempre gostei muito do tênis, desde o primeiro dia, que eu fiz a primeira aula, eu nunca mais larguei da raquete, então fui crescendo nos torneios estaduais, depois nos torneios nacionais.</p> <p>[Comecei] em torneios pelo estado com oito, nove anos, mas como... claro que eu nunca fui aquele... nunca... como a gente não tinha experiência nenhuma, nem eu e nem o meu pai, e como a gente não tem suporte e nenhuma ajuda de federação ou confederação, eu competia... ia batendo a cabeça e aprendendo, então eu comecei jogar nos torneios estaduais e, mas nada, todo final de semana, né, foi devagarinho, conforme eu fui melhorando, tendo destaque, comecei a jogar nos torneios nacionais e, assim, foi no meu segundo ano de dezesseis eu joguei o circuito que foi na América do Sul e aí os quatro primeiros da América do Sul classificavam pra jogar o circuito europeu, aí eu fiquei em segundo, da mesma maneira na categoria de dezoito anos, né, então eu joguei o circuito na América do Sul e o circuito na Europa, então já... já como um bom aprendizado do que seria o circuito profissional, né, claro que eu jogava com os jogadores, tanto... não só da América do Sul, né, mas do mundo inteiro, os americanos e os europeus e assim foi.</p>
	E13	<p>Com 14 anos, acho que foi em 89, que ganhei primeiro título nacional, na época na categoria de menor, isso eu acho que foi um marco grande, porque, assim, realmente mostrou que, vou tentar me dedicar por um tempo maior como atleta, tentar me dedicar ao esporte, acho que outro marco seria em 90, no final de 90 que com quinze anos entrei num clube, fazendo o centro de alto rendimento.</p> <p>Então naquele último ano do colegial, [...] meus pais que me ajudaram e conseguir estudar e cumprir esse ano em dois anos na verdade, conseguir dividir os dois tempos, mas isso foi até... aquela época foi a única exceção que teve alguma forma nos estudos, fora disso sempre segui a forma esporte, de acordo com o plano escolar, quando fui pra passar no treinamento fora, tive que ficar atrás depois, tive que estudar sozinho, enfim, dava conta... tinha que dar conta do negócio... e depois na faculdade... na faculdade já mudou um pouco, na faculdade já dava pra mim ter uma folga um pouco maior, não sei, é ao contrário do que é aqui no Brasil, lá na República Tcheca o estudante tem uma liberdade bem maior, pode montar sua grade, é um sistema um pouco diferente, é... só que acontece, que na verdade lá, já começou, assim, até os 18 anos, era realmente, treinei no alto nível, com 19 no primeiro ano na faculdade, ainda foi aquele primeiro ano, treinei pra primeiro ano de sênior, treinei forte e tal, mas no final do ano, aconteceu que comecei ter alguns problemas na faculdade e comecei, na verdade, largar um pouco, diminuir um pouco a dedicação nos treinos e voltei um pouquinho mais para os estudos, só que isso durou uns três anos.</p>
	E1	<p>Então lá [Barcelona] eu fui pra disputar a prova dos 100 metros rasos, né, que é a prova individual [...] confesso que eu não consegui fazer muita coisa, porque eu acabei chegando lá, encontrando com todos os meus ídolos, com todos os atletas que eu via pela televisão, então foi uma grande... momento de grande emoção pra mim, mas, assim, eu lembro que eu fiquei na 45ª posição, nos 100 metros rasos.</p>

	<p>Nossa, teve a conquista da medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, no revezamento 4 x 100, onde nós ganhamos aquela medalha, a primeira medalha em provas coletivas do Brasil, foi muito importante, depois veio a memorável medalha de Sidney, medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Sidney, no ano de 2000. Na mesma prova, no revezamento de 4 x 100. Ah, eu tive várias outras participações em Jogos Panamericanos, em campeonatos mundiais, medalhas também, né, que... que foram marcos importantes.</p> <p>Então, é... como eu fui a quatro Jogos Olímpicos, Barcelona, Atlanta, Sidney e Atenas, eu tava tentando ir para os Jogos Olímpicos de Pequim.</p> <p>[Em Atenas] eu fiz as provas individuais, né, o 200 metros, e o revezamento 4 x 100. [...] ficamos na oitava posição, fomos à final, mas ficamos em oitavo.</p> <p>Os Pans e os mundiais, quer dizer, eu tenho três medalhas, cinco medalhas em Panamericanos, né, e três medalhas em campeonatos mundiais.</p>
E2	<p>97 eu fui pra Grécia, acho que... foi nessa fase mesmo, eu fui pra Grécia num campeonato mundial. [...] Eu fiquei em terceiro, nos 200 metros. [...] Antes disso eu já tinha feito, assim, algumas coisas aqui no Brasil, fui campeão brasileiro, sul-americano, mas esse... esse daí marcou muito pra mim.</p> <p>E depois disso, no esporte, 90... nossa, depois eu fui vice campeão do mundo, agora num lembro de novo onde foi. [...] Foi na... foi no... no próximo campeonato mundial que teve, esse... esse eu já tinha sido terceiro e no outro eu fui segundo. [...] Que foi em seguida na... na Espanha. E depois em 99 eu fui campeão Panamericano, e nesse Panamericano, que foi em Olimpíada no Canadá, eu lembro que eu saí de lá como um dos melhores atletas, assim, porque eu ganhei quatro medalhas nesse Panamericano, eu acho que eu ganhei duas de ouro, uma de prata e uma de bronze. E depois de 99, 2000, né, em Sidney, que me marcou no esporte.</p> <p>De 96, em Atenas, mas eu fui de reserva lá, nem conta essa daí é... eu até fiquei triste, porque é duro cê ser reserva, né, e você... acho que ninguém gosta de ser reserva. [...] Então, não gostei muito, assim, não.</p> <p>Então o que aconteceu depois de... de 2000, eu tava no auge, aí eu fui pra 2001... fui pro campeonato mundial, aí lá a gente foi bem, aí em 2003 eu fui pro Panamericano em Santo Domingo.</p>
E3	<p>Com certeza, os resultados na natação, né, cada medalha que eu ganhava, com certeza, aquela coisa que a gente nunca esquece né. São momentos que, acho que, vão ficar guardados pra sempre.</p> <p>Pra competir, aí, eu competi dos 12 aos 27... 27? 2008, é, até 27. Tem que pensar, haha. 15 anos competindo.</p> <p>Na verdade, competição de deficientes leva um tempo diferente, né, não existe essa coisa de federado ou não federado. Outra coisa que também é diferente, é, não existe divisões de categorias, como tem pra natação normal. Tem, sei lá, infantil, juvenil, por idades, né. Acho que até mesmo pela quantidade de competidores, não tem como fazer isso, então a gente compete com qualquer idade. E assim, não tem essa divisão de categorias.</p> <p>Ah, assim, o atleta acaba sendo uma evolução, né. Na vida de atleta, com certeza, cada conquista pra ele é um degrau a mais que sobe, né. Mas assim, um marco, assim, com certeza deve ter. A minha primeira Paraolimpíada, quando fui em 96, foi essa, onde tudo começou, acho que essa daí marcou bastante. Tanto é que fiquei sabendo um mês antes que ia. [...] Eu brinco que a minha história começou engraçada. Eu comecei nunca imaginando que ia numa Paraolimpíada na minha vida. Na verdade, foi por, as coisas foram acontecendo, né. Eu via meus irmãos competindo, eu comecei a competir também, aí, de repente, quando eu vi, já estava participando do meu primeiro Panamericano, uma Paraolimpíada, e as coisas foram acontecendo.</p>
E4	<p>Profissional, não, acho que é uma transição normal que passa, e você está acostumado, já está esperando, mas essas coisas... Em 89 também, campeão também do Orange Ball, que é o campeonato mais importante pra gente, o Orange. Aí, hm. Eu voltaria pra 93, primeiro ano como pro mesmo, nos grandes torneios, grandes resultados. Primeiro ano jogando bem, vai. Jogando com os grandes, você vai entender né. Você está com um grande. 95, primeiro título, primeiro título. Você vê que é tudo tênis, né, é a vida. 99, melhor ano como pro. Depois 2003, abandono.</p> <p>Acho muito cíclico, né. De repente você me pergunta isso amanhã, e eu coloco entrada na televisão, né. Muito do sentimento que você tá no dia a dia. Depois, minha vida foi muito voltada ao esporte. Tive várias passagens, familiares importantes, mas cada um... A vida de vocês provavelmente muito nessa área que vocês estão levando, fora várias... Cada um vai levando um momento cíclico na cabeça.</p> <p>Eu tinha caído muito de ranking, já estava fora dos 100, cento e pouquinho, 110, 120, a gente decidiu não ir para a Austrália naquele ano, se não me engano. E a partir daí, eu fiz final do</p>

	<p>Aberto Mexicano, que era um campeonato de um milhão de dólares, e em quatro meses eu me meti nos 50 do mundo de novo, 45 do mundo. Fiz semifinal de Estoril, quartas de final de... E a partir daí, a motivação veio automática. E realmente tinha muita razão, ainda tinha lenha pra queimar. Só que eu tinha me perdido na maneira de encarar a carreira. O [nome de técnico] era um cara que eu amava, continuo amando muito, mas quem me levou minha carreira muito pra lá. Quem me levou para o comprometimento 100%. Eu acho que quanto mais idade você tem, você tem mais inteligência pra saber quando você precisa apertar, e quando você precisa dar uma sossegada. No tênis você tem o dia a dia, você tem, só que você tem outros atalhos que o veterano consegue lidar. Daí, a gente não conseguiu, até por isso que a gente parou de trabalhar junto. A gente não conseguiu. [...] E faltou um pouco dessa, por isso também eu tava fugindo do dia a dia, tinha me enchido um pouco o saco de estar no dia a dia.</p> <p>Durante minha carreira, muita gente que teria que colocar, tem muito cara que me ajudou a ser [nome do próprio entrevistado], tenista, né, pessoa. Meu primeiro professor, segundo professor, vários técnicos, treinador físico, um pessoal na Argentina, muita coisa.</p>
E5	<p>Eu comecei nessa época, quando eu fui para o [nome de clube], eu... eu peguei minha primeira seleção e acabei desenvolvendo um trabalho que caracterizou o restante da minha carreira, né. Mas foi por volta dessa época, nos 17 anos.</p> <p>Fiquei lá [Estados Unidos] durante alguns anos, né, até as Olimpíadas de 2000 que foi um marco ali pra... pro meu trabalho.</p>
E6	<p>Aí os resultados foram vindo, né, aí eu diria que de 95 que foi minha primeira participação na seleção brasileira, até 2004 na Olimpíada de Atenas que foi a última... eu acho que, assim, os resultados na verdade vieram como consequência, né, eu fui acho que bicampeão sul... eu nem, sinceramente, eu nem... eu não gosto de ficar vendo muito os títulos, porque eu acho que não é disso que... não é pra isso que eu fiquei jogando, mas eu fui acho que bicampeão sul-americano, bicampeão latinoamericano, brasileiro acho que umas quatro vezes, eu acho, não sei e... participei acho que de cinco mundiais, mas o que foi mais importante pra mim, o meu sonho sempre foi participar de uma Olimpíada.</p> <p>E... eu passei perto em 96, quando o [nome de técnico] tinha falecido, depois em 2000 também participei da seletiva, que foi lá pra Sydney, em 2004 é... eu tava... seria em Atenas e acho que... esse com certeza foi um grande marco.</p> <p>Em 2003 eu quase parei de jogar mesmo, porque... aliás, várias vezes nesses anos, a gente passa por altos e baixos e muitas vezes quando cê tá na pior, você não aguenta, mas, assim, se eu abri mão de tanta coisa, pressão, pressão própria e aí eu não consegui ir pro Panamericano de Santo Domingo, né, que eu era bem cotado pra ir e na verdade perdi numa seletiva na mesa, não foi nada político, perdi mesmo, eu falei: Ah não, chega, não quero mais, né, não aguento mais. Só que aí, eu acho que, assim, isso é uma coisa interessante, porque por mais que eu tivesse muito desmotivado, perdi um campeonato no domingo, na segunda-feira, não sei, tava treinando de novo, isso é um negócio interessante, assim, a gente... o esporte acho que faz a gente, talvez o esporte nesse alto nível a gente se superar, né, todo dia você tem que se superar, então em 2003 quase parei de jogar, aí um amigo meu, hoje meu padrinho de casamento, né, ele, o [nome de técnico] falou assim: Oh, seu objetivo agora vai ser... isso foi no começo de 2003, em 2003, quando eu tinha acabado de perder a seletiva pro Panamericano. Ele falou: o seu objetivo é chegar inteiro na seletiva da Olimpíada que ia ser em outubro, então, janeiro, outubro, ou seja, quando ele falou, assim: Chegar inteiro, assim, faz sua parte, treina firme, mas muito firme nesses dez meses que cê tem, aí depois... o resto, né, é só consequência, esse vai ser seu objetivo. E de fato chegou no dia da seletiva em outubro, eu acho que eu tinha esquecido disso e ele... ele me falou um pouco antes: Você já conseguiu o seu objetivo, né, parabéns, você já conseguiu, não precisa mais... cê já fez sua parte. E aquilo quando ele me lembrou, me deu uma sensação de tranquilidade, que eu não tive na seletiva quando eu perdi no Panamericano, porque no Panamericano eu era muito cotado a ir, só que eu tava tão focado no resultado, que eu não consegui jogar direito e perdi, nesse caso foi diferente, eu tava mais... o meu foco era o meio, eu sempre falo, assim: O mais importante não é onde cê vai chegar, se cê tá aqui não é aonde cê vai chegar, mas como você chega, né, então foi muito diferente dessa vez, porque eu treinei muito firme, focado no treinar firme.</p> <p>E chegou no final, eu falei: Ah, vamos ver, né, eu acho que todo mundo se prepara, mas... só vai um, então meu objetivo é fazer meu melhor e eu consegui jogar bem tranquilo. [...] engraçado, né, só que na seletiva da Olimpíadas só tinha uma vaga e no sorteio das chaves, pra eu ganhar... pra eu ficar... ganhar essa vaga, eu ia ter que jogar com os mesmo que eu perdi a seletiva do Pan, né, e era a pior chave possível pra mim, né, mas de fato, assim, realmente joguei bem e consegui, né, assim resumindo bem, aí foi até 2004, uma coisa que eu já sabia era, assim, conseguindo ou</p>

	<p>não ir pra Olimpíada, vai ser a última... ia ser a última que eu ia tentar, depois disso eu falei: Não, depois eu quero parar, ou parar não, pelo menos parar com a seleção, porque eu continuei jogando até 2010, só que só... só pro São Caetano, só pelo meu clube, né.</p> <p>Então na verdade [o curso de graduação] são quatro anos, mas eu tranquei um ano, exatamente 2004 eu... 2003... 2004 eu tranquei, eu falei: Eu vou me dedicar aqueles dez meses ali, eu falei, eu até inclusive, eu tranquei a faculdade, pra me dedicar só pra isso, nunca tinha parado de estudar por causa do tênis de mesa, mas eu falei que: Acho que agora vale a pena, né, assim, eu queria, assim, eu não queria chegar e olhar na televisão, como eu sempre fazia, 2000 e... 96 e 2000 eu via a abertura da televisão e ficava pensando, assim, aí, eu gostaria tanto, chorava na frente da televisão, eu queria tanto e aí eu queria tanto tá na abertura, aí naquela época, eu falei: Olha, eu posso até chorar, mas não vai ser chorar... se eu não for pra 2004, eu posso chorar, mas não vou chorar de arrependimento, por eu não ter tentado e dado o meu melhor, acho que isso, eu falei: Isso eu não vou conseguir aguentar, mas se eu der o meu melhor, posso até não conseguir, mas eu sei que é até 2004, depois disso vou tocar outras coisas e de fato, assim, aí eu acho que foi um... sinceramente, eu acho que foi um milagre de Deus, porque eu não... eu tava, assim, é que eu não vou... assim, explicar os jogos com os detalhes, mas eu tinha poucas chances de ir mesmo, foi bem difícil, eu acho que, assim, os jogos que eu... a começar pelo sorteio, eu te falei, assim, eu ia jogar com os atletas que eu tinha perdido, era mais pra eles, na final também tava perdendo, então eu tinha pouca chance de ir, mas consegui, então eu considero realmente que foi um negócio... não foi por mim só, assim, sabe, foi um negócio muito... apesar de eu ter dado o meu melhor, né, então...</p> <p>E aí eu comecei estagiar aqui, então que eu fiz? Treinava de manhã, eu tinha o horário flexível, eles sempre me ajudaram, então eu treinava de manhã e vinha trabalhar à tarde. [...] Só que eu treinava lá em São Caetano. [...] E eu saía da Saúde e ia pra São Caetano, depois vinha pra cá, aí à noite ainda tinha que ir pra faculdade no [nome de universidade], né, aí ficou anos, hoje eu penso e falo: Caramba, cada maluquice que a gente fazia, mas então desde 2004, aí eu mudei realmente, totalmente de área.</p> <p>Então, por exemplo, antes eu trabalhava... eu treinava toda manhã e vinha aqui à tarde, aí à medida que os anos foram passando... a necessidade da empresa aqui, assim, a minha função aqui foi ficando mais, é... eles tavam precisando mais de mim, então à medida que isso ia aumentando essa necessidade, eu ia diminuindo no tênis de mesa, então no final eu acabava indo treinar três vezes por semana... duas, três vezes por semana acho e o resto vinha aqui.</p>
E7	<p>Aí, quando voltei [do estágio no Japão], em 1986, aí eu já fui convocado para a seleção brasileira adulta, pela primeira vez. Aí desde então, eu estou na seleção, né. Depois, 1987, eu participei do primeiro Jogos Panamericanos. Lá eu ganhei, em 87, uma medalha de ouro, que foi minha primeira, né.</p> <p>Aí, já comecei a participar em campeonatos, 87 também foi meu primeiro campeonato mundial que participei, foi na Índia. Aí depois, foram todos os anos, 88 teve os primeiros Jogos Olímpicos do tênis de mesa, só que eu não participei né. Eu participei a partir de 92, em Jogos Olímpicos, né. De lá pra cá, eu participei de todos. Primeiro foi em 88, não participei, aí de 92 pra cá, em Barcelona, eu participei de todos os Jogos Olímpicos. Aí também, de 87 até 2011, eu participei de todos os Jogos Panamericanos também, que era de quatro em quatro anos, né. E minha primeira Olimpíada, né, Barcelona. Então, mais ou menos assim, minha carreira começou bem cedo, né, com sete anos, 16 anos, eu fui convocado pela seleção brasileira, 17 anos, eu fui convocado pela seleção brasileira pela primeira vez. Aí, direto até agora. Quer dizer, até o ano passado, esse ano aqui, eu já... Eu vou continuar jogando tudo, mas, é, eu vou praticamente fechando como técnico da seleção feminina, né, de tênis de mesa, seleção brasileira de tênis de mesa. Então, mas eu vou continuar treinando, porque eu tenho contrato com a prefeitura de São Bernardo, eu vou disputar os campeonatos internos, né. Pela seleção mesmo, eu devo dar uma parada, já.</p> <p>Desde... com 14, com 13, 14 anos, eu decidi que iria me tornar profissional de tênis de mesa, mas, assim, eu tinha que terminar o ensino médio, né, eu terminei em 1987. Desde então, eu me só dediquei ao tênis de mesa. Então, bem cedo eu decidi, já.</p> <p>Em nenhum momento eu pensei em parar ou seguir outra carreira. [...] nem mudar de esporte. Eu gosto, né, de jogar bola, principalmente, mas mais lazer, mesmo.</p> <p>Tô falando da família, principalmente, né. Porque pra mim, a maior conquista foi quando eu vi, volto pra casa, né, com uma classificação pras Olimpíadas, com uma medalha de ouro do Panamericano, com uma boa participação de um campeonato, eu chego em casa, e eu vejo a alegria dos meus pais, essa sempre foi a minha maior conquista, a minha maior alegria. Quando eu ver que eu não vou mais poder dar isso a eles, então, acho que isso vai ser a hora de eu</p>

	<p>realmente pensar em parar, né. Então, ainda, realmente, acho que esse ano principalmente, ainda sei que tenho condições que continuar fazendo isso, né. Mas eu tenho certeza que se eu mudar pra parte técnica, né, e ter os resultados, falar que as meninas tão indo super bem, tal, então eles vão ficar contentes, porque eles vão me apoiar sempre no que for melhor pra mim, né, sabem, que vão me apoiar bastante. Isso que eu tenho na minha cabeça. [...] o meu técnico foi o [nome de técnico], ele foi meu técnico até 2009.</p> <p>Então praticamente eu sou o meu técnico, né, tem o técnico, esse que entrou agora, que é o técnico da equipe, né. Então, mas eu ajudo ele mais, né.</p>
E8	<p>E aí, eu fui desenvolvendo a minha parte esportiva junto com a profissional. Então, em 91 eu comecei a competir, comecei a participar da equipe, comecei a competir. Em 96, fui pra minha primeira Paraolimpíada, em Atlanta. Esse é um marco importante, porque assim, aí, até então, eu não me via... Eu me via como um atleta de ponta, né, com ótimos resultados, mas eu não me via como um atleta de elite.</p> <p>Antes, nenhum título tem valor, na minha opinião, e foi na minha primeira Paraolimpíada que eu vi um resultado bastante razoável, peguei duas finais individuais, e uma final de revezamento, que foi um ótimo resultado pra mim, pra minha primeira participação. E até aquele ano, medalha, aquela coisa de atleta, tal, aí que meus pais falaram “você, pra primeira vez, tá com um ótimo resultado”. Aí, força você a pensar um pouco “poxa, é verdade, né”. Não é bem assim, eu tenho que preparar mais. [...] aí fui pra Sidney 2000, a partir daí comecei a ter uma bolsa esporte, vamos dizer assim, do Comitê Paraolímpico, em 2004, isso foi revertido pra bolsa atleta.</p> <p>Em 2000, ganhei minha primeira medalha de Paraolimpíada, participei em 2004, e em 2008 eu encerrei minha carreira.</p> <p>Então, sempre tive comprometimento, até porque se não tivesse comprometimento, eu não teria durabilidade, tanto tempo no esporte.</p> <p>Então, eu cheguei em 2008 em Pequim, no meu auge dos resultados individuais, e eu já tava com... 2008, eu tava com 42 anos, já. Então, quer dizer, a idade já avançada pro esporte, entre as aspas, né, mas tava com um resultado bom. Então, os resultados nossos, inclusive isso já era avaliado pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro, a evolução do atleta. Não bastava só o resultado em relação ao campeonato mundial. Se você não tá evoluindo, você tá decaindo, então pode não ser bom e parar. Que não foi o meu caso, né. [Minhas medalhas] foram prata no revezamento em Sidney, prata no revezamento em Atenas, e bronze em Pequim.</p>
E9	<p>E lá, eu ganhei duas medalhas de ouro, no Parapan, nesse Panamericano da Argentina, e aí minha carreira não parou mais. [...] E aí, Atlanta... Em 97, 98, foi um ano que o esporte, aqui no Brasil, ficou meio de lado, a gente não participou de nenhuma competição. Em 99, veio o Parapan do México, em 2000 veio a Paraolimpíada de Sydney, que eu também fui, não ganhei medalha. No Parapan do México eu ganhei três medalhas de ouro. Aí, em 2001 eu tive o Parapan dos Estados Unidos, onde eu ganhei duas medalhas de prata e uma de ouro. Em 2001, também, eu fui pra Paris, num campeonato mundial de pessoa normal. Eu e a [nome de atleta], a gente foi convidada pra participar de uma corrida lá, a apresentação, foi lindo, e no estádio lá, em Paris, no estádio de France, foi uma coisa muito linda, mesmo. [...] E aí, em 2003, a gente teve o Mar del Plata, que é o campeonato aqui, que foi da Argentina, o Parapan. Em 2004, teve a Paraolimpíada de Atenas, onde eu ganhei duas medalhas de bronze. [...] Em 2007, teve o Parapan do Rio. Em 2008, eu fui pra Pequim, e em Pequim eu não ganhei medalha, porque em Pequim eu já tava machucada, porque em Atenas 2004 eu tive uma lesão que me tirou a medalha de ouro na linha de chegada, que rompeu esse músculo meu aqui, todo. [...] Isso me causou um trauma, que eu acho que não fui mais a mesma atleta, depois disso, né. Mas continuei levando a vida atlética. E aí, em 2008, eu tava machucada, já, dessa lesão, que de vez em quando incomodava, e vira e mexe eu tava machucada por causa dela. E aí, de corrida de velocidade, como era eu, assim, de 200 e 400, não pode machucar a coxa, né, é complicado.</p> <p>Até 2004, [...] só, tipo, por amor, mesmo, por amor, porque eu amava fazer aquilo. Meu, era minha vida, nossa, era meu, era gostoso, era maravilhoso, um tesão danado de você estar treinando, praticando, eu não pensava nem na beleza corporal, porque não tinha, não pensava nisso, pensava naquele, naquela sensação que era, o cheiro da pista que dá, né, coisa que dá, né, de você estar lá.</p> <p>Eu era telefonista concursada na [nome de organização], dava um... Trabalhava seis horas. [...] Foi de 2007 até 2010.</p> <p>E do esporte, assim, só tenho lembranças boas.</p>
E10	<p>Ele [ex-técnico] começou a treinar a gente aqui e eu... e eu resolvi... eu resolvi me entregar pra esse... pra esse projeto, assim, meio... meio sem saber onde isso ia dar, porque na verdade não fazia parte de mim, é a ambição de ter resultado, na época eu não tinha nem resultado paulista,</p>

	<p>então de repente a coisa... eu comecei a ter resultado, eu comecei a melhorar. [...] Foi a partir desse momento, pra mim isso foi superdecisivo.</p> <p>E começou a treinar mais e aí foi aí que eu comecei a reconfigurar completamente a minha vida, porque, é... treinava totalmente como ele queria, no horário que ele queria e... tive que enfrentar alguns embates familiares mesmo, porque tinha uma faculdade que de fato eu adorava, que nunca me passou pela cabeça, é... abdicar e de fato é uma carreira que eu adoro, que eu amo, então, é... e não era um dilema que eu vivia sabe, assim, entre ter uma coisa ou outra, como era pouco profissional, na época eu... pude conciliar de certa maneira, assim, eu não me considero, é... vamos dizer, assim, não prejudicada, mas eu não... eu não acho que a minha geração tenha sido também tão desfavorecida nesse sentido, porque na medida que o esporte vai ficando mais profissional ele também exclui certas atividades que você pode conciliar, né.</p> <p>Isso... isso me deixava um pouco... um pouco em crise, porque a faculdade era integral e... era difícil... era difícil pras pessoas de montar grupo, porque eu treinava... eu treinava na época... na época e durante muitos anos, não foi só durante aquele período da faculdade, mas durante... eu fiquei com ele nove anos, direto, até, enfim, depois outras coisas que foram rolando, mas, é... ao longo dessa carreira e com certeza a fase que eu tive mais resultado foi quando eu treinei com ele e... e aí, durante o... durante esse período que eu treinava mesmo formada e tal eu ainda treinava uma média de... de nove, dez vezes por semana em geral, porque na esgrima, é... é muito legal você dividir em dois períodos o treino, né. [...] Esse era o método... o método que ele trazia era exatamente o que eles faziam em Cuba e... pra gente sempre deu certo.</p> <p>A gente... a gente sofria um pouco com isso, porque a gente sentia que abria a mão de outras coisas, meio sem saber de fato se aquilo era o jeito... era o jeito certo de treinar, sabe? Porque era... era realmente uma vida bem sacrificada e aí era... era complicado na faculdade, porque difícil ter grupo que quisesse fazer trabalho, eu tinha que sair todo dia às 4:30, a faculdade acabava às 5:00, mas tinha muita coisa que rolava depois da faculdade, coisas de... de trabalho mesmo, né, e palestras e coisas que eu queria participar e não podia participar, porque eu ia... eu tinha treino e tal, então pra mim era um... era um compromisso que eu tinha assumido que eu ficava um pouco contrariada às vezes de... de ir atrás, né.</p> <p>Em 95 acho que é um marco e... dois anos depois é... ele saiu do [nome de clube] e pra mim também foi um marco importante porque, é... eu acho que a gente... quando ele saiu do [nome de clube], eu tomei a decisão de abrir mão de uma... uma superinfraestrutura, que o clube sempre teve mesmo e em nome de um... acho que, assim, demonstrou talvez pra ele o vínculo que eu... assim, o comprometimento que eu tinha com a história e a confiança, né, eu não fui a única na verdade que tomou essa decisão, mas eu acho que aquilo me ajudou pra vida em geral, assim, eu perceber... me sentir livre pra tomar esse tipo de decisão, sabe?</p> <p>Às vezes de você ter a coragem de sair de uma situação confortável, né, e eu me lancei... eu fiquei ao todo, também... eu fiquei sete anos fora do [nome de clube], sendo sócia, quer dizer, foi uma... não foi uma decisão simples, os meus pais também não aprovavam muito, porque sabiam que eu ia ficar sem estrutura, eu fui treinar na federação paulista, que na época o [nome de técnico] [...] montou uma salinha de esgrima lá no [nome de centro]. [...] a gente pagava pra treinar, pagava pra viajar, a gente pagava tudo nessa época, o que foi uma coisa que mudou também radicalmente na vida, né, porque a gente teve que... ainda por cima pagava, eu ficava naquele sofrimento, ficava pensado, eu falo: Gente eu pago pra passar por isso, não é possível, onde eu tô com a cabeça? E aí... e muda tudo, né, eu vejo hoje os pais, eles admitem todo esse sacrifício dos filhos com muito mais naturalidade, sabendo que isso oferece algum tipo de perspectiva, né.</p> <p>Ou uma juventude com... que constrói o caráter melhor, né, quer dizer, ou uma juventude com vivências diferentes, porque viaja, conhece o mundo.</p> <p>Quando você entra na esgrima não tem seletiva pra você jogar o nacional, né, então você pode entrar, cê tem que ter o clube e se inscreve na confederação, não é uma coisa tão difícil de você fazer parte, né, se você quer competir cê precisa tá federado em alguma coisa, então isso foi... foi tranquilo agora é... resultado nacional eu só fui ter... eu comecei em 95, o primeiro campeonato nacional que eu ganhei foi em 98, foram três anos depois, que na época foi uma eternidade, assim, mas pra mim foi como se eu tivesse levado um tempão pra ganhar e... e fiquei aí... peguei a equipe brasileira em 96 e fui até eu me aposentar, eu nunca sai da equipe, eu sempre peguei a equipe.</p> <p>É engraçado, porque no dia da classificação [Olimpíadas] foi, eu acho, que talvez mais emocionante do que o evento... o evento foi, assim, foi um desfruto do começo ao fim é... 100%, primeiro porque cê tinha lá os horários do treino, eu ia nos meus horários, nos horários dos outros países, eu... eu, assim... aproveitei tudo o que eu pude... tudo o que eu pude no sentido do esporte,</p>
--	--

	<p>né, não... não da bagunça, que o pessoal acha que é bagunça e não é nada disso, até porque na Olimpíada é... as pessoas são mais velhas, é muito sério aquele momento, sabe?</p> <p>Uma tentativa dessa, eu tinha tentado ir pra Sydney, não consegui, aí... encampeí pra Atenas e consegui e aí eu resolvi continuar mais quatro anos, né, porque a partir da classificação de Atenas, eu passei a ganhar a bolsa atleta, de Olímpica, que pra mim fez bastante diferença realmente e... até porque também a vida como... como arquitetura, é uma vida bem estável, né, financeiramente falando e eu já tinha escritório, eu tocava um monte de trabalho, eu já tava... superengrenada na profissão, mas é... mas eu gostava, eu sempre gostei muito do esporte, lógico, né, não fazia só pelo sacrifício, eu fazia pela emoção do esporte que é muito legal e... e tinha esse incentivo, em 2000 e... três anos depois já tava decidido que o Pan ia ser no Brasil, então eu achei que era legal continuar, então eu continuei mais esses quatro anos, mas eu não cheguei aonde eu gostaria, pra mim não foi, assim, o ciclo mais feliz da minha vida, né, o Bittencourt não tava no Brasil e... eu acho que isso fez bastante diferença, a gente tinha uma... uma supersintonia, né, de professor e aluno e eu acho que isso era é... eu só tenho carinho, assim, na verdade pensando em tudo retrospectivamente e aí eu fiz mais quatro anos da minha arma, no Pan a gente ficou em quarto, no Pan do Rio, por equipes, mas eu não consegui me classificar, pra... pra Pequim, né [...] e aí eu planejei minha aposentadoria, basicamente foi aí.</p>
E11	<p>A pessoa chega com 20 anos já tá no auge, né, na canoagem 20 anos cê tá começando a entrar no nível competitivo internacional se for bom, então essa foi... [...] assim, de ver que a modalidade que só dependia da minha capacidade em termos de dedicação e... afinidade, a relação que eu conseguia ter entre a modalidade ou não... a possibilidade de fazer uma modalidade que é... diferentemente de outras modalidades ela também não é tão competitiva, a nível de número de pessoas praticando, então é muito mais fácil você ter sucesso em modalidades que não tem tanta atração.</p> <p>Quem dava aula aqui só sabia ensinar o caiaque, que a canoa é um esporte totalmente diferente, mesmo dentro da mesma modalidade, assim, são adaptações, são coisinhas técnicas muito diferentes do caiaque, então eu acabei pegando um livro da federação. [...] Na canoa não tem nada, então cê... cê tem que aprender a fazer, então... engraçado é que ela é muito mais fácil de equilibrar, mas se você fosse remar cê ia ficar dando uma volta, ia ficar girando, porque cê não ia conseguir fazer o barco ir reto, então eu tinha... tinha vários desafios [...] foi quando eu decidi sair da natação.</p> <p>E fui pra canoagem, o segundo marco foi quando eu percebi que eu não ia ter muito sucesso no caiaque e fui pra canoa, pelo fato de ir pra canoa e conseguir, é... me virar literalmente pra... pra aprender a remar e quando eu comecei a competir a nível nacional e internacional, que foi muito legal.</p> <p>Em 99, então de 99 pra 2000, eu comecei essa minha... minha projeção a nível Olímpico, né [...] o fato na verdade que aconteceu foi o seguinte: eu acabei é... entrando a nível internacional em 2000, só que foi no ano que eu tava terminando o colégio.</p> <p>porque a nossa modalidade... a minha modalidade que é a canoagem, ela não tem muitas... não tem muita... é... a gente não recebe muito recurso financeiro, né, então eu acabava tendo que me virar, tipo, comprar barco, remo, viagem, você literalmente se vira, né, então foi isso é... eu fui imaginando exatamente isso, só que a medida em que eu fui entrando dentro do esporte e meu primeiro mundial, foi o mundial mais frustrante que eu remei na minha vida, foi, assim... a prova mais agonizante, porque eu larguei, eu fiquei em oitavo no mundial, só que o primeiro, ele ficou a 150 metros na minha frente e ele não abria e nem eu tirava distância, aí eu falei: É impossível, eu tô fazendo mais força, o cara parou de fazer força e tá a mesma coisa.</p> <p>[Em Dartmouth] foi uma competição superlegal, que eu tive, é... a oportunidade de conhecer se não... não foram todos, mas a grande maioria dos atletas que eu vi, assim, de revista, porque na época a internet tava chegando, né, mas tinha revistas, tinha jornal e tudo mais.</p> <p>Então como eu não era atleta da seleção, a seleção falava: Cê quer ir, cê vai, cê paga do bolso, então na época que o euro tava quatro... quatro e trinta, era bem difícil, né, então o [nome de universidade] ele... ele acabou investindo bastante na minha profissão hoje, né, formado em educação física e esporte e também por causa da... da canoagem.</p> <p>Na verdade eu ganhei o brasileiro em 2004, é... me classifiquei pro mundial e... treinando um dia no sábado, né, eu ia... eu vinha e ia todos... eu vinha pra raia e voltava é pra... pra casa quando eu podia de bicicleta, né, então aos sábados principalmente e aí num sábado eu fiz um treino superintenso, aí eu cheguei em casa deitei no sofá e acordei terça-feira no hospital, então aí eu comecei a ter crises convulsivas e tudo mais, então é... aí eu tive que fazer um tratamento no... no [nome de hospital], depois precisei ir pro [nome de hospital], fazer alguns exames, porque lá tem muito maquinário que aqui não tem, né, então eu acabei gastando uma grana que realmente</p>

		<p>minha família não tinha, que eu precisei ligar um monte de aparelhos supercaros lá pra fazer, é... pelo menos duas vezes por ano, o exame pra saber se tava melhorando ou não, porque eu acabei fazendo controle com remédios de tarja preta pra diminuir o nível de estresse, ansiedade e justamente pra diminuir a... essa relação do dia-a-dia, porque eu sempre fui muito proativo, eu fui... eu sempre fazia muita coisa, né, então eu tive que começar tomar esses remédios, pra diminuir a probabilidade de ter convulsão, então se eu tivesse convulsão na água, acabou, então ali eu fui interrompido literalmente a minha... minha trajetória na canoagem, então quando eu tava indo pro mundial eu já... eu me classifiquei pro mundial, vi todo mundo indo pro mundial e não pude ir, porque... por questão de saúde, é... então eu comecei a fazer esse tratamento.</p> <p>Uma das minhas maiores frustrações foi isso de como... como atleta falando, né, eu tenho certeza e isso ninguém tira da minha cabeça, que se eu tivesse a oportunidade de ter treinado com uma pessoa que soubesse gerenciar muito bem treinos, eu acho que a minha... minha trajetória na canoagem não teria terminado em 2003 pra 2004, né, acho que eu estaria, é... mesmo se eu não chegasse a atingir os... os meus objetivos, eu acho que eu poderia ter ido um pouquinho mais longe, assim, né.</p>
	E12	<p>Era a transição, realmente uma transição difícil do juvenil pro profissional, mas você tem... é aquela coisa, você como juvenil, você é número um do Brasil, você tá entre os dez, quinze melhores do mundo, aí de repente com dezoito, pra dezenove anos você começa praticamente do zero, né, a tua carreira como profissional, mas acho que foi da mesma maneira, eu fui aprendendo também, fui viajando, é... fui aprendendo com os meus companheiros de tênis, né, que tavam na mesma situação e foi aí que eu fui... fui crescendo e fui amadurecendo, né, de tudo isso que te força a amadurecer mais rápido.</p> <p>Com 18, pra 19, com... com 20... com 23 anos foi... foi onde eu alcancei meu primeiro objetivo e que era de tá entre os 100 primeiros do mundo, né. [...] Claro que era um objetivo, é... longo, né, uma longa caminhada, pra chegar lá, mas é... era um objetivo meu de... de criança, né, da época do juvenil eu falava: Um dia eu quero tá em primeiros do mundo, jogando muito tênis e representando o Brasil na Copa Davis, então com 23 anos eu... eu alcancei e consegui ganhar meu primeiro título também, como de torneio de primeira linha, né, que são os torneios da ATP.</p> <p>Bom, na verdade, claro que depois de... de tudo isso vem... vem mais cobranças, né, depois de você atingir os seus objetivos, é... eu acabei virando o número um do Brasil, no profissional, foi bem na época que eu... que eu acabei passando o [nome de atleta], o [nome de atleta] era sempre o número um e acho que ele tava tendo uns problemas... com alguns problemas, com as lesões e eu acabei passando ele, então, é... acabei tendo muito mais, é... pressão depois disso, eu me cobrava muito mais, mas da mesma forma a mídia... a mídia passou a me cobrar mais, então foi uma época difícil, conturbada, assim, mas e mais tarde é que eu fui entender realmente, eu fui administrar muito melhor essa... essa parte comigo mesmo, fui entendendo que era uma coisa normal e passei a curtir mais o circuito.</p> <p>Número um do Brasil foi 2000 e... primeiro semestre... primeiro semestre de 2005.</p> <p>Olimpíada não, Olimpíada é um... é um único evento, que realmente fico triste de não ter tido a oportunidade de participar. Todos os anos que eu tive ranking pra participar, não eram anos de Olimpíada.</p>
	E13	<p>Antes de 90 e... é, 92 eu já consegui terceiro lugar, na época foi Copa do Mundo, hoje em dia na verdade, substituiu, era... maior competição do ano, internacional na época júnior.</p> <p>Mudei a minha modalidade, minha distância principal, é, sempre até os 22, 23, meu foco era sempre distância Olímpica, aí depois mudei pra distância... pra maratona de distância, que não é mais Olímpico.</p> <p>Aí comecei, na verdade, retomei meio que as duas carreiras, continuei estudando, continuei treinando o máximo que dava e ao mesmo tempo já assumi também, comecei trabalhar, na época meio que seguia os três e funcionou, por uns três, quatro anos funcionou perfeitamente, na faculdade.</p> <p>Bom, depois mudei pro Brasil, em ano de 2001, aqui foram uns três... aí na verdade mudou totalmente minha vida, larguei minha carreira que tinha, bom... carreira... é, tinha um trabalho lá, larguei trabalho, larguei faculdade lá, saí da... conclui curso de bacharelado em Administração e mudei pra cá e aqui já tava meio que... aí aqui ainda treinei, três anos ainda treinei, no nível grande, mas já tava começando procurar, que que eu vou fazer aqui na minha vida? E na verdade aconteceu que em 2004, na... antes de... de ir pro mundial eu me machuquei... machuquei a mão, cortei a mão, foi uma besteira mesmo, cortei minha mão e tive três pontos e tal e isso, na verdade, assim, ali na verdade, larguei de ir participar no mundial, a partir daí em diante, aí comecei abdicar o que eu faço, em 2004 eu comecei com as aulas na escolinha e tô até hoje com a escolinha de canoagem, então hoje mudei totalmente meu ramo e... e agora tô com... tô com isso</p>

		<p>aqui.</p> <p>Que por uns quatro, cinco anos na verdade, ainda tentei treinar, assim, fui nos campeonatos, mas foi meio que pela inércia, eu acho que a última vez que eu fui num campeonato, assim, pensando um pouco mais sério, foi em 2010, três anos atrás, mas aí já fui em campeonato de canoagem oceânica total... assim, nada a ver mesmo, com o que eu fiz até agora e já fui de uma maneira bem relaxada.</p> <p>Assim, se eu diria de uma maneira que treinei pro campeonato 2010, porque na verdade, ano passado, ano retrasado, fui pro campeonato, mas sem treino nenhum. [...] Não dá pra dizer treino, com rendimento anual e mesmo já pra 2010, já foi treino, ah, sei lá, foi treino... três, quatro meses antes, depois dessa já, treino zero mesmo. Aí dedicação exclusiva só pra esporte, talvez podia ser uma atleta melhor, nunca foi por um atleta, pros Jogos Olímpicos, por exemplo, talvez podia, na época quando eu tinha 21... 20, 21 anos, era ainda jovem e competia na Tchecoslováquia.</p> <p>Na maratona... na maratona, é... na canoagem é 35 km, prova de oceânica tem 20 km, mais ou menos. Prova, assim, mais importante, tem provas menores, que são mais curtas, mas prova oceânica, o brasileiro de oceânica tem 20 km. Só que todo ano no campeonato mundial, tem série de Copa do Mundo também e tal, só que existem outras provas, que são fora desse formato, que tipo tem maratona no Rio Negro, maratona de seis dias de 350 km, na verdade isso foi um pouco também, lá pro final que eu já tava... saí da velocidade, tava na maratona e já tava até que meio saindo da maratona, eu fui pra Rio Negro, na Argentina, em 2003, que foi na verdade, naquele ano foi últimos campeonatos internacionais, que eu fiz, 2003 foi pra Rio Negro e 2004... e fui pro mundial naquela época e... antes disso, em 2000 fui pra maratona na África do Sul, que naquela época na verdade, na maratona eu já entrei um pouco mais, acho que já naquela época, eu já entrei que eu procurava me divertir também um pouco na maratona...</p> <p>Mas na época já tava mais... cansativo, mas, assim, estudava, tudo bem, estudava na faculdade, é, dava um jeito pra estudar, passava ano, vai, trabalhava, que na verdade no trabalho tive que fazer realmente, tive que trabalhar bem, se não, não conseguiria manter o emprego lá, então eu procurava na maratona, uma coisa à parte disso aqui, na verdade, já mudou o meu foco, eu tentei fazer o melhor, mas também já foi aquela coisa: ah, não deu... não deu, precisava terminar o serviço pro dia seguinte, ah, terminava o serviço, teve dia que varava a noite pra terminar a planilha lá, que era pra fazer, aí dia seguinte não fui treinar, mas, assim, ainda dentro disso aqui, me esforçava mais possível, máximo possível ainda dentro disso aqui.</p> <p>Então acho que a maratona foi, assim, aquela transição grande foi esse... esse negócio de entrar nas maratonas. Na verdade, quando... é que, quer dizer, canoagem é um esporte de muito pouca visibilidade, então vamos dizer, organização das viagens até os meus 20 anos, era tudo por conta do clube.</p> <p>Na verdade o que aconteceu em... 20 anos... em 95, é... foi um ano que não teve muito... não teve resultado no campeonato nacional e na verdade, sai do centro de alto rendimento, só que esqueci de falar.</p> <p>Na verdade, em... em 96 participei de uma seletiva, só que foi já, quando já era maior na verdade, né, mas ainda tava com aquela... aquela inércia indo no treino, né, e foi numa época que eu consegui, na verdade 95 foi o ano piorado, realmente foi, aquilo lá, deu tudo... tudo errado, deu errado na faculdade, deu errado em... deu errado na minha vida, fiquei doente, aí... me mandaram embora, aí ano seguinte meio que resolveu temporariamente, então até que em 96 eu remei bem, fiquei em segundo no campeonato nacional, só que era pra ser primeiro, só que fiquei com um tanto de diferença que, assim, né, fiquei meio frustrado, que foi uma coisa, já foi bom demais, aquele ano participei da seletiva Olímpica, mas depois nunca mais.</p> <p>Então lá, na época lá, até cheguei a trabalhar com isso, na minha... lá quando morava na República Tcheca, trabalhei com contabilidade inclusive, então é... não era contador, mas trabalhava, foi meio que contabilidade é... auditoria, coisa parecida, assim.</p>
--	--	---

B.3. Subcategoria: Lesão no esporte e primeira vez que pensa em aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Lesão no esporte	E1	<p>Foi onde eu acabei machucando o meu tendão, eu tive uma lesão no meu tendão de Aquiles [...] eu recuperei a lesão, mas eu não consegui recuperar a forma física e com isso eu não consegui embarcar pra minha quinta Olimpíada.</p> <p>É difícil você lutar com o corpo, quando o corpo chega e fala: Oh, não dá mais, é lesões que aparece, você começa se machucar muito...</p>

E2	<p>Eu senti uma dor muito forte aqui no púbis, tá, e eu... eu sou medroso pra operar. Aí eu fiz essa cirurgia no púbis, e eu não conseguia andar direito, eu tava andando parecendo mulher grávida quando faz cesárea, com a mão na barriga, aquela coisa, aí eu pensei em parar mesmo. [...] Fiz... fiz a cirurgia, a única que eu tenho no corpo, assim, de lesões de esporte.</p>
E7	<p>Eu só fui seguir treinando, aí entre 2007 e 2008, entre o Pan e as Olimpíadas, eu machuquei o pé, fraturei o tornozelo e tal, eu fiquei um tempo parado, e quando eu voltei a treinar, eu falei: Ah, agora não vou parar, porque eu me esforcei tanto pra poder me recuperar, tal, seguir treinando. Consegui jogando muito bem, Olimpíadas também eu ganhei de um jogador que tava entre os dez do mundo, né, então foi uma outra motivação pra eu continuar, seguir treinando.</p>
E9	<p>Só que daí, a lesão, mais forte do que eu, quando eu voltei de Pequim, o meu treinador [...] falou: Não quero ver a sua cara aqui na pista tão cedo, enquanto você não sarar dessa lesão, a gente só vai voltar a treinar, eu só vou te treinar se você se curar dessa lesão, quando você operar essa perna, quando você fizer qualquer coisa nessa perna, não me aparece aqui. Então, a gente voltou pra Joinville, em setembro, depois da Paraolimpíadas de Pequim, e eu iniciei um processo de fisioterapia. Aí, fiquei de dezembro, de setembro até dezembro fazendo fisio, em janeiro meu médico [...] me falou: Olha, voltei com uma técnica ótima, acho que vai funcionar pra você, a gente vai fazer o que os jogadores de futebol tão fazendo, a gente vai abrir esse músculo seu aí, e a gente vai inserir plaquetas no seu músculo, pra gente regenerar ele, vamo ver o que que acontece. [...] Aí, eu falei pro meu treinador, ele ficou super feliz, porque eu já tava desde setembro de 2008, isso já era maio de 2009, sem aparecer na pista [...]. E a gente ia se falando, eu ia segurando peso, pra não engordar, porque você fica só na fisio, então você acaba engordando. Claro que lá eu corria, eu fazia tudo, eu nadava, tudo, mas não é a mesma coisa da atividade que eu tinha, que era forte.</p> <p>Eu só não ganhei medalha de ouro por uma fatalidade mesmo de não ter, de ter rompido [...] o músculo, eu não consigo nem ver essa fita, até hoje. Eu tô... tô ainda bloqueada, eu sei que eu tenho que vencer esse medo, eu tenho que... eu sei que eu tenho que superar isso, mas ainda é uma... uma fita, uma coisa que ainda é difícil pra mim... pra mim ver, ainda, hoje. Como eu te falei depois disso eu acho que eu não fui mais a mesma atleta, acho que eu fiquei mais com medo, mais retraída, sei lá.</p>
E11	<p>Na minha opinião hoje, vendo o ponto de vista de treinador, ele [o antigo técnico] não conseguiu fazer uma gerência de médio a longo prazo [...] ele acabou forçando uma situação pra ter um ótimo rendimento, mas isso foi me desgastando e foi me afastando de uma vida longa no esporte dentro da modalidade, por conta de lesão, né, que lesão pra mim é incompetência técnica, isso pra mim não existe, assim... [...] a canoagem não existe contato, não existe impacto, é meio líquido.</p> <p>E aí num sábado eu fiz um treino superintenso, aí eu cheguei em casa, deitei no sofá e acordei terça-feira no hospital, então aí eu comecei a ter crises convulsivas e tudo mais [...] depois precisei ir pro... Incor, fazer alguns exames, porque lá tem muito maquinário que aqui não tem, né, então eu acabei gastando uma grana que realmente minha família não tinha, que eu precisei ligar um monte de aparelhos supercaros lá pra fazer [...] eu acabei fazendo controle com remédios de tarja preta pra diminuir o nível de estresse, ansiedade e justamente pra diminuir a... essa relação do dia-a-dia, porque eu sempre fui muito proativo, eu fui... eu sempre fazia muita coisa, né, então eu tive que começar tomar esses remédios, pra diminuir a probabilidade de ter convulsão, então se eu tivesse convulsão na água acabou, então ali eu fui interrompido literalmente a minha... minha trajetória na canoagem, então quando eu tava indo pro mundial eu já... eu me classifiquei pro mundial, vi todo mundo indo pro mundial e não pude ir, porque... por questão de saúde, é... então eu comecei a fazer esse tratamento. [...] aí eu acabei me distanciando mais da modalidade, porque aí criou uma situação super ruim, né, em dois anos, que eu passava aqui na frente todo dia, né [...] um marco superfrustrante nesse sentido, aí foi... e aí acabou criando uma situação em que eu não sabia mais o que eu ia conseguir fazer, se ia conseguir remar ou não e tudo mais, levou dois anos pra eu voltar a dar minhas primeiras remadas depois.</p> <p>E comecei a treinar e comecei a andar de novo a nível nacional superbem, não tava ganhando, mas tava andando entre os quatro, cinco atletas do Brasil e aí vindo pra cá de madrugada eu fui atropelado. [...] eu fui atropelado quatro e trinta e duas da manhã, na Raposo Tavares, quando um micro-ônibus foi querer tirar a fina, ele passou por cima, só que eu tava com capacete [...] aí eu tive uma lesão por contração no músculo das costas, o grande dorsal, então ele encurtou, aí eu fiquei mais seis meses pra conseguir fazer força, aí eu falei: Putz, tem alguma coisa errada, então Deus tá falando comigo que... o caminho não é esse.</p>
E12	<p>Eu sou um jogador que eu tenho estilo de jogo, eu dependo muito da parte física, então, é... já tava ficando difícil realmente pra mim... com dores no quadril, eu tenho uma lesão moderada,</p>

		não é grave, mas é uma lesão que me atrapalhava um pouco, né, eu conseguia administrar bem, mas ao mesmo tempo já vinha me atrapalhando um pouco.
	E13	Em 2004 [...] antes de... de ir pro mundial eu me machuquei... machuquei a mão, cortei a mão, foi uma besteira mesmo, cortei minha mão e tive três... três pontos e tal, e isso na verdade, assim, ali na verdade, larguei de ir participar no mundial, a partir daí em diante, aí comecei abdicar o que eu faço, em 2004 eu comecei com as aulas na escolinha e tô até hoje com a escolinha de canoagem.
Primeira vez que pensa em aposentadoria	E1	Aconteceu em 2008, né, foi um... é um fantasma que começou, assim, rondar, né, eu falei: Poxa, eu tava tentando ir pra quinta Olimpíada. Já que eu não consegui, não tinha mais porque eu... eu continuar dentro do esporte, sendo atleta, já uma carreira tão bacana, tão bonita, né, uma carreira muito bem construída, chegou o momento de aposentar e... e parar, mas aí vinha a pergunta, e agora, eu paro e eu vou fazer o quê? Eu não me preparei, eu não tô preparado, o que que eu vou fazer da minha vida? E foi, assim, um momento, assim, de quase depressão mesmo, de entrar em depressão, porque já tinha anunciado pra todos os veículos de comunicação que estaria me aposentando.
	E2	Eu parei em 2005, acho que foi a pior coisa que aconteceu, na minha vida esportiva, porque quando você começa, é... ninguém tá te vendo, ninguém tá nem aí, você vai quando dá, você faz as coisas, você quer se mostrar pro esporte que você é capaz, pras pessoas investirem em você e algo mais, só que quando você para, você já tá acostumado, porque o atleta... é como a gente... a gente tivesse, assim, um monte de babá, então depois que eu vim pra Prudente, que tinha uma equipe já boa, a antiga [nome de clube], aqui eu tinha um médico, que tivesse com dor de barriga... se eu tava com uma dor em algum lugar, eu tinha um fisioterapeuta, eu ia na psicóloga, eu tinha os amigos, tinha os puxa saco, que atleta, quando você tá fazendo um resultado, tem um monte de gente, mulher, não sei o que, que fica te bajulando, só que quando você para, você... e outra coisa, cê tá acostumado com aquela vida, então minha vida aqui em Prudente, era o quê? Era dormir... Tomar suplemento, treinar, tomar suplemento, comer, dormir, treinar... treinar e fazer esse percurso, até chegar na competição e competir. Então eu senti que eu tava dentro de uma redoma, né, protegido, porque eu esqueci a vida do lado de fora. [...] Que hoje eu sou um pouco mais bagunceiro, assim, é porque eu não ia no aniversário de ninguém, a gente não ia no cinema, aquele tempo tinha esses bailinhos, né, bailinho, essas coisinhas, assim, eu não ia nisso, porque a minha vida era somente esporte, então eu não tinha vida social, é... com outras pessoas, a não ser o... o grupinho do esporte e eu acostumei com isso, então eu ia pra casa de um colega ou outro... e eu acostumei, e depois quando eu fui parar, claro que meu corpo não tava aguentando mais mesmo, que a gente que trabalha com velocidade, explosão, ação, reação.
	E3	Vida de atleta não é fácil, viu. Muitas vezes, com certeza, a gente pensa em desistir, né. É difícil falar assim, a primeira vez que pensei nisso. Porque isso passou várias vezes na cabeça, né. Mas, não tem como, né. É difícil, por isso que... Você acaba pensando: Ah, por exemplo, na natação, eu queria, sei lá, fazer um tempo x, eu não consigo fazer esse tempo x, e às vezes a gente fala: Putz, meu, treinou tanto, e não conseguiu alcançar o objetivo. Então, é bem difícil falar assim, nossa, a primeira vez que pensei em parar foi, é, assim. Realmente é difícil, hein.
	E4	Em 2001, eu parei de jogar por algumas horas, né. Eu decidi. Não durou muito, mas eu em 2001, é, eu tive meu melhor ano em 1999. Eu, em junho de 2000, em Roland Garros, eu parei de treinar com meu treinador de sete anos e meio. [...] Fiquei seis meses fora. Comecei a namorar sério, nesse meu final do ano, não estava jogando bem, tava um pouco confuso em algumas coisas da vida. Você chegar no teu auge, que é uma coisa muito legal, mas também te confunde muito, então qualquer derrota você meio que não entende, então vem aquela dúvida, será que eu era bom como em 99, ou ruim como em 2001, né? Então, a primeira coisa quando você... Eu tinha uma coisa na cabeça, quando eu não tivesse mais prazer de treinar, de viajar, estar no dia a dia do tênis, que eu pararia.
	E5	Foi... talvez aqui por volta da Olimpíada de 96, já estava com 26 anos e terminando a faculdade e eu tava tentando imaginar como seria uma transição ou o que eu faria depois, não tinha muita ideia do que seria isso, não.
	E6	Em 2003 eu quase parei de jogar mesmo, porque... aliás, várias vezes nesses anos, a gente passa por altos e baixos e muitas vezes quando cê tá na pior, você não aguenta, mas, assim, se eu abri mão de tanta coisa, pressão, pressão própria e aí eu não consegui ir pro Panamericano de Santo Domingo, né, que eu era bem cotado pra ir e na verdade perdi numa seletiva na mesa, não foi nada político, perdi mesmo, eu falei: Ah não, chega, não quero mais, né, não aguento mais.
	E7	É que eu ainda nem pensei ainda também, né. Pra mim, foi mais um convite da Confederação, né, desde a metade do ano passado pra cá... [...] porque em 2007, teve o Pan do Rio, né, e eu falei

		que tinha sido a minha última participação de Jogos Panamericanos, fiz aquele, fiz uma despedida, né, chorei, depois que eu perdi na semifinal do individual, era meu último jogo em Pan. [...] Foi só aquele pensamento que poderia ser o último Pan, em 2007. Poderia. Não que eu... Vou falar e pronto, né. Que poderia. Mas, depois do Pan, eu queria jogar. Poderia ser o último o Pan, mas eu tinha o objetivo de jogar as Olimpíadas de 2008, ainda. Então, por isso que eu não ia parar completamente, né.
	E8	Eu pensei em parar de nadar, é, logo depois, em 2004, em Atenas, na verdade. Só que assim, eu não pensei: Vou participar de Atenas e vou parar. Eu pensava, eu vou competir, né, voltar, e depois eu vejo, acho que tá na hora de parar. Eu tava pensando assim. Por outro lado, eu ainda, por todo o contexto, na verdade, por todo o contexto da minha vida profissional, que eu tava desenvolvendo, né. Mas, por outro lado, ainda tava dando muito resultado.
	E9	A primeira vez que eu pensei em parar, acho que foi quando... depois que eu tive a minha filha, que eu fui buscar essa ajuda lá, com o pessoal, quando ela fez cinco, seis meses.
	E10	Eu que tava prestes a desistir já, eu já tava feliz, tava pronta pra parar e como eu te falei não era uma coisa que os meus pais projetavam muito em mim, pelo contrário eu acho até que eles ficavam um pouco, assim, preocupados. [Pensei em aposentar] muitas vezes, muitas vezes porque, ah principalmente... [...] é, aí eu já achei que tava bom né, não tava bom e eu falei: Eu tinha conseguido, eu tenho... um dia eu contabilizei minhas medalhas, vai, que não quer dizer muita coisa, na verdade, porque tem muita medalha que são provas... provas paulistas e tal, e... dá até vergonha de, às vezes, apesar de eu ter maior carinho por todas. [...] Se cê comparar com outros esportes, né, não é que, assim, seja coisa, assim, é... todas maravilhosas, mas eu acho que eu tinha uma ou duas, talvez de algum campeonato paulista, todas as outras eu ganhei depois, né, então minha carreira mal tinha começado na verdade, quando eu primeiro pensei em me aposentar com dezoito anos. Em 2001 eu parei por um ano.
	E11	Na verdade eu nunca pensei em parar, né.
	E12	Ah não sei... eu não sei exatamente [...] mas eu comecei a mencionar mais sobre esse assunto, a partir do momento em que eu comecei a ficar cansado das viagens, a rotina de treinos começou a ficar mais pesada [...] assim, começou ficar muito difícil, ficar longe por muito tempo, foi quando eu comecei a... a meio que me questionar, mas isso eu ainda segui por... com certeza mais de ano, desde o momento em que eu comecei a me questionar, até o momento em que eu realmente parei.
	E13	Então aquele ano [2004] foi meu... foi frustrante, na verdade, foi um pouco frustrante, mas como já... ao mesmo tempo eu já tava resolvendo a situação, já sabia que não ia... é, sabia que não era, assim, sabia que não...

B.4. Subcategoria: Preocupação com aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Preocupação com aposentadoria	E2	Aí fiquei naquela coisa, mas parei, chorei, fiz aquele monte de coisa que... e continuei um tempinho no esporte ainda, mas aos poucos eu fui abandonando mesmo... aquela ideia de atleta... claro que eu tinha me preparado psicologicamente, mas não funcionou muito bem, não, e eles também me prepararam pra fazer outra coisa, sempre pensei no lado financeiro, você guardar, ter sua casa, patrimônio, porque o esporte vai passando na vida de todo mundo. Depois disso [2003] o meu resultado, eu já não conseguia repetir os melhores resultados, então o atleta tem aquela coisa, eu tava perdendo pra gente pior, que nunca ganhou de mim, então aí eu falei: Puxa vida... eu sentei com meu treinador e a gente começou conversar. Ele falou: [...] Vamos parar por cima, cara, porque a tendência agora do corpo da gente, é só cair, então a gente chegou aqui no... saiu do ponto zero, foi subindo, atingiu o ápice e o ápice foi um até um tempo, depois a tendência é cair mesmo, não tem como mais. Aí eu falei: Não... não quero, vou tentar mais uma vez, tentei um monte de vez, comecei escolher competições, aí eu achei que eu tinha que parar, então eu sempre fui um cara muito guerreiro e eu sempre gostava de correr com os melhores, com o mais forte, aí eu a comecei escolher competição... competição que tinha cara fraco, essas coisas, o regional que é... a primeira competição nossa, pra mim já tava sendo principal, então eu falei, assim: Nossa! To vergonhoso mesmo, então vou parar. Aí eu combinei com meu treinador que em 2005, no campeonato brasileiro tinha um revezamento.
	E3	E aí, depois, eu fiquei até 2008 me dedicando só à natação, né. Mas você vai vendo que vão surgindo jovens, você vai vendo que a sua, me fugiu a palavra, né, ah, você vai vendo que os seus

		reflexos já não são mais os mesmos, você, por mais que você treine, treine, você vai vendo que a gente acaba tendo mais dificuldade, né. Vão surgindo jovens, jovens, e uma coisa que eu sempre falo, que a mídia, ao mesmo tempo que ela te joga lá em cima, ela te derruba. Então, quando eu fui ver, ah, começou a ficar mais difícil, difícil sempre foi, mas eu fui vendo que muitos jovens começaram a surgir, eu falo: Poxa, e daí, se eu continuar, não vai dar certo, porque os resultados vão ser outros, eu vou começar a decair. E aí você, num certo momento, eu comecei a pensar, melhor não, melhor eu parar no meu auge, eu acho que é a melhor coisa que eu tenho a fazer.
	E5	Mas como eu continuei a treinar, nadar, eu só fui voltar a ter uma ideia mais abrangente, sobre o encerramento da carreira, a partir da Olimpíada de 2000 e quando eu retornei para o Brasil. Então aquele período entre 2000 e 2004 foram cruciais, porque é quando eu comecei a investir em alguns negócios, participar de negócios relacionados a bares e academias e é o que eu tenho hoje, tudo nasceu dali, daquela época entre 2000 e 2004.
	E6	É, de fato, aí acho que quando você entra na faculdade, é... e vai passando os anos, cê já vê que cê já não é... cê vai ter que tomar um rumo na vida, né, e depois forma, acho que nessa época universitária, né, acho que mais ou menos era um momento que me dava um friozinho na barriga. Assim, na época de 99, eu tava no cursinho, então foi uma outra época que eu tava bem desgastado, por causa do tênis de mesa, então pra mim, como... eu acho que foi um pouco diferente, pra todo mundo... o pessoal dedica 100% pro esporte, quando quer, né, larga tudo, eu acho que normal, é válido, mas no meu caso, aquele ano, em 99 eu tava bem estressado, assim, por causa do tênis de mesa e o fato de eu ter dado um brecada e me dedicado no cursinho foi muito bom, porque, assim, aí eu... eu desfoquei um pouco, né, do tênis de mesa, mas eu não parei de jogar, eu... assim, eu treinava cinco, oito horas todo dia e passei a treinar três vezes por semana. De 2010, de 2004 a 2010 foi um processo, assim, eu fui diminuindo a minha carga do tênis de mesa e à medida que eu ia... diminuindo a minha carga do tênis de mesa, eu ia aumentando aqui na empresa.
	E7	Pouco a pouco, tá vindo à minha cabeça, né, que eu posso ajudar, eu gostei dessa parte da comissão técnica, né. É um... Eu canso, é um cansaço diferente, né, de atleta. Mas é uma coisa que eu posso ajudar bastante, então... Mas eu acho que esse ano aqui, a partir do meio do ano, pra frente, eu devo realmente já, é, focar muito mais na parte técnica, do técnico, do que como jogador. [Em 2007] foi mais pelo impulso, porque o pessoal tava falando, sabe? Parava você, “vai parar ou não?”. Não que vinha da minha cabeça essa decisão, né. Falava: Não, pode ser que eu pare. Porque a gente nunca sabe, né. Porque de uma Olimpíada, de um Pan pra outro [...] é muita coisa pra acontecer, mas... Nunca cheguei a... em casa, e falei: Pronto, não vou mais treinar.
	E8	Nunca foi [uma preocupação] porque eu sou uma pessoa que, se parasse de treinar, eu ia ter, eu ia preencher meu tempo, e... Hoje me falta tempo, mesmo sem treinar.
	E9	Ah, depois que eu vi, quando passou, 2011 chegou, e ninguém me procurou, e as coisas começaram a acontecer, e eu vi que eu precisava partir pra outro lado, né.
	E10	E aí ao longo desses nove anos treinando [...] a gente teve muitas crises, né, crise... em 2000, quando eu não me classifiquei pra Sydney eu cheguei a parar... eu cheguei a parar um ano, não foi logo depois, né, acho que eu esperei... eu esperei passar aquela ressaca, né, da frustração de não ter ido e tal [...] coincidiu com a minha formatura da faculdade, quer dizer, eu gostaria de... de ter feito coisas durante a minha carreira no meu tempo na faculdade, diferente, então eu sentia que eu tava realmente abrindo mão de muita coisa, eu queria ter começado a trabalhar mais... mais cedo, eu queria me formar com mais experiência e eu não tinha, é... eu tinha... eu, até muito tempo atrás, até alguns anos depois, eu sofria um certo preconceito até de outros colegas, por... por fazer uma outra atividade, além da arquitetura e... e normal, porque a gente tem dificuldade de aceitar que alguém pode fazer outra coisa e que as duas coisas podem ser sério e que você... sabe eu mesmo, eu tenho esse preconceito comigo mesmo, eu tinha, sabe? Eu não acho que seja uma coisa, assim, tão difícil de... de aceitar, mas, é... mas acaba te atrapalhando um pouco, né, porque as pessoas, às vezes, tinha dificuldade de me levar muito a sério, achava que: Ah, ela tá treinando, tá competindo, ela não tá muito a fim, né, de fazer outra coisa, ela quer... ela quer, no fundo... no fundo ser atleta e me perguntavam: Pô, quando é que cê vai largar a faculdade? Eu falava: Mas eu não quero largar a faculdade... eu adoro isso aqui, eu quero fazer isso aqui realmente, e o esporte... assim, pra mim, cá entre nós, é muito maçante, né, assim, eu achava muito maçante, eu achava maravilhoso a sensação da superação, o resultado e tudo mais isso sempre dá uma energia a mais pra você continuar e perceber que cê pode melhorar, são momentos superemocionantes pra mim que eu vou levar pro resto da vida, mas, é... mas é limitado, né, cê fica lá fazendo aquilo todo dia, é um saco no fundo... no fundo, né, os

		atletas... quem não faz o esporte acha que é só aquele momento do pódio, né, da alegria e da felicidade, mas... mas cá entre nós é muito difícil... muito difícil, eu achava muito difícil, não sei.
--	--	--

B.5. Subcategoria: Momento da aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Momento da aposentadoria 1	E1	<p>Em 2008, no mesmo ano eu encerrei a minha carreira. [...] Foi um momento, assim, muito complicado... é muito, eu diria, assim, que esse momento... na vida, o atleta quando... quando ele é um atleta de alto rendimento e de alta performance, a gente sempre costuma dizer que os nossos grandes adversários são quem tá muito bem, igual a gente, né, que nem na época os americanos, os ingleses, os jamaicanos, mas eu vi que eu me enganei, na verdade eu acho que o nosso grande adversário é esse momento, quando chega de saber que você tem que aposentar, que não dá mais e que você tem que fazer alguma coisa quando você se aposenta, foi um momento muito complicado pra mim, porque você perde o chão.</p> <p>Então eu fazia free-lance, mas não era uma coisa muito certa ainda, então eu acho que o pessoal da [nome de canal de televisão] só tava esperando eu me aposentar pra eu ter um contrato, eu ter alguma coisa, após a... o meu anúncio da aposentadoria demorou ainda uns sete, oito meses, eu fiquei ainda nessa depressão e nessa incerteza de saber o que eu poderia fazer, né, é... após esses oito meses, eu recebi o convite pra ser comentarista e depois da minha... aposentadoria, eu entrei num projeto da [nome de organização], que é a patrocinadora oficial do atletismo. [...] foi após a Olimpíada. [...] na verdade foi no período da Olimpíada, porque eu tava tentando o índice pra ir.</p> <p>Eu recuperei... recuperei a lesão, mas não recuperei a forma... a física, então eu não consegui. [...] Então eu ia ficar naquela, poxa se eu tivesse ido, será que eu teria conseguido? Então eu acho que foi bacana eu ter ido lá, lutado, tentado, eu não consegui, pelo menos eu me conformei.</p>
	E2	<p>[Em 2005] aí parei, fiquei um bom tempo sem fazer nada, é... tinha um tempo muito ocioso... aprendi a beber, né, aprendi a beber e fazer essas coisas que eu não fazia, sei lá, acho que eu participei... [...] um tempo eu fiz uma pesquisa, que a maioria dos atletas quando param, eles tem um... eles puxam um pouquinho pro lado do alcoolismo, né, não sei se você percebeu? Muitos, mas muitos mesmo. Não é muito a cultura nossa do atletismo, porque a gente aprende a beber depois, você aprende, mas o futebol que tinha muito, porque acabou o jogo você foi embora, que eles falam, assim, né, todo mundo vai tomar a cerveja, mas aí eu fiz uma pesquisa e depois eu mesmo tirei a conclusão por mim, que você fica desprotegido, então você tem essa resistência física que a gente tem, né, da vida inteira... a gente consegue beber um pouco mais que os outros, né, que... tô com o corpo bem dizer puro, né, e... mas aí você fica ansioso pra tentar fazer alguma coisa, eu tentei fazer um monte de coisa e... o que deu certo pra mim, eu trabalho aqui, com um projeto aqui com... em Prudente, com crianças, é... hoje eu trabalho com 465 crianças mesmo.</p> <p>A gente da aula nas escolas, né, e junto com o projeto aqui da cidade que chama [nome de projeto].</p> <p>A prova que eu mais me destaquei, né, de 200, eu falei: Ah, se eu for campeão nessa prova aí, eu vou parar, fui campeão e anunciei a minha aposentadoria ali.</p> <p>Nunca [tentei voltar]. Eu competi aqui em Prudente mesmo, ganhei algumas medalhas, mas não me empolgou, não, porque, assim, eu perto dos cara... eu tava muito forte e eu me sentia... vergonha, sabe... eu via os velhinho lá... não velhinho, os cara tava acabado, porque a maioria dos master, eles nunca foram atleta... é o cara que tinha vontade de ser atleta, aí tá numa sequência tranquila, né.</p>
	E3	<p>Na verdade, eu vinha pensando em ir pra China, né, Pequim, e na cabeça já falava, não, Pequim vai ser a última. Trabalhando na minha cabeça, um tempo antes, né, pra não... porque realmente é difícil parar. Mas eu fui trabalhando isso comigo, e então foi difícil, mas não foi tanto, graças a Deus. [...] eu parei de uma vez. [...] Logo depois de Pequim, eu... Na verdade, foi no fim do ano de 2008, né, aí eu, em 2009, eu comecei não nadando mais.</p>

E4	<p>Então [em 2001] eu passei uns três, quatro meses sem muito prazer, viajando sozinho. Por escolha, mas com o tempo não curti, e ao invés de pensar em contratar um técnico, eu pensei na possibilidade de parar. [...] Sem treinador, viajando sozinho, sozinho, sem família. Eu viajei sozinho seis meses. Em Montevideu, depois de um jogo até com o [nome de atleta], eu perdi pra ele lá, mas nada porque eu perdi dele, mas... Depois desse jogo, eu saí da quadra, eu estava viajando com meu pai naquela semana, as poucas semanas que meu pai viajava, e olhei pra ele, e falei, saí da quadra assim: Você viu meu último jogo meu como profissional, eu parei. E meu pai sempre foi um cara muito ponderado, fotógrafo, artista, super tranquilo, foi uma decisão de coração. Ele falou: Não que eu queira, não que eu ache, mas é uma decisão tua, não é uma decisão quente depois de uma derrota, não? Não, é uma decisão tranquila e beleza. [...] quando meu pai saiu da quadra, eu fui embora pro hotel, meu pai ficou no clube ainda um pouco, conversou com o [primeiro técnico] [...] e meu pai falou: Meu filho acabou de me falar que vai parar de jogar tênis. “Ah, não vai não, ah, não vai”. E ele tava treinando ninguém na época. Na verdade, ele tava treinando [outro tenista], mas não era uma coisa assim que ele não poderia me dar uma atenção. Ele falou: Deixa comigo, vou conversar com [ele]. Aí, ele marcou um jantar naquele noite mesmo, a gente foi jantar, e ele me indagou, “você não vai parar de jogar, volta a treinar, pensa e repensa, se está faltando para você motivação, tá faltando um cara legal do teu lado dando risada, curtindo outra maneira”. E eu voltei. Eu voltei aí, essa história de voltar, e fazer, mas eu tinha parado. É difícil, é uma decisão muito difícil, mas... Tive ela duas vezes, uma por mim, e uma por ele.</p> <p>Eu comecei a olhar antes, eu fui um dos que conseguiu olhar, 2001, 2002, eu tô pra parar, e aí, o que que eu vou fazer depois? Vou dar aula? Não quero. E aí, eu contratei uma menina [...] basicamente pra isso. “Olha, eu quero que você me jogue coisas, lógico, você vai cuidar da minha carreira, mas eu quero que você jogue coisas que eu vou fazer quando eu parar”. Então, o papel dela era... Eu viajava, voltava de viagem, e ela me falava: Olha, tive vendo aí... Eu lembro, que fiz uma reunião [...] no restaurante [...]. Aí eu sentei pra falar com a proprietária. E ela falou: Olha, pra você ter um restaurante, vai investir mais ou menos tanto, você vai trabalhar tanto, acontece isso, isso. Saí de lá e falei: Restaurante, não. Daí eu sentava pra conversar [com a turma de bares], [...] e falei: Putz, legal. [...] Ah, não. “E se a gente importar óculos, trazer óculos da China, e...”. [...] Ah, não. A gente foi indo assim, até o dia em que eu recebi uma proposta pra fazer um piloto, que ela também fuçou, e pra fazer um piloto [na televisão]. [...] Fiz 16 programas, e enquanto eu jogava, eu migrei pra televisão, enquanto eu jogava no último ano. Quando eu parei, eu já tinha uma coisa de televisão, então já tava empregado, que é o grande desespero do atleta quando para, né. Então, esta foi a primeira e, a partir daí, ficou mais fácil de ir. Pelo título do Panamericano também, abriu muita porta.</p>
E5	<p>Os resultados, eles não acontecem do jeito que... que talvez você gostaria ou que já aconteceu no passado e você tá numa outra fase da sua vida, com filhos, com negócios e outras coisas que você quer se dedicar, é o momento certo pra parar. É só isso, então não tem uma razão que fala, assim: Agora você para. Eu tomei a decisão de parar nas Olimpíadas quatro anos antes. Então não foi assim, eu vou... vou parar hoje e depois da última prova eu tomei essa decisão, não, eu tomei a decisão quatro anos antes. É um processo, é uma transição.</p>
E6	<p>[A participação] pela seleção, 2004 foi a última e porque eu queria começar a me dedicar um pouco pra área, que eu fiz administração de empresas, né, e aí eu falei: Não, eu gosto disso, eu quero me dedicar pra outras coisas também, né, que o tênis de mesa sempre me privou, né.</p>
E8	<p>Em Pequim, depois de participar da última prova, eu parei tudo, eu tava decidido, já. Eu falei. Quando tava decidido, quando terminou a competição, assim, não foi, eu acho que... É pior quando você ainda quer, por exemplo, participar de uma competição, e você não é convocado, e aí você resolve parar por causa disso. Isso deve ser mais triste, isso deve ser um pouco frustrante pro atleta, apesar de que tem que acertar, de uma maneira, ou de outra. Daí, acabar, é uma questão de tempo, você tem que aceitar. Mas como no meu caso, eu falava pra mim mesmo: Eu conseguindo, ou não conseguindo, eu vou encerrar minha carreira, mas eu quero tentar conseguindo... E deu certo. Pra mim, foi muito gratificante e sucesso, né, na verdade.</p> <p>Eu cheguei em 2008 em Pequim, no meu auge dos resultados individuais, e eu já tava com... 2008, eu tava com 42 anos, já. Então, quer dizer, a idade já avançada pro esporte, entre as aspas, né, mas tava com um resultado bom.</p>
E9	<p>Depois que eu tive a minha filha, que eu fui buscar essa ajuda lá, com o pessoal, quando ela fez cinco, seis meses, que eu vi que o pessoal não me procurou, que ninguém deu, que ninguém me deu atenção, assim, eu vi que eu tava sozinha.</p> <p>Porque eu gostaria, sinceramente, te falo de verdade, gostaria muito de ter deixado de ser atleta, mas eu gostaria de estar lá dentro, de alguma forma. Meu objetivo, quando eu fiz, quando optei</p>

		pelo Jornalismo, era esse... minha intenção, no dia que eu parasse minha carreira atlética, a minha intenção era continuar sendo jornalista pra acompanhar as Paraolimpíadas, entrevistar os atletas e continuar naquele, naquela mesma coisa, no meio, mas numa outra área, essa era a minha vontade. Para não largar o cheiro da pista, porque cheiro da pista é um negócio que me dá muita saudade, né, do cheiro da pista, né, daquele cheiro, daquela sensação. É loucura, né, falando, só tem louco.
	E10	Depois que eu fui pra Atenas, o [ex-técnico] ficou em Cuba, morando em Cuba, e... eu passei mais quatro anos no Brasil, como eu te falei... muito motivada pela bolsa atleta, porque é esse momento em 2004, eu já tava casada, né, o meu atual marido [...] e tava muito motivada em tocar minha vida, tava muito realizada por ter ido pras Olimpíadas, principalmente... é interessante, o evento em si é maravilhoso, o dia que eu me classifiquei é um dos dias mais felizes da minha vida. [...] então eu considero que a minha aposentadoria foi em 2008.
	E12	Eu anunciei antes que seria o meu último torneio [Brasil Open de 2013].
	E13	Eu podia na verdade, na verdade, eu até que podia ir, porque, assim, fiquei com pontos [na mão que havia cortado], sei lá, fiquei um mês sem remar, mas dava pra ir, por exemplo, no... eu consegui vaga pro campeonato mundial, só na época tinha que pagar do meu bolso e tal, mas eu já tava acostumado, mas eu falei: Não, chega, foi meio que falar, quer saber? Chega... chega, quem ficou mais frustrado, por exemplo, foram os meus pais.
Momento da aposentadoria 2	E1	Voltei... voltei várias vezes, ixi, eu voltei, mas nada oficial. Então, aí depois... depois disso, eu fiquei meio que... eu falei: Poxa, deixa eu tentar de novo, tentei, arrisquei saltar, fazer o salto em distância, mas nada oficial. Eu acho que foi mais uma paixão ainda, uma chaminha que tava acesa ainda, não querendo apagar. [...] Foi nesse momento que eu resolvi, entender que acabou.
	E2	E eu me senti, assim, nossa, era vergonhoso correr ali com eles, eu ganhava claro, né, quando eu entro eu vou ganhar mesmo, assim, no sentido, se eu tiver que ganhar eu não brinco, mas aí eu fui pro master e não gostei não, então foi a única coisa que eu voltei correr, voltei pro esporte em 2006, só que foi no bobsled. [...] Aquele trenó na neve, fui lá, que era uma roubada, né. Aí eu participei da... dessas Olimpíadas, depois de Turim, também não fiz mais nada de esporte. [Experiência] ruim. Ah, a gente caiu três vezes, bateu a cabeça, voltei com o braço machucado pra casa, eu fui pra... mais pra ajudar a divulgar o esporte. [...] Sim, fui convocado, fiquei treinando em Calgary no Canadá, depois eu fui pra Salt Lake City nos Estados Unidos, mas eu não... eu não ia entrar, aí o menino desistiu, o outro foi pego no doping e eu acabei descendo, não foi bom não.
	E4	Na verdade, em 2003, eu parei com o mesmo cara que me fez voltar jogar, me fez parar de jogar. Antes do Panamericano, foi ele que chegou pra mim e falou: Olha, está na hora de você parar de jogar tênis, você não tem mais ilusão nenhuma de jogar, joga o Panamericano e pare, porque precisamos ter mais tesão de jogar. O cara que te bota, te tira. A minha sorte foi parar realmente na hora certa. De repente, se tivesse parado em 2001, eu teria faltado alguma coisa. Mas o que eu acho, é que não teria parado, não, forever. Se eu tivesse voltado pro Brasil, e ficado, não ido pra Austrália no começo do ano, e começasse o ano sem jogar, eu não jogaria mais. [...] Mas eu tinha uma tranquilidade muito grande. Eu, se não tivesse ganhando muito. Eu me pergunto, se não tivesse vencido o Panamericano, você pararia igual? Com muito mais chance. Muito mais difícil parar ganhando do que perdendo. Perdendo já tinha a decisão, já ia parar mesmo. Foi o Pan de Santo Domingo. Então, não queria. Eu percebi que o esforço que eu tava tendo numa quadra de tênis era muito grande. Eu queria também ter o outro lado, 32 anos de idade, queria formar uma família, queria ficar um pouco em casa, sabe. Já percebi que não conseguiria mais do que já tinha conseguido, então tem vários fatores que fazem você perceber que a hora é de parar mesmo. Ele [ex-técnico] foi muito inteligente. A gente vinha conversando. Eu vinha tendo o pior ano, 2003. Caras de quem normalmente eu ganhava, eu perdia, e com muita dificuldade pra treinar em 2003. E aí, a gente chegou em Roland Garros, que eu esperava um ano inteiro para jogar o Roland Garros, eu fiz semifinal em 99, fiz três vezes oitavas de final, minha maiores vitórias foram lá, grandes jogos, apelidos, os caras me chamavam de [nome de apelido]. Então, eu tenho muita... Não posso ter a mesma vivência que [outro tenista] teve, que ganha três vezes, mas a minha era muito grande. Era semifinalista, uma coisa muito grande. E quando eu cheguei em Roland Garros, eu já sabia que eu tava sendo mirado pelo meu treinador, tipo, você está desmotivado nos últimos campeonatos, mas será que você vai ficar desmotivado também no Roland Garros? E aquele ano foi a primeira vez que eu tive um jogo qqualy, depois de 14 anos. E eu joguei o qqualy, na primeira rodada, contra um argentino, amigo meu, e eu joguei, tipo, 40

		<p>minutos saí da quadra, 6x2, 6x3, não lutei, não, como se tivesse jogando campeonato em Piraporinha. E aí, quando acabou o jogo, aí ele virou para a minha cara, e a primeira coisa que ele me falou: Cara, você não tem o direito nem de ficar triste. Uma coisa é ficar triste, pô, tentei, fiquei triste porque eu perdi. “Meu, você nem tentou, você não quis”. “É duro como eu te falo, uma hora eu ia ter que te falar”. “Eu posso te enrolar por mais seis meses, mas eu ia te enrolar na sua carreira, eu acho que você tem que parar”. E na hora eu falei: Putz, de repente você tem razão. E como ele fez da minha ida, “pensa uma semana”. Eu falei: Cara, eu não preciso pensar, realmente, eu não tô a fim. “Vamo treinar amanhã?”. “Não”. “Olha, você quer sair, quer dar uma volta em Paris? Vamo”. Entendeu? Então... Só que ele chegou e falou que a carreira não podia terminar assim. “Tem que ter uma despedida, você é um cara que fez tudo pelo tênis, você é um cara muito querido, então, ou você escolhe pra jogar o Aberto do Brasil, em setembro, ou você joga o campeonato Panamericano em agosto”. E isso era junho, tinha dois meses. “Olha, pega um mês de férias, e treina um mês para o evento, e você vai jogar bem”. Aí, eu, putz. Bom, o Pan tem mais a ver comigo, tem mais a ver com toda a minha luta por ser brasileiro, jogar pelo Brasil, legal, legal. Mas é mais um campeonato, não é um ATP. Eu decidi, vou jogar o Pan. E aí, foi isso, eu parei um mês, quase um mês e meio, porque eu não conseguia voltar a treinar, não tinha motivação, mesmo com o Pan, e aí foi na hora que entrou outro treinador pra me ajudar [...]. O cara, em quinze dias: Você tem um Panamericano pela frente. E ele me motivou, foi meu treinador no Panamericano, junto [...] Mas, foi uma decisão.</p> <p>Uma das grandes inteligências da minha carreira. Quando eu tava... A partir de 2001, quando teve aquela chance de parar, eu percebi que tava bom pra parar. Aquilo também me sacudiu, falou “opa, não falta muito”. A gente não quer aceitar, né, que vai parar. Mas, o tênis é um esporte que 32, 33 anos, não tem jeito.</p>
	E6	<p>Não, depois eu quero parar ou parar, não, pelo menos parar com a seleção, porque eu continuei jogando até 2010, só que só... [...] só pelo meu clube, né.</p> <p>Jogos regionais, abertos, continuei jogando, na verdade eu parei de jogar em 2010.</p> <p>Tá, porque de certa forma era nosso... é quase que uma profissão, então eu jogava profissionalmente pra um clube e era pago pra isso, então é como se eu fosse funcionário, era como se eu parasse de trabalhar, né, e... e um negócio que de certa forma eu gostava, o que me ajudou muito de 2004 a 2010, foi porque a gente começou a jogar pro São Caetano e a equipe que se formou [...] nossa, éramos um tripé muito forte, nós não éramos os mais... os melhores individualmente, mas em termos de equipe nossa equipe era muito forte, então [...] maioria das vezes a gente ganhava, né, a gente era... então esses outros dois, hoje eles são meus padrinhos, melhores amigos, então a gente tinha uma amizade muito... tem uma amizade muito forte, então por isso que eu continuei jogando também, eu... eu fiquei pensando, se fosse pra jogar sozinho, eu já teria parado antes de 2010.</p>
	E13	<p>Na verdade, assim, eu... no meu caso pelo menos, eu meio que demorei pra... Demora, assim, é uma coisa que, ah, eu ainda quero treinar, mas, assim... não dá... não dá simplesmente, hoje em dia, já não fico: Ah, por exemplo, hoje... hoje eu queria ir na academia e dar uma corrida.</p>
Destreinamento	E2	<p>O duro que eu não fiz nada, até hoje eu falo que em Cuba, né, quando o atleta para, existe uma... uma coisa chamada... é volta, calma, né, então cê vai desacelerando, fazendo um destreinamento e cê pode passar no psicólogo... por um monte de coisa. E eu até falo pra todo mundo isso, mas eu mesmo não fiz.</p> <p>Eu achei que não precisava, mas foi um grande engano na minha vida e, eu hoje, eu falo pra quem tem oportunidade: pode fazer, faça, porque você vai ser uma pessoa até melhor, até você se achar.</p>
	E7	<p>Eu ainda continuo treinando todos os dias, mas, é lógico, uma coisa que, inevitavelmente vai acontecer né, pouco a pouco, vou parando, mas, é, já teve um treino da seleção feminina e eu participei, no começo de janeiro, como técnico mesmo. E assim, é uma coisa muito diferente.</p>

B.6. Subcategoria: Como foi a aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Como foi a aposentadoria	E1	<p>Eu comuniquei... comuniquei que eu já... já iria me aposentar.</p> <p>Eu fiz uma coletiva de imprensa, né, até pela minha história mesmo, né, vitoriosa dentro do atletismo, né, com duas medalhas Olímpicas, né, cinco medalhas em Panamericanos, três medalhas em campeonatos mundiais, assim, muito reconhecido pela... pela população, então eu acho que... eu acho que a população merecia essa resposta, eu acho que parar, assim, por parar e</p>

		mesmo eu fazendo coletiva, as pessoas não acreditavam, depois de um tempo, as pessoas: Pô [nome do próprio atleta], cê já parou, tão novo?
	E2	Comuniquei [a imprensa]. [...] Teve... teve [um evento], foi uma... um evento bacana, assim, eu comuniquei a imprensa [...] fiz [uma coletiva]. Foi a imprensa falar de escrita e foi focada, eles foram tudo lá nessa competição, no campeonato brasileiro, foi no Ibirapuera, comuniquei antes, aí fizeram entrevista, o flashback da minha vida toda lá, tal e depois eu acabei de correr lá, que eu ganhei, aí acabei de ganhar, invadiram a pista, ranquei as coisas lá, ranquei sapatilha, ranquei... parei, chorei um pouquinho, lembrou um monte de coisa, me abraçaram, aí foi... foi difícil...
	E3	Resolvi por conta própria. Até esse foi meu objetivo mesmo, porque eu pensava: Poxa, já um momento difícil, né, e se eu anunciar de alguma forma, a mídia vai ficar me questionando, e isso não vai ser legal pra mim. Então, eu assumi por conta própria e, na época, eu só comuniquei o pessoal do Comitê Paraolímpico que ia parar, e parei. [...] Isso é uma coisa que você precisa fazer. Porque como a gente compete profissionalmente, a gente, tem a questão do exame antidoping, que você fica numa lista e eles podem te convocar a qualquer momento, então a gente precisa comunicar que a gente não tá atuando mais.
	E5	A gente fez um evento no [nome de clube], na época, eu convidei vários convidados, fiz uma última... o último evento, uma prova de 100 livre, mais na brincadeira, ali. [...] Ah, foi superdivertido, tava ali... o foco era a festa, então teve palestra, apresentação, homenagens e foi... foi muito legal.
	E6	Eu treinava só de manhã, no começo, aí... e aí foi diminuindo, assim, e no final até que eu falei: Oh, 2010, aí eu comuniquei o pessoal. Falei: Oh, eu acho que... assim, é óbvio que a empresa foi cobrindo exatamente o que eu ganhava como jogador, então no final quando eu fiz essa transição, financeiramente eu já não tive... não tive nenhuma perda, porque já tava coberto, muito pelo contrário, hoje, assim, é... financeiramente falando eu ganho muito mais trabalhando do que se eu tivesse jogando, isso com certeza, né, mas é...
	E8	Eu, inclusive, assim, uma coisa que eu acho, acho que todos os órgãos nacionais, de modo geral, eles não se preocupam quando o atleta se aposenta, né. Eu encerrei, assim, como muitos outros expoentes do esporte encerraram, né. E é verdade, às vezes a gente fica, vê um ou outro sendo homenageado. Nem se importa com a maioria, não tá nem aí. Eu também nem esperava nada. Eu não tive isso, né, eu não tive nada. Na verdade, terminei minha prova, e falei pra mim mesmo, “acabou”. Então, foi tranquilo.
	E9	Então, na verdade, eu não comuniquei nunca. Por isso que eu tô te dizendo, eu nunca disse pra eles que eu queria parar. Eu nunca falei pra ninguém, eu nunca peguei o telefone e liguei lá. [...] Eu nunca, esse telefonema nunca houve, eu nunca fiz isso. Eu nunca disse que eu queria parar. Eu parei pelas circunstâncias, mesmo, que eu vi que ninguém tava nem aí pra mim, entendeu?
	E10	Não, não teve evento nenhum... até porque lá no fundo eu ainda tenho vontade de voltar, né, eu vejo a minha irmã agora que ela... depois a minha irmã também parou... ela teve... ela pegou a equipe brasileira de espada em outra categoria e competiu... ela não teve os mesmos resultados, mas... eu acho que pra idade que ela começou e pelo tanto que ela se dedicou ela teve bastante resultado até, e vendo ela voltar agora, as filhas já estão com oito, sabe, cinco, então já percebo que... que poderia acontecer, né, então não é uma coisa que eu descarto completamente, mas não... então, por causa disso não teve nenhum evento, porque eu não me considero, assim, completamente aposentada. Então pra mim isso foi um... vamos dizer, assim, uma despedida um pouco mais... mais configurada e... não poder ver essas pessoas de novo, né, isso me deixa um pouco melancólica.
	E12	Mas podia, infelizmente eu perdi na primeira rodada, mas também, é... você jogando o último torneio, você já nem pensa mais em... em resultados, você quer entrar lá e simplesmente curtir e tentar reviver tudo o que você passou a tua vida toda, né, então o resultado era o que menos importava ali, então me fizeram uma... uma homenagem e tudo mais e foi muito bacana, então fiz as entrevistas.
	E13	Na verdade fui me retirando dos campeonatos aos poucos... vamos dizer, primeiro eu saí das provas olímpicas, depois saí das provas de longa distância, depois saí até das provas... de canoagem oceânica, que eu tô fazendo...

B.7. Subcategoria: Motivo da aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Motivo da aposentadoria	E1	Eu acho que foi... as questões das lesões, né, não adianta é... quando... poxa, eu parei, eu tinha praticamente 38 anos, né, 38 anos competindo, pra prova de 100 metros, como velocista, é complicado, é um momento que você começa se machucar, cê começa se lesionar com mais facilidade, então eu acho que foi o momento, assim, de... de reflexão comigo mesmo e de entender que acabou, que não tem jeito, foi nesse momento, quando você começa a se machucar muito, a recuperação é mais lenta, as dores são mais frequente, então é o momento que o corpo já tá gritando.
	E2	Alto rendimento, cê vai ficando velho, o corpo não reage do mesmo jeito, eu me sentia desprotegido, e o pior, o que eu vou fazer? Eu já não conseguia repetir os melhores resultado, então o atleta tem aquela coisa, eu tava perdendo pra gente pior, que nunca ganhou de mim, então aí eu falei: Puxa vida. Eu sentei com meu treinador e a gente começou conversar, ele falou: [...] Vamos parar por cima, cara, porque a tendência agora do corpo da gente, é só cair Eu acho, assim, a idade, né, é... quando a idade chegou, eu não consegui ter o... ser um atleta de alto rendimento, então isso pra... pra um atleta que já fez resultados bastante expressivo, como foi o meu, é frustrante.
	E3	Porque [...] os jovens foram surgindo, e principalmente essa questão de parar bem, entendeu? Sinceramente, eu acho, não passei por essa experiência, mas, creio que deve ser muito difícil um atleta ver ele mesmo se decaindo, acho que deve ser uma situação muito ruim, né. Então, antes que acontecesse isso comigo, eu resolvi parar.
	E4	Eu acho que acabou o brilho nos olhos. E tudo tem um começo, meio e fim. Duro é você descobrir, mas eu descobri o meu motivo do fim, e eu não queria perder. Uma coisa que me dava desespero é ficar no circuito levando porrada de caras que eu me vi ganhando, só pra dizer que eu era tenista profissional. Eu tive uma carreira maravilhosa, legal, bonita, cada um vai achar de uma maneira, e no final da tua carreira é aquela coisa meio que sonolenta e triste, e saco de pancada. Isso que eu não queria pra mim.
	E5	Porque eu queria fazer outras coisas e a idade já tava chegando. Então não tem uma... uma razão específica, assim, acho que a idade a hora que ela chega...
	E6	Eu acho que eu nunca me vi como um cara que ia passar minha vida inteira no tênis de mesa, na verdade, assim, acho que fica mais fácil de entender, assim. Então por que que eu parei? Porque eu atingi o meu objetivo.
	E8	Acho que foi uma reflexão sobre o momento da vida, mesmo. Porque eu ainda tenho colegas da minha época, que continuou no esporte. Só que eu me vi plenamente, vivi o esporte, até Pequim. Então, eu falei assim: Poxa, eu quero viver outras coisas, né. Por exemplo, hoje, eu quero família, eu tenho um filho. Coisa que eu não queria na época. Mas, aí, deu vontade. Eu pensei: Poxa, eu tô com... tenho uma empresa, consultório, família, e me dedicar ao esporte, sabe? É complicado, por questão humanamente impossível. Então, são questões que eu comecei a pensar, poxa vida, não dá pra... Também não é só assim, vou ter uma família, então eu vou parar. Não. Primeiro, tem que separar, né. Preciso ter a mentalidade pra isso, né. Então, eu pensava nessas coisas.
	E9	Acho que foi falta de apoio, mesmo. Falta de apoio, a falta de não ter tido apoio logo após... Durante e depois da gravidez, eu acho que o pessoal deveria ter... Eu senti falta desse apoio, dessa ajuda, né, desse preparo. [...] De tudo, do técnico, da federação, do Comitê Paraolímpico, [...] do meu treinador.
	E10	Olha, eu acho que de certa maneira eu já me sentia até bem realizada, na verdade, assim, eu... eu, tem um resultado que eu não... nunca tive que é a medalha Panamericana, que é uma coisa que infelizmente eu não tive chance de concretizar. E eu falava assim: [...] Eu acho que uma série de circunstâncias favoreceram pra que eu... pra que eu me aposentasse e... e aí eu também queria ter filho, então, assim, eu troquei de categoria pra já não me engajar numa outra... num outro ciclo, essa época eu tava com 32, quando eu me aposentei em 2008, né, não é isso? Eu sou de 75, é. Eu tinha 32 pra 33. Então, eu também queria ter filho, então eu achei que era melhor parar em 2008 do que entrar de novo numa empreitada de mais quatro anos e... postergar mais um pouco ainda a gravidez, então em 2009 eu engravidei da Alice e aí... e aí eu... foi nesse momento que eu... que aí eu parei completamente de competir.
	E12	Eu acho que o... o desgaste ao longo dos... dos anos, né, foram... foram 14 anos, 14 temporadas, é... jogando, disputando circuitos, sempre numa média de 30 semanas, jogando, né, a grande

		maioria fora do país, fora semanas que você passa treinando fora ou algum outro evento, mais do que os anos no juvenil, que eu já tava viajando bastante também, os desgastes, ao longo dos anos é... você sente... você sente que... que as coisas a cada ano que passa, as coisas vão ficando um pouco mais, é... difíceis, você vai jogando com... se no início você jogava, você era sempre o mais novo, você sempre tá jogando com jogadores oito, dez anos mais novo que você, que tão bem melhores fisicamente, não digo... você pode levar ao teu favor... contra o teu favor é a tua experiência, é saber o que fazer, administrar bem o... o jogo e tudo mais, a parte física conta muito hoje em dia e... e eu sou um jogador que eu tenho estilo de jogo, eu dependo muito da parte física, então, é... já tava ficando difícil realmente pra mim, é... com dores no quadril [...] Então são coisas que... que somando te faz pensar realmente, e acabou que... me levou na... na decisão de parar, fora a sensação de que eu já tinha feito realmente o... o que eu podia dentro do tênis, né, eu tô... eu tenho a sensação de que eu fiz o que eu... o que eu podia, tava meio que é... satisfeito, então foi uma decisão mais fácil pra mim, de se tomar.
	E13	Então, na verdade parei porque, assim, percebi que não dava pra conciliar o... assim, um foco ou eu vou me focar realmente nos treinos e no campeonato e aquela coisa ou eu vou seguir a minha carreira, chega uma hora que se você quer ter uma carreira de... realmente isso é, porque, assim, como atleta tem um razoável sucesso, não foi tanto também, que eu fui destaque e aqueles... mas, assim, acho que dentro do possível, eu fico até satisfeito com o que eu fiz como atleta, mas pra fazer isso aqui, depois na vida fora do esporte, existia, né, uma dedicação praticamente exclusiva, por exemplo, se eu tivesse sempre educação exclusiva... aí dedicação exclusiva só pra esporte, talvez podia ser uma atleta melhor.

B.8. Subcategoria: Sentimento da aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Sentimento antes da aposentadoria	E1	E agora o que que eu vou fazer? Após o anúncio da aposentadoria, no dia seguinte, foi muito estranho, porque você acorda, você não pega mais a mochila, você não coloca mais o suplemento dentro da mochila, você não põe a sapatilha dentro da mochila pra poder vim pra pista, isso é muito estranho, você acordar de manhã e não... não ter o que fazer, mas foi passando o tempo, é... eu falei: Não, eu preciso fazer alguma coisa, eu voltei a estudar [...] e nesse meio tempo, apareceu a [nome de canal de televisão], eu recebi o convite pra ser comentarista pelo [nome de canal de televisão] e que foi uma luz no fim do túnel, né, que apareceu esse convite e eu comecei a trabalhar. [...] Foi em 2007. Com mais frequência, o cansaço é muito mais evidente, a recuperação é muito mais demorada e aí que começam vim as lesão e que você tem que começar pensar que... a aposentadoria tá batendo na porta.
	E2	Na parte esportiva, assim, eu senti, assim, que eu tinha feito... tinha cumprido minha missão, é, não fui o... o melhor atleta não, mas eu sempre tive entre os três melhores do país, assim, então eu me senti muito bem, falei: Nossa, tô saindo daqui de cabeça erguida, nunca fui pego com droga, nunca tive uma advertência. [...] Nunca tive nada [nos testes de doping], assim, na federação, “pô o [nome do próprio atleta] é um cara polêmico, o cara que é um bom atleta, mas brigava, criticava a seleção, pediu patrocínio, reclamava da nossa entidade”, pelo contrário, até hoje eu trabalho pra entidade, então eu tô... eu não gosto de falar isso, mas eu faço parte de uns sete, que nós somos atletas exemplos da seleção de todos os tempos e a gente vai pra seleção brasileira, como atletas exemplos.
	E3	Ah, realmente, é difícil, porque você fala: Poxa, meu, uma vida inteira praticamente só fazendo isso, né. Então, é uma coisa bem difícil, mas assim, como eu... eu, tinha na minha cabeça essa minha decisão, né, então foi um pouco mais fácil. Eu acho que a ansiedade de quando você vai parar, eu acho que é maior, né, do que quando você para.
	E4	Eu brinco que se soubesse que era tão legal, e principalmente parando no auge, parando num momento bom, eu teria parado antes.
	E5	Como foi uma transição eu achei que eu ia sofrer um pouco mais, eu... eu me adaptei muito bem à... à vida fora das piscinas, eu tinha muito trabalho.
	E6	Olha, todo mundo falava assim: Ah, essa vida no profissional, não é isso que cê tá imaginando, cê vai sentir saudade do tênis de mesa e não sei o quê. Olha, eu não sinto.
	E7	[A] maior conquista foi quando eu vi, volto pra casa, né, com uma classificação pras Olimpíadas,

		com uma medalha de ouro do Panamericano, com uma boa participação de um campeonato, eu chego em casa, e eu vejo a alegria dos meus pais, essa sempre foi a minha maior conquista, a minha maior alegria. Quando eu ver que eu não vou mais poder dar isso a eles, então, acho que isso vai ser a hora de eu realmente pensar em parar, né. Então, ainda, realmente, acho que esse ano principalmente, ainda sei que tenho condições que continuar fazendo isso, né. Mas eu tenho certeza que se eu mudar pra parte técnica, né, e ter os resultados, falar que as meninas tão indo super bem, tal, então eles vão ficar contentes, porque eles vão me apoiar sempre no que for melhor pra mim, né, sabem, que vão me apoiar bastante. Isso que eu tenho na minha cabeça. Porque em 2007, teve o Pan do Rio, né, e eu falei que tinha sido a minha última participação de Jogos Panamericanos, fiz aquele, fiz uma despedida, né, chorei, depois que eu perdi na semifinal do individual, era meu último jogo em Pan.
	E8	Os meus resultados eram bons. Então, eu falei: Pra que despedir talento, né, por que que eu tô nessa situação de estar entre os melhores da seleção brasileira, e eu vou parar? Ficava pensando, né, se eu posso ainda trazer coisas boas pro... pra equipe, pro Brasil, e tudo o mais? Isso foi a grande motivação, os próprios, os meus próprios resultados.
	E11	Na verdade eu comecei a perceber que tinha alguma coisa errada, assim, eu acredito... eu acredito que a gente tem uma missão... [...] cada pessoa tem uma missão, né, e eu percebi uma coisa engraçada que era, assim, é... eu adoro o que eu faço de remar e tudo mais, mas depois... depois que eu comecei a remar internacionalmente e tudo mais, eu percebi que sempre quando eu tava super bem acontecia alguma coisa que não... que me distanciava, sabe, se eu tava dentro da modalidade, não era nem porque eu fui atropelado, entrei em coma, mas eu fui percebendo isso em várias competições, né, tipo, quando eu remava caiaque eu perdi oito vezes, por um segundo, pra mesma pessoa, então eu acabava de deixar... eu não... eu acabava deixando a vaga escapar, eu ganhava do cara o treino inteiro, os treinos inteiros e na seletiva eu perdia por um segundo, era... o cara se superava [...] eu comecei a ver que também quando eu comecei a, é... a fazer a faculdade eu trabalhava, né, e dava aula... eu dava aula de canoagem, no projeto Esporte Talento onde eu comecei a remar, é... e engraçado é que eu via que eu conseguia transferir essa... a mesma felicidade que eu tinha dentro da modalidade pra outras pessoas e depois eu percebi que eu também tinha competência pra pegar e treinar uma pessoa pensando no círculo Olímpico e bons resultados, então na verdade não foi aquela, é... a interrupção que eu fiquei angustiado sabe?
	E12	Na verdade eu já tinha... eu já tinha claro na minha cabeça que realmente, é... eu queria parar, eu já tava sentindo essa necessidade, então o que eu disse, feliz por ter feito o que eu fiz.
	E13	Momento muito difícil, mas é que eu termino uma coisa e começo a outra, na verdade. Na verdade, eu acho que eu já me preparei pra esse... pra esse momento.
Sentimento da aposentadoria	E1	Sabe, aí as pessoas me perguntavam: Aí, cê não conseguiu se desgarrar, né? É difícil se desgarrar. Eu confesso pra você que é... atleta de alto rendimento e de alto nível, olha, quando chega esse momento de você se aposentar, de saber que cê não vai poder treinar... é complicado, é difícil, eu tava até conversando com a minha amiga [...] ela não me disse não ainda, mas eu consigo ver nos olhos que... é difícil você lutar com o corpo... Foi horrível, é horrível [...] você pensar, cê começar... cê começar a desenhar, cê já começar a fazer um esboço disso, de... de entender, que você um dia vai ter que parar, eu tentava fugir, todas as vezes que eu pensava nisso, porque não é uma coisa legal, né, o atleta... o que que é ser um atleta de alto nível? É ganhar a medalha, é ser reconhecido, é... ser, assim, ovacionado, é gostoso, né, ser reconhecido, é bacana tudo isso. É, todo mundo torcendo, você chega, as pessoas pedem autógrafo, é gostoso esse momento, não é gostoso o momento de... de saber que... que um dia você ia parar, você teria que parar, aposentar e quando chegou esse momento, quando começou a desenhar esse momento, eu confesso que eu tentava fugir, eu não queria pensar nisso, mas era uma coisa que tava me perseguindo, é horrível o momento do antes, do durante e do depois, é muito ruim esse momento. É como dar... adeus a uma pessoa muito querida. [...] E saber que você nunca mais vai ver aquela pessoa, é quando você perde um ente querido, eu acho que é a mesma sensação, é horrível e isso você pode perguntar, pra qualquer grande atleta, tá? [...] Ninguém vai falar: Ah, é bacana, é muito legal, o dia que eu decidi parar, entendeu? Acabou, não... não é. No lado do... do atleta mesmo, de ganhar medalha, de viajar, de não sei o quê, é muito ruim, então é uma coisa que a natureza te tirou, ela te deu, mas chegou o momento que ela ia te tirar, então agora nesse lado de... tudo bem, comer um bolo de chocolate.
	E2	O que eu falo pra todos atletas, a nossa cabeça vai ser sempre de moleque e eu fui moleque, pulava muro, subia no... só que o tempo, você não consegue fazer mais isso, mas a sua cabeça acha que cê vai e o corpo não reage mais, então o meu corpo, eu podia treinar o melhor treino do

	<p>mundo, fazer treino de força, ir pra não sei que lugar, usar o melhor material, mas seu corpo já não é mais o mesmo, só que tem uns atletas que demora ou alguns nunca... nunca chega a pensar nisso, que... que você já não tem mais condições físicas, né, pra... poder ser um atleta de alto rendimento, então o que que acontece? Com o tempo você vai chegando ao ridículo, né, o ridículo no sentido de que você vê atleta que foi muito bom, fica passando vergonha, é... perdendo provas, chorando depois, reclamando, sabe aquela coisa que cê vê muito por aí, o atleta foi ídolo, depois que que acontece? Você... aquela coisa tudo que você conquistou, você vai perdendo, então, assim, você para e você não é mais ídolo, de tanto que o pessoal viu você sendo derrotado e tudo isso, isso que fica na cabeça do povo e na nossa também.</p> <p>Então você foi bom, foi vitorioso, mas no final da minha carreira aconteceu isso, então graças a Deus eu aprendi e cortei lá em cima mesmo, não deixei muito chegar também, porque eu acho que eu... eu não sei, de repente, depois que você para tem muito atleta que fica frustrado, né. [...] Então eu não cheguei a esse ponto, graças a Deus.</p> <p>Foi difícil que eu voltei, no exato momento que eu saí da pista, me deu aquela... todo mundo lá, quando eu cheguei no hotel ali, eu senti um vazio... um vazio, assim, que não tinha como explicar, aí eles vieram, não, vamos fazer um churrasco, voltei, fiz churrasco, fiz aquela coisa, mas tava faltando alguma coisa, até casei depois disso, né.</p>
E4	<p>Muito tempo livre. Eu acho que não dá pra você mentir pras pessoas. É difícil você... A vida inteira você fez uma coisa. E a coisa que você mais ama, coisa que você mais se realiza. Acho que você tem outros prazeres, daí as pessoas querem comparar, ter filhos, casamento. Cara, são totalmente diferentes. São adrenalina, são emoções totalmente diferentes. Não dá pra comparar. Não tem mais ou menos, né. São páginas viradas na tua vida. Então, é difícil. Os primeiros meses são muito complicados. São muito complicados. É que eu tenho, eu sempre tive uma ajuda familiar muito pesada, muito forte. A gente é muito unido. Então, considero que eu tenho uma família muito inteligente. Meu pai e minha mãe são muito inteligentes. Meu pai é, foi muito bem sucedido na profissão dele, então também teve essa migração. Ele foi fotógrafo, hoje mora em Angra dos Reis. Ele viveu isso, que eu ia viver naquele momento. A gente conversou, a gente foi velejar, ficava divagando duas horas, conversando sobre a vida, e ele, querendo ou não, me mostrando alguns caminhos, experiências pessoais, que eu acho que era super importante na família.</p> <p>Acho que quando parei, não foi tanta, não foi um bicho de sete cabeças. Sabe? Uma coisa muito estranha?</p>
E5	<p>Me senti muito feliz, satisfeito e... e realizado com tudo aquilo que eu fiz.</p> <p>É um pedaço que... de você que encerra, uma parte... que você tá acostumado a fazer durante tanto tempo que... que de repente você não faz mais...</p>
E6	<p>Aliviado. [...] A primeira coisa foi uma alegria, assim, um... de ver, assim, nossa, agora eu tô livre pra fazer tanta coisa que eu nunca fiz, não é que eu não podia fazer, se eu quisesse eu poderia, mas eu... eu tinha meus objetivos no tênis de mesa, eu nem jogava futebol, eu já vi muita gente se machucar, assim, o... o cara que substituiu o... [...] na Olimpíada de 96, quando [ele] faleceu, ele é um cara jogador bom, mas hoje ele... logo depois ele jogando bola, ele rompeu algum ligamento do joelho, não sei, e nunca mais voltou pro que era antes, sabe, assim, então... o cara acaba com a carreira, por causa disso, né, então eu era bem focado, mas depois que eu parei, até rompi o tendão daqui do joelho, mas eu já tinha parado, mas já... mas, assim, eu não sei, eu senti acho que um alívio e uma sensação de recomeço, muito, assim, nossa e, assim, é engraçado porque eu... eu vivia num ambiente onde eu sabia exatamente o espaço que tinha que dar, pra chegar onde eu queria chegar, quando eu parei, eu entrei no mercado, assim, fui começar fazer outras coisas, que eu não sabia onde ia dar, então tudo era novidade pra mim e isso é um negócio que foi muito legal.</p>
E7	<p>Com certeza [...] dolorido, né. Chegar em casa, e falar assim: Pô, agora não vou mais treinar, né. Então, não vai ter mais... Não vou ter mais, como é que fala, aquele ritmo, né, de treino, e principalmente, se eu preciso melhorar isso, melhorar aquilo. Então, mas, eu quero sofrer de uma vez só, quando eu falar “vou parar”...</p>
E8	<p>Mas, enfim, quando eu encerreí minha carreira, você, o vazio que você sente... Não é nada disso. O vazio que você sente é da vida que você tinha, porque o dia a dia é muito, você vive aquilo. A falta que eu senti foi isso, não foi de dinheiro, não foi nada disso, sabe. E o outro lado, como eu tinha muitos comprometimentos com o trabalho, com a empresa, tudo o mais, eu acredito que... Eu senti muita falta, mas eu acho que não foi tanto quanto aqueles que não têm isso. Mas, pra mim, foi um processo, não digo fácil, mas foi natural. Mas, não é fácil.</p> <p>Na verdade, depois da última prova, eu me senti muito realizado, na verdade. Eu já tinha, eu senti que já tinha feito minha parte, minha missão, dentro daquilo tudo que eu tinha proposto. Depois,</p>

		deu um vazio, lógico, do dia a dia, mas, a gente vai se adaptando, de um jeito ou de outro.
	E9	Ah, senti muito chateada, fiquei muito triste, né, porque eu pensava que... Porque assim, quando você tá lá, o pessoal te trata com tanto carinho, que você pensa assim, “poxa vida, vou poder contar com essa pessoa”. E aí, você vê que não pode contar com ninguém, entendeu? E isso me decepcionou um pouco. Mas assim, um ser humano, né, a gente também não pode ficar coisando, né. Eu achava, assim, que se eu tivesse lá, se eu me preocuparia comigo, né, pensaria em mim, “poxa, a [apelido da própria atleta] tá grávida, vamos deixar ela ter o filho, quando ela tiver o filho, a gente procura ela pra saber se ela quer voltar ou não, né, vamos ver o que a gente pode fazer pra ajudar”. Ainda mais que, todo mundo ali, o treinador, os meus colegas de pista, me conheceram nessa fase adolescente, criança, né, muita gente...
	E10	Mas eu acho que eu tava mais preparada do que eu pensava, na verdade, depois que eu... quando eu parei, quando eu engravidei, minha filha nasceu, eu pude viver outras coisas na minha vida sabe, assim? Sábado sem treino, sexta-feira poder ter happy hour porque não vai treinar no dia seguinte, coisas que... férias sem treinar, enfim, coisas que, às vezes, pra mim eram... eram raras, assim. Acho que foi isso, como eu tava já... engrenada na maternidade, né, então acho que não foi uma sensação ruim, né, eu... até considero que foi gradual, porque a... a minha aposentadoria de fato foi em 2008, que foi a última competição que eu joguei em Marseille, foi na França em Marseille, eu tava com as minhas amigas lá de outros países, isso é difícil porque eu tenho amigas que eu não vou ver mais, eu só vou ver realmente se eu pegar a minha mala e for até a Venezuela encontrar, sabe, assim? Gente que eu competi a vida toda e... e que eu adoro, e que amo de paixão e tal e... e que tão por aí, né, eu só vejo as pessoas... as daqui eu consigo manter contato, mas as que tão pelo mundo afora, não... não tem como, então foi esse... essa competição foi difícil, eu fiquei bem... bem emocionada, eu joguei supermal e... e depois me despedi de várias amigas e tal, porque eu já sabia que eu não ia continuar.
	E11	Eu acho que a minha... minha trajetória na canoagem não teria terminado em 2003 pra 2004, né, acho que eu estaria, é... mesmo se eu não chegasse a atingir os... os meus objetivos, eu acho que eu poderia ter ido um pouquinho mais longe, assim, né. [...] Foi, assim, é... felicidade e angústia, e mais felicidade.
	E12	Poxa, é uma... muitas coisas passam na sua cabeça, né, não só na hora... na hora da homenagem e após o jogo, mas durante o jogo, né, você é... revive momentos marcantes, é... torneios importantes, jogos importantes, toda a sua história, né, tudo o que você viveu durante tantos anos, aí de repente você chega ali na quadra, no momento que pode ser o último jogo, né, você não sabe, tá jogando ali, não sabe se vai ganhar ou perder, mas, é... muitas coisas passam na tua cabeça e ao mesmo tempo é o que eu disse antes, a felicidade de ter a sensação de... de missão cumprida, de ter feito o que eu podia realmente dentro... dentro do esporte, fiquei feliz, recebi a homenagem, tá com pessoas queridas minhas, minha família, os meus amigos, são pessoas que não puderam tá na grande maioria dos... dos torneios, viajava muito tempo sozinho, então, né, aquele encontro ali com todos, foi um momento muito marcante.
	E13	Na verdade, eu acho que eu... eu fico um pouco aliviado, porque não tenho, é, não tenho que ficar nisso aqui, hoje em dia eu prefiro dedicar o meu tempo à minha carreira, a construção do que eu tô fazendo, do que me preocupar com, ah, treino, planejamento, preparar material.
Sentimento após a aposentadoria	E1	O tempo... o tempo é o senhor da razão, né, quando chega não tem jeito. [...] Ah, quem gosta de balada, que não é o meu caso, posso ir numa balada, ficar... despreocupado, isso daí sim, enquanto atleta você abre mão, você renuncia muita coisa, né, mas hoje eu posso fazer tudo isso, com certeza, tem o lado bom, né, que é o lado... esse lado de você poder fazer... social, de você poder... justamente isso, de você poder reunir os amigos, ficar acordado até mais tarde, comer uma bela duma feijoada, comer um bolão de chocolate recheado, tudo isso eu não podia fazer, hoje eu posso. [...] Né, hoje eu posso tomar uma tacinha de vinho. É... isso, assim, após ter parado, foi o lado bom, esse é o lado muito bacana, de você poder viajar e conhecer o Brasil, né, poder... [...] Sem ter compromisso, poder ir... hoje eu vou no... no estádio assistir uma prova de atletismo, sem aquela responsabilidade, aquela pressão de tá ali, ter que competir, ter que... hoje eu vou lá, mas por diversão, né. Eu vou como torcedor, mas confesso que eu sofro, quando é grandes campeonatos. [...] Jogos Olímpicos, eu sofro. [...] Quando eu vejo meus companheiros ali, amigos, né, eu sofro. [...] Mas eu sei que acabando ali, eu posso sair dali e eu posso ir dar uma esticadinha a mais que não vai ter problema nenhum. Não tem o [nome de comitê], pra ficar pegando no pé, não tem o treinador pra: Vai dormir, que que cê tá fazendo acordado? Isso pode comer, isso não pode, pós-atleta eu posso tudo.
	E2	Eu acho até... agora depois, a sensação minha... a sensação, eu me senti meio abandonado uns

	<p>tempo, né, aí eu vim pra cá, pra casa e fiquei sem fazer nada um bom tempo. A primeira semana eu levantava cedo, ia lá pra pista da [nome de centro], olhava, dava uma corridinha, meio que treinava e aos poucos eu fui abandonando, fui dormindo um pouco mais tarde e fui atrás de... de outros amigos, fazer amizades novas, fora do... do esporte, foi essa hora que eu fui como corretor, que um amigo meu que é dono de uma agência aqui, fui pra lá, fui fazer um monte de coisa, dormia até mais tarde, dormia à tarde, porque eu sempre acostumei dormir à tarde, depois do almoço eu dormia, pra poder treinar de novo.</p> <p>Porque eu fiquei um bom tempo, que eu não me encontrava com nada, eu fazia alguma coisa, eu tentava achar prazer em fazer alguma coisa e não conseguia, até eu fiquei afastado do... do atletismo, acho que por mais de seis anos, eu sumi da pista da [nome de centro], se você for lá hoje e perguntar [...] “ah, ele apareceu aqui ontem, mas faz não sei quantos meses que ele não vem aqui, ah, eu vi ele na televisão, mas eu acho que ele tá viajando”. Então o pessoal tem notícia, assim, que eles veem por aí, então eu fiquei um tempo, assim, fora do esporte mesmo, meio, sei lá, não era raiva, mas eu não queria tá junto mais.</p> <p>Então eu nunca mais entrei numa pista de atletismo.</p>
E3	<p>Na verdade, eu fiquei um ano sem fazer nada, pensando: Ai, meu Deus, e agora, tenho que começar do zero, o que é que eu vou fazer, né. Aí, depois, passando esse um ano, comecei a pensar no que eu podia fazer, e daí que eu comecei a me movimentar de novo pra poder, praticamente a gente recomeça, né. Eu saí totalmente da rotina.</p> <p>Depois, acho que, aí, você começa a pensar em outras coisas, e aí acaba passando um pouquinho. Tem também, principalmente no mercado de trabalho, quanto mais você fica fora, quanto mais velho você fica, fica mais difícil, né. Isso foi uma coisa que eu pensei também: Não, peraí, eu ainda sou jovem, então acho que vale a pena tentar e procurar. A gente brinca, por que na natação não tem aposentadoria? Ah, mas devia ter, contar o tempo de serviço.</p>
E4	<p>Tirando tudo isso que eu falei, eu não sofri nem um pouco. Aquela coisa, ah, mas você não precisa ir nos campeonatos, não preciso ver tênis, não preciso jogar tênis. Eu jogo porque eu gosto, eu vejo tênis porque eu gosto, ou por causa do trabalho, porque sou comentarista, então eu tenho que ver, que estar dentro do meio. Agora, não por aquela coisa, ou vejo algum jogador ganhando e falo: Pô, não acredito. E rola aquela invejinha branca, básica, que todo mundo... É normal do ser humano, mas, não... Eu acho que até existe muito dessa, se fala muito do [outro jogador] que tá chegando, que tem que treinar, “quais são seus títulos, ele ganhou mais ou menos o que você ganhou de dinheiro”. Ele tem 18 vezes do que ganhei. É uma mentira, entendeu? Eu não tô aqui pra comparar quem é melhor. Meu, é a mesma coisa que você ser o quarto ou quinto melhor do Brasil de todos os tempos, ou décimo, isso não muda nada. Com todo o respeito pra jornalista, vai vender jornal. Pra mim, é o que eu fiz. Sabe, é o cara que eu ganhei, a carreira que você teve. Agora, se você é melhor que esse ou aquele, que a pessoa gosta mais de você ou do outro... Pô, está óbvio o que você quer. Mas... Eu gosto mais daquele do que do outro, que legal, né, parabéns. Eu também gosto mais dele do que de mim.</p>
E5	<p>Tem vários sentimentos de perda, mas tem um sentimento de realização, também, muito grande, então não é só tristeza. Tem a felicidade de você ter vivido aquilo e de você conseguir, dando sequência na sua vida, utilizar aqueles ensinamentos pra outras coisas.</p> <p>Eu tenho muito trabalho e... e eu sinto falta dos treinos, eu sinto falta da competição, eu sinto falta de algumas coisas que... que eu tinha, mas hoje eu não tenho muito tempo pra... pra tudo isso. Então é muita dedicação à família, nos fins de semana que antes de competir eu ficava descansando, hoje tem muitas atividades. Então é um momento diferente, é uma fase diferente da vida que eu tô curtindo muito.</p>
E6	<p>Então dá vontade de estudar de novo, dá vontade de aprender, sabe, fazer várias coisas, inclusive outros esportes, gosto de jogar tênis, fui jogar badminton, entrei em equipe de corrida, que mais? Quis aprender... fui fazer uma aula de patins, nossa, um monte de coisa que eu falei: Nunca ia fazer isso, né, então eu tô curtindo.</p> <p>Sinceramente eu sinto saudade dos meus amigos, das amizades, isso sim, o ambiente eu realmente lamento, porque eu perdi bastante contato, né.</p>
E9	<p>Uma coisa que eu nunca tive oportunidade também, mas algumas meninas tiveram, como a [outra atleta], de fazer parte de comissões, de comissões aí, pra ir pra Brasília, tudo, isso é uma coisa, que é uma bandeira, que eu acho que tem que ser levantada. Eu acho que as meninas, mulheres que são atletas, a gente não pode deixar a nossa bandeira. Eu tô com 36 anos, eu tive minha filha com 32, quer dizer o quê? Eu vou ficar correndo até 40 anos, e vou pensar em ter uma família, em ter um filho, quando? Quando eu tiver com 50? Que eu já não tenho mais aquela disposição, já não tenho mais aquele tempo, eu já tô... Não é que eu tô velha, mas assim, sabe, eu acho que você tem que estar, é, estar energizada, energética, você tem que estar disponível pra</p>

	<p>você criar uma criança, você se jogar, entendeu? E assim, meu sentimento é esse, assim, eu não queria parar, não parei porque eu quis, por mim eu teria continuado, talvez hoje, acredito que, eu não sei, poderia que acontecesse comigo o que aconteceu com a [outra atleta], que ficou [...] depois da filha, ficou melhor ainda, bateu até recorde, aí, sim, que a carreira dela foi deslanchar. Minha carreira é ilesa, eu tenho uma carreira limpa, eu fui uma atleta, toda a vida, que eu me treinei normal, me esforcei, nunca fui, como eu te falei, nunca fui medalha de ouro, não fui recordista mundial, mas tava lá, sempre ganhando minhas medalhinhas. [...] Fisicamente, eu sempre tava bem, sempre me dedicava ao treino, mudei minha vida para outra cidade, larguei minha família e fui morar, por quê? Por causa daquela paixão, daquele objetivo maior, daquela sensação maior, né. E a minha gravidez foi uma coisa que aconteceu, inesperada, nessa fase de transição de sarar, né, e foi uma pena que o pessoal não me ajudou, uma pena que eu não tive esse apoio, que eu gostaria de ter continuado, e ainda não tenho, não digo pra você que eu voltaria, voltaria, né, mas assim, a minha vontade agora é eu estar me preparando pra isso, tô fazendo vários exames, e tentando voltar, eu tô tomando uma injeção anticonceptiva, que também contribuiu pro meu engordamento, também tô trocando agora, meu ginecologista vai trocar. Porque a vida só continua [...] minha vida, a fila anda, foi muito difícil pra mim, que eu imaginei que fosse ter uma família, e se tivesse ficado com essa família, desse meu pai da minha filha, talvez eu tivesse conseguido voltar, porque eles são pessoas abonadas, são pessoas com condição financeira, então teria dado, talvez, se ele me apoiasse também, claro, né, teria dado pra contratar uma babá, e poder me condicionar a treinar, né, me... que a gente precisa, né. Por mais que eu não engordei muito na gravidez, eu fiquei tranquila, fui bem, mas mesmo assim, a gente precisa voltar pra forma, né, e não ficar como eu tô agora, né. E essa vida também, de você trabalhar num banco, te deixa mais sedentário, só fica sentado, você acaba, tipo, eu chego aqui 2:15. [...] A gente, que é deficiente visual, precisa de ir na academia no horário mais vazio, porque a gente tem que ter um acompanhante. Eu tinha meu guia, que corria comigo, então meu guia era tudo pra mim, ele me acompanhava na academia, me acompanhava nos treinos, a gente treinava junto, qualquer hora, não tinha tempo ruim, até de madrugada a gente ia, porque era só nós dois, né. Mas agora, eu não tenho mais um guia, não tenho mais esse apoio. Então, quando você liga numa academia, maior empenho: Ai, então dá pra você vir nesse horário tal, que é mais vazio, pra poder o instrutor te ajudar. Porque a gente precisa disso, a gente sozinho não dá conta de fazer. Porque a gente precisa trocar as anilhas, precisa se locomover pro aparelho, a gente precisa... o meu guia ficava no meu pé pra ver se estava fazendo o exercício correto, se eu tava pegando certo. O instrutor não tem essa coisa, né, a gente sozinho não vai se ver se está certo, principalmente eu. A gente não vai se ver. Vocês ainda conseguem, né, mas a gente não vai conseguir se ver, se está correto, se o ângulo está certo, do joelho, da perna, não sei o quê. Então, assim, isso é uma coisa que eu sinto falta, né.</p> <p>Então, assim, como eu te falei, eu não parei porque eu quis, eu queria ter continuado, não tô dizendo que minha aposentadoria foi obrigatória, compulsória, não foi compulsória, mas foi um pouco por causa disso, essa falta de apoio mesmo, de não ter tido ninguém pra me ajudar num momento em que eu precisava, né. E também que você vê os colegas também, se afastam, colegas que competiam com você antes, que te encontravam, que o pessoal não te comunica, não te encontra. Não é que nem a [outra atleta], minha comadre, a filha dela é minha afilhada, ela mora lá em Joinville, a gente se fala de vez em quando, e ela não pensa tão cedo em se aposentar, continua competindo lá, fiquei sabendo que ela trocou de prova, que era que eu também tinha em mente. Se eu voltasse, eu tinha em mente trocar de prova, porque 100, 200, 400, com 36 já não dá tanto, né, então a gente tem que ir pra 800, 1.500, né, meia maratona, 10.000, já vai mais pra uma prova de resistência. É, a gente já ganha outras coisas.</p> <p>E isso é uma coisa assim, que hoje, eu vejo que o pessoal do Paraolímpico tá ganhando muito dinheiro, né, eu espero que o pessoal esteja empregando realmente alguma coisa. Aquilo que eu te falei, que muita gente não termina a carreira como eu, sem nada. Eu não tenho uma casa, eu não estruturei, eu não ganhei dinheiro. Mas também, eu não ganhei dinheiro que o pessoal tá ganhando hoje. [...] Me preocupo com o que eu vou deixar pra minha filha, o que eu vou fazer pra ela, como que vai ser esse futuro, se eu aceito esse emprego agora ou não aceito, se eu deixo passar. Por outro lado, se eu deixo passar, como é que vai ser, porque eu já tô com 36, e não é fácil você construir uma carreira, ainda mais, e olha... Assim, é muita coisa. Mas assim, mas assim, tô tentando viver um dia de cada vez, então fazer uma coisa de cada vez, né, e tentando me estruturar da melhor maneira que eu posso. Mas assim, lógico, que se eu pudesse ter optado, eu gostaria de ter continuado a minha carreira atlética. Não sei se eu me desse bem, ou me desse mal, não sei, não tem como a gente saber, não sinto, não joga, né, então não dá pra saber, mas é isso, assim, não sei se te respondi tudo, muito ou pouco.</p>
--	---

	E10	É uma mudança radical, né, ser mãe mudou completamente a minha perspectiva da vida e é uma coisa... a melhor experiência que eu já tive, em todos os sentidos, então isso pra mim me completou muito e eu acho que foi legal, foi no fundo eu tava bem... bem preparada pra isso. Eu gostaria de ter a chance de poder voltar, pegar a equipe e tudo mais, mas hoje em dia quando eu penso em... ficar longe da minha filha pra jogar uma competição em Curitiba ou ir pra Porto Alegre eu não vejo o menor sentido... o menor sentido, se eu passasse a semana com ela, tivesse uma rotina onde meio período eu treino e meio período eu tô com a minha filha e no fim de semana eu tivesse que me afastar faria algum sentido, mas eu trabalho o dia inteiro, minha filha fica na escola, realmente a gente tem poucos momentos juntos, né, então eu não tenho menor vontade de abrir mão.
	E11	Isso foi a felicidade pelo fato de... de conseguir conquistar resultados e tudo mais, a angústia por saber que eu poderia ter evoluído mais e aconteceu um monte de coisas na minha vida que interrompeu minha trajetória como atleta, mas eu realizei muita coisa, fiquei muito feliz, mas também fiquei muito triste por saber que eu poderia ter rendido mais e tô muito mais feliz hoje, porque eu continuo dentro da... da modalidade, fazendo uma coisa que eu amo, uma coisa que eu me preparei, continuo estudando pra continuar sendo, é... eficiente na minha profissão, né, então hoje eu não posso ser o melhor atleta, mas eu posso ser o melhor técnico, então eu acabo criando, pensando nesse ponto, assim, eu tô muito feliz hoje, por conseguir fazer o que eu estou fazendo.
	E12	Feliz por ter feito o que eu fiz e agora vivendo uma nova etapa, né.
	E13	Sei lá, hoje em dia eu acho muito estressante, então é... é um relaxamento na verdade.

B.9. Subcategoria: Rede de relacionamentos e papel do técnico

Parte	E	Trechos da entrevista
Rede da família	E2	Porra, que ninguém me ajudou. [...] Assim, a única coisa, assim, depois que eu parei o que me ajudaram, assim, foi só minha... minha mulher, eu ficava o dia inteiro dentro de casa e ela também. [...] Não, só minha mulher, que eu fiquei enchendo o saco em casa, né.
	E3	Pelos meus familiares, eu ainda continuaria, entendeu? [...] Foi algo meio engraçado, porque foi uma decisão minha, sozinha. Aí eles falavam assim: Você é louca.
	E4	Mas eu não conhecia a [atual esposa]. Na época, eu era solteiro, não teve. Nossa, que difícil, hein. [...] os meus pais, porque mostraram muito o caminho.
	E5	Todas as pessoas ao redor, os filhos, né, com certeza, ajudaram, minha esposa, família.
	E6	Acho que os meus pais. Eu acho que a minha esposa também. [...] os meus pais, eu vou falar tanto dos meus pais, quanto... ah, primeiro é dos meus pais, assim, eles nunca foram muito... acho que eles me viram bastante mudado, assim, uma transição muito grande, desde aquele menino que cabulava treino, até quando eu cheguei e parei de jogar, então nesse meio eles viram como eu mudei muito, em relação a responsabilidade, né, disciplina, aquilo que eu era, né, a água suja, passei pro vinho, né, então eles nunca me interferiram e eu nunca... sempre me apoiaram, nesse sentido, então, mas acho que o fato de saber que eles estavam próximos, me ajudou bastante, né, a minha esposa na época, acho que também, ela nunca interferiu muito, mas é óbvio que ela não gostava quando eu tinha que ficar viajando toda hora, apesar que não gosta agora também, porque eu continuo viajando, mas eu acho que também foi uma influência que eu quis, é... passar, porque eu não queria casar, só por casar e não... dar tempo pra ela, então acho que abrir mão do esporte, que me consumia muito, foi bom.
	E7	Então, essa coisa dos meus pais é até hoje, até hoje eles ficam muito preocupados, né, com o que eu posso participar, o que eu posso fazer pelo esporte. Então, realmente, se não fosse eles, não teria, não estaria aqui hoje.
	E8	Aí que meus pais falaram: Você, pra primeira vez, tá com um ótimo resultado. Aí, força você a pensar um pouco: Poxa, é verdade, né. Foi uma decisão própria e eu nunca pedi apoio. Entendeu? Eu nunca pedi apoio pra... Nem pra nada. Sempre fui muito autônomo nas minhas ações.
	E9	A minha mãe, né, sem palavras, em todos os momentos difíceis, se a minha mãe não tivesse presente comigo, em tudo, desde o início lá, de quando eu nasci, né, a coragem da minha mãe, eu acho que tudo que eu fiz na minha vida foi mais em função da minha mãe do que tudo, porque a minha mãe é a minha inspiração, apesar de ela ser uma pessoa super simples e mal ela... não tem estudo, não teve estudo nenhum, mas ela tem estudo da vida, da experiência dela que passou pra mim, sempre, a experiência humilde dela, e eu fico até emocionada de falar, porque a minha mãe

		<p>é tudo pra mim, né, não tem... não tem palavras, assim, em todos os momentos, todos, não posso dizer pra você, um, né, de todos os momentos, tanto os bons quanto os ruins, todos, é sempre ela que tá comigo, como ela tá aqui nesse momento agora, dessa transição, né, ela... claro, que ela tá fazendo o tratamento dela, né... [...] calhou dela vim bem nesse momento em que eu vou ter que decidir se eu vou ficar nesse emprego mais longe ou se eu não vou ficar, todo dia eu falo com ela sobre isso e ela fala: Minha filha, você tem que seguir...</p>
	E10	<p>Então, o meu marido, a minha filha, a minha mãe...</p> <p>Eu acho que no caso do... do meu marido me ajudou a... a me incentivar em outros projetos paralelos, né, quer dizer, na própria arquitetura, né, quer dizer, endossar a minha escolha. [...] Que isso é uma coisa importante nessa hora, a minha filha é naturalmente por ter mudado completamente a minha vida e hoje em dia tem uma importância na minha vida que realmente eu não... não quero abrir mão, não quero mudar; a minha mãe, porque tá sempre comigo o tempo inteiro, sempre... acho que é a minha mãe, naturalmente a minha mãe, o [nome] que é o marido e meu pai, enfim, assim, esse círculo... esse círculo familiar, né, que de alguma forma admira as conquistas que a gente fez, mas também aceita outros rumos, né, eu acho isso uma coisa importante.</p>
	E11	<p>Família, a [nome de atleta] foi primeiro minha atleta e hoje é o amor da minha vida.</p> <p>A última competição que minha mãe me viu remar, foi a seletiva pro campeonato mundial de 2000, porque ela veio aqui, eu me classifiquei, foi aqui na raia da [nome de universidade] e o pessoal da confederação não conhecia minha mãe.</p> <p>Então eu acabei me classificando e aquela... e aí minha mãe perguntou: E aí o [nome do próprio atleta] conseguiu classificar? E aí foi aquela coisa, é, infelizmente, sabe? Ela ouviu isso, aí no... no dia ela já falou: Cê não tem o apoio do pessoal, cê não vai conseguir ficar muito... não vai se destacar tanto, porque o pessoal não quer, então... e meu pai foi pior ainda, né, meu pai foi pra uma competição e viu... viu passando mal, então eles... hoje eles... eles até entendem a canoagem, a oportunidade que eles me deram, a canoagem, né, a oportunidade que me deu e tudo mais e continua dando, mas pro meu pai eu teria feito a outra faculdade e tava super bem, é isso então.</p>
	E12	<p>Na verdade foi uma decisão minha, né, mas você acaba conversando com a sua mulher, mais a tua família, né, seus amigos, é... que tão jogando, eles sempre te incentivam a seguir: Ah, vamos seguir, cê ainda tá... ainda tá bem fisicamente, não tem nenhuma lesão grave e tal, mas é sempre incentivando a seguir, as pessoas. Mas realmente as pessoas mais próximas, esposa, pais, é... meus irmãos, as pessoas mais próximas que tão ali realmente no dia-a-dia, já viam e já sentiam que tava ficando realmente difícil pra mim esse... esse dia-a-dia e tal, mas de qualquer maneira, foi uma decisão minha, eu decidi que iria parar e eles não interferiram em nada: Oh, eu acho que chegou a hora de você parar ou isso ou aquilo. Isso foi realmente uma decisão minha...</p>
	E13	<p>Quem ficou mais frustrado, por exemplo, foram os meus pais.</p> <p>Na verdade eu não... não teve, assim, eu meio que passei sozinho, não, na verdade é mentira, é acho que minha esposa tem um certo... tem um papel legal, porque, é... sem o apoio, assim, ela me... ela é incentivadora de começar dar aula de caiaque, ela me... ela teve essa ideia de investir mais tempo nessa... nessa carreira, ela teve a ideia de fazer... eu fazer educação física ou, assim, motivou pra fazer educação física, então isso ajudou... ajuda bastante, mas, por exemplo, ajuda profissional, não, é que acho que eu não cheguei no estado, que fala patológico, por exemplo, eu não cheguei no estado de [...] depressão.</p>
Rede de amigos	E3	<p>Ah, eu falo, por mais que seja difícil as pessoas aceitarem, acabam aceitando a sua decisão, né. Então, por eles aceitarem essa decisão, foi, com certeza, ajudou bastante. Meus amigos, meus familiares, quando eles viram que não tinha mais jeito...</p>
	E4	<p>Eu acho que fora do esporte, eu não tinha um grande mentor, assim, uma pessoa. Eu tinha amigos. [Nomes de amigos] mas eles fazem parte, que eles vão sendo importantes em outros aspectos, né. Quando eu parei, foi uma época que eu aproveitei a vida, muito. Foi a primeira vez que eu saí mesmo, esbornei um pouco, que a minha vida foi muito regrada, eu tive dois anos saindo à noite, então, eu tive meus grandes amigos da noite, que viraram amigos também em geral, não só de disso. Tinha o [nome de amigo], que eu não posso esquecer nunca, foi um brother que eu fiz, que me ajudou muitíssimo. Então, pessoas que, alguns que foram por muito tempo, outros que são amigos de longa data, e que se aproximam, em certos momentos que você precisa, e outros momentos que não. Mas, não tem um... Se você vai falar, dentro da tua carreira inteira, tem muita gente.</p>
	E9	<p>O que me ajudou muito foi... a primeira coisa que me ajudou muito foi o meu amigo [nome de amigo], de Joinville, que foi ele que viu esse negócio da [nome de instituição] e ele que me falou. E eu já tava aqui quase entrando numa depressão, porque eu tava juntando tudo, eu tava juntando o abandono do pai da minha filha junto com o abandono do... do esporte e minha mãe tava</p>

		comigo nessa fase aqui que eu tava... minha amiga [nome de amiga], que foi um anjo que passou rápido na minha vida, que era a minha vizinha aqui do prédio, do 14, ela... foi ela que me levantou, que me tirou de casa, a gente pegava as nossas duas crianças, que era a minha e a dela e... pra você ver como que ela me incentivou ainda, ela... a gente ia correr junto no Parque da Aclimação, com as crianças, empurrando carrinho de bebê. Só que infelizmente, como eu digo que ela foi um anjo que passou rápido na minha vida, o marido dela é médico, ele é cardiologista e ela como boa esposa que é, enfermeira, também, que ela é enfermeira, o que que aconteceu? Em fevereiro de 2011 o marido dela recebeu uma proposta pra Curitiba e ela foi embora, então a minha breve volta acabou, porque ela... ela me incentivava, a gente ia junto, ela falava: Não, eu vou com você... E [ela] nossa, e acho que a oportunidade lá do banco, o pessoal da [nome de instituição], que... que deu a oportunidade pra fazer o curso, eu consegui passar, né, o meu... meu namorado, hoje [...], que na época era só meu amigo, hoje é meu namorado, ele foi meu amigo de curso, que me incentivava, né, pra que eu não desistisse daquilo, porque eu ficava pensando, eu via todo mundo jovem lá no curso, menina, todo mundo novinho, 21 anos, como ele é novo, ele tem 24, todo mundo jovem e eu lá com 34, meu Deus [...] o que que eu to fazendo aqui, eu não entendo nada de banco, eu sou uma burra, eu não sei nem fazer conta de matemática, porque eu sou da humanas, eu sou muito da humanas, entendeu? Porque faz tempo que eu vi esse negócio de matemática na minha vida, eu num vou passar nesse negócio aqui não, não vou passar nisso não. E eles, assim, me incentivou bastante, então...
	E10	É difícil falar um amigo, né, que amigos também apoiam muito, mas eu não saberia dizer. [...] grupo de amigos. Vou colocar amigos atletas, que é bom a gente ter outras referências, né, de outros atletas que se aposentam na mesma época ou de pessoas... o [nome de clube] na verdade me ajudou, porque o fato de eu poder continuar competindo, poder ter trocado de categoria, isso me ajudou a... a me afastar. [...] os amigos aposentados que te incentivam a tomar esse rumo.
	E11	O [nome de amigo], um excelente amigo, assim, uma pessoa super próxima, é uma pessoa que eu gosto muito, só que hoje a gente tá um pouco distante, por conta dessa seleção. É, engraçado, né, é... e aí com essa proximidade, a história de vida dele dentro do esporte [...] quando eu acabei entrando na faculdade, é... o professor [nome de professor] ele acabou me ajudando bastante, né, pensando, lógico com vários outros professores da... da faculdade, mas ele me ajudou muito a... a entender o esporte como ciência e foi sempre me instigando a conhecer mais o conhecimento, né, então é uma das pessoas que... que hoje eu agradeço bastante e foi uma das principais pessoas que... uma das, é... de muitas dos professores que teve dentro da universidade, que ligaram pra minha casa perguntando se eu tava bem, então eles me deram um suporte emocional muito legal, porque depois que eu entrei em overtraining eu ia parar com tudo, eu ia parar a faculdade, ia parar tudo, né, e eles não deixaram, falou: Não, vamos, de pouquinho em pouquinho e tudo mais, o professor [nome de professor], é o diretor geral do centro de alto rendimento...
	E12	Seus amigos [ajudam]. [...] as pessoas mais próximas.
Rede de organizações	E4	A [nome de canal de televisão] que era essa bengala básica, de você já saber que você tem alguma coisa pra frente. Você não ficar desempregado, um nada. E a ATP, eu acho que pelo que falei no passado, de não querer, o próprio núcleo de jogadores, né, eu falo ATP pelo sentido de grupo de jogadores. Eu não queria ser visto lá dentro. Você quer uma carreira que todo mundo te respeita. Pô, ganhar [dele] é duríssimo. Nossa, ganhar [dele], tem que matar o cara sete vezes. E de repente, você, ah, ganhar do [nome do próprio atleta] é facinho. Ficar acabado... E isso, o meio faz isso com você. A [nome de canal de televisão], eu adoro a [nome de canal de televisão], mas eu não tenho mais nenhum link com eles, eu vejo [nome de canal de televisão], é a única coisa. Se cruzar [...] as pessoas que me contrataram, as pessoas, às vezes eu encontro cameraman, e adoro os caras, eu trabalho no prédio do lado. A [nome de canal de televisão] e a [nome de canal de televisão] estão do lado, eu vou na padaria e cruzo com as pessoas. Mas, a proximidade... É difícil você colocar. Se estivesse ativo, e hoje eu vou nos campeonatos por trabalho, né, converso com um monte de tenista, conheço um monte de gente, mas não tenho uma proximidade.
	E5	Não. Hoje em dia tem um pouco... tem mais isso, o Comitê Olímpico tem um trabalho sobre... tem psicólogos, coaching, que ajuda na transição do... dos atletas.
	E6	Eu fui acho que o... na verdade, assim o [nome de empresa]... eu fui o primeiro atleta, o sonho do [nome] que é o dono da [nome de empresa], que foi quem... quem patrocina o clube [nome de empresa], sempre foi ter um atleta Olímpico formado no clube, o cara que começou no clube e formou... porque, assim, o [nome de atleta] já jogou pelo [nome de empresa], um monte de gente já jogou. E... então eu acho que na verdade eu parei e... mas voltando, assim, eu não sei se eu em 2000 e...

		deixa ver, 2010... é quando eu parei eu acho que eu já... já sabia que era pra ficar aqui, sabe, assim, foi exatamente um... uma grande... um privilégio, ter sido formado no clube, um atleta Olímpico, né, e aí esse sonho é do [nome de atleta] e eu fui o primeiro a conseguir isso, o primeiro formado no clube mesmo a virar atleta Olímpico, então na verdade eu tive... vários... isso eu sei, vários privilégios, assim, muito... eu tive muita sorte nesse sentido, porque hoje aqui na empresa é um... eu tô muito satisfeito, né, assim, deu pra crescer dentro... junto com a empresa e... eles já me conheciam desde que eu tinha nove anos de idade, né, por causa do tênis de mesa. No caso da [nome de empresa], eu acho que ela me ajudou, porque eu precisava ter alguma coisa certa, assim, eu não podia largar uma coisa sem ter outra coisa certa, então é... é o emprego que já tava certo pra mim, eu já tava trabalhando, então isso me ajudou a pensar no lado profissional e financeiro, isso me deu uma grande tranquilidade, grande mesmo e, por isso que foi mais fácil passar pela aposentadoria.
	E7	Por exemplo, a CBTM vai me ajudar, vai me dar muito apoio pra isso. O [nome de comitê], o [nome de comitê], ele tem um... Tô até fazendo um curso com eles, que... Sobre essa transição, mesmo, atleta pra dirigente ou alguma coisa. [...] Mas assim, o [nome de comitê] se preocupa bastante, né, quando eu parar, o que eu posso ajudar, a CBTM, então acho que são duas... [...] O [nome de comitê] e CBTM, acho que esses são os principais, né. Tem o Ministério também. [...] Mas, como eu sempre tive bom contato com todos, né, então... Eu até já fui filiado a um partido, por causa de um secretário... Um ministro do Esporte, né [...] naquela época, lá, 2000 e... Mas são três órgãos do esporte, mesmo, que vão, com certeza, impactar bastante pra que eu me preparasse pra essa aposentadoria. Aí, eu vou decidir pra qual área eu vou ajudar, né. Que hoje eu faço parte da comissão de atletas do Rio 2016, né, do [nome de comitê]. Do Ministério do Esporte, recebi um convite também pra trabalhar lá, mas aí, eu tinha que morar em Brasília, então não posso, né, hoje, ainda. E da CBTM tem esse convite pra ser técnico, então são... É bom que eu sempre tive esse bom contato, pra que eu possa, poder escolher o melhor mais pra frente.
	E8	Não. A única coisa que eu tinha era a bolsa atleta do governo.
	E10	Porque o clube me apoiou muito quando eu quis voltar, até porque trocou a diretoria, tudo, já tava tudo diferente e isso foi legal. [...] ah, eu tenho uma outra coisa, a associação. No caso o [nome de clube] que foi aonde eu me aposentei, que me permitiu continuar treinando, por mais um tempo que eu acho que foi uma coisa legal pra poder manter o contato e o trabalho que eu faço na associação.
Papel do técnico	E2	Eu tinha o meu treinador, que é o [nome], que ele fazia essa função, ele era treinador, era pai, era psicólogo e... empresário também, então era um só.
	E11	Nossa relação entre... entre treinador e atleta, porque eu ficava questionando na prática eu vi que é totalmente diferente, então foi desgastando e desgastando ao ponto de no brasileiro de 2001 eu não remar, que ele me cortou, porque eu faltei uma vez no ano no treino, por causa da faculdade, então eu treinei 300 dias e na competição importante que seria o nacional, eu acabei ficando de fora, que ele me tirou pra... pra literalmente me ferrar, né, assim, no sentido tipo uma punição mesmo, é... aí em 2002 fui campeão brasileiro, fui pro mundial, só que mesmo com essa relação desgastada eu consegui, tipo, interferir um pouquinho mais dando a minha opinião. [...] à medida em que eu ia tendo sucesso e criava essa situação pra falar pra ele que talvez fosse de um outro caminho, ele... sei lá, ele não curtiu tanto e acabou, é... tipo, ficando uma situação... superdeconfortável, vê a pessoa todos os dias na semana, pelo menos cinco hora por dia e cê não ter mais, foi... a gente foi se distanciando e não tendo mais aquela admiração, né, porque eu sempre... sempre tive admiração pela pessoa em que o meu treinador é, até hoje, mas como treinador é uma coisa a parte pessoal era outra é... e aí o que aconteceu? Começou a, é... desgastar bastante. [...] ele começou a ficar, tipo, sem... esqueci a palavra, mas não tinha mais diálogo, sabe, assim? Não tinha mais, era aquilo e acabou, entra na água, faz o treino, cala a boca e fica quieto e... e aí o que que aconteceu, é... eu acabei entrando em overtraining. Então, é... todas as faltas que eu tive foi por conta de competição e duas por causa da... da internação, então eles falaram: Putz, aconteceu alguma coisa, o cara nunca falta, então o pessoal do [nome de universidade] fez isso e o meu treinador não fez, então essa foi a relação, foi um marco pra mim, porque, tipo, ele me decepcionou como pessoa, como treinador e como pessoa.
Rede do técnico	E1	Sim, do meu trabalho, [o técnico] era um pai, era um amigo, era tudo. Ah, eu acho que foi... ele [técnico] trabalhou mais com a minha parte psicológica, né, é... ele sentou comigo, ele conversou bastante, ele que me ajudou muito nesse processo de... até de eu convocar a imprensa toda. Me levou pra casa dele, onde eu vim de Santo André pra cá, fiquei morando na casa dele um ano, ele ficou cuidando de mim todo esse tempo, mas ele fez mais o papel de pai mesmo, né, eu não

	<p>vejo... eu falo técnico, treinador, mas eu não vejo ele como técnico, treinador, eu vejo ele mais como uma figura de um pai mesmo.</p> <p>Né, ele que me orientou desde quando eu cheguei aqui, de que estudar era importante, de que fazer uma faculdade era... era realmente algo, que não bastava ser só atleta sabe? [...] Então a minha proximidade com ele era mais... pra mim, eu via ele mais como um pai mesmo. [...] Mais na questão do apoio psicológico, de... porque foi muito difícil, não dá, olha eu sofri muito com isso, eu chorava pra caramba, eu não queria parar, entendeu? [...] É... foi muito difícil, foi muito doloroso, mas ele tava ali do meu lado me incentivando, me... foi, assim, um pilar mesmo de sustentação, porque eu fiquei muito mal. [...] E ele, assim, conversou muito comigo, ele trabalhou muito o meu psicológico e fez entender, todas as etapas de um grande atleta. [...] Desde o talento, ele veio explicando, ele veio contando, até o final e foi nesse final que eu consegui entender o que ele tava tentando me dizer, que acabou, mas acabou no sentido do quê? Que era só um... uma etapa da minha vida, que dali iam aparecer outras oportunidades, outras coisas e que ele ia tá do meu lado pra o que der e o pra que... pra que viesse, se eu precisasse dele, eu podia contar com ele e que ele ia me ajudar nesse processo, mas que seria muito importante eu entender que... que a fase de atleta, tinha terminado ali. [...] Mas que a minha história não ia morrer ali, ia continuar e de fato continuou e foi muito importante.</p> <p>Acho que ele [técnico]... ele foi assim, ele foi implacável, ele foi ímpar.</p> <p>Empresário não, né, aliás, tinha empresário, o empresário era o [nome de técnico], ele fazia tudo pra mim, né, ele que via a questão de patrocínio, ele que cuidava da minha imagem, cuidava da minha carreira, ele era tudo. [...] ele orientou a gente a investir o dinheiro de maneira certa, não gastar com bobeira, com... com bobagens, ele foi muito útil, viu, nossa, ele foi muito, assim, ele foi muito sábio como treinador e como... como gerenciador da nossa carreira. [...] e a gente sabe que... que tiveram muitos atletas que... que não teve esse respaldo, que não teve esse apoio, essa orientação, né, e que... e que ganharam muito dinheiro, né, e que infelizmente hoje não tem um carro pra andar, não tem uma casa pra morar, né, por falta dessa orientação.</p> <p>Então o [nome de técnico], assim, ele foi muito inteligente, ele foi muito prestativo e a orientação dele foi muito válida e, assim, acho que como pessoa mesmo, eu devo muito a ele, sabe? Devo muito mesmo, eu sou muito grato a tudo o que ele fez. [...] Muito mesmo, é de verdade isso, é... e eu tenho ele, assim, como um paião mesmo, sabe? E a gente... tenho contato com ele até hoje, ele vai na minha casa, eu vou na casa dele, conheço [...] a mulher dele, frequento... conheço as filhas dele, tamos sempre próximo, se falando todos os dias. [...] É muito raro.</p> <p>É... enquanto atleta e depois que encerra a carreira, cada um vai pra um canto, cada um vai pra um lado e acabou. [...] E não, e eu vim de Santo André e eu tô até hoje em Presidente Prudente, morando, vivendo aqui, após aposentadoria, após ter encerrado a carreira, com... com umas orientações que foram muito úteis pra minha vida e que eu posso pegar todas essas orientações que foram passadas pra mim e aplicar no meu projeto do qual eu tenho atletas, grandes atletas, que vão brilhar em 2016.</p>
E2	Ele fazia tudo essas funções.
E3	[Técnico] também não, também não.
E4	<p>O [nome de técnico], que é o cara que deu o primeiro empurrão.</p> <p>O tenista é um microempresário. Todas essas pessoas, elas têm a função. O bom técnico e o bom empresário, ele não é só um empresário momentâneo. Ele tem que estar com a cabeça aberta em todos os segmentos. Eu sempre olhei pra ter caras muito bons, e eu pagava alto. Prefiro pagar bem e ganhar menos, mas ter caras importantes.</p> <p>Mesmo o [nome de técnico] no Uruguai, mesmo tendo pouco contato depois, aqui dentro do Brasil, mas muito falando, então, eu falava uma vez cada dez ou 15 dias. Com certeza eu pegava o telefone e ligava pra ele: E aí, cara, como é que tá. Ele me seguiu nesse processo de aposentadoria, muito próximo. Ele se preocupou com esse momento meu. Ele já tinha vivido com outros jogadores. Eles são super importantes.</p>
E6	<p>Sim, eu posso dizer que sim, o... [nome de técnico], meu amigo, também era o técnico, ele... apesar de a minha desistência, afetar muito a ele, porque ele ia ter um atleta a menos, mas ele nunca se opôs a isso, sendo que eu tava... ele falou: Se você tá indo pra um negócio melhor, pode ir.</p>
E7	<p>Foi o técnico do masculino. Inclusive, porque ele é um francês, como eu falei, né, ele acompanhou minha carreira desde novo, então ele sabe que eu posso jogar bastante, então, ele que deu essa ideia pro presidente da CBTM, né, e eles estão aí finalizando o contrato pra eu poder assinar.</p> <p>O [nome de técnico], por exemplo, ele tá com 66 anos, eu acho, né, então ele é um cara que sempre vai... vai tá me ajudando, quando possível, né, eu vou tá conversando, ele vai me</p>

		passando experiência, porque ele trabalhou mais... sabia que ele trabalhou mais com masculino do que feminino, né, então pois por ele, eu já vejo, assim, muita diferença, né, os meninos, sabe, não podia dar uma risada ele já dava bronca, mandava fazer castigo, né, mulher não, mulher ele dá treino, mulher começa errar, faz cara feia, assim, ele dá uma olhada, assim, e tal, mas não fala muito, né, então ele sabe, né, de, assim, de como tratar a mulher, né, esse lado, né, de na hora do treinamento, né, então é uma coisa que o [nome de técnico] vai me ajudar bastante com certeza, agora, a gente, hoje a gente, assim, não sei, porque são poucos trabalhos também no tênis de mesa, né, então acho que não... assim, não tem... eu vejo ele, não vejo, assim, alguém que possa nessa parte ajudar muito.
	E9	Sempre tive o técnico da seleção.
	E10	O [nome de técnico] eu acho que sim [...] ele é um russo que trabalha no [nome de clube] e... eu acho que ele me ajudou sim [...] ele fazia um pouco esse papel. Porque ele é um técnico bem experiente, um cara que já trabalhou na Rússia muitos anos e eu acho que ele, é... como eu vou dizer, talvez se o [nome de técnico] tivesse no Brasil, talvez tivesse sido mais difícil eu me aposentar, porque ele tinha essa... essa energia, né, de sempre te colocar novos objetivos e novas coisas, talvez ele tivesse até me convencido a esperar, ter filhos, aquela coisa toda, então foi bom ele talvez ter passado esse tempo fora, assim, que eu acho que eu tive uma certa... consegui decidir com mais liberdade. O [nome de técnico] eu acho que ele tinha... ele tem essa postura mais respeitosa em relação a essas decisões pessoais, sabe? Isso eu acho que ajudou.
	E12	Fora a minha família, pessoas, mais técnicos... técnicos em um determinado momento da minha vida.
Rede do gerente	E4	A [nome de empresária] me mostrou que não era um bicho de sete cabeças, e que minha vida poderia continuar, você precisa de um pouco de confiança nas suas decisões, precisa de um pouco de uma bengala. [...] Ela era minha empresária. Então, você precisava ter essas pessoas. Eles me ajudaram, e são fundamentais. De abrir o caminho pra próxima.
	E5	Tive, tive vários empresários, o meu pai foi o pilar na relação com... com os negócios, sempre foi... [...] até eu me aposentar, que aí eu tomei conta das próprias coisa aqui com outras pessoas.
	E6	Não [tinha empresário], mais ou menos. Nossa, difícil falar, né, no esporte amador eu não tinha empresário, mas eu tinha, assim, por exemplo... [...] É o... [empresário] ele é o representante da [nome de empresa], né, eu fui patrocinado pela [nome de empresa]... não foi meu gerente, assim, mas ele me ajudou em várias coisas e eu, assim, eu consultava... eu o consultava.
	E12	Tinha... tive alguns técnicos e em determinado momento da minha carreira, também tinha empresário, agente, né, a pessoa que ajudava na... nessa parte, que envolvia, né, essa parte extra-quadra.
Rede de outras pessoas	E1	De tudo, mas mais as pessoas que eu não conhecia. [...] Os fãs, as pessoas que têm um carinho pela a gente: Pô [nome do próprio atleta], mas cê já parou, tá tão novo, tá tão inteiro, parou jovem, mas ninguém sabe que hoje... até hoje me perguntam isso: Eu não acredito, cê tão novo já parou? Eu falei: Gente, eu tô com 41 anos. “Eu não acredito, tudo isso já? Mas novão, ah, continua.” Então, assim, cê vê o carinho, né. As pessoas, sente, acho que sente a vontade, assim, e o desejo de querer que a gente continuasse treinando, competindo, né, mas infelizmente, é... é o tempo.
	E3	Ah, é que na verdade essa foi uma decisão meio sozinha. Muitas pessoas falavam: Não, você ainda tem chão, sabe. E eu que batia nessa tecla, praticamente foi uma decisão minha, mesmo. Não teve ninguém. Acho que todos, em geral, tanto pessoas próximas, quanto as pessoas distantes, sempre falavam: Não, você tem que continuar, você ainda tem muito futuro aí no Brasil. “Não, vou parar”.
	E4	Ah... Eu acho que algumas pessoas, [...] o meu treinador, no final, foi um cara importante. [...] Teve pessoas que trabalharam comigo de outras maneiras [...] que fazia todas as coisas comigo em produção de eventos, a [nome de evento esportivo] que eu fiz, foi uns caras que também me ajudaram muito. Eu sempre fui um cara com um time muito grande. Tentei trazer gente pra dentro. Eu tenho essa característica de fazer as pessoas trabalharem comigo, e ajudar, e abrir caminho pras outras pessoas. Nunca fui um cara que, olhei pra mim: Opa, eu vou me dar bem aqui. Todo mundo fala: Você poderia ser, ter muito mais dinheiro, se você fosse um pouquinho mais egoísta, e você pudesse fechar um pouco mais, e quisesse ficar mais você, do que ficar ajudando as pessoas. Mas é a minha característica, sou meio conhecido dessa maneira, e eu acho muito legal poder colocar mais gente junto no meio. Clínica de tênis, tem um professor, eu vou com três. Porque acho que você tá trazendo experiência, trazendo dinheiro, fazendo a roda rodar. Entendeu? Se não, fica parada, pouca gente trabalhando, pouca gente ganhando, pouca gente passando coisa legal. Então, quanto mais gente tem, mais você vai aprendendo e mais você se

		<p>motivando.</p> <p>Pessoas que entraram na minha vida durante algum tempo, que foi interessante pra ela, interessante pra mim, interessante pros dois, depois você acaba se separando, quando você perde carinho pela pessoa, sabe? É momentâneo.</p>
	E5	<p>Meus sócios, as pessoas com quem eu me aproximei e fiz negócios.</p> <p>Todas as pessoas desse grupo foi... foi fundamental nessa transição. [...] Tenho vários sócios. [...] São três nas academias e na metodologia.</p> <p>Tô falando de todo mundo aí, parceiros de negócios, parceiros de natação, as empresas que me apoiaram [...] foram importantes.</p>
	E6	<p>Eu perdi bastante contato, né, mas, por isso que eu vejo como eu tinha claro, que o meu objetivo era ir pra uma Olimpíada, isso era um dúvida que eu tinha também, como é que será que eu vou reagir depois que parasse. [...] Eu vou até colocar um aqui que vai ficar estranho, mas acho que minhas conversas com Deus me ajudou bastante também.</p> <p>E em relação à espiritualidade, essa, assim, eu acho que eu... eu consulto bastante, assim, sabe, Deus, assim, pra me dar uma direcionada e eu senti bastante tranquilidade e paz quando... talvez esse foi o mais importante de todos, eu não consigo fazer nada... tomar nenhuma decisão, se eu não tiver paz em relação a alguma decisão e apesar de ser uma decisão muito difícil, porque eu sabia que eram 20 anos jogando, eu acho que foi isso que mais me motivou a parar, porque eu sentia a paz que era pra parar, então eu falei: Ah, então... então vamo, eu acho que é o caminho certo.</p>
	E7	<p>Tem um coach, né, fazendo um trabalho de coaching, ele que tá me ajudando a tomar uma decisão, pra qual área eu vou seguir. Então, ainda esse trabalho vai terminar agora em março, né. E é legal, porque a gente, como atleta, não tinha muito tempo até pra pensar sobre isso, sobre a transição, o que é que eu ia fazer depois que eu parasse, né.</p>
	E9	<p>O [nome] também é uma pessoa [...] querida, ele é doido pra que eu volte, ele é doido pra gente voltar, vira e mexe ele me liga com alguma coisa mirabolante. Vamos treinar tal coisa! E a coisa às vezes não dá. Às vezes o meu tempo agora acaba não permitindo, né. Ele queria que eu fosse andar de noite com ele. De noite não dá porque de noite tenho que vim pra casa ficar com a minha filha, nem a minha faculdade eu to fazendo de noite. Não sei como é que eu vou me virar agora, to tentando ver se eu faço um curso a distância, mas aí já cai numa outra situação que é a questão da acessibilidade, que daí eu não sei como é que eu vou fazer, mas aí... é, mas aí é... são várias coisas.</p>
	E10	<p>Eu acho que a minha sócia [...] que era... que foi... que teve importância em todos... todos os momentos ela foi... a gente foi... nós viramos sócias em 2002 e ficamos até 2010, quase... quase dez anos, então tanto no momento de aceitar as minhas ausências e viagens e tal, quer dizer, eu acho que ela foi muito compreensiva nesse sentido de admitir que eu poderia trabalhar e ao mesmo tempo viajar e... e eu acho que perceber que eu... que eu tinha essa outra perspectiva de... de vida, né? Que no caso era... eram os trabalhos que eu fazia com ela, né, no nosso escritório de arquitetura.</p>
	E11	<p>Todos os professores da universidade foram, é, cada um com a sua maneira, né, de... de apresentar o conhecimento, é... de ver que eu tava super interessado [...] e também pelo apoio que eles me deram quando... quando eu entrei em overtraining, né, eu acabei quase desistindo de tudo de... de estudar e tudo mais, porque foi uma... uma fase um pouquinho, tipo, meio pesada, assim, sabe? Foi uma hora que cê começa a avaliar um monte de coisa e será que valeu a pena?</p>

B.9. Subcategoria: Autodescrição antes e após a aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Autodescrição antes da aposentadoria	E1	<p>Como atleta, passagem maravilhosa, sabe, eu acho que... que como atleta foram momentos, assim, de vitórias, de muita alegria, de felicidade, de conquista, foi um momento, assim, muito... muito proveitoso da minha vida, eu tive a oportunidade, através do esporte enquanto atleta, de conhecer vários países, de adquirir uma cultura que talvez... se eu não tivesse sido atleta, eu não sei se eu teria essa... essa oportunidade, então acho que ser atleta é saúde, é... é alegria, é... é vitalidade, foi momentos, assim, maravilhosos que eu passei, enquanto atleta, ah, eu devo... eu devo a minha vida ao esporte, com certeza absoluta.</p>
	E2	<p>Bom, como atleta, assim, eu sempre fui uma pessoa, assim, muito, é... autoconfiante, então eu tinha uma autoconfiança demais e... e uma vontade enorme de vencer, assim, eu não sei, parece</p>

		que tudo que eu... que eu fazia, eu queria que desse certo e a maioria dava certo. Eu acho que quando eu era atleta, só dependia de mim, né.
E3		Ah, eu creio que quando a gente é atleta, tava aprendendo muita coisa, crescia muito como pessoa, né. [...] eu me descrevo, como atleta, realizada, né.
E4		E no tênis, era exatamente isso. O cara treinava, treinava, trabalhava, não era o mais talentoso, como não sou talentoso, de repente pra televisão, o cara mais, ah, mas é um cara que tá lá, procuro informação. Então, muito parecido a minha vida fora e dentro. [...] Irreverente, e totalmente quietinho, sabe, impossível.
E5		Você tá em formação como pessoa [...] uma postura, talvez um pouco de... mais jovem no primeiro momento.
E6		Quando eu ia jogar, era muito mais tenso do que é hoje, a distância da viagem é a mesma, mas antes você... eu ia, eu tinha, assim, uma cobrança, até minha de resultado e tudo, eu não ia lá pra passear, né. [...] minha mãe falava, assim, quando eu chegava em casa, ela sabia quando eu tava preocupado, estressado, assim, sabe? Eu quero deixar alguma coisa boa sabe, resultado, eu vou te falar viu, toda hora tem resultados, as pessoas esquecem, amanhã já... cê já... ninguém vai te ficar lembrando, que você é... foi pra Olimpíada um dia sabe, essas coisas eu sinto que... agora as pessoas lembram se você foi um bom jogador ou não, assim, com bom caráter ou não, isso eu que acho que, né, então eu acho que isso foi mais o meu objetivo.
E7		Olha, como atleta sempre fui, é... primeiro, muito disciplinado, né, porque se não fosse isso, mas é uma coisa que eu aprendi com o [nome de técnico], né, é... eu desde pequeno sempre fui... fui meio espoleta, né, apesar de ser... o japonês tem aquele lance de ser um pouco mais tímido tal, né, mas aqui no treino não, né, no treino era mais explosivo e tal, né, é... mas sempre a disciplina me ajudou bastante, alguma... uma época eu fui um jogador bastante nervoso, explosivo, né, de, tipo, tá perdendo, entra azar pra errar um pouco também, né, mas aí essas coisas, tem o lado bom e o lado ruim, o lado ruim é que você não mostra, não dá um bom exemplo, né, mas dentro da mesa, por exemplo, tem vezes que você precisa estourar, pra você dar uma acordada, né, então lógico que eu não exagerava, né, mas isso pra mim algumas vezes foi importante e outras vezes faltou pra mim, né, de eu... às vezes, se eu tivesse explodido num jogo lá em 96, por exemplo, nas Olimpíadas de Atlanta, né, eu ganhei na partida de dois a zero, nas oitavas de finais, o outro jogador começou buscar... buscar e eu fiquei tranquilo, né, porque eu, né, não posso ficar nervoso agora, né, então essa tranquilidade demais me atrapalhou, né, então, e tipo, aí a gente vai aprendendo, né, mas sempre disciplinado, é... sempre eu fui um cara que corria atrás dos objetivos também, né.
E8		Você fala assim: Poxa, eu estou entre os melhores. Mas uma coisa é você estar com nome na lista de seleção e tudo o mais, eu acho que isso envaidece. Mas quando você está pra competir, realmente, com os outros atletas do mundo, é aí que você fala: Agora, sim. Agora não tem mais jeito, né, então você vai ter que enfrentar. Então, o fato de, na verdade, de você estar nas condições de enfrentar, é que faz você se tornar, eu acho, que, um atleta de ponta. E em 2003, por causa disso, devido à bolsa atleta, eu me senti um pouco mais profissional em relação à responsabilidade. Assim, falar em termos profissionais em relação ao esporte, eu não considero que eu tive uma, uma... Eu tive uma atitude profissional. Como atleta, eu acho que a gente é um sonhador. A gente é muito romântico, né. Porque quem quer aquilo lá, é um sonho, no meu caso. Não é porque eu ganhava. Muito do que hoje eu vejo, nem crítica, nem elogio, sabe? Vou contar uma situação: por causa do bolsa atleta, muitos vivem aquilo só pra manter a bolsa. O comprometimento, então, é com o salário, vamos dizer assim. Então, isso é profissional. Não vou nem contrariar ou ficar a favor. Como no meu caso eu não precisava, graças a Deus, disso, eu fazia pra mim. Então, assim, eu ficava me questionando: Por que que eu tô fazendo isso?. Pra chegar onde, é só pro ego? É porque eu gostava de fazer aquilo lá, né. Então, como eu gostava muito de fazer aquilo lá, e o resultado era apenas uma consequência disso, então, pra mim, era, vamos dizer assim, eu tava feliz fazendo aquilo. Então, isso me preenchia bastante.
E9		Eu acho que quando eu era atleta eu era um pouco incompreendida por essa questão que eu te falei que eu... que eu sempre achava que... eu não achava muito justo, né, as pessoas que ganhavam medalha de ouro, elas sempre eram chamadas e convidadas para as coisas, e a gente que não ganhava medalhas de ouro ou que não ganhava medalha nenhuma, era sempre preterido. Mas em compensação, o que eu pensava? Qual era a minha ideia? Poxa, tudo bem, eu não ganhei medalha, mas, poxa, aquela pessoa ganhou medalha de ouro, mas ela não sabe nem abrir a boca pra falar, ela não tem conteúdo nenhum, então por que que tem que ser ela, por que não eu, por que não outra pessoa. [...] Minha mãe que fala: Ainda bem que você não virou advogada, porque

Autodescrição após a aposentadoria		senão só Jesus na sua vida. Você ia arrumar confusão toda hora.
	E10	Eu acho que eu... eu me considero feliz, mesmo depois, na verdade, assim, eu acho que eu... é super nostálgico pensar no esporte... depois que você se aposenta, né, porque é diferente de você saber que aquilo não vai voltar, é como qualquer... quando você se forma na faculdade ou quando você resolve sair de um determinado trabalho, dá uma certa nostalgia porque aquilo que você nunca parava pra pensar que um dia pode acabar de repente termina, apesar de saber que nada é pra sempre, então é... acho que essa... essa nostalgia e, às vezes, essa... mas é que no fim eu... como eu te falei eu acho que eu tava bem mais preparada do que eu pensava e... tinha tido a minha... a minha cota, sabe? De... de dedicação e não foi por pouco tempo, eu acho que eu vivi com bastante intensidade, o que o esporte pode me oferecer na época, então, assim, é uma sensação de... de realização, não só pelos... não só pelos resultados, porque, é... eu acho que ter, eu carrego comigo muitos... isso é uma coisa que é... é um pouco um chavão dos atletas, mas... mas ela é real mesmo, né, eu acho que você acaba transferindo a forma como você encara... encarava o seu esporte pra sua vida, né, a esgrima tem uma peculiaridade que eu gosto muito e que eu acho que existe bastante na... no meu dia-a-dia que é você... quando você tem o... a esgrima ela é super técnica, né, ela tem uma parte física forte, mas ela é um esporte de detalhes, assim, né, de coisas que fazem uma diferença enorme, assim, de técnica e... e você na hora do combate, é importante você conseguir transferir a sua concentração pras coisas menores e pras coisas maiores e você conseguir mudar esse ponto de vista, durante... isso é uma coisa que eu sentia quando eu era atleta, essa facilidade que a gente tem na esgrima de ao mesmo tempo você tá olhando exatamente aonde você vai tocar, por exemplo, é uma coisa super precisa e nada mais importa, nem o placar, nem o tempo, nem nada a não ser aquele lugar que você viu que você vai... você vai acertar, é aquele momento, é o momento que você precisa se isolar de tudo, é uma coisa natural pro esgrimista, não é uma coisa que você tem tanto controle, assim, ela é uma coisa que você trabalha no seu dia-a-dia, mas, é... mas essa transferência sabe de você ao mesmo tempo que você faz uma ação que é pra aquele momento, que é pra aquele lugar, que é aquele toque, que é aquele... instante, que também é muito rápido ao mesmo tempo você transfere o seu ponto de vista pro combate como um todo, então isso pra citar um dos exemplos, vamos dizer, assim, que eu acho que é específico do... do nosso esporte, da nossa modalidade e que serve pra vida, né, porque é isso tem momentos que você... você tem que se isolar do problema como alguma coisa enorme, né, sabe, assim, ah o placar tá desfavorável, eu estou muito perto da distância, eu não tô acertando não sei o quê ou eu tenho que passar essa fase, são pensamentos... macros, né, tem horas que você precisa se desapegar de tudo isso pra poder ter eficiência na coisa, é... específica, né, então isso eu acho que é uma transferência que acontece durante o combate, acontece durante a competição, durante o treino e que na vida ajuda, sabe? Tem horas que você precisa olhar a coisa de uma distância e tem horas que você precisa olhar a coisa muito mais perto, então.
	E11	Eu sempre acreditei numa frase engraçada, que talento é superável, força de vontade, não, então eu era uma pessoa muito esforçada, era muito mais esforçado do que talentoso, né, eu não tinha tanta aptidão, assim, mas, é... eu conseguia criar mecanismos pra... pra minha dificuldade não sobressair a minha vontade.
	E12	Mas como jogador, era uma coisa que... que era sempre a mesma coisa, mas cada semana num lugar, né, é difícil eu me descrever, na verdade eu nem parava pra pensar, era uma loucura minha vida, cada semana num país diferente, né, muitas vezes saía dos Estados Unidos numa semana, na outra já tava na Europa, ia pra Ásia e ficava uma... era uma loucura, uma vida muito louca, assim. [...] Eu sempre fui um cara muito... muito calmo é... nunca fui de... de falar muito, fui mais... fui mais, é... fechado, nunca me abri muito, é... poucas pessoas ali como amigos, com a minha família que eu consegui realmente me abrir mais, o que pode ter mudado, é que principalmente participando de eventos como esse agora, muitos eventos de relacionamento e tudo mais. [...] Principalmente no esporte individual, eu sempre fui muito fechado e os... os atletas são muito individualistas, coisas que... que eu já venho percebendo agora.
	E13	É... então eu acho que eu fui... sempre fui competitivo, obviamente e acho que continuo sendo competitivo.
	E1	E pós-atleta, é tudo enquanto... enquanto atleta, eu tô colhendo tudo enquanto eu fui atleta, então, assim, pós-atleta eu acho que eu tô colhendo, todos esses frutos, né, tô colhendo.
	E2	Depois do atleta, foi pro contrário, as coisas, parece que não tava dando tão certo, depois que eu parei, eu tive que rebolar muito, assim, pras coisas poder acontecer. É, não que eu perdi, mas não dava tão certo, eu não entendo, que não sei por quê, eu acho que quando eu era atleta, só dependia de mim, né, e depois quando eu parei já não tinha mais isso, eu tinha que depender de outras pessoas também pra eu poder fazer as coisas que eu queria.

		Hoje eu faço parte de um grupo de... de ex-atletas, só que nós somos seletos, né.
	E3	<p>E com certeza essas experiências, hoje, me ajudam bastante nas decisões que eu tive, que tenho que tomar hoje. Aprendi muito, principalmente em questão de disciplina, em questão de fazer as coisas certas, né. Então, acho que hoje, no meu trabalho, isso ajuda bastante.</p> <p>E agora, buscando outros caminhos, sempre buscando, na verdade, eu sempre tô buscando desafios.</p>
	E4	<p>Eu demoro muito pra querer me envolver com alguma coisa. Eu tenho que, eu sempre falo que tenho que ter um porquê. Aí, ah, você me pediu pra fazer uma entrevista. Tem que ter um porquê. Por que que eu estou aqui falando da minha vida com você? Ah, porque eu acredito, porque acho que é importante pra você, porque eu gosto, porque é comunicação, então é a admiração que eu tenho pela faculdade. [...] E eu falo por telefone, por telefone eu falo: Não vou fazer porque eu não gosto. [...] E já tive milhões de programas assim, tipo da pessoa não entender: Cara, eu tô sendo muito sincero pra você, a coisa mais legal é eu te enrolar, eu ficar falando que quarta-feira que vem não posso, quarta-feira que vem não posso, não posso, não posso, e na verdade eu acabei com teu prazo e não fiz. “Ah, você tá muito ocupado”. Eu podia ter feito isso com ele, mas eu acho injusto, a não ser que fale assim: Ah, não.</p> <p>Eu acho que uma coisa que não falei, que acho que tem muito a ver como tudo isso, é, você só consegue começar se dedicar, e principalmente parar, se você amar o que você faz. Isso pra mim ficou claro quando eu falei daquela coisa do porquê. Por que eu tô na televisão, por que que eu tenho um blog, se você perguntar pra cada coisa que eu faço, por que que eu? Às vezes é crítico, às vezes é estratégico, às vezes é por ser, mas, todos eles, eu, nada é com esforço. Não é um esforço ir à [rádio], toda terça-feira à noite, não é. É uma diversão, né. “Ah, mas, ele tem uma estratégia dentro da minha ideia, eu queria conhecer o rádio”. Então, quando eu entrei, eu entrei não ganhando nada, entrei na experiência, entrei no aprender, porque o [nome] é um cara super conceituado em torneio. Eu falei: Opa, peraí, vou ver se eu gosto. E gostei. Então, ele teve um motivo. “Ah, por que eu entrei na televisão?”. Porque eu gosto, gosto disso, gosto daquilo, que a gente também tem o lado da exposição de mídia, e que muito facilmente você é esquecido no Brasil. Mas tudo isso foi monitorado totalmente pelo amor que eu faço, que não consigo sair de casa pra fazer certas coisas, e cada vez você me vê menos. Você me vê mais na mídia por causa da rádio e do meu trabalho, mas cada vez você me vê menos no programa da televisão. Eu só vou pelo carinho e pelo amor que eu tenho ao esporte.</p> <p>Então, eu só vou por causa disso, hoje, não porque: Ah, eu tô a fim de ir no programa do... Eu vou pelo esporte, não quero que ele morra, por isso que eu bato boca no Twitter, quando tem que bater, no blog, quando um débil mental fala mal do esporte, eu vou e carco nele também. [...] Não, eu quero proteger o meu esporte, porque tudo o que tenho é graças ao esporte. Eu tenho esse conhecimento. Eu quero fazer um payback nele. Eu faço, sempre fiz, eu tenho consciência disso. Mas, você dar de volta, é muito legal. Então, mas eu, o amor do que você faz, ele é determinante. Você acordar meia hora antes, e ficar meia hora a mais no trabalho. Quem não ama, vai embora na hora que tem que ir embora. “Acabou seu expediente, vai embora”. O cara que ama, treina mais um pouquinho, dá mais uma fuçada no computador, vê o dia seguinte, e ele é obcecado pela coisa. E aí, tem problema em casa...</p>
	E5	Você consolida o aprendizado, então um... apesar de você ter um período de transição pra vida real, vamos chamar assim, né [...] uma postura um pouco mais voltada pra aplicação dos aprendizados.
	E6	<p>Hoje no trabalho, poderia até ser, mas o meu trabalho aqui, não, assim, a empresa não... não me cobra, assim, eles me dão muita liberdade pra trabalhar, eu viajo muito com os meus chefes, né, também, então o ambiente que eu tenho de trabalho é muito bom, então hoje, por exemplo, usando esse exemplo, eu sou uma pessoa muito mais leve, talvez leve. [...] agora a minha preocupação, de fato tenho, né, tem várias coisas, mas é uma preocupação que eu saio da empresa, eu consigo, sabe, curtir minha filha, minha esposa, é bem diferente.</p> <p>Então hoje eu sou uma pessoa bem mais tranquila, nesse ponto.</p>
	E7	<p>Porque eu brinco sempre com elas, todos os dias, né, eu falei: Não, agora... só que agora vai ser diferente, né, vai ser um encher o saco diferente, encher o saco pra ensinar, não vai ser encher o saco de... aquelas coisas de fora da mesa, né.</p> <p>Eu vou ser um cara que eu vou exigir muito da disciplina, né, vou ser um cara que é... quero que todos cheguem perto da perfeição, eu sei que não é possível ser perfeito, então eu quero que seja... chegue perto disso, né, então eu vou cobrar bastante disso aí, né, atleta, é... mostrar pra ele que não tem tempo a perder, né, cada treino é muito importante, porque eu mostro, assim, que lá os outros... tem jogadores, eu tenho certeza, os jogadores de outros países não tão perdendo tempo nenhum, né, e eles tem melhores condições do que a gente, então a gente com piores</p>

		condições, se a gente perder tempo, vai perder três vezes mais o tempo que eles perdem, né, então é realmente isso que eu quero colocar, principalmente na parte da disciplina, né, então, é, por exemplo, teve um treino da seleção feminina agora, em janeiro, né, eu tirei uma menina do treino, porque ela não tava treinando concentrada, sabe, tava treinando de qualquer jeito, né, então eu já quis mostrar que comigo não vai ter disso, né, porque eu não quero perder meu tempo, né, com... com esse tipo de coisa, eu quero perder... eu quero fazer que o meu tempo, né, passe, assim, só ajudando as pessoas que merecem, né, quem não merece foi... já foi um aviso já, então essa parte, principalmente da disciplina, que eu vou cobrar bastante.
	E8	Quando você fala, você fala assim: Poxa vida, não sou mais atleta. Parece que tiram sua identidade, entendeu? Então, um monte de, até clientes, acabavam falando. Eu não misturo as coisas... Os clientes acabam vendo na televisão: Ah, eu te vi lá, tal. E me chamavam de atleta, né, em vez de dentista, né. Então, era engraçado porque não era porque... Eu tô aqui, o consultório e a natação, né, tô aqui pra cuidar de você, né. Mas, enfim, as pessoas acabam ligando, porque é uma pessoa, só. Eu sou uma pessoa. Depois disso, claro que continuo praticando esporte, tudo o mais, mas o meu compromisso hoje é com o trabalho. E como minhas responsabilidades, a minha família. Então, a mudança é essa: qual é o teu compromisso? No esporte, o meu compromisso era comigo. Tem com a seleção, e tudo o mais, mas... Se eu não for convocado, não fui, acabou, né.
	E9	Hoje eu vejo que eu sou uma pessoa, eu tô mais resignada das coisas, e tô mais centrada, eu já não... eu tento não mais fazer com que as pessoas entendam o que eu quero dizer... eu agora procuro me colocar quando sou convidada a opinar, se eu não sou convidada a opinar, por mais que eu queira opinar eu não opino mais. Acho que isso também é uma coisa que a idade te traz, né, eu acho amadurece você pra essas coisas, hoje eu vejo tudo com outros olhos, né, como eu te falei, hoje eu vejo que talvez a minha ansiedade de pensar no que seria de mim depois, talvez tenha me feito não ser tão boa [...] quanto outros atletas mais bem sucedidos, né, e sem contar, assim, que eu vim de uma origem humilde onde a gente precisa de tudo, onde a gente passa por tudo e onde a gente... onde o nosso objetivo maior é ter uma casa, coisa que eu não tenho ainda, e... comer melhor. Hoje eu sou o quê? Hoje eu não sou nada, quem que vai querer dar uma bolsa numa... [...] Cê acha bem que a [exemplo de faculdade] vai querer me dar uma, uma bolsa a troco do quê? Eu sou a [nome da própria atleta], bancária, talvez pela minha deficiência, não sei, mas não sei também, teria que talvez falar com as pessoas certas, teria que... teria que convencer a pessoa certa de que eu sou apaixonada por Direito, de que eu preciso fazer aquela faculdade e você sabe que, às vezes, cê não consegue isso, né? Com 36 tudo vai ficando mais difícil, se eu tivesse ainda, tivesse dez anos menos, né, mas, né, isso é uma coisa, assim, que a gente tem que, tem que ter na nossa mente que o tempo passa, o tempo não para, como dizia Cazusa, né, o grande poeta Cazusa, o tempo não para, e não para mesmo, entendeu? E você muda tudo, você muda seus conceitos, eu, por exemplo, há dez anos atrás jamais namoraria com um rapaz mais novo do que eu, eu acharia isso, eu acharia... isso seria contra os meus princípios mentais e psicológicos e... e estruturais, entendeu? E hoje não, hoje eu tô aberta pra isso e... eu tô me resolvendo ainda com isso, porque de vez em quando eu tenho umas crises, porque a gente fica preocupada, né? Que que o rapaz novo vai querer com você? Que que eu tenho pra oferecer pra ele? Ele tá começando a vida, começando a carreira, né, que que eu tenho pra dar pra ele? Né, que que eu posso, que exemplo eu posso passar pra ele? Se eu não tenho nada, se eu não construí nada, ainda se eu tivesse uma casa, eu fosse uma mulher bem sucedida, tivesse uma casa, faculdade terminada e tivesse só sendo bancária agora, porque realmente tô satisfeita, tô de hobby, tô linda, tô pra concluir, né, pra ficar no brilho, mas não é, entendeu? Eu tô tão, tô tão, tô tão iniciante quanto ele, entendeu? Só que ele tem tempo pra ser iniciante, porque ele tem só 24 anos, tá começando a vida. Então, assim, é umas crises que eu te digo que... o negócio, de vez em quando eu tenho vontade... de vez em quando eu piro o cabeção, principalmente agora que tô engordando, né, fico mais preocupada ainda, mas, assim, né, é de uma coisa que eu me descobri, né, mas eu acho que o ciúme que eu tenho vai dessa coisa mesmo da... da dificuldade da gente se resolver com a gente, né, de ter, né, porque pra mim hoje, é o que eu falo pra ele: o meu medo de me envolver com você não é de medo, mas é medo de mim, não é de você. Porque se hoje, se um relacionamento entre a gente não dar certo, você vai superar rapidinho, mas eu vou ficar mais machucada.
	E10	E eu acho que perceber que eu... que eu tinha essa outra perspectiva de... de vida, né? Que no caso era... eram os trabalhos que eu fazia com ela, né, no nosso escritório de arquitetura.
	E11	Nesse caminho tá sendo legal, eu tô conseguindo, é... atingir os meus objetivos que eu tinha como atleta, agora como treinador, né, eu sempre treinei pensando em ser o melhor atleta do

		<p>planeta, hoje eu consigo oferecer condições que os... os atletas que eu treino, é... sonhar com essa possibilidade, né, alguns já conseguem ver mais próximo, outros já estão nesse realidade, então... de qualquer forma eu consigo me realizar super legal, assim, eu tô dentro da modalidade, fazendo uma coisa que eu gosto, reme todo dia ainda e ainda consigo oferecer essa oportunidade, né, de um treino planejado e tudo mais.</p> <p>Eu no papel de treinador, eu tenho o quê? Eu tenho que absorver todas as dificuldades e os desafios dos meus atletas, mas eu não posso... eu não posso passar os meus pra eles, entendeu?</p> <p>Então hoje como treinador continua sendo a mesma coisa, porque, é... ninguém é dono do saber, né, eu não sei de tudo, mas o que eu faço, eu faço acreditando e se alguém me provar que... que existem outras formas eu penso... né, eu mudo o meu pensamento, se não eu continuo acreditando nisso e vou até o final.</p>
	E12	<p>Eu não criei ainda uma... uma rotina pra mim do que realmente é... vai... vai acontecer nos próximos anos, né, ainda tô nessa transição, tenho feitos esses... esses eventos e tudo mais, mas é uma coisa que eu pretendo, não só participar de eventos, mas... mas realmente treinar jogadores, então é difícil dizer, ainda não tenho uma rotina clara.</p> <p>E venho, talvez tentando mudar um pouco, nessa minha nova fase, eu não posso ser tão fechado como era antes.</p>
	E13	<p>Eu sou meio que uma junta de tudo isso aqui, na verdade, eu acho, eu sou educador físico e empreendedor, acho que eu sou tudo junto. [...] acho que continuo sendo competitivo.</p> <p>Eu vendo bem estar, na verdade, então hoje em dia aqui, tá aqui uma coisa, ao contrário, que ... eu sempre procurava máximo desempenho esportivo, essa história, hoje em dia eu não quero trabalhar... eu não quero trabalhar com isso, eu não quero trabalhar com alto rendimento, eu quero trabalhar vendendo bem estar pras pessoas.</p>
Motivo da mudança da descrição	E2	<p>Mudou, então, eu acho que é porque... porque, assim, não dependia só de mim, e outra coisa, depois que... depois que eu parei, tudo pra mim era novidade também e, como atleta, eu dominava muito, foi uma das coisas que me fez voltar pro atletismo, que eu um dia eu tava numa... numa palestra com o [nome de palestrante], né, gosto muito dele, é amigo, e ele começou a falar uma coisa. [...] O cara sumiu e tal, tava procurando alguma coisa e ele descobriu que tava ali o segredo, ali na... onde ele morava ali no... no lugar dele, sumiu pro mundo. E eu conversando com o [nome], ele tava falando blá... blá... nas palestras e... e eu descobri, assim, sem querer falando, que tudo o que eu tava procurando, tava no esporte, que tudo que eu sabia fazer, assim, de melhor.</p>
	E3	Acho que não... Muitas coisas, mas acho que as coisas não mudaram, não.
	E4	Muito parecido. Muito parecido. Eu acho que, eu percebi isso quando eu vou, quando eu faço as coisas na televisão, quando eu fiz um evento [...] pra 800 meninos. Eu sou um cara muito determinado, é muito difícil... Não é difícil, eu demoro muito pra querer me envolver com alguma coisa. [...] Essa mudança, eu acho que não tem nada a ver.
	E5	Na vida tu trabalha, então são dois momentos distintos, uma transição distinta em momentos que... eles têm muito em comum nas questões dos aprendizados, mas que eles são bem diferentes.
	E7	<p>Não sei, eu acredito que eu devo mudar um pouco, sim, né, de que eu sempre, que nem eu falei, eu sempre fui jogador... eu sempre fui um... [...] eu até sempre fui um cara muito brincalhão, né. [...] agora como técnico eu não vou mais poder fazer isso, né, eu tenho que mostrar é... não que eu vou mudar completamente, né, quando puder eu vou, lógico, porque isso é uma coisa que cê não deixa de fazer 100%, né. [...] Como é que eu posso explicar? Que eu não vou poder mais... é aquele negócio que eu falei, que eu não vou ter, não vou poder manter relação de atleta com atleta, né, então tem que ter... manter aquela distância lá, né, então isso vai fazer com que eu fique mais... bem mais afastado, né, desse lado aí, né.</p>
	E8	Um dia, o dinheiro vai acabar, né. Então, é natural que a gente se preocupe no dia a dia, sabe, não deixar só, não é que eu tenha me dedicado mal ao esporte. Muito pelo contrário, eu tinha minha profissão, mas eu me dedicava tanto quanto as pessoas que nem trabalhavam, né.
	E12	Isso te força e eu já sinto que eu venho mudando um pouco mais, essa parte de... de conversar, essa parte de relacionamentos, que eu era muito fechado antes como tenista.
	E13	<p>Acho que não mudei, é bom, relaxei um pouco, mas eu acho que é... é talvez... talvez, não tô... sou competitivo, mas, assim, antigamente competitivo, tipo, ah, vou por cima de tudo, hoje em dia já, assim, sou mais tolerante em algumas coisas e... eu acho que... bom antigamente, acho que tinha um... conseguir manter bem o foco e acho que hoje em dia tenho isso aqui, tenho... eu sei pra onde eu quero chegar e tô tentando chegar, coloco a meta e tento chegar nessa meta.</p>

B.11. Subcategoria: Mudança de carreira após aposentadoria

Parte	E	Trechos da entrevista
Mudança da carreira após aposentadoria	E1	<p>Num projeto, [nome de projeto], foi onde eu consegui ter uma ocupação após atividade de treinamento, né, e que ocupação... e que ocupação são essas, dentro desse projeto [...] Eu comecei a viajar o Brasil inteiro e ministrar palestras em universidades, dar clínica de atletismo em bairros carentes, então foi uma ocupação muito bacana. [...] Conciliado junto com a TV, então hoje eu faço isso. [...] Eu sou comentarista esportivo, né, após ter encerrado a carreira, ter se aposentado, tô dentro desse projeto [...], e nesse meio tempo eu criei um projeto que não tem nada a ver com esporte, que é um projeto chamado, é... [nome de projeto], que é um projeto que é meu, que eu tenho que... eu forneço na verdade, junto com um empresário, né, a gente fornece toda... toda a parte de informação nas escolas, pra crianças carentes, que não tem condições de... de pagar um curso. [...] E a gente, dentro desse meu [nome de projeto], a gente fornece certificado, de conclusão de curso, né, a gente capacita o aluno a... ter uma formação, após... após finalizar esse curso, então eu acho que é um projeto muito bacana e que tem dado certo, que a gente tá espalhando no Brasil todo.</p> <p>Corro de vez em quando, agora eu tô com mil e uma... pra quem tava preocupado, eu após aposentadoria, agora eu tô com mil e uma coisas pra fazer, graças a Deus, né, e eu não tenho tido tanto tempo, assim, pra correr.</p> <p>Enquanto atleta, né, hoje eu acho que a [nome de canal de televisão] né, é uma emissora, assim, muito respeitada, não iria me chamar à toa, se me chamou, eu acho que foi pela história vitoriosa de sucesso, de conquista e que eu só tenho a agradecer, né, eu só tenho a agradecer mesmo e... entender que eu tô lá, acho que pelas minhas conquistas.</p> <p>São tantas coisas, que eu até acabei esquecendo de citar, mas eu tenho o meu outro projeto do esporte, chamado [nome de projeto].</p>
	E2	<p>Então, a proposta nossa é fazer uma iniciação de atletismo... dentro da escola, todo mundo me pergunta: [...] mas como que a gente faz isso? O prefeito vai ter que construir uma pista de atletismo? Eu falei: Não, tem um projeto chamado mini atletismo, que você dá atletismo numa quadra de basquete. [...] Tudo super... super reduzido e a gente trabalha com isso, então foi aqui que eu me encontrei, mas antes disso, eu trabalhei com... com a equipe de alto rendimento aqui [...], eu trabalhei com o governo do estado de São Paulo, no [nome de centro] também, pra jovens atletas, fiz a... fui até corretor, né [...] e as casas lá são muito caras, os terrenos. [...] Então cê vender um terreno, cê ganha muito, até me aventurei nisso, mas não deu certo, não, eu me encontrei aqui de volta no atletismo, né, e hoje eu trabalho aqui, eu faço parte de um projeto do governo chamado [nome]. Quando você é medalhista Olímpico você recebe um salário x, viaja o Brasil inteiro, faz alguns comentários na [nome de canal de televisão].</p> <p>Ah, uma experiência que deu... que deu certo, eu comecei dar palestra, mas eu não sabia o que falar, então primeiro eu fui pelo nome, né, acabei que indo, assim, eu mostrava algumas medalhas e comecei dar uma enganada, mas depois foi uma coisa que deu certo, eu acho, assim, hoje eu tenho uma firma que... de palestras e palestras motivacionais e clínica esportiva, né, pra... pra criança, pra quem quiser, só que não é nada, assim, profissionalmente pra você treinar, é mais pra demonstrar, pra você ir fazer um dia, alguma coisa, assim, foi uma coisa que... E deu certo isso aí, então até hoje eu... eu ministrei várias palestras, essa semana mesmo, eu tenho uma aqui na... na região, depois eu tô indo pra São Paulo em Santo Amaro e, assim, eu vou pro Brasil inteiro.</p> <p>Eu parei de procurar essas coisa louca que eu fiz e voltei no atletismo, então hoje eu comecei dar palestras. [...] falando o que eu vivi, e nisso eu me encontrei, até hoje eu me sinto muito bem e muito à vontade, falando de atletismo, fazendo coisa pro atletismo e em prol do atletismo, tudo. [...] É, e trabalhando aqui, trabalhando com crianças, as palestra, nossa, eu falo de muitas coisas, mas sempre coloco o atletismo no meio, então foi uma coisa que eu me encontrei.</p>
	E3	<p>Por enquanto, como eu comecei a trabalhar agora, né. [...] Comecei em 2010. 2010? É, 2010. Foi setembro de 2010. Sou técnico bancário I.</p>
	E4	<p>A sua rotina é totalmente diferente. 2007, casamento. 2009, essa cria [...]. Acho que é isso. [Nome de canal de televisão] foi agora, no ano passado. Nesse ano, perdão. Foi agora em Roland Garros. Eu passei pela [nome de canal de televisão], depois fui pra [nome de canal de televisão], com quatro anos de programa, fiz o [nome de programa de televisão], depois eu fiz [nome de programa de televisão], só que aí a [nome de canal de televisão] me chamou já para uma outra coisa, pra ser comentarista de tênis. Nas outras, eu fazia um programa de esportes radicais, que hoje em dia já não é mais a minha... Já fiquei velho pra isso também. A gente vai ficando velho</p>

	<p>pras coisas. Então, com a [nome de canal de televisão] é uma outra pegada, outra ideia. Tenho um projeto pra fazer um programa ano que vem, então é outra coisa.</p> <p>Também entrei na rádio [...], que foi um convite dele, de fazer um programa, aí sim, basicamente, o que a gente fazia era televisão, fazia um programa de entrevista com atletas, com sei lá, do tipo, na [nome de programa de rádio], que ele era o diretor, aí fechou a rádio, e agora eu tô na [nome de canal de rádio]. E tô gostando. Tô gostando, né. Eu acho que é um futuro, que eu vejo como, querendo ou não, não sou jornalista, não estudei pra isso, mas é um futuro que eu imagino pra mim, de comunicação, de alguma maneira, ficar por aí.</p>
E5	<p>É, foi um... foi meio que... as duas coisas se misturaram, entre 2000 e 2004 muita coisa aconteceu do meu lado empresarial. E a hora que eu parei eu só dediquei mais tempo a outras coisas e não ao esporte, então foi uma mudança meio que natural aí.</p> <p>Mudei de carreira... me tornei meio que... eu sempre fui muito empreendedor, né, e quando eu terminei a... a natação, foi meio que um caminho normal, eu já tava construindo situações e investimento nessa área de atividade física, então deu-se num... num momento meio que natural, então foi mais ou menos... começou por volta de 2002, a construção das unidades, em 2005 veio a metodologia, então foi durante esse período aí.</p>
E6	<p>Então [na empresa] algumas pessoas gostavam, então eu montava a mesa e jogava e aí o clube cresceu tanto, que aí... [A empresa] patrocina a [nome de empresa] há quase trinta anos, mas o... sem nenhum retorno, se c� achar que tênis de mesa dá retorno, dá retorno só pra gasto, né, a [nome de empresa] me bancou todo o aluguel e água e aquele bairro, c� sabe que é caro, agora �nt�o, nunca falhou durante trinta anos, né, �nt�o eu... eu comecei em 2004. Quando eu tava na faculdade, eu precisava de um estágio e aí eu brinquei com, hoje é o diretor comercial aqui, que é um dos filhos do dono, eu falei: Você não precisa de um faxineiro l� não, que eu t� precisando fazer estágio? Ele falou: Ah, vem, vai lá... vai lá, aí eu vim e desde 2004 comecei aqui.</p> <p>Logo depois que eu voltei da Olimpíada, a Olimpíada acho que foi em agosto, eu comecei aqui [na empresa] em outubro, acho, e isso eu já tinha planejado antes de eu ir pra Olimpíada já, �nt�o eu já sabia exato que voltando da Olimpíada, eu já tinha meus planos.</p> <p>A demanda da empresa, pra mim, o que me norteou, foi bem, assim, meus chefes, porque a área que eu comecei a montar aqui, foi uma área de comércio exterior, que a empresa antes não tinha muito isso, né, �nt�o eu comecei essa parte de importação e aí eu tive que viajar muito, ainda viajo muito, �nt�o uma hora eu falei: Ah, não d� mais pra ficar tocando os dois e eles mesmo que falaram e eu tinha deixado bem aberto pra eles: Oh, a velocidade e o time dessa transição vocês que vão ditar, vocês quiserem que eu tenha... esteja aqui 100%, eu venho. N�, �nt�o � óbvio que eles sabiam que aí eles iam cobrir tudo o que eu tava precisando.</p> <p>Há três anos que eu parei e, nossa, não sinto, eu ainda dou treino de t�nis de mesa, mas mesmo os treinos eu dava toda noite, segunda a sexta, até sábado, às vezes, eu tô diminuindo, hoje eu dou uma vez por... uma vez por semana... � só uma vez por semana, � de vez em quando ainda, que agora minha filha t� com oito meses, né, �nt�o aí o que eu quero é voltar pra casa.</p>
E7	<p>Não que eles não querem que eu não jogue mais pela seleção, mas acho que eles querem que eu... Primeiro, investir nos colegas mais novos, também, né, no masculino, e usar minha experiência pra ajudar no feminino. Porque o masculino, o masculino já tem um técnico que vai até 2016, já. É um contrato, com a Confederação, né, é um francês, né, �nt�o, e queriam trocar o técnico, que esse técnico de hoje fosse treinador da seleção, daí eu entrasse no lugar dele. �nt�o, assim, eu ainda não pensei em parar, né. Eu ainda continuo treinando todos os dias, mas, � lógico, uma coisa que, inevitavelmente vai acontecer, né, pouco a pouco, vou parando, mas, �, já teve um treino da seleção feminina e eu participei, no começo de janeiro, como técnico mesmo. E assim, � uma coisa muito diferente. Eu treino uma menina, já, aqui em São Bernardo, mesmo, a [nome de atleta], ela foi pras Olimpíadas comigo no ano passado, né. Eu treino ela desde 2010. �nt�o, eu já venho fazendo, assim, o passo a passo, essa transição, de jogador pra técnico. Mas assim, pra parar, mesmo, eu não sei ainda quanto tempo vai levar. � isso. No que eu puder ajudar ainda na mesa, a gente vai jogando, né. Mas esse ano eu devo jogar ainda. Quero jogar porque eu tenho contrato com o [nome de clube], tudo, mas já passar, já, pro outro lado, pra comissão técnica.</p> <p>A treinar, comecei no tênis de mesa. Em 1985, fui fazer estágio no Japão, pra treinar, estágio de t�nis de mesa. Fiquei l� por dez meses. [...] como técnico particular.</p> <p>Pois �, foi em 2009, acho. Não, 2008, 2007, 2008, depois do Pan. Porque até eles queriam que eu me candidatasse a vereador, mas pra mim, política não era ainda... O que eu queria era a minha área, ainda. Mas são três órgãos do esporte, mesmo, que vão, com certeza, impactar bastante pra que eu me preparasse pra essa aposentadoria. Aí, eu vou decidir pra qual área eu vou ajudar, né. Que hoje eu faço parte da comissão de atletas do Rio 2016, né, do [nome de comitê]. Do Ministério do Esporte, recebi um convite também pra trabalhar lá, mas aí, eu tinha que morar em</p>

	<p>Brasília, então não posso, né, hoje, ainda. E da CBTM tem esse convite pra ser técnico, então são... É bom que eu sempre tive esse bom contato, pra que eu possa, poder escolher o melhor mais pra frente.</p> <p>A CBTM, assim, quem me ajudou muito nesse processo pra poder trabalhar como técnico, foi o técnico do masculino. Inclusive, porque ele é um francês, como eu falei, né, ele acompanhou minha carreira desde novo, então ele sabe que eu posso jogar bastante, então, ele que deu essa ideia pro presidente da CBTM, né, e eles estão aí finalizando o contrato pra eu poder assinar.</p>
E8	<p>Não tive mudança de carreira, na verdade. O que mudou foi a dedicação.</p> <p>Eu tenho esse consultório. Não, eu trabalhava, na verdade, até 93, durante muito pouco tempo, eu trabalhava pra outros profissionais, né. A partir daí, eu sempre quis ser autônomo. [...] Então, pra mim, era natural eu conduzir minha vida.</p>
E9	<p>Aí, apareceu a oportunidade de fazer o curso da [nome de organização], que é um curso de inclusão de pessoas com deficiência na área financeira, fui, fiz, passei, o [nome de banco] me chamou, né, me contratou, e hoje eu trabalho no call center do [nome de banco], eu atendo clientes lá faz dois anos, faz dois anos que eu tô lá. Eu, recentemente, na semana passada, quinta-feira passada, prestei um processo seletivo interno pra um cargo administrativo. [...] Agora, eu tô 20 quilos acima do meu peso, que eu tinha de atleta, porque eu tô sedentária, tô sem fazer nenhum tipo de exercício.</p> <p>E assim, eu tô bem... tô nessa fase agora, tô esperando aí, se vai sair essa promoção no emprego ou não, mas mesmo tendo, querer eu não quero. [...] porque eu vou trabalhar das nove às seis, e em vez de trabalhar na República, que é mais próximo aqui da Vila Mariana, que me possibilitaria, nessa parte da tarde, aqui agora nesse horário, de estar indo buscar essa minha saúde de volta, essa minha prática esportiva, que seria voltar pra academia e fazer uma hidro, né, pra poder me voltar devagar, me recuperar devagar, e se caso essa promoção, eu não sei como que vou ficar, vou ficar agoniada, porque eu não sei como é que eu vou fazer.</p> <p>Entrei no banco em 2011 também, em maio, em abril de 2011, eu entrei no banco.</p> <p>Aí é saúde, né, e me afetou um pouco, né, porque... eu não tinha colesterol, agora eu tô com colesterol, é uma coisa que eu nunca tive, o meu colesterol e o meu açúcar é até abaixo da média e o nosso treinador ficava até me enchendo o saco pra comer carne. Tem que comer carne, você tem que comer carne, você é muito... você não tem gordura em você, tem que comer carne. Era um terror e, de repente, agora, eu fiquei, né, desse jeito, foi uma coisa surpreendente pra mim.</p> <p>E a minha filha, né, que a minha filha é a minha razão de viver, né, é o ar que eu respiro, o amor da minha vida, é tudo por ela, que... por ela que eu abri mão de tudo isso e por ela que eu também acordo de manhã e vou trabalhar. E abracei essa carreira, mesmo que é uma coisa que não faz muito o meu perfil, mas... não faz muito o meu perfil, mas o que que eu posso fazer? É o que eu tenho pra hoje, é o que eu posso dar pra ela nesse momento, e... é esse exemplo que eu quero que ela siga, sabe, que ela aprenda, que ela... que ela perceba o... o que tá acontecendo, mas assim, no jeitinho dela, na vidinha dela, a gente tenta fazer o melhor possível pra ela viver mais equilibrada e tranquila.</p>
E10	<p>Isso me ajudou também, porque foi uma forma... a associação a gente montou em 2008, também não coincidentemente nessa época e ela foi criada por atletas, né, só por atletas e é mantida só com a ajuda dos atletas filiados e eu trabalho nela desde então.</p> <p>Como diretora, já participei como diretora administrativa, agora nessa última assembleia eu fui eleita presidente, que pela primeira vez e... e aí como tem, enfim, nossos... dentro dos nossos... das nossas ações, né, e missão e tudo mais, tá previsto o fomento do esporte, a divulgação, tem uma parte do nosso trabalho que é representar os atletas perante a confederação, quer dizer, funciona um pouco como um sindicato, que é uma coisa que quando eu era atleta não existia e... e isso me ajuda bastante, porque eu não me afasto totalmente da esgrima, né, eu tô o tempo inteiro em contato com essa geração nova, é... as pessoas mandam solicitação, ah, porque tal coisa não deu certo, porque a gente quer participar de não sei o quê, que que a associação vai fazer? E o fato de me... me sentir, é... é como representante dessa entidade, é... me mantém no esporte, mas de um jeito menos pessoal.</p> <p>É, eu tô sempre em contato com os outros diretores, a gente tem sempre as nossas reuniões pra poder discutir quais seriam as estratégias da associação, como é que a gente vai fazer com determinadas questões, algumas questões são polêmicas, tem questão de patrocínio [...] e não sei o quê... cobrar confederação e pá pá... então é todo uma... um engajamento político que pra nós é muito novo e que pra mim é totalmente diferente da minha profissão, né, não tem nada a ver com arquitetura, o que eu faço no dia-a-dia, mas que de alguma maneira me mantém, é... próxima ao esporte e atualizada também, porque eu... eu sentia muito isso quando eu fazendo esgrima e eu tinha contato com os atletas aposentados, porque... porque muitas pessoas aposentam o alto</p>

		<p>rendimento, mas continuam competindo e tal.</p> <p>Como... como um hobby, é... e eu era muito... era muito sem esperança, sabe, assim? Porque você ouvia muito as gerações mais velhas, é... reclamarem da dificuldade que tiveram, da... das questões que viveram com a confederação e sempre se sentindo, é... menos favorecidos do que os mais novos, sempre tudo muito... ficava naquele ranço que parece que não supera, né, e eu... eu faço questão de enxergar de uma outra forma sabe, assim, o... primeiro acho que o fato... a experiência da associação me dá a chance de realmente acompanhar os fatos, apesar de não estar em pista competindo, mas acompanhar as coisas como elas tem sido, né, quer dizer os resultados das novas gerações, o incentivo e sem... sem nenhum... sem nenhuma dor de cotovelo, sabe? Porque eu... eu tenho consciência da contribuição que a nossa geração fez, das dificuldades que a gente na época passava e também do... do privilégio, eu não acho que a gente tenha tido... que tudo tenha sido difícil só, sabe? Eu não acho que, ah, na nossa época tudo era pior, na nossa época tudo não sei o quê, eu não acho... eu acho que talvez se eu não tivesse... se a esgrima não fosse tão profissional, como ela tem sido, que eu acho que é o caminho do esporte mesmo, talvez eu não tivesse conciliado a esgrima com a... com a arquitetura, sabe? Como hoje em dia você vê o vôlei, não existe alguém que é médico, né.</p> <p>Então eu acho que também como ex-atleta, eu acho importante exercer esse papel, assim, poder compartilhar as coisas que de fato eram mais difíceis, né, trazer um pouco a luz dos mais jovens o que a gente viveu diferente, o que de fato não dá pra negar, mas também saber reconhecer aquilo que... que talvez seja melhor, mais fácil mesmo, né, por... pra gerações de hoje, eu acho que cada geração tem seu... suas dificuldades e facilidade, né.</p>
	E11	<p>Eu gosto de criar muita situação de desafio, é a seleção que eu sempre treino muito perto, então em alguns momentos da semana eu pegava o meu carro, a gente descia de madrugada, na época a seleção treinava em Santos, a gente descia pra Santos e eu criava uma situação só pra mostrar pra eles, que o [nome de atleta] tava na frente, então a gente ia lá ganhava dois, três tiros, subia e vinha embora, acabou o treino, aí a gente voltava e fazia o treino específico à tarde, pra justamente criar essa situação, só que numa dessas eles perceberam que o meu planejamento tava tão redondinho, que tava dando... resultado, que eles me convidaram pra treinar a seleção feminina, aí eu sai de São Paulo, fui morar em São Bernardo pra treinar a seleção, então eu treinava o [nome de atleta] e o... e a seleção feminina.</p> <p>E antes de sair eu conheci o [nome de atleta], que é o meu [...] atual atleta Paraolímpico, então ele veio pra São Paulo e aí... eu comecei a treinar o [nome de atleta] na categoria Olímpica e o [nome de atleta] na categoria Paraolímpica [...] precisei, é... estudar muito mais a relação de lesão medular, o que eu podia fazer e o que eu não podia, qual tipo de adaptação que... que a gente precisava fazer nos barcos, então a gente acabou é... desbravando bastante coisa em relação a isso, então eu acabei antes de ir pra seleção, saindo da... do serviço que eu tinha na prefeitura, aí eu peguei minhas férias, o décimo terceiro tudo e fizemos um mochilão na Europa e... e a gente foi fazer um barco sob medida pro [nome de atleta] lá, a gente passou um mês e meio lá, foi super legal, aí eu fui convidado pra ir pra seleção feminina, comecei fazer um trabalho pensando a longo prazo também, né, aí pensando em 2016 é... só que eu comecei a treinar as atletas e aí eu comecei a ter muita dificuldade, porque tinha... o técnico da seleção principal e eu trabalhava nas categorias de base.</p> <p>Independente se as atletas fossem conseguir se classificar ou não, elas tavam dando uma frente, então elas tinham chances reais de ir pra uma competição internacional, que... que acabou não acontecendo, porque aí eu fui mandado embora da seleção, fui convidado a sair da seleção, é... e aí eu continuei fazendo um trabalho específico com o [nome de atleta]. [...] o pessoal fez uma conversa com o [nome de atleta], falando se... ou ele ficava dentro da seleção e entrava no jogo e ia pras competições ou não, ele acabou indo, né, então eu acabei ficando sem mais um atleta, só que aí o que aconteceu? Eu continuei treinando uma atleta da feminina, né, que... o que aconteceu foi que depois que eu sai em 2011, todas as atletas que eu treinei começaram a ter perda de rendimento, então eu fui acompanhando de longe. [...] então a [nome de atleta] que é hoje a minha atual mulher é uma dessas atletas que eu treinava [...] voltei a treinar ela, na verdade, então foi essa... foi tendo essa relação engraçada, né, assim, porque à medida em que eu me afastava do esporte, o esporte voltava de qualquer forma... ele vai e volta, eu não consigo, de alguma forma eu sempre tô próximo de alguma forma, né. [...] o [nome de atleta] continuou sendo campeão mundial. [...] o comitê Paraolímpico acabou me convidando pra ser treinador exclusivamente do [nome de atleta], então nessa eu acabo treinando o [nome de atleta].</p>
	E12	<p>Essa como eu diria... eu diria que seria uma segunda carreira, né, então se eu conseguir me... me motivar, eu acho que dentro do tênis como eu tenho a experiência, eu faço isso desde os seis anos de idade, eu acho que se eu tiver feliz e trabalhando motivado, eu acho que eu vou conseguir um</p>

		<p>bom crescimento.</p> <p>De fevereiro pra cá eu tenho participado de alguns eventos, clínicas de tênis, jogos de exibição.</p>
E13		<p>Depois mudei pro Brasil, em ano de 2001, aqui foram uns três... aí na verdade mudou totalmente minha vida, larguei minha carreira que tinha, bom... carreira... é, tinha um trabalho lá, larguei trabalho, larguei faculdade lá, saí da... concluí curso de bacharelado em administração e mudei pra cá e aqui já tava meio que... aí aqui ainda treinei, três anos ainda treinei, no nível grande, mas já tava começando procurar, que que eu vou fazer aqui na minha vida?</p> <p>Em 2004 eu comecei com as aulas na escolinha e tô até hoje com a escolinha de canoagem, então hoje mudei totalmente meu ramo e... e agora tô com... tô com isso aqui.</p> <p>Na verdade, uma coisa é... 2004 eu cortei a e mão, tudo, comecei me dedicar mais na escolinha, 2005 eu entrei na outra faculdade, na verdade.</p> <p>É, aqui no Brasil, porque eu já tava com a escolinha bem engatilhada, então já larguei a ideia de ir trabalhar na administração, com administração aqui no Brasil e, assim, focar na carreira de professor de esportes, instrutor de esportes.</p> <p>Não consegui, porque meu, abrir computador, voltei domingo à noite, voltei... voltei, terminei teve evento a noite e à tarde, e segunda, hoje de manhã, abri computador, fiquei até dez minutos atrás no computador e vim fazer essa entrevista e a academia foi... ficou pra amanhã, então esse sentido, ah não deu hoje? Ah vou fazer amanhã, paciência, só que hoje em dia eu aceito, é... dois anos atrás, três anos atrás, eu não aceitava tão fácil, ficava me rebatendo, ficava nossa quem sabe, mas não tem sentido, hoje em dia vejo que não tem sentido, né.</p> <p>Hoje em dia eu, como bom educador físico é... aprendi que a gente tem que colocar um pé em casa canto, então tenho a escolinha aqui na raia, presto serviço para os outros com... tem algum evento: Ah, a gente quer colocar caiaque, treinamento empresarial, a gente quer colocar uns pessoa pra andar de caiaque, liga pra mim e eu vou lá é... organizo passeios e expedições, saída pra fora, é o leque muito grande é... segurança num... nas provas de natação, por exemplo, é... enfim, muita coisa.</p> <p>As maratonas aquáticas também, assim, sempre é pouca coisa, mas se você juntar tudo é... se torna grande é... tô ampliando, assim, o horizonte, indo pras... pro rafting, por exemplo, também tô entrando nesse meio, com os meus... com os meus alunos, com parte do meu material, porque na verdade outra coisa fora do esporte é... trabalho com traduções, cê precisa de alguém pra ajudar, pra tradução, aproveito isso aqui, já trabalhei na televisão de traduzir entrevista com Pelé, fiz a entrevista para o... para equipe da Tchecoslováquia, que fez final em 62 na copa do mundo, contra Brasil, então.</p> <p>Eu traduzi essas, as entrevistas com a TV estatal, traduzindo, é, assim... tenho essa locação, porque passava muito tempo, é uma coisa tcheco, pouca gente fala o português bem, então eu aproveito isso, é ao mesmo tempo, é junto ainda essa... essa facilidade de lidar com os eventos, já trabalhei na Fórmula 1, já fui convidado pra trabalhar em outros eventos também, aí eu mesmo chego falo... aprecio falar inglês, que também domino bastante, então na verdade, eu tava com eventos.</p> <p>Com eventos, começou, assim, começou... me pegar mais tempo faz uns dois anos.</p> <p>É uma fonte de renda, que meio que apareceu e tá indo bem então.</p> <p>Então, é exatamente a avaliação da empresa, então é... é isso mesmo, então hoje em dia na administração, administro a escolinha, administro... organizo os eventos, faz tudo parte, então é na verdade eu acho que, essas duas formações que eu tive, administração e educação física, uma complementa a outra, então acho que é uma coisa muito... isso, acho que por isso que consigo me virar, assim, acho que acima da média do que um ex-atleta de esporte pequeno, que no máximo fez educação física, nunca... trabalhou com outra coisa.</p>

B.12. Subcategoria: Objetivos como atleta e satisfação com a carreira

Parte	E	Trechos da entrevista
Objetivos como atleta	E1	Eu acho que eu sempre queria ser e me tornar, ser um grande atleta, eu queria participar de jogos Olímpicos, ganhar medalha, eu tinha um ídolo na minha... dois ídolos, na verdade, né, eu era fã do Robson Caetano e do Carl Lewis. Norte americano. Dois grandes velocistas e eu... eu olhava na televisão pequenininha, eu falei: Gente, eu quero ser aquilo e o objetivo, começou aí, eu coloquei essa meta de querer ser um grande atleta, de querer ser iguais a esses atletas e eu fui atrás, fui atrás, batalhei e graças a Deus eu consegui chegar, eu consegui conquistar.
	E2	Meus principais objetivos eram assim, eu queria ganhar uma medalha Panamericana, eu nunca

		<p>estabeleci, assim, que seria ouro, prata ou bronze... [...] uma das três e depois eu queria ser... ganhar uma do campeonato mundial e eu queria ganhar uma Olímpica, porque pro atletismo é o máximo que cê tem, ganhar uma Olímpica.</p> <p>Então eu... eu consegui atingir todos os meus objetivos, claro que depois eu queria repetir, né.</p> <p>Não tem nada, assim, só às vezes, assim, fala: Oh, mas cê podia ter uma de ouro, mas eu nunca almejei a de ouro, eu almejei medalhas, assim, Olímpica, mundial, essas coisas, assim.</p>
	E3	<p>Claro, depois da minha primeira Paraolimpíada, a gente começa a sonhar um pouco mais, né. Aí, você já começar a sonhar, poxa, quem sabe um dia ganhar uma medalha? Mas assim, no meu caso, se eu, de repente, do nada, ganhar um ouro, foi um pulo muito grande, que eu também não esperava, né. E aí, com certeza, depois da medalha, eu queria bater um recorde mundial. Que atleta que não quer bater um recorde mundial? Mas eu também não imaginava como isso fosse acontecer. Quando eu menos esperava, vixe. Então, conforme as coisas foram acontecendo, foram surgindo sonhos.</p>
	E4	<p>Eu, minha meta, minha grande meta, o que que você tem um sonho, de criança, de ser o melhor, o melhor do mundo, número um, mas eu acho que a minha meta era o melhor que eu podia ser. Eu tinha consciência de que eu era uma pessoa limitada tecnicamente, e que precisava trabalhar o dobro dos outros jogadores. Então, eu ainda não tinha ideia de onde eu ia chegar. Muita gente falava que, não vai chegar longe, não. E eu sempre fui movido ao desafio, ao não, né. Eu adorava receber um não pra correr atrás, né. E aí, eu queria ser o melhor, e eu não sabia se era ser 100 do mundo e tava legal, ou se era ser 25. De repente, uma mea culpa, pode ter sido isso que não me deixou ser 20, ou 15, ou 18, e fui 25, né, por apenas ser o melhor que quisesse ser. Se eu tivesse um objetivo mais pam, assim, eu quero ser top ten, eu quero ser, e eu vou quebrar tudo se não for, também, podia ter sido, não sei.</p>
	E5	<p>Eu sempre tive o objetivo de fazer o meu melhor, então eu tinha as etapas aí dos resultados, focados na Olimpíada, mundial, os jogos universitários, mas o objetivo sempre era... era a busca do resultado através de fazer o meu melhor sempre e, às vezes, o melhor vinha com a medalha Olímpica, com o recorde mundial ou campeonato mundial, às vezes, vinha no segundo lugar, que foi o meu último resultado como atleta que foi na Olimpíada de 2004.</p>
	E6	<p>Meu objetivo é fazer meu melhor e eu consegui jogar bem tranquilo. [...] Eu tinha um objetivo no esporte, que era ir pra uma Olimpíada.</p> <p>O meu objetivo era... esse era o meu objetivo, muito claro pra mim, agora eu fiquei pensando... hoje eu penso, né, que poderia ser pelo tênis de mesa, poderia ser pelo badminton, poderia ser por tênis, qualquer outra... sabe, assim, mas eu queria tá na Olimpíada e acho que o tênis de mesa foi onde as coisas aconteceram, então quando eu consegui isso, pra mim, assim, é muito... foi muito claro, acabou uma etapa da minha vida, assim, sabe agora eu posso ir... mesmo se eu... como eu falei, se eu não conseguisse eu sabia que era até 2004, mas isso eu precisava tentar, né.</p> <p>É, eu acho que... mas depois... depois que eu fui pra Olimpíada, eu continuei jogando em 2010, é... uma coisa que eu aprendi bastante nesse meio é, assim, acho que não é tanto o resultado que vai fazer... vai fazer com que eu seja um pessoa melhor ou não, então hoje eu... eu penso, assim, meu objetivo era fazer certo, de maneira justa, sabe, assim, independente do resultado, então eu acho que esse passou a ser meu objetivo, então se eu... se eu tivesse jogando no jogo ali e... e sabe quando você tá jogando e o cara jogou a bola e pegou na sua cosquinha, só você viu, ninguém da sua torcida, nem o seu oponente viu, você poderia fingir que nada aconteceu, ponto pra você e ganhar o jogo complementar, eu não consigo dormir com isso, então, assim, é, sabe, nesse sentido fazer o certo, independente do resultado, eu posso perder o jogo, mas e... e várias vezes... várias vezes não, já teve vezes que eu incluí, era jogo de equipe e jogos abertos, mó tensão, eu com os meus amigos e meus parceiros ali, eles dependendo do meu resultado, pra acabar o jogo, assim e eu vi que pegou e ninguém mais viu, eu falei: Pegou, e eles tava todo mundo vibrando já, que tinha acabo o jogo, eu falei: Não, pegou e aí volta, continuar o jogo, no final eu ganhei de novo, assim, mas, assim, nem tanto pela... pela vitória ou derrota.</p>
	E7	<p>O meu principal objetivo era ser jogador da seleção brasileira, desde pequeno e pra mim foi importante, é... o que me ajudou muito a colocar isso na cabeça, foi como que eles treinavam aqui.</p> <p>Né, naquela época aqui, é que nem o [ex-técnico] falou, aqui ninguém treina pra ver onde pode chegar, aqui todo mundo treina pra chegar naquele lugar, é lógico que não é todo mundo que vai alcançar todos os objetivos, né, mas se ele tem... se cê coloca esse objetivo, cê vai correr muito atrás disso, né, então, e aquilo naquela época, os principais jogadores da seleção brasileira, treinavam aqui já, então, pô, eu ver o pessoal treinando aqui, né, firme, não só naquela brincadeira que a gente tava acostumado, me ajudou a colocar esse objetivo, que era ser jogador da seleção brasileira.</p>

		Aí depois, assim, eu comecei a ver, né, ficar mais velho, conhecer mais os campeonatos mais importantes, aí... querer participar do mundial, Panamericano, depois Olimpíadas, né, então, mas de ter colocado esse objetivo de ser jogador da seleção brasileira já foi muito importante pra mim.
	E8	Meus principais objetivos era, como eu te disse, principalmente, o meu, era o meu bem estar. Eu fazia porque eu gostava. O segundo objetivo meu, assim, eram os resultados, que eu queria explorar o meu melhor do que eu tava fazendo. Então, eu queria os melhores resultados.
	E9	Ah, era ganhar medalha de ouro em Paraolimpíada e bater o recorde mundial, era esse a nossa vida, você acordava de manhã e ia dormir com isso na cabeça, era sempre passar a marca do seu adversário, era sempre essa a nossa, a gente sempre treinava com esse objetivo, né, de bater o recorde mundial e ganhar medalha de ouro na Paraolimpíada. Ah, no começo era um sofrimento, mas depois eu me... depois de quando você tá... tá treinando, que você percebe a sua capacidade, você vê que é possível, só que você tem que contar com um monte de fatores, que do mesmo modo que você treinou, que você se esforçou, que você fez tudo, o outro também fez. E naquele dia, na hora da largada, na hora da... no meu caso, na hora da largada, da saída, o detalhe fazia a diferença, então se eu... se eu larguei, se eu fiz a largada perfeita, vai ser a corrida perfeita, se eu vacilar em algum momento já perdeu ali, o atletismo... infelizmente, o atletismo... É o tipo... eu diria que é um... [...] é um susto, é uma coisa que é muito rápida. Então, tem... tem a sorte também de principiante, às vezes você... é, tem a sorte de principiante, primeira Paraolimpíada minha eu toda... toda verde, ganhar medalha de bronze, pra mim foi medalha de ouro. Pra mim foi de ouro. Agora... agora o que mais me frustrou foi Atenas mesmo. Porque eu treinei muito mesmo, me esforcei muito, eu tava no meu auge, eu tava no melhor da minha forma física, mental e tudo, eu tava perfeita e... e a vinda daquela não medalha de ouro me... me deixou inconformada, né. Mas, assim, né, foi aonde que eu cheguei mais perto de sentir o cheiro dela, foi aonde eu cheguei mais perto de por a mão nela e, né, não foi possível, dessa vez.
	E10	Se você pensar, assim, das coisas que eu me propus a conquistar, essa é um que eu não consegui e... me motivou a continuar por mais quatro anos, mas eu tava indo muito... ah, tava muito engajada no meu trabalho, eu acho que é... pude usufruir no tempo da esgrima um pouco mais profissional, porque... eu ganhava nessa época, então isso me motivou a continuar. É, os meus objetivos, na verdade, em termos de calendário. [...] É, eu acho que um era a medalha Panamericana que eu não conquistei, que o mais perto... a gente ficou em quarto, perdeu de Cuba, ficou em quarto lugar e... e a vaga pra Olimpíada que foi uma das coisas que eu conquistei que pra mim era uma das minhas maiores metas.
	E11	Então, o meu é... os meus principais objetivos como atleta, quando eu treinava, era me superar, então, é, vou dar um exemplo, quando eu remava mil metros, eu fazia quatro e vinte, eu queria fazer quatro e dezenove, se eu fizesse quatro e dezenove e perdesse um campeonato, eu ia sair feliz da vida, porque eu me superei, é... uma das coisas engraçadas que existe no esporte é que, às vezes, a pessoa treina pra ganhar da outra, na verdade cê tem que treinar pra ganhar de você mesmo, né, se isso for o suficiente pra você ganhar um competição, ótimo, então quando eu ia... eu saía frustrado das competições, não era porque eu fiquei atrás das pessoas, é porque eu ia pra uma competição, treinava o ano inteiro, pra fazer um tempo mais alto do que eu fazia durante os treinos. Então o que acabava acontecendo, é... de expectativa, eu ficava muito feliz quando eu ia pra uma competição e me superava, conseguia, é... melhorar minha performance, né, pensando eu comigo mesmo, então esse era o meu maior desafio, ganhar todos os dias e... assim, melhorar minha performance, é, todos os dias, sabe? Buscar fazer o meu melhor e fazer com que o tempo abaixasse, porque a canoagem é... é um espaço e tempo, então ganha quem chegar na frente, então é tempo, então tinha que correr atrás do tempo, eu precisava ser mais rápido, era mais ou menos isso, assim.
	E12	Com 23 anos foi a... foi onde eu alcancei meu primeiro objetivo e que era de tá entre os 100 primeiros do mundo. Claro que era um objetivo, é... longo, né, uma longa caminhada, pra chegar lá, mas, é... era um objetivo meu de... de criança, né, da época do juvenil eu falava: Um dia eu quero tá em cem primeiros do mundo, jogando muito tênis e representando o Brasil na Copa Davis, então com 23 anos eu... eu alcancei e consegui ganhar meu primeiro título também, como de torneio de primeira linha, né, que são os torneios da ATP. Ah, eu tinha... eu tinha os meus objetivos de garoto no juvenil, que era... era um dia tá jogando nos grandes torneios, tá entre os 100 primeiros do mundo, acabei chegando até entre os... entre os 50, é... ganhar o título da ATP, representar o Brasil na Copa Davis e tudo isso eu consegui.

	E13	O meu objetivo foi tentar praticar esporte, no alto nível, mais alto nível possível. É, como atleta, sempre quis ir pros jogos Olímpicos e nunca consegui, infelizmente.
Satisfação com a carreira	E1	Com certeza, pelo amor de Deus, eu acho que o sonho de qualquer jovem, quando quer... quer ser atleta, é chegar numa Olimpíada. Chegar a uma Olimpíada, chegar, então eu consegui chegar. Eu consegui chegar, mas só chegar, já foi um objetivo alcançado, mas aí eu falei pra mim: Mas peraí, já que eu já cheguei até aqui, por que não tentar conseguir conquistar uma medalha? Eu vou batalhar pra isso, fui e batalhei e conquistei duas medalhas Olímpicas, então eu sou mais do que realizado, eu... eu consegui conquistar através do esporte todas as nomenclaturas de... de campeonatos, de medalha, eu tenho todas as medalhas do mundo, que se diz a respeito do atletismo, eu tenho.
	E2	Por incrível que pareça todos os campeonatos importantes do mundo que eu participei, eu fiquei de... de primeiro a terceiro, então eu me sinto bem satisfeito, então se você falar qualquer campeonato hoje no atletismo aí, eu tenho uma medalhinha e até do Brasil, do Brasil nem se fala, do Brasil, América do Sul, então eu ... eu me sinto satisfeito, não tem nada, assim, só às vezes, assim, fala: Oh, mas cê podia ter uma de ouro, mas eu nunca almejei a de ouro, eu almejei medalhas, assim, Olímpica, mundial, essas coisas, assim..
	E3	Então, conforme as coisas foram acontecendo, foram surgindo sonhos. Quando chegou na última, já falava: Eu tô realizada, graças a Deus. Sim, isso com certeza. Eu falo que até consegui mais do que muitos gostariam, né. Poxa, ser bicampeão paraolímpica, e ainda ganhar um bronze aí, poxa, não é qualquer um.
	E4	Ao mesmo tempo, sou muito feliz por tudo o que aconteceu. Por exemplo, não sou frustrado por não ter sido 24, 23 ou 22. Sou feliz pra caramba por ter sido 25. O cara fala: Ah, mas só 25? "Ah, é só 25". Mas é melhor que 26. Aí o cara dá risada: Esse cara, não dá pra machucar ele. Não, realmente não dá.
	E5	Realizado com tudo aquilo que eu fiz.
	E6	É uma etapa que eu tinha certeza que eu tinha cumprido. Bastante [satisfeito].
	E7	Ah, muito... muito satisfeito. Com certeza, né, principalmente que nem eu falei, de ter dado... de ter dado tantas alegrias à minha família, pra mim foi o principal, né. Lógico que depois, é... o que você ganhou também conta muito, né, que nem, eu tenho, é... dez medalhas de jogos Panamericanos, participei de seis Olimpíadas, né, são poucos atletas que conquistaram isso, né, então, é, fora essa alegria da minha família, pra... por eu ter conquistado esse currículo, né, ter esse currículo na minha carreira também é importante e espero que sirva de exemplo pra outros atletas também, não só o tênis de mesa como qualquer esporte, né, porque aqui no Brasil, você chega a 30, 35 anos, o pessoal já fala que você já é velho, né, já tem que ter uma renovação, tudo, mas, assim, se você colocou objetivo, que nem eu coloquei lá atrás e sempre vai... vai colocando outros, né, é... você não tem idade pra você parar, se cê estudar você não tem idade, né, depende muito cada esporte, lógico, né, mas sempre tem as exceções, né, então.
	E8	Totalmente, totalmente [satisfeito].
	E9	Ah, na medida do possível e da... como eu te falei da construção que eu fiz da... da forma como a minha carreira foi construída eu tô satisfeita sim, só não tô... só não tô mais feliz por não ter conquistado uma medalha de ouro e não ter conquistado um recorde mundial. Mas, é... eu fui recordista brasileira, ainda sou. Pelo... pelo o que eu sei até agora, hoje, né, no dia de hoje. [...] Pelo o que eu sei até agora ainda não bateram meus... minhas... meus recordes brasileiros do 200 e do 100, que é 12.61 no 100 e 25.73 no 200, mas eu tô sabendo que tão treinando meninas novas aí, né, e acredito que logo, logo elas já vão bater essas minhas marcas aí no nível Brasil. Pra você ter uma ideia essa marca tá aí desde 2004, porque esses tempos que eu tô te dizendo, são os tempos que eu fiz em Atenas onde ganhei as medalhas de... onde ganhei as medalhas de bronze, né. [...] Com esses tempos aí que eu te falei, então esses tempos aí tão desde 2004, então já são quase dez anos aí. [...] Que ninguém bateu ainda os meus recordes brasileiros, né, brasileiros, Panamericanos eu não saberia te dizer, teria que... eu teria que pesquisar se eu ainda sou... se eu ainda sou a recordista Panamericana. Não sei te dizer, brasileira eu sei que eu ainda sou, mas... Para Panamericana eu não sei como é que eu tava, né, como é que eu tava, como é que eu tô. Né, se no Para... né, a nível Panamericano já, já quebraram esses recordes meus, eu não saberia te dizer, teria... teria que ver.
	E10	Ah, eu sinto, eu me sinto bem satisfeita.
	E11	Com a minha carreira como atleta, não, com minha profissão já, nossa, totalmente, minha carreira

		como atleta, eu... é, eu sei que eu poderia ter feito mais, mas... eu fico insatisfeito por saber que... que eu poderia ter feito mais, mas muito feliz do que tudo o que eu fiz, né, assim, foi fantástico, assim, o que eu... o que eu vivi no esporte poucas pessoas vivem, até hoje.
	E12	Eu consegui alcançar, eram objetivos, metas que eu colocava pra mim, é... difíceis, mas bem realistas, alcançáveis.
	E13	Mas, assim, acho que dentro do possível, eu fico até satisfeito com o que eu fiz como atleta, mas pra fazer isso aqui, depois na vida fora do esporte, existia, né, uma dedicação praticamente exclusiva.

B.13. Subcategoria: Novas metas

Parte	E	Trechos da entrevista
Novas metas	E1	Ai, gente, eu já conquistei tanta coisa, sabe, pra quem tava lá pobre... pobrezinho, pedindo esmola na rua, sabe, passando, assim, um perrengue danado, poxa eu olho, pra... eu vejo hoje, quando eu olho pra trás eu vejo, poxa, olha... olha tudo o que eu conquistei, meu Deus o que que eu quero mais? O que que eu quero mais nessa vida? Ah, eu acho que é... é continuar trabalhando, eu acho que é continuar incentivando a molecada do meu projeto, que eu tenho um projeto social [...] e a minha meta agora, meus objetivos, é continuar trabalhando com as minhas crianças, né, é... passando pra eles tudo o que eu aprendi, enquanto atleta, né, e de... e de dizer pra eles, que o esporte, ele transforma a vida, ele forma um cidadão melhor, que se eles tem objetivo, é se agarrar e continuar, eu acho que a minha meta é continuar trabalhando na televisão, comentando sobre os meus grandes... os meus grandes atletas, que estão no meu projeto. [...] Comentando os atletas brasileiros, eu acho que é isso.
	E2	Olha, a minhas metas novas hoje, eu tô com um projeto aqui, com crianças que eles começaram a crescer e agora eu tô querendo montar uma equipe bem pequena, né, de atletas de alto rendimento. [...] Então eu tô atrás de patrocínio, ontem mesmo eu passei o dia inteiro aqui com... com o pessoal aí da [nome de empresa], né, que são um grupo aí de multi empresários, pra... pra ver se eles compram essa briga, mas eu queria fazer uma roupagem diferente do atletismo. Eu não sei se você já percebeu, o atletismo sempre que você vê na televisão ou cê vai procurar, cê vê os atleta meio largado, com uma imagem de pessoa que é pobre, quando o atleta dá uma entrevista na televisão, é sempre desastroso, cê pode perceber, desastroso sempre, é quando ele não tá reclamando. [...] mas no atletismo eu... queria mudar esse... essa opinião e quando a gente vai viajar, o pessoal vai parecendo que é uns favelados, tipo, como se diz, um... o pessoal que vai fazer turismo, eu vou com a camisa da seleção, você vai com a camisa do São Paulo, outro do Corinthians, não tem uma organização, se você ver o corintiano viajando, qualquer time de futebol, cê sabe que é um time de futebol. [...] Então todo mundo com aquela camisa da seleção, a bermuda, uma bolsinha, tudo, assim. Então é como se tivesse uma postura, eu sei que isso parece bobeira, mas eu queria que o atletismo, a gente mostrasse uma postura diferente, então isso que eu quero fazer, que eu quero mostrar uma postura, um atletismo moderno e como... começar daí, da educação, do jeito de você se comportar, que a sociedade vão... vai te olhar com outros olhos, porque ou a gente não tem esse... esse respeito eu acho, assim, pela... pela imprensa, no bom sentido. Porque a gente parece desorganizado, parece que eu peguei você: Você vem cá, vamo pra seleção. Então eu queria que a gente mostrasse uma organização, a gente fosse dar entrevista, tivesse aquele painel ali atrás dos nossos patrocinadores, igual a seleção faz, cê não vê um jogador dando entrevista, sem aquele painelzinho atrás: Ah, não, vem cá, vamo lá pra sede de entrevista, você sentado bonitinho, com assessor de imprensa, a pessoa, sabe? Então preparar nossos atletas mesmo, a postura dentro e fora da... das pistas, eu acho que eu... isso que eu queria tentar fazer, dar uma modernizada mesmo, começar dos dirigentes pra... de cima pra baixo. Então... então eu achei muito pouco, então claro que também não dá pra colocar todo mundo, mas pelo menos, assim, a gente pegar uma verba e poder financiar alguma coisa enquanto atleta pra dar uma assessoria, né, sei lá, pra... pra carreira desses atletas, acho que seria um coisa boa.
	E3	Então, assim, aos poucos, eu tô, vamos dizer assim, começando a... Como que eu vou explicar, hein? Quando você começa tudo de novo, você está começando, aos poucos, tentando conquistar seu espaço de novo, né. Então, eu ainda tô nessa fase, ainda, meio de, conquistar o meu espaço no trabalho, né.
	E4	Olha, eu gosto muito do que eu faço na televisão, né, não sei ainda, mais uma vez, não sei até onde eu vou na televisão. “Ah, mas você não tem um programa”. Então, eu sei das coisas que eu

		<p>não quero. Ficar tendo programa de auditório, não, pelo amor de Deus. Eu quero formar uma família, ter cada dia um pouco mais tempo pra mim, não sou obcecado pelo trabalho, né. Minha esposa fala: Ah, mas você é obcecado porque você trabalha pra caramba. Mas eu tenho consciência de que eu, uma hora, eu, se eu pudesse, eu viajaria três, quatro meses por ano, e curtiria. Eu acho que tudo tem seu tempo, né. Criança pequena, ainda sou jovem, mas eu tenho claro que eu quero viver um pouco mais, quero curtir um pouco mais a vida do que eu já curto, que eu acho minha vida muito boa. Agora, tô bem já, gostaria muito que minha esposa seguisse, também, então também entro um pouco no engajamento pra tentar fazer ela virar, que ela é uma atriz, e ela tá querendo bombar como atriz, e ser super conhecida, então, às vezes eu me vejo dividido entre a minhas funções e as funções dela, tentando ajudar. Como não tenho sonhos, não quero ter uma Ferrari, não quero ter helicóptero, nem um avião, nem uma casa em Bali, sabe? Eu quero viver bem. Eu sempre digo que dinheiro nunca foi uma coisa que me enlouquecesse. Eu gosto daquela coisa de você poder fazer falar assim: Ah, eu quero sair pra jantar hoje. E você poder ter dinheiro. Agora, eu gostaria de viajar um mês pros Estados Unidos. Pô, eu tenho dinheiro pra fazer isso. Sem falar: Ah, vou ficar oito anos sem trabalhar e não fazer jobs, mas você precisa ser o Eike Batista. Mas as coisas normais da vida, vivendo bem, e então isso não requer você ter o dinheiro do Eike. É você ter o dinheiro e tempo legal pra você ter uma vida boa e poder curtir as tuas férias, teus momentos com a família.</p>
	E5	<p>Eu tenho uma meta de contribuir com pessoas e... de plantar uma semente que o sonho é possível, das coisas que a gente tem com o objetivo da vida, né, então isso é uma meta que eu tenho, tanto de dentro da... do meu escritório, dentro de casa, isso é uma meta pessoal de contribuição.</p>
	E6	<p>Ser um bom pai, agora eu fico pensando muito nisso, como é que eu vou dar um bom exemplo, eu espero que... minha meta é simples acho... acho que ser um... uma plaquinha, que sinaliza alguma coisa, eu acho que, assim, eu gostaria de ser uma placa que... que sinaliza... as coisas corretas, assim, um bom caráter, isso é pra aquele caminho e, assim, eu só consigo sinalizar, se eu fizer isso, né, se eu for, então eu acho que... eu acho que esse é meu objetivo.</p>
	E7	<p>Como eu falei, é difícil você até ser técnico, de jogador e ser técnico. Lógico que pra mim é mais... Já tenho uma certa experiência porque eu já trabalhei com vários técnicos, né. Mas não técnicos femininos. Técnicos de outros países, de outros clubes, né. Mas, coisa que eu venho fazendo hoje, pouco a pouco, é... não é trabalhos, né, maneiras de treinamentos, técnicos do feminino. [...] Ah, existe diferença, realmente trabalhar com mulher, assim, é muito diferente, né, isso um dos que eu mais tô vendo hoje, é o [nome de técnico], né, então ele trabalhou no masculino e no feminino, né.</p> <p>Porque a mulher é muito mais sentimental, né, tem esse lado, né, e... não que o homem, você pode ir lá xingar, ele vai fazer, mas mulher, é... você tem que ter um tratamento diferente, né, tudo bem que tênis de mesa não é um esporte tão coletivo, né, tem o torneio por equipes, né, mas são três, quatro atletas no máximo, né, você vai jogar um... você pega uma equipe de vôlei ou de futebol, são 15, 20 meninas, né, aí é bem mais complicado, né, mas eu já sinto um pouco isso, né, dessa dificuldade aí, cada menina você tem que tratar de um jeito diferente, né, então... mas assim, eu acho que eu tô acostumando, o importante pra mim, é que todas as meninas hoje, apesar de serem muito mais novas do que eu, elas me conhecem, né, mas eu passo, assim, que eu como atleta eu era... eu sou de uma maneira, né, e como técnico eu vou ser de outra, é como você a... a relação entre jogador e jogador é uma coisa, né, você brinca tal, normal, mas quando cê é técnico e jogador, você não pode ter muito mais essa proximidade, né, você não pode ser aquele amigo... amigo, lógico que você tem que ter uma certa amizade, mas tem que manter uma certa distância, né, então essa é uma coisa que... eu sinto que vai ser diferente, né, é... tanto é que mais... no final do ano passado ou no começo desse ano cê tem alguma seletiva aqui no Brasil e uma das meninas que faz parte da seleção, se bem que não é uma das principais, né, chegou pra mim e falou: [...] você vai ser técnico feminino mesmo, né? Eu falei: É, a gente tá pensando, né, tá... tá definindo pra eu acertar e ser o técnico: Ah, então cê vai encher o saco da gente todo dia, né? [...] Tem que ter muita paciência, né, porque aqui no treino eu ajudo.</p> <p>É, né, que mulher realmente, tem o lado que eu namoro, tem a minha namorada, ela fala os problemas, às vezes, tal, né, mulher é muito traçoieira, assim, né, homem, assim, não tem muito... lógico temos, homem quando cê fala é na cara, né, mulher não, mulher já na frente é uma coisa, aí chega por trás já... né, então é mais que... não que... não são todas, é lógico, né, mas esse lado é mais complicado, no esporte acho que é um pouco diferente... é um pouco diferente, mas é principalmente o jeito de tratar e conversar com as meninas, que tem que ter certo cuidado, aí.</p> <p>Então tem que conversar bastante, então principalmente com o coordenador, presidente da [confederação], por exemplo, vai ser muito importante pra poder começar bem, né, esse trabalho. [...] mostrar pra ele que não tem tempo a perder, né, cada treino é muito importante, porque eu</p>

	<p>mostro, assim, que lá os outros... tem jogadores, eu tenho certeza, os jogadores de outros países não tão perdendo tempo nenhum, né, e eles tem melhores condições do que a gente, então a gente com piores condições, se a gente perder tempo, vai perder três vezes mais o tempo que eles perdem, né, então é realmente isso que eu quero colocar, principalmente na parte da disciplina, né.</p> <p>É que também eu vou... com certeza eu vou começar estudar mais os outros jogadores, vou começar estudar mais a... o jeito de treino de outros técnicos também, né, uma coisa pra mim que foi bom nesses 37 anos de carreira é de ter conhecido vários técnicos, né, várias culturas dentro do esporte, né, então isso vai ajudar bastante.</p> <p>Espero que se fechar mesmo esse contrato com a CBTM, minha primeira meta é levar a equipe [feminina] a lutar pela medalha de ouro nos jogos Panamericanos de 2015. [...] É esse o meu principal objetivo hoje, né, porque acho que tem que ser passo a passo, é lógico que o principal pro brasileiro é ganhar uma medalha Olímpica, aqui no Rio de Janeiro, mas, é, assim, é muito difícil... muito difícil, primeiro no feminino.</p> <p>Né, é muito complicado, principalmente por causa dos chineses, né, e não só os chineses da China, né, chineses de vários outros países aí, né.</p> <p>Mas o... o Brasil no tênis de mesa feminino, acho que primeiro tem que dar um grande passo, que é... ganhar uma medalha de ouro nos jogos Panamericanos, né, então é esse o meu principal objetivo hoje.</p> <p>Pra mim é normal, isso aí, é... eu sempre, assim, eu continuo treinando normal, tudo, e muita gente, é... metade das pessoas que eu falo acham ruim e metade acham... metade acham legal, que eu parei, que eu tô indo pra parte técnica, né, a maioria ou a metade quer que eu continue jogando, dispute o Pan de 2015, as Olimpíadas de 2016 e a outra metade fala: Não, legal, né, que você vai poder ajudar a garotada aqui ir pra frente também, então eu estou bem dividido aí, mas acho que já tá na hora de... de passar, eu sei que... eu sei que se eu continuar treinando firme e forte, né, todo dia, eu tenho condições ainda de tá entre os melhores do Brasil e ajudar a seleção, né, tanto em 2015, quanto em 2016, né.</p> <p>Mas, assim, o técnico também ele quer dar mais força pra... pra molecada, né, então, mas não tem nada definido, não, muitas vezes, quem sabe eu assino o contrato de técnico aí, mas eu continuo, como eu vou continuar jogando esse ano, né, ano que vem também, porque aqui no Brasil dá pra continuar jogando, né.</p> <p>É, fazendo aquele trabalho duro, com muita disciplina pras meninas, falando que aqui não pode perder um treino sequer, porque é uma coisa que é... muito rápido, né, que nem o Pan foi 2013, foi 2011 o Guadalajara.</p>
E8	<p>Ser um ótimo profissional nas coisas que eu faço. Quero ser um bom pai de família, e uma outra meta é procurar, nas coisas que eu conduzo hoje, passar um pouco da experiência que eu tive, né, de uma forma ou de outra. Acho que é isso, porque assim, nesses anos de experiência, querendo ou não, deram algumas, alguns conhecimentos, né. Então, eu acho que isso é válido pros outros. Quando eu converso com os mais jovens, eu vejo que eles podem, eles puderam, né, essa troca de experiência, acho que é válida.</p> <p>As pessoas acham que são muito, as pessoas se iludem muito hoje, tanto atleta, como os profissionais, todo mundo se ilude, acha que alguma coisa que vai acontecer que vai ser, sabe, vai atingir o êxtase. Isso realmente acaba acontecendo, às vezes o cara vira um campeão Olímpico. Mas aí, e depois? Depois vem a queda. Ninguém mais conhece o cara, entendeu? Não consegue mais o resultado, não tem, não ganha patrocínio, e tudo o mais. As pessoas se iludem muito. Então, o dia a dia é muito importante, que a pessoa mostra o que que tá fazendo. E quem tá fazendo... Tá sendo reconhecido por isso, pelo dia a dia, e não pelo resultado simplesmente de uma medalha. Porque aquilo lá, passou, acabou, aquilo lá é um momento, só.</p>
E9	<p>Espero que... que as coisas comecem acontecer pra mim também. Eu espero que eu consiga fazer meus exames e voltar pelo menos a me... voltar a minha forma, pelo menos voltar para o meu manequim 38, eu já vou ficar feliz se eu conseguir emagrecer, se eu conseguir voltar pra a minha saúde plena. E sei lá, eu não sei o que vai acontecer comigo no banco. Eu... ah, então, eu participo de corridas de rua, eu me inscrevo nas corridas de rua pra correr cinco quilômetros, três quilômetros [...] mas a maioria delas eu vou caminhando, porque eu não aguento correr mais e eu não vou ficar me forçando, sabendo que eu posso, né, fazer uma coisa errada, porque a gente, né, a gente tem que ter consciência do nosso corpo, né?</p> <p>É, criar a minha filha, sempre levando uma vida saudável e atlética, ela gosta, ela fala que ela vai correr como a mãe. [...] É... e ensinar pra ela a importância da atividade física, do esporte, como isso é bom pra vida, pra saúde, pra te ensinar como pessoa, porque o esporte ele te ensina a você ser... você ser uma pessoa melhor, porque você tem que trabalhar a disciplina, trabalhar a</p>

	<p>ansiedade, trabalhar o orgulho, que é difícil pra algumas pessoas trabalhar o orgulho, trabalhar... aprender a perder, aprender a ganhar, isso eu acho que é uma coisa que o esporte te dá, te ensina a saber perder, te ensina a saber ganhar, porque até... eu acho que até pra saber ganhar você tem que saber ganhar [...] E voltar... voltar a fazer atividade física, voltar a minha... voltar o meu, meu manequim, que é 38, voltar a ficar magrinha de novo e participar das corridas de rua. É claro, eu hoje não ambiciono mais a volta pra seleção, até porque eu acho que nessa altura é impossível, né, não... quer dizer, nada é impossível, mas acho que nesse momento é impossível, nesse momento não é possível eu entrar pra seleção novamente. E eu espero que... que, né, que eu de alguma forma, de algum momento, é... de alguma forma eu possa... possa contribuir pra... pra melhorar as coisas, né, pra que as pessoas... pra que, né, outras pessoas possam... possam vim e dar continuidade pra aquilo que eu fiz, incentivo, acho que... que muitas meninas, as meninas novas agora que eu sei que tão treinando, também vieram da mesma escola que eu estudei, então isso me deixou muito feliz que tá continuando, o pessoal tá continuando a incentivar o esporte lá, e isso é bom, entendeu? Eu fico feliz com isso, quero fazer uma faculdade ainda, ainda não desisti desse sonho, eu não sei se eu vou terminar o Jornalismo ou se eu vou ingressar no Direito, que é uma paixão que eu tenho escondida também. Ou por causa do banco, talvez eu até me tendencione a fazer um curso de RH, gestão de pessoas pra auxiliar na minha carreira bancária, né, que agora se eu for pra uma área administrativa, como eu vou agora, eu vou trabalhar com empresas, né, com clientes PJ, eu trabalho hoje com pessoa física.</p> <p>E... e eu acho que vale a pena eu investir de repente talvez, não... não é meu prazer, meu prazer eu digo pra todo mundo, se eu fosse... tivesse dinheiro, tivesse condições, a faculdade que eu faria seria filosofia, porque eu amo filosofia e eu amo literatura e é minha paixão.</p> <p>Mas infelizmente, eu não posso viver de sonho, eu tenho que viver da realidade. Sonho só na padaria.</p> <p>Outro dia eu tava... eu fui pra entrevista o ano passado, o cara perguntou: por que que você acha... o psicólogo, o contador, por que que você acha que você tá... por que que você acha que você deve ser contratada pra essa vaga? Eu falei: Eu acho que eu devo ser contratada pra essa vaga porque eu acho que o mundo tá mudando, a cultura tá mudando e eu vim pra cá pra esse banco construir uma carreira aqui que eu quero chegar na liderança. Isso é uma coisa que eu tenho comigo, até hoje nunca me deram a oportunidade de ser líder, de nada, nem no esporte, nem nada, mas eu sinto que eu tenho uma... eu sinto que eu seria uma boa líder, que eu seria uma boa... uma boa líder e eu tô esperando essa oportunidade chegar, nem que for daqui há um tempo eu... então eu acho que talvez se eu fizer o RH eu vou conseguir talvez usar... usar a minha liderança. Porque eu acho que eu sou uma boa pessoa, acho que eu sou uma... eu acho que eu sou muito é... eu não sou muito observadora, mas eu acho que como a sua professora falou, eu gosto de pessoas, então eu gosto de conhecer pessoas e de analisar pessoas, então eu consigo ter uma percepção, às vezes eu converso com os meus amigos eu... eu consigo ter umas percepções que até eu mesma me.... me pego pensando da onde que eu, como é que eu tô pensando isso dessa pessoa, mas eu pensei que que eu posso fazer? Né.</p> <p>Então eu tenho essa... análise de mim, eu tenho a minha autocrítica, tenho a autoanálise de mim mesmo e também consigo fazer a autoanálise das outras pessoas, então eu acho que isso é uma... uma boa qualidade e eu tô esperando a minha oportunidade de liderar, né, em algum momento vai chegar e no banco eu penso mesmo, no banco, que nem o banco que eu trabalho ele é muito conservador, a cultura... ele é muito fechado pra... pra nós pessoas com deficiência, né, tanto que pra você ter uma ideia, eu trabalho no callcenter. Então, assim, é, não tô dizendo que na minha situação, que não terminei a faculdade, tenho só o segundo grau, não tinha aonde cair morta, precisava do emprego, era o que tinha eu agarrei. Mas não é o meu perfil, eu não sei vender, eu sou péssima de venda, eu não bato a meta nunca, raramente eu bati, esses dois anos de banco, eu acho que eu bati a meta umas três vezes. E isso não é bom. Porque a área lá é o quê? Vendas. [...] que que eu me imagino, né, eu imagino que eu tenho um perfil mais... talvez se eu fosse pro RH ou se eu fosse pra área de comunicação do banco, eu me daria melhor porque eu acho que é mais o meu perfil.</p> <p>Com a minha análise das pessoas e eu do... do meu setor eu fui a única selecionada pra falar com o gestor, eu acho que eu convenci ele tão bem da minha capacidade que ele me chamou e quando chegou lá na hora eu me quebrei, por quê? Ela virou e falou, assim, a gestora, né: Ah, então, a gente aqui trabalha com Access e com... com Access e com... como é que é o nome do outro programa? [...] Eu não sei o que é isso. E eu falei pra ela bem, assim: vem cá, mas esse Access do pacote Office. Mas vou te ser bem sincera [...] a gente fez o pacote Office 2010. A gente fez Word, Power Point e Excel. Esse Access, não fizemos nada disso.</p> <p>E eu acho que é isso mesmo, eu tô aí nessa fase agora do deixa, deixa rolar. Então, assim, se</p>
--	--

		<p>tiver... eu não tô preocupada, desde a primeira vez que eu me inscrevi nesse... nesse recrutamento, eu... no começo eu não queria me inscrever, minha chefe que infernizou, [...] ela falava: Você precisa dizer que você não tá fazendo a faculdade? Coloca que você... coloca o curso que você tá fazendo. E realmente quando eu fui pra entrevista o que mais me apavorava era se eles perguntassem que ano que eu tava na faculdade, eles nem quiseram saber que ano que eu tô na faculdade, né, nem se preocuparam com esse detalhe. E outra coisa que eu nem tinha me preocupado, foi que eles se preocuparam, porque, assim, um dos requisitos era se você sabia mexer no Excel, né, Excel intermediário.</p> <p>Não sei [...] tô deixando passar, tô deixando, tô deixando ir, né, o que tiver que ser será [...] tá escrito, então não tem o que fazer, então tem que deixar rolar, né, só tô preocupada com essas coisas que eu te falei práticas da minha filha, os horários, isso me preocupa, isso é uma coisa que me preocupa, como eu vou dar conta se minha mãe for pra casa dela, como que eu vou fazer, eu vou... eu vou voltar ficar sozinha com a minha filha aí é mais complicado, porque tudo é mais demorado, tudo é mais devagar, né, porque ela é pequena, então eu tenho que me preocupar com ela, eu até já falei com a minha mãe que eu tô pensando em não aceitar, se caso sair, por conta disso, da preocupação dela, de com ela e a questão da minha saúde, mas depois eu paro e penso, mas meu Deus na minha idade como é que eu posso ficar dizendo não? Porque eu não sei o que vai acontecer, né, tudo bem que o banco tem aqueles programas, né, de desenvolvimento de líderes com mais de trinta anos.</p> <p>Mulheres em carreiras de liderança, é mulheres com mais de 40 anos, trabalhando nos empregos, né, e tal, claro que eu não entrei... eu entrei pela cota de deficiente, mas mesmo, assim, né, eu não quero... não quero também deixar a oportunidade passar, né.</p>
	E10	<p>O próximo filho, né, que tá aí pra vir [...] então, eu acho que é... eu não sei... eu acho que eu... Ah se cê pensar em... eu... eu pretendo fazer mestrado, eu quero voltar a dar aula, que era uma coisa que eu fazia que eu gostava muito e... por enquanto eu tô trabalhando... já tive... como eu te falei, tive escritório dez anos, agora eu tô trabalhando como funcionária de um escritório, então eu pretendo voltar a ter escritório um dia, não por vaidade, mas porque eu acho que é a nossa condição mesmo na arquitetura, chegou... eu quero... eu quero fazer isso pro resto da minha vida, então vai chegar uma hora que você não vai conseguir mais emprego, então no fim... no final das contas é melhor você acabar tendo seu próprio negócio mesmo e então isso é uma coisa que eu gostaria de ter, o mestrado que eu não sei quando eu vou fazer, eu vou ver agora como é que vai ser a vida com dois filhos, mas eu acho que é... é difícil a gente não pensar em meta, né, porque era um hábito, os atletas tem isso, né, total, assim, tudo... então chega no começo do ano eu sempre escrevo as coisas que eu quero fazer naquele ano, que, no fundo, quando eu era atleta eu escrevia, esse ano... já pensava, ah, esse ano eu quero tal... ganhar tal competição, ficar entre os oito em tal prova, não sei o quê... era um hábito que a gente tinha realmente e que eu acho que ajuda e... e cê acaba transferindo pra sua vida, mas hoje em dia é... com criança, com filho, casamento, as coisas vão... elas vão tendo uma certa autonomia, né, então também cê vai... vai se adaptando um pouco à dinâmica da vida em geral, né, cê já aceita aquilo também... essa falta de controle que você acha que só existe no esporte, ela também existe na vida, né, então no fundo ele só te mostra um pouco mais novo... um pouco mais cedo, que até certo ponto cê controla, mas outras coisas você não vai ter controle, então tem que lidar com isso.</p> <p>Eu acho que dois [filhos] tá bom. E planejar voltar, né, mas isso vai demorar. [...] Aí eu sei lá, voltar com 50, 45, daqui uns anos, uns dez anos talvez, sei lá.</p>
	E11	<p>Agosto de 2016 eu volto a estudar, vou trabalhar com outra coisa [...] porque aqui no Brasil eu não tenho tanto prestígio como... como treinador e algumas coisinhas mais, mas lá fora, assim, eu acabo tendo uma relação super legal, porque muitos... muitos dos atletas que ainda continuam remando, de alguma forma lembram de mim, por causa dos mundiais, veem o resultado que eu tenho com o [nome de atleta], então tem um retorno super legal com... com relação, por exemplo, Portugal, Canadá e Estados Unidos, já tive convite pra trabalhar por lá.</p> <p>Então ou eu vou seguir minha trajetória nesse sentido ou eu... eu ainda de qualquer forma quero criar uma outra situação, que é depois de 2016 ter... ter uma outra... um outro direcionamento, né. Bem, tem projeto a curto prazo, né, agora, tem os jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016, pensando na parte profissional, acho que... o desafio é muito grande, né.</p> <p>Então, eu acho que tem que... eu tenho que criar isso com uma seriedade muito grande, então acho que o meu primeiro desafio... eu tô deixando de fazer muitas coisas que eu gostaria... hoje, né, até 2016, então eu tenho o meu projeto a curto prazo profissional até 2016, conseguir três medalhas Olímpicas... eu conseguindo fazer isso, talvez eu continuo na modalidade, mas não aqui no Brasil, talvez fora, mas eu quero continuar estudando, eu quero fazer... se eu conseguir fazer uma outra faculdade eu quero mais por... por fazer... por um objetivo pessoal, não é nem</p>

		profissional, assim, fazer porque eu sempre tive a curiosidade de fazer algum curso, né, de... de engenharia, assim, é... e, sei lá, eu quero continuar criando essa expectativa de trabalhar de alguma forma, né, não sei se eu vou ficar o resto da minha vida trabalhando com canoagem, mas eu acredito que não, mas eu quero depois de 2016... eu quero replanejar, porque eu gosto sempre de planejar muito as coisas, né, então eu gosto de ter algumas metas, assim, atingíveis e outras mais ousadas, assim, até... pelo menos até os meus sessenta anos, assim, né, porque aí depois cê acaba pensando mais em aproveitar a vida, viajar e tudo mais, né, assim, eu quero chegar nesse sentido fazendo bastante coisa.
	E12	Pretendo logo mais iniciar projeto de desenvolvimento de atletas em São Paulo. [...] Sempre voltado no tênis. [...] Então minha metas... minhas novas metas, é... eu quero seguir, quero tentar passar tudo o que eu vivi dentro da quadra, pra outras pessoas e quero fazer na verdade, uma coisa que me motive, tanto quanto foi motivador pra mim quando eu era atleta. Então eu preciso, é... preciso na verdade fazer experiências novas e se tá treinando esses garotos me motivar, é uma coisa que vai me deixar muito feliz, contente e é uma coisa que eu pretendo seguir. Mas se for uma coisa, é... mais difícil, de repente pode ser... eu posso me tornar um organizador de eventos de tênis, de torneios, vai, pretendo... eu tenho o meu instituto, que eu pretendo iniciar esse ano um projeto social, aí em Campinas e tal, quero fazer coisas, é... relacionadas ao tênis e sigam me motivando, como motivava antes.
	E13	Então, realmente me... assim, é... é ser um professor, assim, um instrutor de esporte reconhecido e, assim, a escolinha que montei também, eu quero que ela ganhe um reconhecimento, o máximo possível. [...] Na verdade, assim, primeira coisa que eu gosto... eu gosto de sempre atender bem os outros, então é... ser pontual, ser cordial, ser... sei lá, ser legal mesmo, então tanto que, assim, acho que uma das marcas que aqui na escolinha, assim, pelo menos na minha, que, assim, eu... eu tento cumprir o que eu me comprometo, eu, é... atendo melhor possível as pessoas, ah não deu, ah deu alguma coisa certa, ah não fico gritando, não fico... não fico estressado, presto o serviço pra alguém, eu levo os meus barcos, os caras faz alguma cagada, não fico estressado [...] eu quero trabalhar vendendo bem estar pras pessoas.

B.14. Subcategoria: Aspectos financeiros

Parte	E	Trechos da entrevista
Aspectos financeiros	E1	Tinha [rendimentos de patrocínios]. Tinha, exatamente, da [nome de empresa], né, e eu tinha meus patrocinadores na época, nossa, eu tinha... eu fui 14 anos da... da [nome de empresa], depois eu fui dois anos da... da [nome de empresa], não, minto. Eu fui 14 anos da [nome de empresa], tive o patrocínio da [nome de empresa], do qual eu recebia recursos. Né, tive... depois eu fui dois anos da [nome de empresa] e depois... agora depois de aposentado, eu sou o embaixador da [nome de empresa]. É a [nome de empresa], na verdade, é um patrocínio que eu consegui que eu tenho atletas, do qual eu gerencio a carreira e que eles são patrocinados... por eles... Eu ganho mais. [...] Hoje eu ganho mais, com a [nome de canal de televisão], aí com... com a [nome de empresa], com... com a [nome de empresa], né. [...] Que é o projeto [nome de projeto]. Entendeu? A gente recebe por isso, né. Nós recebemos uma ajuda de custo, juntando tudo isso é muito mais como atleta, sem dúvida... sem dúvida.
	E2	Sempre pensei no lado financeiro, você guardar, ter sua casa, patrimônio, porque o esporte vai passando na vida de todo mundo. Tínhamos sim, assim, eu fui de vários clubes do Brasil. [...] Aqui de Prudente nós tínhamos um clube... foram vários nomes aqui, mas eu vou falar o [nome de empresa], que eu me lembro certinho. Então esse clube, aí nós tínhamos um salário. A gente tinha um salário de clube, eu tinha um salário da... do... de vários patrocinadores, então eu era patrocinado por uma marca esportiva. [...] O material esportivo, era de financeiro e o material esportivo, que eu era patrocinado pela [nome de empresa]. Eu era patrocinado também por uma... suplemento alimentar, que eu também recebia isso e, assim, a confederação brasileira e essas bolsas que existe hoje, bolsa atleta, bolsa pódio. [...] Infelizmente no meu tempo não tinha. [...] Então era mais os patrocinadores e a maior verba, assim, nossa, no meu tempo, era quando eu ia pra Europa, qualquer competição lá tem prêmio em dinheiro. Hoje eu ganho mais... eu ganho mais, porque no meu tempo não... não se ganhava muito no

		<p>atletismo, então hoje trabalhando... é até, felizmente, né, eu até me espantei, que eu, assim, ganho mais do que quando era atleta e faço menos esforço e trabalho menos.</p> <p>Olha, no meu tempo, eu recebi de tudo que tinha de melhor, eu recebi, então era aquilo lá que hoje a gente olhando pra trás, cê for olhar o tempo dos nossos pais, nossos avós, nossa senhora.</p>
	E3	<p>Ah, creio que seja mais ou menos o mesmo, porque apesar de hoje o salário estar menor, mas os gastos que eu tenho, que eu tinha antigamente com os materiais, né, era um gasto muito grande, então eu fico mais ou menos. Não tem muita diferença.</p> <p>É verdade, eu nunca tinha pensado nisso. Ah, é o que eu falo, na minha época, era um pouco diferente da de hoje. Hoje existem mais bolsas, nossa, se hoje eu pegasse essa fase, com certeza essas bolsas valeriam bem mais a pena, né.</p> <p>Porque, hoje em dia, você pode ter um patrocínio, mais a bolsa atleta. Mas, na minha época, não tinha.</p>
	E4	<p>Eu posso falar que eu sou um atleta muito bem remunerado hoje. Minha vida hoje é uma vida muito bem estabelecida. Eu posso falar que eu ganho próximo, e dependendo de como eu jogava no ano, eu ganho mais agora do que eu ganhava antes. Então, olha, você pega 99, pô, foi um ano muito bom, meu. Foi o ano que eu mais ganhei dinheiro, fui semifinal de Roland Garros, e tive um patrocínio e, óbvio, aquele ano é um ano atípico do que eu, só que, eu, por tudo o que eu trabalho, em todas as coisas, pelos meus eventos, eu tenho uma condição. A única diferença é que, também não é tão diferente, né, é, você depende muito do dia a dia. Tirando uma [canal de televisão], que sou contratado deles, eu não sei, ganha pelo trabalho que você faz, né. Se você ficar doente, você não ganha. Se você não trabalha um mês, igual, eu vou embora pros Estados Unidos, um mês eu não vou trabalhar, você não ganha naquele mês, ponto. Mas é mais ou menos como no tênis, né. Se você não jogou naquele mês, ou, perdeu tudo na primeira rodada, então, eu acho que tô fora da curva nessa turma de ex-atletas. Tem alguma turma que tá super bem, que ganha super bem, mas poucos, eu acho, que ganham mais ou menos, comparativo, com o que eu ganhava. Mas tem o lado bom de não pagar 10% pra treinar, não paga pro treinador físico, né. Gasta mais com a família, mas fica em casa o dinheiro.</p> <p>São, são [jogos de demonstração remunerados]. Depende de como você tiver, como tudo. Se for beneficente. Agora, eu tô indo em um que sou padrinho, em Porto Alegre. Eu sou padrinho de um projeto social [...], e não tem nada de remunerado, nem pra mim, nem pra ninguém que vai. Isso faz parte da minha agenda anual, eu vou, faço um monte de coisa sem fins, mas também tem o outro lado, de essa ambição de clínica de tênis, num festival que eu inventei de tênis, aí são outras coisas que sustentam. [...] eu faço, em média, 40 eventos por ano.</p>
	E6	<p>Financeiramente eu já não tive... não tive nenhuma perda, porque já tava coberto, muito pelo contrário, hoje, assim, é... financeiramente falando eu ganho muito mais trabalhando do que se eu tivesse jogando, isso com certeza.</p> <p>É [renda de patrocínio, antes]. [...] Eu tive [bolsa atleta], eu fiz uma coisa que eu acho que, quer dizer, eu fui o único atleta, acho, que eu sei naquele ano, que, assim, naquele ano até... agora mudou, mas até então todo mundo que tinha a bolsa atleta, não podia receber de nenhuma outra. [...] Só que todo mundo recebia, eu não, eu falei... eu falei, assim: Por isso que eu não falei na questão, pra mim até nessa questão principalmente, quando encosta no bolso e ninguém precisava saber isso, né, só meu clube sabia. [...] Por que, que aconteceu? Eu cheguei pro meu... nosso gerente lá do... do clube e falei da... do [nome de clube], eu fui lá: Eu vou receber do... eu vou abrir mão do salário do [nome de clube], vocês pegam esse dinheiro, desde que vocês invistam no time de tênis de mesa e aí pode contratar outras pessoas e eu vou receber da bolsa atleta durante esse ano, isso foi um negócio que todo mundo falou: Pô, né, ficou... porque era normal... era só cê falar que não... ninguém fiscalizava isso, né, então eu poderia receber do bolsa atleta e do clube, né, e depois mudou... depois deixaram, né.</p> <p>Mas eu... mas depois eu... aí quando eu parei já compensava... compensava muito mais ficar na empresa mesmo, até porque eles cobriram tudo e depois, aí foi aumentando, aí eu fui subindo de cargo também, então não tenho dúvidas que hoje, é... e eu não preciso ficar me matando fisicamente, que eu me matava antigamente.</p>
	E7	<p>Eu espero que pra cima, né, é que, assim, é o esporte Olímpico, né, que a gente fala, antes era amador, né, então é complicado, o tênis de mesa também é um esporte, que não é muito... não aparece muito na mídia, né, mas eu sempre tive felicidade de ter bons patrocinadores, ajuda da prefeitura, então eu sempre consegui me dedicar 100% ao tênis de mesa com essa ajuda, né.</p> <p>E como... mas como técnico também, eu quero, é... continuar e... melhorar, eu sei que eu posso, né, isso é o contrato que a gente tá fazendo com a [confederação], se der tudo certo, é... vai ser muito bom, né, mas, assim, eu vou continuar batalhando pra isso, eu acho que o atleta depende do técnico e o técnico do atleta, né, então tem esses dois lados, tem que melhorar e eu vou fazer o</p>

	<p>possível pra melhorar os dois, né, as meninas eu espero que elas ganhem mais do que eu ganhei, né, e lógico que eu também tenho que lutar pra poder ganhar mais, também, né, porque a gente tem um... tem a nossa vida também, né, fora, é um trabalhador normal, né, então a gente tem que pagar as contas e tem família, né, é que pra mim, assim, até agora foi mais tranquilo, porque eu nunca fui casado, não tenho filho, né, então, assim, né, não tive, assim, muitos gastos ainda, né, mas, assim, eu vou lutar pra que possa ser melhor aí, eu tenho certeza que fazendo um trabalho legal, né, hoje o esporte tá... tá melhorando, né, o pessoal tá investindo mais, o ano que vem vai ter a copa do mundo de futebol, depois, né, as Olimpíadas do Rio, eu espero que seja... aí... deixar um legado legal pro esporte, né, já que todo mundo quer fazer o melhor, uma Olimpíada muito boa, né, então tem... não pode fazer só na hora e depois esquecer, né, parar por aí. Por... pelo clube alguma coisa, né, e é uma... queira ou não, é uma outra renda pra mim ainda, né, então continua sendo a renda ainda, né, então.</p> <p>Aí como técnico eu só vou aumentar essa renda, né, então vamos ver, quem sabe, eu falo: Ah, vou ser técnico agora e tenho uma surpresa lá em 2015, ah não, vou jogar, não, mas que é difícil, mas o que for melhor pro esporte eu vou tá fazendo.</p>
E8	<p>Foi um dilema porque eu não ganhava nada. Eu comecei a receber alguma coisa da bolsa a partir de 2000. Mas não era... Não era uma coisa, aquela coisa, nada disso, nunca tive patrocínio particular.</p> <p>Então, isso foi um marco importante, e como eu te disse, aí fui pra Sidney 2000, a partir daí comecei a ter uma bolsa esporte, vamos dizer assim, do Comitê Paraolímpico, em 2004, isso foi revertido pra bolsa atleta. [...] 2003, isso, isso mesmo. Antes dela, era uma bolsa só do Comitê, né. E esse conceito virou patrocínio do Correio, que revertia, bom, enfim. As coisas, os rolos que eles tinham entre empresas e o Comitê. E a partir de 2003, então, teve a bolsa atleta, aí muda um pouco a condição.</p> <p>Não foi pela bolsa atleta. A bolsa atleta com certeza foi um grande incentivo, mas não era decisivo pra mim, porque eu poderia ganhar esse dinheiro trabalhando. Então, né, me dedicar ao esporte não me compensava. Então, não foi por... Por isso que eu falo, nunca foi por dinheiro, né. Quando eu deixei de ser atleta, eu comecei a ganhar mais. Porque eu podia, eu podia me dedicar. Porque assim, eu me dedicava, muitas vezes, dez sessões, em dez sessões de treinamento. E o tempo não é só o treinamento, tem o tempo que você perde pra ir e vir. Então, você acaba perdendo, num dia, umas quatro horas por dia, mais ou menos. Quatro ou cinco horas por dia. Só pro esporte, o resto eu me dedicava ao trabalho. Você vê que eu dormia pouco, né. Então, depois que eu encerrei a minha carreira, na verdade eu fiquei mais tranquilo. Porque o dinheiro que o esporte dava era muito pouco, assim, em relação a... Eu acho muito pouco pro atleta. [...] Aquilo lá era realmente uma bolsa, sabe? E infelizmente o esporte, principalmente o Paraolímpico, ainda não é conhecido pelas empresas, tem muita coisa, é um ou outro, sabe. [...] Mas assim, mesmo os atletas profissionais, que que eles ganham? E tem disso também, muitos passam por essa situação. Então, não tem, [...] nos Estados Unidos, tem apoio de universidade, vão estudando, vão se formando. Ganha muito mais do que dinheiro, muito mais. Mas a realidade aqui...</p>
E9	<p>Até lá não tinha nada. [...] E o dinheiro mesmo, só entrou em 2004. E aí, em 2008, eu fui pra Pequim. Teoricamente, era pra eu receber até agora, 2013. Só que eles mudaram a regra do jogo no meio do caminho e, por eu estar grávida, essa coisa toda, eu perdi a bolsa, eu não tenho mais a bolsa, eu tô sem nada. Eu não tenho nada hoje. A última bolsa que eu recebi foi de 2011, porque eu justifiquei, entendeu? Eu mandei meu negócio de parto, mandei tudo, que eu tinha tido bebê, que eu tava, que eu não teria condição de treinar pra ir pra competição, entendeu?</p> <p>Mas, tipo, me tirar tudo, eu acho que isso não foi legal, assim, eu acho que não foi uma atitude muito bacana por parte do governo, por parte... sei lá de quem, nem sei te dizer de quem.</p> <p>Recebo mais ou menos, não, então, bem menos, a minha renda de atleta era uma renda mais alta do que a que eu tenho hoje, né, a bolsa atleta quando eu parei de receber tava R\$ 3.100, hoje eu ganho R\$ 1.500,00 como bancária, 1.519 pra ser mais exata, então cê imagina, né, eu saí duma renda de 3.100, pra uma renda... pela uma renda de R\$ 1.519,00, morando em São Paulo com uma criança pra sustentar, aí você imagina se eu não tivesse a pensão do pai dela de 1.200, que é só pra ela e tivesse que pagar o aluguel [...], esse apartamento aqui é pequeno, é um quarto só, né. [...] porque eu não pago, o apartamento é do pai da minha filha, mas acredito eu que um aluguel aqui deve ser quase R\$ 2.000,00, deve ser uns 1.700 por aí, fora o condomínio, que o condomínio eu sei que tá 600, porque eu não pago nem o condomínio aqui, o pai da minha filha também que... que arca com a despesa do condomínio, né. [...] então eu tenho que me administrar isso, mais fazer as compras da casa, manutenção, vestir... me vestir, comer.</p> <p>Né, ter o meu lazer também, que ninguém aguenta, ninguém, então eu preciso ter um momento de lazer, né, eu gosto de ir ao cinema, adoro cinema, sou apaixonada por cinema, teatro, minha</p>

	<p>filha agora tá na fase das pecinhas de teatro, então eu sempre levo, alguma coisa, passear, ela no teatro e tal, então, assim, então meu... minha renda caiu muito, entendeu? Por coisa que eu tinha e São Paulo é caro, São Paulo é uma vida cara. [...] e nem se compara com Joinville, que é uma cidade bem menor com 500.000 habitantes, onde o custo de vida é muito mais em conta, então, assim, é, tá sendo... eu diria que se não fosse essa... essa ajuda, né, esse apoio da família do pai da minha filha de me permitir morar aqui de graça, em receber esse apartamento, eu te diria que eu não taria aguentando não, porque você faz a conta [...]. Né, pra fazer outras coisas, então, e a escolinha dela é particular, eu pago com a pensão, ela ainda não vai na perua, porque ela só tem três anos, então nem perua eu posso botar, eu tenho que levar e ir buscar. Então é complicado de... de lidar, então, assim, tá... é complicado. E sem falar, né, que quando você é atleta tem muita coisa que você não paga, né, você é atleta, você tem várias benesses, você ganha, você, por exemplo, vai na academia, o cara deixa você fazer academia de graça, porque você vai de alguma maneira dar retorno pra ele naquela academia, né, os suplementos, às vezes, se você pega uma nutricionista bacana ela te faz um preço mais em conta, né, ou ela te consegue, se ela é sua amiga, ela te traz as coisas pra você sem te cobrar.</p> <p>Então, assim, cê tem uma série de outras, de coisas hoje em dia não, eu vou pagar academia como qualquer um, não vai ser... minha faculdade também eu não pagava, minha faculdade era de graça, hoje provavelmente eu não vou conseguir essa mesma benesse, de ter uma faculdade gratuita, eu vou ter provavelmente que pagar uma faculdade, não vou poder ter de graça, eu não vou poder... não vou ter... eu não vou ter como barganhar essa minha gratuidade na faculdade, né, que antes eu tinha, barganhava com o quê? Com minha carreira atlética, que eu era atleta da seleção.</p>
E10	<p>A gente pagava pra treinar, pagava pra viajar, a gente pagava tudo nessa época, o que foi uma coisa que mudou também radicalmente na vida, né, porque a gente teve que... ainda por cima pagava, eu ficava naquele sofrimento, ficava pensando, eu falo: Gente, eu pago pra passar por isso, não é possível, onde eu tô com a cabeça? E aí o... e muda tudo, né, eu vejo hoje os pais, eles admitem todo esse sacrifício dos filhos com muito mais naturalidade, sabendo que isso oferece algum tipo de perspectiva, né.</p> <p>Eu passei mais quatro anos no Brasil, como eu te falei... muito motivada pela bolsa atleta, porque é esse momento em 2004, eu já tava casada, né [...] e tava muito motivada em tocar minha vida, tava muito realizada por ter ido pras Olimpíadas.</p> <p>Porque a partir da... da classificação de Atenas, eu passei a ganhar a bolsa atleta, de Olímpica, que pra mim fez bastante diferença realmente e... até porque também a vida como... com arquitetura, é uma vida bem estável, né, financeiramente falando e eu já tinha escritório, eu tocava um monte de trabalho, eu já tava... super engrenada na profissão, mas, é... mas eu gostava, eu sempre gostei muito do esporte, lógico, né, não fazia só pelo sacrifício, eu fazia pela emoção do esporte que é muito legal e... e tinha esse incentivo.</p> <p>Olha, quando eu era atleta, é... na verdade eu não tinha receita até... até ter a bolsa atleta. E não ganhava material também, eu ganhei meu primeiro material.</p> <p>Da confederação, eu ganhei quando eu me classifiquei pra Atenas, a foto do jornal do dia da minha classificação, eu tô com uma roupa que é uma coisa horrorosa, assim, é tudo emprestado, a minha luva era totalmente rasgada, era, assim, era uma lama... era uma lama... a gente realmente não tinha recursos, nesse sentido eu acho que não tem nem o que falar, hoje em dia essa geração com certeza não tem ideia do que era, assim, a dificuldade de você ter material e a esgrima... eu não acho... ela não é... ela é considerada um esporte caro e tal por causa do material, é... é caro realmente se você compete no nível que eu competia, que não ganha nada, né, então, assim, né, não é que você... não custa mais caro que um bom skate, sabe, assim, uma criança que quer começar fazer esgrima e tal, assim, como ela investe no patins ela poderia investir numa arma. [...] A dificuldade é você fazer qualquer esporte de alto rendimento sem nenhum recurso, porque realmente é caro. Então, isso pra gente era difícil e... então a nossa... a receita que eu tinha, depois de 2004. [...] Depois de Atenas era a bolsa atleta que na época era dois e meio e aí... e que putz fazia uma super diferença, aí o [nome de clube] me ajudou... me ajudava com... acho que com R\$ 300,00 e... ah, e tem alguns benefícios que contam, na verdade não entra como dinheiro, mas conta, durante o tempo que eu... fui da equipe brasileira acho que pelo menos pelos uns seis ou sete anos dos doze que eu fui da equipe, eu tive um plano de saúde super bom que eu não pagava, então acho que isso também ajuda, é... aí tem médico, remédio, sabe, tinha esse tipo de... de ajuda que conta, né.</p> <p>Mas eu ganhava muito menos do que eu ganho hoje, né, como arquiteta, mas ganho menos do que os meus colegas ganham como atleta hoje, eu sei que os... porque, por exemplo, agora tem [nome de empresa], então quando eu converso com o [nome de atleta] ou com a [nome de atleta],</p>

		<p>sem contar o que eles fazem, é... trabalho, mais bolsa atleta, que também eles são bolsistas e são benefícios que você pode ter concomitantemente, pode... [...] hoje em dia o que eu ganho como arquiteta é menos do que os meus colegas ganham como atleta, mas... mas tudo bem, na verdade eu faço arquitetura também por... não só porque eu gosto, mas porque é o que eu sei fazer agora, se eu fosse atleta agora talvez eu também não tivesse esse rendimento, entendeu?</p> <p>Porque tá já em outra fase, em outra época, em outra idade, então eu ainda acho que potencialmente eu... eu vou conseguir mais coisas como arquiteta do que como atleta, né, eu também não faço só pelo dinheiro.</p>
E11		<p>A minha modalidade que é a canoagem, ela não tem muitas... não tem muita... é... a gente não recebe muito recurso financeiro, né, então eu acabava tendo que me virar, tipo, comprar barco, remo, viagem, você literalmente se vira, né, então foi isso. [...] A seleção falava: Cê quer ir, cê vai, cê paga do bolso, então na época que o euro tava quatro... quatro e trinta, era bem difícil, né. Então hoje eu recebo... exclusivamente pra trabalhar com os atletas Paraolímpicos, não por conta da confederação, por conta do comitê Paraolímpico.</p> <p>Né, aquela frase que... [...] é engraçado, o sucesso não... não tá só no... no aspecto financeiro, a pessoa não... não é bem sucedida no que faz pensando só no... no financeiro, hoje eu sou bem sucedido no que faço pelos meus resultados, não pelo o que eu ganho, entende? [...] Que se fosse pensar, putz, se alguém me pergunta quantos eu gostaria de ganhar, eu falo: Meu, quanto que um técnico tricampeão mundial ganha? Então é mais ou menos isso, então eu não penso muito no dinheiro nesse momento.</p> <p>É, então isso foi uma das coisas que desgastou muito a minha família, porque a gente não... assim, meus pais nunca tiveram acesso a muito dinheiro, então tudo que... que a gente acabava conquistando era com muito esforço, é engraçado que, por exemplo, na canoagem como outras modalidades é... você precisa ter alguns equipamentos básicos, na canoagem é um remo, então o remo imagina que o remo na década de... de 2000, aí era muito caro, era muito caro, assim, um absurdo de caro e minha família não tinha acesso a nada e tudo mais, então eu acabava me... me prejudicando, né, perdendo um pouco de rendimento, por causa disso, só que quando eu mudei pra canoa é... eu acabei conversando um marceneiro que tem aqui da... da universidade. [...] Eu comprei umas madeiras e eu fiz um remo, eu remei três mundiais com ele. [...] em 2001 eu fiz uma dívida que eu levei quatro anos pra pagar, pra ir pro mundial, né, então foi... fiz um empréstimo no banco, mas fiz o mundial, fui pro mundial, então é isso.</p> <p>O meu... é, assim, o meu... eu sou funcionário do comitê Paraolímpico brasileiro, é... [...] mas de... de 2007 pra cá teve uma iniciativa, né, do... do governo federal e do governo, é... pensando no desenvolvimento do esporte, pensando já em 2016, porque em 2008 o Brasil, é... ficou sabendo que seria a sede, mas antes eles fizeram, né, o programa bolsa atleta. Só que o bolsa atleta era pra atleta. [...] no final de 2004, foi no ano que eu parei de remar, então eu não tive acesso, só que não tem o bolsa atleta técnico, só tem pra atleta, então eu não tenho recurso nenhum do ministério do esporte, só que, é... como no Rio de Janeiro, São Paulo, é... acabou fazendo vindo do governo estadual o... o time São Paulo. [...] Né, então o time São Paulo ele é... é um... uma equipe de profissionais e atletas exclusivamente atletas Paraolímpicos, né, que são os atletas medalhistas a nível mundial e potenciais medalhas Olímpicas, então eles pegaram os principais atletas de todas as modalidades Paraolímpicas e contrataram esses atletas mais os técnicos, então o comitê Paraolímpico destina o recurso diretamente pro... pro atleta e pro técnico.</p>
E12		<p>Ah... eu acho que seria mais difícil ganhar o que eu ganhava quando eu tava jogando, principalmente na melhor fase, eu acho que isso seria mais difícil, hoje eu tenho essa consciência, mas como eu disse, eu nunca fui um cara que... eu sempre fui um cara... que tracei metas pra mim, é... a curto, médio e longo prazo, então eu se eu conseguir fazer alguma coisa que me motive realmente, isso já me motivava antes, eu acho que eu tenho grandes possibilidades de... de crescer e... e me dar bem.</p> <p>No primeiro momento como juvenil, meu pai... meu pai pagava, né. [...] Pagava as despesas, ele foi até o momento em que ele pôde realmente ajudar, né, a partir daí foram aumentando as viagens, né, as viagens foram ficando mais longas, mais longe, né, isso aí foi dificultando muito, foi um processo ali em que eu tinha uma ajuda do clube [...] eles tinha uma parceria com a [nome de empresa] e a [nome de empresa] ajudava a custear as minhas despesas.</p> <p>Ao mesmo tempo, eu já iniciei, é... jogando profissional, os torneios menores, eu aproveitava pra reinvestir esse dinheiro que eu ganhava, então tudo o que eu ganhava, na verdade, eu já reinvestia nas viagens e conforme eu fui tendo, é... mais sucesso, mais destaque, fui ganhando mais e aí fui... fui crescendo, foi aí... foi aí que eu fui melhorando, com 23... 23 era... foi o ano que eu fechei com o [nome de empresa], é... e foi quando eu comecei a ter um patrocinador realmente</p>

		mais forte. Com o [nome de empresa] sim, era só valor financeiro, eu tinha com a [nome de empresa], que é uma marca francesa, que era o material, raquete, acessórios, roupa e tudo mais.
	E13	Na verdade, quando... é que, quer dizer, canoagem é um esporte de muito pouca visibilidade, então vamos dizer, organização das viagens até os meus 20 anos, era tudo por conta da... do clube. [...] Tinha uma ajuda de custo lá... [...] Era do... é do centro de alto rendimento. Tinha, é, ajuda... receber ajuda pras viagens, isso, assim, então a maioria das viagens internacionais, não precisava bancar. Na verdade no Brasil teve uma época que eu recebia a bolsa atleta, pra falar a verdade, por uns dois anos recebi bolsa atleta. [...] Pela maratona. Recebi em 2005 e 2006.

B.15. Subcategoria: Ensino superior

Parte	E	Trechos da entrevista
Ensino superior	E1	Fui preencher minha vida com... com a faculdade de arquitetura e urbanismo.
	E6	Eu fiz [faculdade de Administração] de 2000 a 2005. [...] Foi... foi no meio de tudo isso. E eu saía da Saúde e ia pra São Caetano, depois vinha pra cá, aí à noite ainda tinha que ir pra faculdade [...], né, aí ficou anos, hoje eu penso e falo: Caramba, cada maluquice que a gente fazia.
	E8	Aí, eu, outro marco importante, acho que é o ingresso na faculdade [de Odontologia], que foi em 87. Então, nessa época tinha muitas inseguranças, se eu ia, se eu ia conseguir fazer a faculdade, e depois conseguir me empenhar na profissão, né. [...] eu acho extremamente importante você conseguir a profissão que você se formou. E aí, eu me formei e, coincidentemente, no ano da formatura, e até, na verdade, foi assim: duas semanas depois que eu me formei, eu não tinha nem emprego ainda, eu conheci uma associação que trabalhava com esporte pra deficientes. Então, me convidaram, foi uma coincidência muito grande, porque eu fui até procurar emprego. E coincidentemente com a minha formatura, foi o início da minha carreira como dentista. [...] E aí, coincidiu muito com o início da minha carreira profissional, né.
	E9	Então, assim, basicamente isso, hoje eu ainda não consegui terminar minha faculdade [de Jornalismo], acredito que pelo tempo que eu tô com ela trancada, já caduquei ela, já esgotou, eu acredito que eu vou ter que fazer um novo curso, né, porque eu acredito que esse já não serve, nem, não aproveita nem as matérias, acho. Eu não tranquei, na verdade, quando eu vim pra cá. Então, ano passado... Em 2009, eu não tinha trancado. [...] Eu liguei lá pra faculdade e disse que ia estudar numa faculdade aqui, e eu pedi toda a minha documentação de lá, histórico, tudo, eu tenho tudo. Eu tenho histórico, ementa, tenho tudo comigo. [...] então eu tô com essa esperança aí, de resgatar alguma coisa, né, meu projeto de monografia já tá em andamento, já tinha escrito algumas coisas, já tinha... Agora vou ter que retomar de novo, vou ter que ler de novo, e tal.
	E10	E aí eu entrei na arquitetura na... lá na [nome de universidade] que era uma coisa que eu queria muito e que minha família também. Lógico, queria também, porque meu pai é engenheiro, todo mundo super estudioso, ficaram super contentes e tal e, pronto, pra mim tava bom e eu adorei o começo da faculdade, curti pra caramba e tal. [...] Não parei e não cogitei em parar, mas eu comecei a trabalhar mais tarde. Era complicado na faculdade, porque difícil ter grupo que quisesse fazer trabalho, eu tinha que sair todo dia às 4:30, a faculdade acabava às 5:00, mas tinha muita coisa que rolava depois da faculdade, coisas de... de trabalho mesmo, né, e palestras e coisas que eu queria participar e não podia participar.
	E11	Eu sempre fui apaixonado por engenharia na parte mecânica, então eu queria estudar engenharia pra eu conseguir ter uma profissão que eu sempre achei super legal, né... é uma das profissões mais tradicionais que existem no planeta, né, engenharia e que eu sabia que se eu me formasse super bem, eu teria sucesso profissional, ia conseguir ter uma independência financeira super legal e à medida em que eu tivesse a minha independência financeira ia conseguir, é... tipo, prolongar mais ainda a modalidade. Eu acabei indo pra educação física justamente porque, depois... depois que eu comecei a... a entrar a nível internacional, eu vi que tinha algumas brechas. Eu comecei a... a aproveitar todas as oportunidades que eu tinha dentro da faculdade, comecei a estudar dentro do laboratório, pensando em desenvolver conhecimento pra... pra modalidade, pra

		<p>me beneficiar como atleta e pro futuro criar alguma expectativa a nível Olímpico. Então eu tinha bolsa de estudos e patrocínio. [...] só que aí em 2003 eu comecei a... a chegar na fase final da faculdade também e... já comecei a trabalhar dentro dos laboratórios de biomecânica [...], eu já tive acesso a... a conhecimentos de outras modalidades e treinadores de outras modalidades.</p>
	E12	<p>Estudei até o terceiro colegial, a faculdade infelizmente não... não tive tempo de... de fazer.</p>
	E13	<p>Aí com 19 anos, que foi o primeiro ano, aí na verdade, o que aconteceu? É... entrei na faculdade [de Administração], aí começou aquela correria maior, atrás da... atrás das... dos estudo e tal. Então, entrei na administração, numa faculdade pública de administração, então ao mesmo tempo, acho que o meu desempenho escolar nunca foi também... não foi dos piores, e depois na faculdade... na faculdade já mudou um pouco. [...] lá na República Tcheca o estudante tem uma liberdade bem maior, pode montar sua grade, é um sistema um pouco diferente, é... só que acontece, que na verdade lá, já começou, assim, até os 18 anos, era realmente, treinei no alto nível, com 19 no primeiro ano na faculdade, ainda foi aquele primeiro ano, treinei pra primeiro ano de sênior, treinei forte e tal, mas no final do ano, aconteceu que comecei ter alguns problemas na faculdade e comecei na verdade, largar um pouco, diminuir um pouco a... a dedicação nos treinos e voltei um pouquinho mais para... para os estudos, só que isso durou uns três anos. [...] Então a pressão é um pouco menor e aí consegui resolver os problemas na faculdade.</p> <p>É, exatamente, no finalzinho da faculdade, mas isso foi na verdade uma das... como a pressão pelo... pelo horário de treinamento foi menor, então consegui conciliar um pouco mais. 2005 eu entrei na outra faculdade. [...] Fui fazer educação física finalmente.</p>